

Clara Alves



Como
reconquistar
um amor
perdido

Livro vencedor do
WATTYS 2016



Como reconquistar um amor perdido

Clara Alves

como reconquistar um amor perdido

Copyright © 2018 Clara Alves

Revisão: Increasy Consultoria Literária

Leitura sensível: Ana Rosa

Capa: Marina Ávila

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para todas as mulheres desse mundo: vocês são incríveis!

Nunca deixem ninguém dizer o contrário.

Esse livro pode conter gatilhos de relacionamento abusivo, violência doméstica e alcoolismo.

Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher

PRÓLOGO

(TESSÁLIA)

Quando eu era mais nova, ser uma princesa da Disney e um dia encontrar um príncipe encantado era o meu maior sonho. Os anos se passaram, eu cresci e entrei na adolescência, mas esse desejo já havia se enraizado como uma erva daninha em meu coração. Claro que minha mente ajustou alguns detalhes: eu passei a me ver mais como *Uma nova Cinderela* do que a gata borralheira original, e meu príncipe ideal era só muito gato e popular na escola, mas ainda assim demorou algum tempo até as decepções amorosas começarem a destruir a minha ilusão romântica.

Passei, então, por uma fase conturbada com meu próprio coração, que insistia em criar esperanças de que eu ainda encontraria um cara legal. Tudo bem, eu já tinha entendido que contos de fadas nunca seriam reais, mas e *10 coisas que eu odeio em você?* E *Ela é demais?* Bianca e Laney eram bem esquisitas e, mesmo assim, conseguiram encontrar seus príncipes encantados. Por que eu não poderia encontrar o meu? Por que toda vez que me relacionava com os homens, acabava abandonada, traída ou ignorada?

Eu já estava tão de saco cheio de ser iludida que quase não percebi meu primeiro amor de verdade bater à porta da minha vida. Mas Cauã estava tão lindo quando o conheci, vestindo uma de suas típicas camisas sociais, um sorriso fácil no rosto, que foi impossível não o notar. Eu senti, naquele momento, que tinha encontrado alguém de quem valia a pena correr atrás. E foi por isso que, mais tarde, nossa relação evoluiu de conversas semanais a um namoro de quase quatro anos.

Então, três meses atrás, ele terminou comigo.

Já fazia um tempo que nosso namoro não ia bem, mas terminar? Parecia tão definitivo! Só de imaginar o fim meu coração apertava e me fazia lembrar de todos os nossos melhores momentos, dos beijos apaixonados e das razões que nos mantinham juntos. E isso sempre foi o suficiente para me manter forte.

A força de Cauã, no entanto, parecia ter acabado.

As dúvidas rondaram minha cabeça por muito tempo após a separação. Mas naquele domingo, três meses depois, a única coisa que eu podia afirmar era que eu amava Cauã e precisava dele para ser feliz.

Foi assim que acabei caindo naquela matéria sobre relacionamentos no mundo moderno. Minha busca no Google sobre “como recuperar meu ex” me guiou diretamente para uma blogueira que não apenas tinha levado um pé na bunda, como eu, mas também escolheu não desistir e lutar. E, para ajudar aqueles que estavam dispostos a fazer de tudo para salvar seu relacionamento, ela compartilhou os dez passos que criou para reconquistar seu amor perdido.

Eu sei que muitos me achariam maluca por aceitar conselhos de uma blogueira qualquer, mas ninguém entendia o quanto eu *precisava* de Cauã. A vida estava me dando a oportunidade de provar esse amor — e ainda por cima viver uma história típica de filmes de comédia romântica — então eu tinha que tentar. Era minha grande chance de conquistar a minha própria felicidade e de ser a heroína do nosso conto de fadas!

Então eu fui em frente e, com a ajuda dos dez passos, comecei a traçar meu plano para recuperar o amor de Cauã e garantir o nosso “felizes para sempre”.

Foi assim que a história de uma nova Tessália começou.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

✓ ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO

Coloque no papel os motivos mais prováveis para responder a pergunta que tanto martela na sua cabeça: *o que aconteceu para o nosso relacionamento chegar ao fim?* Uma vez que você se proponha a racionalizar a situação, vai ficar muito mais fácil consertá-la!

- ☐ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
- ☐ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**
- ☐ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**
- ☐ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**
- ☐ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**
- ☐ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**
- ☐ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**
- ☐ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**
- ☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

UM

(TESSÁLIA)

A explosão veio do nada.

Bem, isso se você considerar uma briga como *nada*. E não era como se eu tivesse um fetiche secreto por discussões, mas nos últimos tempos os desentendimentos entre mim e Cauã se tornaram tão frequentes que passaram a fazer parte da nossa rotina. Naquele dia, parecia que entraríamos no mesmo ciclo vicioso de sempre. Mas algo diferente aconteceu.

— Tessália, eu não aguento mais! — Cauã estava ofegante, como se tivesse acabado de correr uma maratona. Ele se levantou do sofá e andou de um lado para o outro na sala do meu pequeno apartamento, a frustração estampada em cada detalhe do seu rosto enquanto os dedos percorriam seus longos fios castanhos e ondulados. Recentemente, ele resolveu aderir à moda do coque samurai e estava deixando os cabelos crescerem. Naquele momento, enquanto o via bufar e segurar os fios com força para extravasar a raiva, pensei pela primeira vez o quanto o corte combinava com ele. Dava um ar perigoso à sua imagem.

Cauã tinha ido ao bar com os amigos e chegou à minha casa muito mais tarde do que tinha prometido. O problema maior foi que eu tinha visto uma foto no Facebook que seus amigos postaram, e aparentemente *não tinha sido uma noite só para garotos*, como ele disse que seria. Minha mente se encheu de dúvidas no mesmo instante. Não era como se eu não confiasse *nele*, mas... Depois de um tempo, principalmente depois que a frequência das brigas aumentou, eu parecia viver esperando pelo momento que ele encontraria alguém melhor do que eu. E esse peso era tudo o que bastava para me desestruturar.

Era por isso que eu estava bufando de raiva enquanto o esperava chegar. E antes que tivesse tempo de respirar eu já pedia satisfações.

Foi então que ele explodiu.

Encarei-o, confusa, uma parte de mim tentando considerar todos os significados possíveis para aquela frase, que não o mais óbvio.

— Eu não aguento mais — repetiu, deixando o corpo cair no sofá de dois lugares. — Eu gosto muito de você, Tess, mas acho que tô esgotado. Não consigo mais viver assim, brigando o tempo todo, com medo de qualquer coisinha virar uma tempestade. Sabe, eu sempre fiz tudo o que tava ao meu alcance pra gente ficar bem. Toda vez que você vem com quatro pedras na mão eu deixo passar batido. Eu sempre fiz tudo por você, mas parece que você não enxerga isso! Sempre tem um motivo pra reclamar! Se você não tava satisfeita, podia ter conversado comigo. Mas você sempre preferiu discutir. Isso é cansativo demais. Eu não quero continuar num relacionamento que só me faz mal. Você entende?

Não, eu não entendia.

Ele estava realmente me culpando por todos os problemas que passamos?

— É o quê?! — reagi, incrédula. Meu coração batia forte contra meu peito enquanto absorvia aquela reviravolta no meu relacionamento. Cauã estava... terminando comigo?

— Não dá mais, Tessália. Eu cansei. Levar esse namoro pra frente só vai continuar destruindo a gente e o respeito que temos um pelo outro. — Ele me encarou e eu encontrei dor e pena em seus olhos verdes antes de ele se levantar. Minha descrença era tanta que eu mantive minha boca semiaberta por vários segundos até encontrar algo para dizer.

— Mas... Mas, Cauã! — Lágrimas se acumularam nos meus olhos e eu lutei para impedi-las de cair. Raiva e dor invadiram meu peito. Segui até ele e preendi seu braço entre minhas mãos, como se conter sua ida fosse resolver todos os nossos problemas. — Não faz isso! A gente pode resolver. Vamos conversar...

Mas Cauã puxou seu braço para longe de mim, com força, irritando-se ainda mais com meu desespero.

— Não, Tess, não tem mais o que fazer! Nós já demos um tempo várias vezes, e nunca dá certo! — Ele fez menção de se aproximar, mas pareceu pensar melhor e se afastou novamente. Quando voltou a falar sua voz estava mais calma. — Desculpa por isso. Eu te amo, e não quero te ver sofrer, mas já deu pra

mim. É melhor a gente terminar agora do que continuar com isso. Se não, essas brigas vão destruir todas as coisas boas que tivemos.

Cauã me direcionou um olhar de piedade que durou um milésimo de segundo antes de seguir em passos largos até a porta. Eu corri atrás dele, numa última tentativa de reverter a situação, e gritei seu nome. Ele nem olhou para trás antes de sair pela porta do meu apartamento e me deixar sozinha, tendo como companhia apenas a minha dor.

Meu estômago embrulhou de maneira assustadora, e as lágrimas que já escorriam silenciosas pelo meu rosto derrubaram a barragem que as segurava do lado de dentro, vazando como um rio, cuja correnteza pode destruir qualquer coisa que aparecer em seu caminho. Eu senti um vazio no peito que parecia ameaçar me engolir. Tentei raciocinar, me dizer que tudo ficaria bem, que aquela decisão não era necessariamente definitiva. Cauã ainda podia repensar o que fez e mudar de ideia. Afinal, estávamos juntos há quase quatro anos! Não se joga fora um relacionamento assim de cabeça quente, sem uma conversa definitiva.

Mesmo enquanto me agarrava à esperança, percebi que estava me enganando. Era para valer. Meu namoro tinha acabado de verdade. A percepção de que eu falhei com Cauã, comigo mesma e com nosso relacionamento me fez soluçar alto. O que mais me assustava era aceitar que, depois de tanto tempo, me encontrava mais uma vez sozinha.

DOIS

(TESSÁLIA)

Assim que voltei para a sala, deixei meu corpo cair no sofá. O som do meu choro preencheu a casa silenciosa e eu não percebi a presença da minha irmã até ela me puxar pelos ombros em um abraço consolador. Chorei ainda mais, consumida pela vergonha de ter permitido que minha irmã ouvisse mais uma das nossas brigas. Eu deveria ser um modelo para ela, mas era o pior exemplo que podia ter. Onde meus pais estavam com a cabeça quando acharam que seria uma boa ideia mandar a pirralha para morar comigo? Eu não tinha responsabilidade nenhuma para cuidar de uma garota de dezenove anos!

— Tá mais calma? — perguntou Priscila, mais tarde, afastando-me dos seus braços quando percebeu que eu já tinha parado de chorar. Não sabia quanto tempo havia se passado, minutos ou horas talvez, mas apesar da tristeza, dos soluços que ainda balançavam meu peito e da dor no meu coração, eu parecia ter secado toda a fonte de lágrimas dentro de mim.

Eu dei de ombros, mesmo que *calma* fosse a última coisa que eu tivesse.

— Quer que eu compre uma pizza? E depois tomamos sorvete vendo *10 coisas que eu odeio em você?* — sugeriu, com um sorriso cheio de pena. Aquele já tinha se tornado nosso pequeno ritual toda vez que eu brigava com Cauã. Ou quando Priscila estava chateada com alguma coisa, o que acontecia muito raramente se comparado comigo.

Tudo o que eu queria *mesmo* era deitar na minha cama e não levantar mais, mas minha irmã nunca me deixaria entrar numa fossa tão grande. Por isso, eu acenei a cabeça em concordância e aproveitei o tempo sozinha para voltar a me afogar na tristeza.

Apesar de ter sido contra a vinda de Priscila para o Rio, no início, momentos como aquele me faziam repensar essa opinião. Morar sozinha podia ter muitas vantagens, mas também era bem solitário. E, para quem tinha crescido numa

casa barulhenta, o silêncio muitas vezes era incômodo demais para suportar — principalmente, quando eu precisava tanto de consolo e carinho das pessoas que eu amava.

Já fazia mais de quatro anos desde que eu tinha me mudado para a capital. Antes disso, morava em Teresópolis, na região serrana do Rio, com minha mãe, Priscila e nossa irmã mais velha, Larissa, até que consegui uma bolsa de estudos integral em Design, no Rio. Todos sabiam que era uma oportunidade boa demais para deixar passar e, por isso, meu pai aceitaram bancar minha mudança. Foi assim que acabei morando sozinha por três anos, até minha irmã entrar para a estadual e vir morar comigo. E durante aquele ano ela já tinha presenciado mais brigas do que eu gostaria de admitir.

Eu ouvi o barulho da porta sendo destrancada um segundo antes de Priscila entrar pelo corredor, cheia de sacolas num braço e duas caixas de pizza sendo equilibradas no outro.

— Não tinha aquele de sorvete de macadâmia que você gosta, então eu trouxe o de cookies mesmo, tá? — avisou enquanto colocava as compras na mesa da sala. Eu dei de ombros e apenas murmurei em concordância. Ela se virou para mim com uma expressão preocupada. — Você quer que eu chame a Flávia? — perguntou, referindo-se à minha melhor amiga.

— Não — respondi rápido demais. Priscila ergueu uma sobrancelha. — Você sabe que a Flávia não gosta do Cauã. Ela é ótima pra me animar, mas eu não tô a fim de ser animada no momento. Não quero ouvir ela falar que vai ser melhor pra mim, que eu me livrei de um embuste, blá blá blá.

Revirei os olhos, lembrando do discurso que Flávia repetia tantas vezes que eu já sabia de cor. Eu estava cansada de ouvir suas reclamações sempre que desabafava sobre meu namoro. Ela nunca conseguia entender como eu me sentia e era cansativo demais explicar a mesma coisa todas as vezes. Para piorar, ela e Cauã não se davam bem, e as minhas brigas com ele andavam tão frequentes que por vezes eu preferia evitar tudo que pudesse desencadear uma nova discussão. Por isso, de uns meses para cá, eu tinha decidido dar um tempo dela antes que nossa amizade ficasse ainda mais danificada.

Priscila deixou escapar um suspiro e sumiu pela porta da cozinha. Ela voltou logo em seguida, com duas colheres na mão, tirou o pote de sorvete de dentro da

sacola e se sentou ao meu lado.

— Você podia pelo menos ter deixado o filme no gatilho aqui, né? — resmungou enquanto pegava o controle para ligar a televisão. Como eu não tinha forças nem para responder, apenas esperei que ela desse o play e comecei a tomar o sorvete.

Eu estava tão sensível que toda vez que Heath Ledger aparecia na tela eu chorava lembrando que ele tinha morrido — o que basicamente significava que eu não tinha parado de chorar um segundo sequer desde que o filme começou. Por fim, Priscila resolveu trocar por algo menos mórbido e acabamos assistindo *500 dias com ela*. Isso me fez esquecer um pouco a tristeza e direcionar toda a minha frustração para a protagonista.

— A Summer é uma vadia sem coração — comentei enquanto mordida um pedaço de pizza de pepperoni que tinha acabado de pegar.

— Não vamos começar essa discussão de novo, Tessa. — Minha irmã respirou fundo e engoliu o próprio pedaço antes de se virar para mim. — O Tom é que foi trouxe.

E é claro que começamos a discussão de novo.

— Ele não consegue superar o fim porque não queria enxergar as coisas como eram de verdade. A Summer nunca amou ele, mas o Tom ficava se iludindo! Por isso que quebrou a cara. — Minha irmã cruzou os braços, esperando que eu retrucasse.

Eu respirei fundo e começamos a debater sobre a relação dos personagens enquanto o filme continuava a passar na televisão.

Priscila e eu concordávamos em discordar de muitas coisas, mas ela nunca me deixava falar mal da personagem de *500 dias com ela*. E, ironicamente, quase todos os argumentos que usava pareciam uma indireta para mim.

Desde que minha irmã e eu discutimos sério por causa do meu namoro, Priscila evitava dar pitaco sobre ele. Mas esse era o filme das piores brigas, quando meu emocional estava abalado demais para ver *10 coisas que eu odeio em você*. Eu tinha a impressão de que debater comigo sobre a relação de Summer e Tom era sua forma de mostrar que se preocupava comigo, ainda que indiretamente.

E por mais que nossas opiniões fossem completamente diferentes, minha irmã sempre estava presente quando eu precisava dela, então eu estava feliz com as coisas daquele jeito.

Exceto agora.

Agora, eu não estava nem um pouco feliz.

Eu não queria o consolo da minha irmã. Eu queria que meu relacionamento não tivesse terminado. Eu queria ter conseguido dar um jeito nas coisas. Porque, por pior que tudo estivesse, eu nunca tinha me permitido aceitar a ideia de terminar. Parecia masoquismo, mas a verdade era que eu amava Cauã mais do que achava possível. Eu me sentia completa com ele e, quando as brigas davam uma trégua, eu vivia os momentos mais felizes da minha vida. Como podia cogitar seguir em frente sem alguém que me proporcionava sentimentos tão incríveis?

Mas ele cogitou. E agora eu estava vendo filmes românticos e me entupindo de comida nada saudável, discutindo com minha irmã mais nova sobre personagens fictícios enquanto a sensação de que o mundo estava desabando era revigorante perto de todo o resto que eu sentia.

O que seria da minha vida agora?

TRÊS

(TESSÁLIA)

4 ANOS ATRÁS

Um sorriso bobo estampava meu rosto quando atravessei a entrada da boate.

Se eu estava animada para a minha primeira choppada da faculdade? É claro que estava! Mas talvez minha empolgação excessiva tivesse um pouco mais a ver com os mojitos que bebi em casa com a Flávia, minha melhor amiga, antes da festa.

Além disso, eu estava me sentindo tão confiante e segura de mim naquele dia que era difícil conter a animação. Meus cachos estavam soltos, cobrindo meus ombros nus e caindo até metade das costas. Meus olhos, igualmente castanhos, foram ressaltados com delineador preto. No corpo, usava um vestido off-white, todo rendado e bem marcado na cintura, que combinava bem com a minha pele negra.

Eu me sentia *linda*.

E tinha que dar todos os créditos ao milagre que a Flávia fizera com o meu guarda-roupa.

Mais cedo, quando tive minha crise estilística, é claro que contei com ela para me ajudar, não apenas por sermos amigas, mas também porque Flávia tinha olho para a coisa. Era como se fosse a própria fada madrinha da moda! Não foi à toa que escolhera fazer design com foco nessa área. Eu não levava nenhum jeito para isso, por isso decidi pela parte gráfica do curso. Podia fazer uma obra de arte no Photoshop, mas com meu guarda-roupa... Ele parecia mesmo era ter vida própria e conseguia transformar as roupas que eu amava nos meus piores inimigos. E era por isso que eu constantemente precisava da ajuda de Flávia.

Minha amiga era caloura na faculdade, junto comigo, e eu me encantara por seu estilo e jeito de ser desde o primeiro dia do trote. Também era pragmática até demais, mas talvez tenha sido isso que mais me encantara nela. Eu logo a entreguei o posto de irmã e melhor amiga. Ela sabia bem como lidar com qualquer situação da minha vida e era craque em dizer o que eu precisava ouvir.

Encarei Flávia ao meu lado, que vibrava com igual empolgação. Ela estava ainda mais linda do que eu — mas isso não era novidade.

Eu não era uma pessoa invejosa. Mas, às vezes, quando olhava para minha amiga me perguntava se Deus tinha esquecido de colocar beleza e estilo na minha fórmula e exagerado na dela. Não era como se eu me achasse feia. Gostava do tom da minha pele, da minha cintura fina e do tamanho da minha bunda. Eu tinha minhas brigas com meu cabelo, acreditava que meu nariz podia ser menor e as celulites — não vou nem comentar; mas quando me olhava no espelho, sabia que não era uma pessoa que faria os homens saírem correndo. Só que Flávia era... linda. Ela detestava quando eu dizia isso, porque morria de inveja do meu cabelo crespo. Como se isso fizesse sentido! Vivia dizendo que eu tinha um estilo natural, enquanto ela precisava pintar os cabelos com frequência para não ser uma pessoa sem graça — mas eu não acreditava muito nela.

Quer dizer, olha para ela! Flávia tinha a pele clara, olhos acinzentados e cabelos lisos. Ela não dependia de cremes e tratamentos como eu — nem sofria com a discriminação que eu havia sofrido por causa deles. Seus fios eram originalmente castanhos claros, mas desde o início da faculdade estavam coloridos, num dégradé que ia do violeta ao rosa. Só de imaginar fazer algo do tipo, já podia sentir meus cabelos ressecarem e caírem.

Mas, naquela noite, não deixei nenhuma das minhas inseguranças falarem mais alto. Por isso, desviei o olhar dela e a puxei até o bar, onde paramos para reabastecer nosso estoque de euforia.

Quase meia hora mais tarde, já estávamos de volta à pista de dança e acabáramos de nos encontrar com um grupo de amigos, que eram nossos veteranos da faculdade.

— E aí, gatinha — cumprimentou Henrique assim que me viu.

Eu olhei para cima e encontrei um par de olhos negros me observando. Seu dono era alto, tinha ombros largos, corpo magro e barba rala. Henrique não fazia

exatamente meu estilo de homem, mas não podia dizer que não era bonito. Ele tinha um ar de galã de seriado americano.

— Oi!!!, lindo! — Um sorriso enorme se abriu em meu rosto. Em seguida, o abracei com tanta empolgação que Henrique cambaleou para trás e quase caímos.

— A festa nem começou direito e tu já tá bêbada? — perguntou, rindo, enquanto voltávamos à posição normal.

— Depois de todo o trabalho que eu tive na semana de trote pra arrecadar dinheiro, eu quero mais é sair *trêbada* daqui! — fiz questão de me justificar. Não que precisasse disso. Sabia que em meia hora Henrique estaria tão bêbado quanto eu.

— Apoiada! — gritou por sobre a música antes de seguir na direção do bar para pegar sua própria bebida.

Só quando ele foi embora desviei minha atenção. Henrique chegara acompanhado de outros três veteranos: Rafael, Thiago e Claudinha, além de um grupo que eu não conhecia. Ao lado de Claudinha, uma menina baixinha que não parecia nem ser maior de idade estava alheia a tudo ao seu redor, já embalada com a animação da música. Uma outra garota, parada a alguns passos atrás da menor, ria da empolgação dela. Mas minha atenção logo seguiu para os dois caras junto a elas.

Ambos eram bem gatos, mas totalmente diferentes em estilo. O da direita usava uma touca cinza que escondia o comprimento de seus fios escuros. Ele estava de tênis e calça preta, e uma camiseta listrada complementava o visual. Seu corpo parecia o de Henrique: ombros largos e físico pouco malhado, apesar de ser bem mais baixo do que o meu amigo. Sob a luz escura da festa, não soube dizer se seus olhos eram pretos ou castanhos.

O outro tinha um estilo mais social. Ao contrário do amigo, seu corpo era musculoso e ele tinha um porte de quem se preocupava muito com a aparência. Seus cabelos eram curtos e castanho-claros e os olhos pareciam uma mescla entre verde e cinza.

Percebendo meu olhar curioso para os desconhecidos, Claudinha se apressou em apresentá-los. Cumprimentamos as meninas, Giovanna e Júlia, com um

aceno, mas Cauã e Lucas, os dois que as acompanhavam, foram bem mais calorosos e se aproximaram para dar beijinhos no nosso rosto. Eles cheiravam a perfume masculino.

Quando se afastaram, senti minha empolgação ser renovada pelo interesse que vi nos olhos deles.

Dei um passo para o lado, parando entre Cauã e Flávia, e me inclinei por sobre seu ombro para falar no ouvido da minha amiga.

— Que gatos, hein!? — comentei, baixinho, esperando que ela concordasse comigo.

Minha amiga riu, mas não parecia tão empolgada.

— Mas se você preferir as meninas é melhor pra mim. — Pisquei para Flávia e a vi sorrir com meu comentário.

Flávia e eu éramos diferentes em muitos aspectos, principalmente em nossas opiniões. Eu tinha crescido em um ambiente bem distinto do dela e, por causa disso, desenvolvi muitos preconceitos que, até eu sair de Teresópolis, nunca me pareceram nada de mais. Entrar na faculdade de design foi um choque de realidade — e a vida não poderia ser mais irônica ao me tornar melhor amiga de uma garota bissexual.

Desde que ela me contara, tivemos muitas discussões. Às vezes, ainda era difícil entender tudo o que ela tentava explicar, mas eu estava me esforçando. Acima de tudo, eu respeitava muito minha amiga — e isso parecia ser o suficiente para nós duas.

— Nenhum deles me encantou muito — respondeu Flávia com um sorriso zombeteiro. — Pode ficar com eles... E com elas também.

Eu fiz uma careta.

— Acho que continuo preferindo só os garotos.

— Os dois? — Ela fingiu uma expressão indignada. — Que safada!

Eu soltei uma risada antes de ser interrompida por Cauã.

— O que tem nisso aí? — perguntou, inclinando-se sobre meu ombro com curiosidade para olhar dentro do copo.

Eu me surpreendi com sua proximidade repentina. Sua voz intensa me fez perder a compostura por um segundo e, apesar de sua boca não demonstrar nenhum traço de graça, quase pude ver os olhos sorrirem com a minha reação. Confirmei para mim mesma: o tal do Cauã fazia mesmo meu tipo.

— Acho que é vodca, curaçau blue, limonada e soda.

Ele me olhou de lado, meio desconfiado.

— Não sei se curto muito essas coisas. Gosto mesmo é da boa e velha cerveja.

— Não pode falar que não gosta sem provar. — Ele deu de ombros, meio se desculpando, meio concordando. — Bora, você vai provar é agora!

Segurei seu antebraço e o puxei para fora da rodinha depois de lançar uma piscadela para Flávia. Chegamos ao bar com um pouco de dificuldade. A festa estava começando a encher e precisamos esperar alguns minutos para sermos atendidos.

— O que acontece se eu não gostar? — perguntou em tom de desafio, enquanto o bartender preparava nosso pedido.

Eu ergui a sobrancelha, sem ter certeza se ele estava apenas brincando ou tentando me provocar. O sorrisinho no canto de sua boca, no entanto, me deixava inclinada à segunda opção.

— Como assim, o que acontece? — joguei verde, tentando comprovar a suposição. — É só não beber, ué.

— Então eu sou obrigado a provar uma bebida que não conheço por uma garota que não conheço e não recebo nem uma recompensa? — Foi a vez dele erguer a sobrancelha.

O olhar que Cauã me lançou em seguida me penetrou de tal forma que quase pude ouvir seu significado ecoar em minha cabeça, como se dissesse: "e aí, vai entrar no jogo ou não?".

E eu não era boba de negar.

— Bom... Se você não fosse tão fã da “boa e velha cerveja” poderia tentar arranjar uma garrafa de Jurupinga pra gente. — E, então, antes que ele pudesse se decepcionar com minha oferta, eu acrescento: — Mas se você tiver esperando um prêmio melhor, o preço vai ter que ser mais alto.

Um sorriso travesso se abriu em seu rosto e percebi que acertara na ideia. E na provocação.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, o bartender nos interrompeu para entregar as bebidas. Eu peguei os copos e guiei Cauã para longe da confusão do bar.

— Vai lá! — pedi, quando paramos num canto mais vazio enquanto entregava o copo para ele. — Não vale mentir, hein!?

Sua expressão de falso ultraje me fez soltar uma risada. Ele pousou uma das mãos no coração para completar a pose.

— Eu? Mentir? Nunca!

— Tá bom! — concordei com descrença e o encarei cheia de expectativa. Cauã deu uma cheirada na bebida antes de tomar um gole. Seu rosto foi tomado por uma careta de desgosto assim que o álcool desceu por sua garganta.

— Que troço horrível! — reclamou, afastando o copo do rosto. Ele me encarou, horrorizado. — Como você gosta disso?

Sabia que não era exagero porque ele ainda demorou a desfazer a expressão. Fiquei quase sem ar rindo da sua cara e, só quando me recuperei, pedi que esperasse um segundo.

Graças à minha amizade com alguns veteranos, eu tinha conhecimento das garrafas de Jurupinga escondidas no bar. E, por causa dessa informação preciosa, além dos contatos que eu tinha na comissão de trote, precisei apenas bater um papo rápido com alguns dos meninos que organizavam o evento antes de sair com a bebida nos braços.

Acabamos com a Jurupinga antes mesmo de seguir de volta à pista de dança.

Então é claro que, quando reencontramos o grupo, estávamos completamente bêbados e risonhos. Fizemos isso por todo o restante da noite: bebemos, rimos e agimos como se fôssemos os melhores amigos do mundo. Tinha certeza de que ele estava a fim de mim e que ia me beijar em algum momento, mas isso não aconteceu. Fiquei com a leve impressão de que a mais nova das meninas, a Júlia, tinha algo a ver com isso, porque pegara alguns olhares meio irritados dela para nós dois. Podia estar diante de um caso sério de *friendzone* e, talvez, fosse por esse motivo que ele não tinha tentado ficar comigo: para não esfregar na cara da menina que não estava nem aí para ela.

Três horas depois, saí da festa completamente frustrada. Fui dormir pensando naqueles olhos verdes e em sua risada espontânea. No dia seguinte, porém, acordei com uma surpresa: Cauã me enviara uma solicitação de amizade no Facebook! Dei um gritinho de felicidade e recebi uma travesseirada de Flávia, que estava dormindo ao meu lado. Eu nem me importei. Ele lembrara meu nome e me adicionara no Facebook no dia seguinte! Isso *tinha* que significar alguma coisa!

Quando meu estômago pulou, um segundo depois, em protesto a todo o álcool consumido na noite anterior, precisei deixar Cauã de lado por um momento e correr para o banheiro. Mesmo assim, a euforia que senti ainda levou um bom tempo para me abandonar.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**

✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**

Para que a nossa missão dê certo, a primeira coisa que você precisa são reforços — e se aproximar dos amigos do seu ex é a forma mais rápida de alcançarmos nosso resultado.

☐ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**

☐ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**

☐ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**

☐ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**

☐ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**

☐ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**

☐ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**

☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

QUATRO

(TESSÁLIA)

DIAS ATUAIS

Eu já estava na minha terceira caipirinha quando um surto de consciência me atingiu. Fazia uma hora desde que chegara. Uma hora sozinha numa balada cheia de gente estranha, tocando músicas que definitivamente não faziam meu estilo. Essa era a primeira vez que saía à noite sem companhia e agora sabia que tinha sido muito sensato da minha parte não ter feito isso antes. Estava me sentindo o ser mais ridículo do mundo.

Tudo bem que eu não estava ali para me divertir, estava em uma missão: fazer aliados. O único problema era que meus pretendentes a aliados *não estavam ali*. Flávia tinha razão, essa era a ideia mais maluca que eu já tinha tido. Eu devia ter pensado em um plano mais sólido, algo menos arriscado. Mas, na pressa de completar os passos o mais rapidamente possível, acabei caindo naquela furada.

Já fazia pouco mais de três meses desde que Cauã terminara comigo e eu deveria estar seguindo em frente, certo? Só que eu não estava. E, veja bem, *naquele dia*, quando decidi seguir *O Plano*, nós estaríamos completando quatro anos de namoro. Então, não me culpava realmente por ter passado a noite do último domingo inteira remoendo o passado e fuxicando sua vida nas redes sociais. Algumas pessoas podem achar que noventa e seis dias é muito tempo para continuar mal por um término, mas parando para pensar, eu tinha muito mais motivo para ficar na fossa *agora* do que nos dias que se seguiram a ele.

Na mesma semana em que terminamos, Cauã me enviou a primeira mensagem desde que tínhamos nos visto pela última vez. Ele queria passar na minha casa para pegar suas coisas e, muito relutantemente, eu disse que tudo bem. Naquele dia, tivemos nossa primeira recaída. Depois dessa, várias outras se seguiriam. Eu percebi que, por mais que estivesse magoado, ele ainda me amava tanto quanto

eu e por isso continuava voltando. E essa era toda a esperança de que eu precisava para ser feliz novamente.

Até que Cauã começou a postar fotos com amigos que eu não conhecia — com *garotas* que eu não conhecia. Tirei satisfação uma, duas, três vezes. A gente brigava porque ele dizia que não estávamos mais juntos e eu não tinha nada a ver com o que ele fazia. Depois vinha me pedir desculpas, dizer que não queria me magoar, mas que a gente tinha terminado e eu não devia ficar me martirizando daquela forma. Às vezes ele deixava de me responder por dias. E eu voltava a querer satisfações. Ele ia à minha casa conversar, a gente brigava de novo até acabarmos na cama.

Eu gostava de saber que, por mais que Cauã estivesse levando a sério esse negócio de terminar, ele também não conseguia sair daquele ciclo vicioso em que tínhamos nos metido. Porque enquanto estivesse preso a ele eu ainda tinha chance.

Então ele conheceu a Mirela. Não que eu achasse que esse rolo deles tinha potencial para virar algo sério. Mas o que importava era que *havia* uma Mirela. E isso foi o suficiente para acabar com a minha paz. Na semana anterior, Cauã tinha quebrado nosso ciclo ao não falar comigo uma vez sequer. Ele não puxou assunto, não me respondeu quando eu tentei, não curtiu uma foto minha no Instagram e ainda postou foto com a garota. Eu passei o nosso aniversário de namoro em casa aos prantos no meu quarto, fuxicando o perfil da baranga — que, na real, não tinha nada de feia. Ela era linda, é claro, apesar das minhas amigas de Teresópolis terem negado quando mostrei sua foto. Como eu podia competir com ela?

Foi quando me ocorreu: aquilo era, afinal, uma competição? Eu tinha consciência de que fazia parte dela? Estava realmente lutando por Cauã? A resposta era não.

Não.

Eu estava contando com a sorte, confiando que nosso amor seria o suficiente. Naquele momento, eu percebi que isso claramente não estava adiantando, então o que eu deveria fazer?

Correr atrás do que eu queria, é claro!

Foi por isso que acessei o site de buscas e encontrei aquele blog de relacionamentos vinte minutos mais tarde, abrindo um arquivo que continha dez dicas para reconquistar meu ex. Parecia maluquice, eu sei, mas o que eu tinha a perder? Só o Cauã. E eu ia perdê-lo de qualquer forma se não tentasse. Por isso fui em frente, imprimi os dez passos, peguei um papel e uma caneta e comecei a fazer a única coisa que poderia naquele momento: planejei reconquistar o amor da minha vida.



E foi isso que contei à Flávia na segunda-feira seguinte à decisão, num café da faculdade. Eu sabia que era uma ideia louca, mas pensei que minha melhor amiga podia deixar suas opiniões de lado e me ajudar. Cara, como eu estava errada!

— Essa é a ideia mais idiota que você já teve! O Cauã não merece um terço desse esforço que você quer fazer!

Ouvir aquilo me deixou mais irritada do que eu poderia imaginar. Flávia não sabia *mesmo* o que estava dizendo. Era muito fácil falar mal do relacionamento dos outros quando você não estava a par de tudo o que acontecia. Não podia esperar que ela gostasse de Cauã, ouvindo tudo o que contei nesses anos, mas era de se imaginar que apoiasse minha busca pela felicidade.

— Flávia, o Cauã me fez mais feliz do que eu podia imaginar. Será que isso não conta?

— Você *acha* que era feliz porque nunca conheceu ninguém melhor do que ele — disse em tom de autoridade, como se soubesse mais do que eu sobre minha própria vida. O que só me deixou ainda mais puta. — Tessa, o Cauã é um idiota. Ele nunca foi bom pra você.

Eu me levantei, quase explodindo de raiva. Sabia que Flávia não gostava do meu namorado, mas ela precisava ser tão sincera?

— Obrigada por nada, Flávia — ironizei enquanto espalmava minhas mãos na

mesa. Eu estava lutando muito para me conter, mas tudo o que queria era poder gritar com ela e fazê-la perceber o quanto me magoava com sua recusa. — Pensei que você poderia deixar de lado essa antipatia idiota pra me ajudar, mas pelo visto eu tava errada.

Flávia trancou o maxilar e franziu o cenho com irritação. Ela também se levantou, alheia às pessoas ao nosso redor, que já começavam a nos encarar.

— Antipatia idiota? Tessália, você praticamente parou de falar comigo por causa do Cauã! — esbravejou. O olhar de ressentimento em seu rosto me deu a impressão de que tudo o que ela queria era avançar em mim. — Como você quer se considerar minha amiga se a primeira vez em meses que me chama pra te encontrar é pra falar dos *seus* problemas? Onde você tava quando eu passei noites acordada cuidando da minha vó doente e precisava da minha amiga?

Ela cerrou o punho com força enquanto me encarava. Nunca tinha visto Flávia tão descontrolada; na maioria das vezes, a indiferença com que me tratava já era o suficiente para transmitir seus sentimentos.

— Como você queria que eu te ajudasse se você nunca me pediu ajuda, Flávia? — reclamei, já impaciente com a conversa. Tudo o que eu queria era nunca ter pedido a ajuda dela.

— Caso você não lembre, dá uma olhada no seu WhatsApp. Faz cinco meses que eu te mandei uma mensagem perguntando se você podia ir lá em casa. Você nem se importou em perguntar se tinha acontecido alguma coisa. — Sua voz tremeu ao final da frase. Seus olhos brilhavam com as lágrimas que tentava conter.

Meu estômago embrulhou. Eu sabia do que ela estava falando, é claro. Cauã e eu estávamos brigando naquela noite e eu só respondi minha amiga na manhã seguinte. Menti que estava dormindo. Vi em seus olhos que ela sabia disso, mas Flávia não disse nada.

Continuei encarando a Flávia por alguns segundos, sem saber exatamente o que dizer. Ela puxou sua bolsa da cadeira antes que eu pudesse pensar em alguma coisa.

— Eu não vou torcer pela sua infelicidade, Tessa. Eu espero que esse seu plano maluco dê certo. Mas espero também que um dia você perceba o quanto esse

cara te faz mal e tudo que você deixou pra trás na sua vida. E quando perceber, eu vou estar aqui pra te ajudar, porque, independentemente de qualquer coisa, você é minha amiga e eu só quero seu bem.

Se Flávia não conseguia me entender, foda-se. Eu não precisava da ajuda dela. E era por isso que estava ali naquele momento, bebendo minha terceira caipirinha e desejando ter ouvido minha amiga quando tive a chance.

Virei o restante da caipirinha em um só gole e respirei fundo. *Estou em uma missão*, pensei. Dei uma olhada ao redor, mas não vi o amigo de Cauã por quem procurava. Talvez eu devesse dar uma volta pela festa, conferir se sua presença não tinha passado despercebida. Eu só não podia desistir.

Caminhei em meio à multidão, desviando de grupos de bêbados com copos na mão. Esbarrei em várias pessoas e comecei a ficar irritada com o lugar lotado, até perceber que o problema maior era que *eu* estava bêbada. Minha visão estava embaçada e eu quase não conseguia distinguir rostos, muito menos calcular distâncias para evitar encontros. Fiquei irritada por ter me deixado levar pelo tédio e vergonha. Como ia conseguir qualquer coisa assim?

Respirei fundo e me forcei a continuar buscando pelos andares da boate. Estava quase desistindo daquilo tudo e indo embora, quando avistei alguém conhecido. Levei um tempo para forçar meus olhos a focalizarem na pessoa. E empalideci ao reconhecer a cabeleira cacheada alguns metros à minha frente.

Era a ex de Cauã!

CINCO

(LUCAS)

Ainda estava gargalhando com o melhor fora que meu amigo já levava na vida quando esbarrei em alguém. Eu não podia já estar tão bêbado a ponto de começar a tropeçar nas pessoas sem perceber — cheguei não faz nem cinco minutos e já tive minha cerveja inteira roubada pela vacilona da Jaque. Ainda assim eu me preparei para pedir desculpas quando ergui o olhar e reconheci a garota à minha frente.

— Tessália? — perguntei, surpreso. Não tinha dúvidas de que era ela. O rosto daquela garota era marcante demais para ser confundido, mesmo sob a meia luz da boate. Minha surpresa era vê-la *aqui*, numa balada alternativa, coisa que não fazia nem um pouco seu estilo. Para falar a verdade, fazia tempo que não a via em qualquer lugar que não fosse enfiada em casa com meu melhor amigo, e agora ex-namorado.

— Lucas! Oi! — Ela parecia feliz em me ver. Então seus olhos desviaram até meus pés e seu rosto se contorceu em uma careta. — Meu Deus, desculpa! Te molhei todo!

Acompanhei seu olhar e vi meus coturnos encharcados de bebida.

— Ah, relaxa! Já me acostumei com isso aqui. — Abri um sorriso para tranquilizá-la.

Ela estava meio tímida, mas há muito tempo que Tessália não era mais aquela garota divertida e espontânea do começo do namoro. Fisicamente, no entanto, ela mudara pouco; continuava tão gata quanto antes. Os cabelos estavam um pouco mais enrolados do que costumavam ser desde que ela começou a alisar e ela também dera uma boa enorpada ao longo desses quatro anos.

Seus olhos castanhos pareciam cheios de expectativa ao encarar os meus. Só então percebi que ela estava sozinha.

— Tá com seus amigos? — Ela fez uma careta e eu levantei uma sobrancelha.

— Quem dera. Levei um bolo — confessou, parecendo chateada. Precisei me aproximar para ouvi-la direito por cima da música alta. O já conhecido cheiro amadeirado do seu perfume me atingiu em cheio. — Entrei cedo pra não pagar caro e só depois a Flávia me mandou mensagem dizendo que não vinha.

Eu ri enquanto voltava a encará-la e encontrei um sorriso sem graça estampando seu rosto.

— Bem que estranhei você por aqui. Esse lugar é mais a cara de sua amiga, mesmo.

Ela apenas acenou a cabeça em concordância. Parecia esperar alguma coisa de mim. Demorei a entender que talvez seu olhar cheio de expectativa fosse porque ela queria que eu me oferecesse como sua nova companhia. Mas aquela era uma péssima ideia por dois motivos: o primeiro, era que eu estava com a Jaque — eu sabia que ela não suportava minha amiga —, outro, é claro, por causa de Cauã. Eu não tinha certeza em que pé os dois estavam, mas não achava que ele fosse ficar *feliz* por saber que passei a noite com sua ex.

Mas o olhar dela estava tão desolado que eu me sentiria um imbecil se virasse as costas para ela.

Ah, que se dane!

O que o Cauã não sabia não ia matá-lo.

— Vai ficar ou vai embora? — perguntei, antes que tivesse tempo de me arrepender. — Tô aqui com uns amigos, se quiser se juntar com a gente...

O alívio que vi em seu rosto foi tão grande que me fez sorrir sem graça. Ela devia estar prestes a sair correndo da festa antes de esbarrar comigo, se estava tão desesperada assim por ficar sozinha. Não devia estar sendo fácil para ela superar o término com Cauã, ainda mais depois das recaídas que tiveram, segundo ele me contou. E mais ainda com todas as fotos que ele fazia questão de postar com a nova garota; Cauã sabia ser escroto quando queria. E é claro que eu tinha que ser o otário que sempre remendava as cagadas dele.

— Ai, seria ótimo! Já tô aqui mesmo. — Ela deu de ombros, como se não fosse

nada demais, mesmo que as pontas de seu lábio tremessem, demonstrando seu nervosismo. — Eu só queria me divertir um pouco essa noite.

— Seu desejo é uma ordem! — Sorri para ela enquanto a pegava pela cintura, indicando o caminho até a galera. — Vou te apresentar pro pessoal.

Pude senti-la sorrir atrás de mim. Só queria ver quanto tempo essa alegria ia durar depois que visse Jaque no grupo. Mas eu tinha feito minha boa ação do dia. Se ela tinha algum problema com isso, eu não podia fazer merda nenhuma.

— Pesquei uma sereia no caminho — falei mesmo assim quando paramos, tentando amenizar o clima. — Gente, essa é a Tessália, uma amiga minha.

Jaque me encarou com uma sobrancelha erguida antes de olhar para Tessália. Ela não tinha nada contra a atual ex de Cauã, pelo contrário. Se ele não tivesse a incrível capacidade de distorcer a história deles tão bem, colocando-a sempre como vilã, tinha certeza de que ela teria tentado livrar Tessa da enrascada de continuar o namoro. Mas nós dois sabíamos bem a imagem que Cauã pintava de Jaque para todos de fora. É claro que ela estranharia a presença da garota ali, bem no meio do grupo de sua suposta inimiga.

Apesar disso, Jaque fez questão de ser simpática e agir com naturalidade. Depois que eu apresentei nossos outros amigos, Caio, Paulo e Joana, ela se adiantou para cumprimentar Tessália.

— Oi! Eu sou...

— Jaqueline, eu sei — cortou de maneira rude.

Minha amiga abriu um sorriso sem graça e voltou para o seu lugar. Jaque me fuzilou com o olhar enquanto nossos amigos se entreolhavam, sem entender. Mas eu já estava cagando. Elas que resolvessem sozinhas, eu só queria curtir minha noite.

Tessália respirou fundo, como se tentasse decidir o que fazer agora. Tinha certeza de que a opção de ir embora estava ganhando, mas então ela relaxou e olhou para mim.

— Acho que vou pegar mais uma bebida. Já volto.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela começou a caminhar em direção ao bar. Encarei Jaque, dando de ombros.

— Vai atrás dela, seu idiota — ordenou, me repreendendo.

— Quê? — perguntei, achando que devia ter ouvido errado por causa do barulho.

— O que você esperava? Ela acabou de terminar com o Cauã e você traz ela pra um grupo com a ex dele? — ralhou, antes de me empurrar na direção que Tessa seguira. — Vá logo!

Ah, porra, era só o que me faltava, ter que ficar me desculpando com a garota só porque o Cauã tinha feito uma lavagem cerebral nela! Mas eu tinha sido o imbecil que a trouxera para o grupo, então não podia reclamar.

Consegui alcançar Tessália ainda no caminho, lutando contra o amontoado de corpos dançantes ao nosso redor.

— Foi mal, Tessa — pedi, logo depois de segurar seu braço para que ela notasse minha presença. — Eu devia ter avisado que tava com a Jaque aqui. Sei que você não vai muito com a cara dela.

— Nem ela com a minha, né? — ela me interrompeu, na defensiva.

Franzi o cenho, porque não consegui entender como ela podia ter essa imagem tão ruim de uma das melhores pessoas que conhecia. Jaque podia ser um pé no saco de vez em quando, mas era uma boa amiga. Era uma merda que Cauã distorcesse a história toda para sair de bom moço.

— Ah, para! Jaque é gente boa pra caralho. Ela não tem motivos pra te tratar mal — retruquei, meio irritado, e passei a mão pelos cabelos.

— Aham, tá bom — debochou, cruzando os braços como se me desafiasse a convencê-la do contrário.

Respirei fundo. Eu não era nem louco de entrar numa discussão com ela. Principalmente ali. Por isso, logo me apressei em abraçá-la pelo ombro e a guiei até o bar. O melhor jeito de acabar de vez com aquele papo era bebendo.

— Olha só, a gente veio aqui pra curtir, né? — perguntei antes de alcançarmos a ponta oposta da boate. Eu a soltei em seguida e apoiei minhas mãos no balcão do bar. — Não vamos ficar nessa discussão ridícula quando a gente pode só se divertir e ligar o foda-se. Beleza?

Tessa murmurou em concordância e eu me dei a liberdade de pedir dois shots de tequila. Quando as bebidas chegaram, colocamos um pouco de sal entre o polegar e o indicador e seguramos o limão. Abri um sorriso lateral, que foi retribuído quando aproximei meu copo do dela. Brindamos e viramos os shots ao mesmo tempo.

Depois disso, por incrível que pareça, Tessália se transformou novamente naquela garota sorridente e espontânea da noite da choppada em que nos conhecemos. Naquele dia, ela me chamou a atenção justamente por causa da autenticidade que mostrou ter. Mas assim que Cauã retribuiu o interesse dela, apesar de estar saindo com outra garota na época, ela só passou a ter olhos para ele. É claro que, depois que eles começaram a sair, eu não voltei a pensar em Tessália daquela forma, mas isso não me impedia de ficar feliz por vê-la se divertindo e se permitindo ser a pessoa que ela tanto reprimiu ao longo do relacionamento com Cauã.

Nós dançamos e rimos para caralho por toda a noite. Ela pareceu até esquecer sua inimizade com Jaque. Eu já tinha bebido muito mais do que meu corpo — e meu bolso — permitia, mas não conseguia parar de me deixar levar pela empolgação dela.

Naquele momento, Tessa estava a caminho do bar pela milésima vez para comprar mais uma rodada. Meus amigos já haviam se dispersado pela festa várias vezes “à caça” e estávamos apenas Caio e eu, esperando a volta de Tessália.

Passaram-se alguns minutos de espera antes que eu percebesse uma movimentação estranha a poucos metros de onde estava. Ouvi a barulheira de várias mulheres falando alto e com irritação. Reconheci a cabeleira loira cheia de cachos liderando o movimento e corri para descobrir o que Jaque estava aprontando. Mas quando me aproximei da cena percebi que o quadro era bem maior do que eu tinha imaginado: Tessália estava atrás dela com os olhos assustados cheios d'água enquanto Jaque peitava um cara brutamontes junto a várias outras mulheres. Percebendo que não ia conseguir nada ali, ele foi embora

puto da vida antes que eu pudesse me meter.

Assim que foi embora, Tessália se contorceu e vomitou no chão. As pessoas próximas deram um pulo para trás e eu corri até ela, preocupado. Segurei seu cabelo enquanto ela continuava a botar para fora todo o álcool que consumimos naquela noite. Forcei-me a pensar com sobriedade e levantei o olhar para Jaque, que também se aproximou ao ver Tessália passando mal.

— Leva ela lá pra fora — sugeriu Jaque. — Eu vou comprar uma água e encontro vocês.

Ela nem aguardou resposta antes de seguir em direção ao bar.

Voltei meu olhar para Tessa, esperando uma brecha para tirá-la de lá. Quando o vômito cessou e ela se endireitou, o rosto vermelho de vergonha, eu a abracei pelos ombros e a guiei até a saída.

Do lado de fora, um segurança cedeu seu banco para que ela sentasse. Tessa aceitou sem dizer uma palavra. Ela respirou fundo e fechou os olhos enquanto esperávamos pela volta de Jaque, que apareceu uns cinco minutos depois. Enquanto ajudava Tessália a beber, eu me ocupei em pedir um carro para levá-la embora.

— Que merda foi essa que aconteceu lá dentro? — perguntei a Jaque quando já estávamos a caminho e Tessa cochilava no meu ombro.

— Um filho da puta tava assediando ela. Mas ela tava tão bêbada que eu tive que me meter. — Ela fechou os olhos para controlar sua própria irritação. — Ai, que ódio que eu fico só de lembrar! Puta que pariu.

Jaque cerrou o punho e bufou, lutando contra a vontade de socar alguma coisa. Achei melhor ficar calado para não sobrar para mim — conhecendo-a como eu conhecia, isso não era muito improvável. Mas passei meu braço por trás do seu ombro e a puxei para perto enquanto ela inspirava fundo. Apesar da situação de merda que tinha acontecido, eu me senti orgulhoso por vê-la defender uma garota que nem ia com a sua cara — mas não esperava nada diferente. Não era à toa que éramos amigos. A personalidade de Jaque era uma das coisas que mais admirava nela.

Acordei Tessália quando vi pelo GPS do motorista que estávamos chegando.

Assim que o carro estacionou, nós três saímos. Lá em cima, ela só começou a melhorar quando tomou o terceiro copo d'água. Sua irmã tinha acordado com o barulho da nossa chegada e estava sentada ao lado dela, esperando que terminasse de beber.

As duas nos agradeceram várias vezes, até Jaque e eu decidirmos que era hora de ir.

— Por que vocês não encostam aqui até amanhã de manhã? É o mínimo que posso fazer pra agradecer toda a ajuda de vocês.

— Não tem nada que agradecer e não precisa se preocupar com a gente. Não queremos atrapalhar — afirmou Jaque.

— Não vão atrapalhar nada — discordou a irmã mais nova, fazendo coro à Tessália. — Eu insisto também. Tá tarde já, tá perigoso por aí. A casa é pequena, mas tem espaço! — Ela se levantou rapidamente. — Vou arrumar uma cama pra vocês!

Sem esperar resposta, ela voltou correndo para o interior da casa. Desviei meu olhar para Jaque, meio sem saber o que fazer, e ela deu de ombros. Sabia o que ela queria dizer: estava *mesmo* tarde e estávamos mortos de cansaço. Dar uma encostada não seria má ideia.

Olhamos de volta para Tessália quando ela se levantou e sorriu para nós.

— Vocês são voto vencido. A opinião das donas da casa vale por todos. — Ela soltou uma risadinha sem graça, mas estava mais sóbria do que antes. — Vou lá ajudar a Prica. O banheiro é ali, se quiserem usar. — Ela apontou para a porta bem em frente à da sala, no início do corredor, antes de seguir atrás da irmã.

Em pouco tempo, estávamos prontos para dormir na cama improvisada que as irmãs arrumaram no quarto de Tessália. Ela e Jaque apagaram em menos de cinco minutos. Eu ainda fiquei um tempo acordado, encarando o porta-retratos na escrivaninha de Tessália. Era uma selfie dela com Cauã.

Eu ainda tive forças para rir, sem acreditar que, três meses depois de terminarem, ela ainda mantinha aquela foto por perto. Não era possível que Tessália ainda tivesse esperanças. Eu custava a acreditar que ela ainda sequer *quisesse* voltar com ele.

Mas foda-se.

Eu não tinha nada a ver com isso.

Com uma última olhadela para ela, virei para o lado e fechei os olhos.

SEIS

(TESSÁLIA)

Abri os olhos devagar, tentando driblar a dor de cabeça que sabia que sentiria. Enquanto meu corpo despertava, fui atropelada pelas lembranças da noite anterior. Infelizmente, eu me lembrava de tudo, desde meu plano para tornar Lucas meu aliado na missão de reconquistar Cauã, até meu vexame no final da festa.

Pisquei algumas vezes para focalizar minha visão. Aos poucos, meu quarto se tornou mais nítido e eu desviei o olhar para as duas figuras deitadas no colchonete ao chão. Ambos estavam virados de costas um para o outro. Lucas roncava baixinho e ocupava boa parte da cama, suas pernas praticamente jogadas em cima das de Jaqueline. A garota também não estava em seu melhor estado: seus cabelos loiros e cacheados estavam emaranhados e espalhados pelo travesseiro e ela dormia com a boca aberta, babando levemente.

Abri um sorriso divertido ao observar a cena. Apesar de não ter recebido indício algum na noite anterior, eu tinha lá minhas dúvidas se aqueles dois eram mesmo só amigos. Eles pareciam próximos demais para nunca ter rolado nada.

Desviei meu olhar para Jaqueline. Depois de sua ajuda na boate, minha antipatia por ela já parecia não ter mais motivos para se sustentar. Além disso, fazia tantos anos que eles tinham terminado! Por que eu ainda gastava tanto tempo me dedicando a esse sentimento fútil? Não era ciúmes de verdade. Não mais. Só tinha se tornado algo natural: fazia parte de um relacionamento não gostar das ex-namoradas — era como se, por eles já terem se apaixonado e vivido tantos momentos especiais juntos, ela sempre fosse ser uma ameaça. Um fantasma constante na relação para te lembrar de que você não podia falhar ou seria a próxima ex...

Agora que eu realmente havia virado a próxima ex, Jaqueline não parecia uma ameaça tão grande assim.

Deixei escapar um suspiro e fechei os olhos. Depois de um tempo, meu corpo acabou perdido entre o sono e o torpor enquanto minha mente voava até as memórias de alguns anos atrás.

4 ANOS ATRÁS

Quase não consegui conter meu nervosismo.

Estava mais calma agora que já tínhamos cumprimentado todo mundo e estava sentada, esperando Cauã voltar, mas confesso que cheguei a ter crises de ansiedade mais cedo naquele dia enquanto me arrumava.

Cauã e eu começáramos a namorar havia uma semana, mas aquela era a primeira vez que ele me levava para um evento com seus amigos *como sua namorada*. Então, é claro que a minha já velha conhecida necessidade de aceitação tinha a desculpa perfeita para fazer mais uma de suas aparições especiais.

— Aqui, linda! — Ouvi Cauã dizer enquanto colocava um copo de cerveja na minha frente e sentava na cadeira ao meu lado. Dei um gole na bebida, esperando que ela ajudasse meus batimentos a se normalizarem. — Você fica uma gracinha quando tá nervosa.

Olhei para meu namorado — a palavra ainda me deixava meio bamba de vez em quando — com deboche. Ele não se deixou abalar, porém, e deu uma risada com a minha reação.

— Não sei pra que essa ansiedade toda. *Eu* te aprovei, isso já é suficiente pra caralho. — Ele ergueu as duas sobrancelhas, convencido.

— E você fica muito fofo quando age com ingenuidade. — Apertei suas bochechas de brincadeira. — Conquistar os amigos é o primeiro passo para manter um relacionamento sólido.

— Porra! — Ele riu, e apoiou a mão no encosto da minha cadeira, inclinando o corpo mais para perto de mim. — Pensei que o primeiro passo para manter um relacionamento sólido fosse conquistar o *cara*.

Dei língua para ele. Cauã sorriu, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa percebi que seu olhar se fixou num ponto atrás de mim e sua expressão amigável se fechou.

— O que foi? — perguntei, olhando para trás rapidamente.

Atrás de mim, uma recém-chegada estava cumprimentando Lucas, um dos melhores amigos de Cauã e o organizador do churrasco, com um abraço empolgado.

— Minha ex — ele disse a palavra como se ela fosse ácida antes de trancar o maxilar.

Cauã tinha me alertado sobre a presença dela no churrasco. Ao que parecia, a garota era melhor amiga do Lucas e ele não gostava muito daquela relação. O ciúme descarado em sua fala, quando me explicara sobre aquilo mais cedo, me incomodou um pouco, mas era compreensível. Quem ia gostar que seu melhor amigo fosse tão próximo de uma ex, afinal?

Demorei um tempo analisando-a, sentindo a possibilidade de uma ameaça. Ela era linda, é claro, mas dava para sentir que o tom de voz de Cauã não foi o de alguém apaixonado.

Quando me virei para ele e o vi revirar os olhos, não consegui deixar de perguntar:

— Por que vocês terminaram?

Cauã demorou um tempo para me responder, como se estivesse avaliando se deveria me contar ou não. Quando se decidiu, ele soltou um longo suspiro.

— Na época que a gente terminou a escola, a mãe da Jaqueline ficou desempregada. Daí quando a gente se formou, ela começou a trabalhar pra sustentar as duas. Eu tentei ajudar o máximo que pude, né? Mas ela é muito cabeça dura e vivia dizendo que não precisava do meu dinheiro, que ia resolver as coisas do jeito dela.

Ele fez uma pausa e seus olhos voltaram a acompanhar a presença da garota na festa. O ressentimento em sua expressão era palpável.

— O que eu podia fazer? Tentei dar o meu apoio, mas aos poucos a gente se afastou muito, sabe? Eu entrei na faculdade, conheci gente nova. Ela quase nunca podia estar comigo, então eu saía com meus amigos, vivia minha vida. Ela brigava comigo o tempo todo por causa disso, como se fosse minha obrigação, como namorado, ser tão infeliz quanto ela tava sendo.

Cauã deu de ombros e voltou a me encarar. Seu olhar se suavizou, como se estivesse colocando uma máscara para esconder os sentimentos que aquela história ainda provocava nele.

— Acho que por causa de todo estresse que ela tava vivendo, a Jaqueline passou a ficar irritada com tudo. Ela implicava com todos os meus amigos, ficava com ciúmes de qualquer mulher... Teve uma hora que não deu mais.

Eu ouvi a história em silêncio, sem saber o que dizer. Fiquei imaginando como devia ter sido difícil sustentar um relacionamento daquela maneira. Pelas minhas contas, eles tinham passado um ano inteiro vivendo sob esse estresse. É claro que um relacionamento se desgastaria assim.

— E onde o Lucas entra nessa história? — voltei a perguntar, me lembrando da irritação dele ao ver os dois amigos juntos.

— Nós três somos melhores amigos desde a escola, mas o Lucas sempre foi mais próximo de mim do que dela. Quando isso tudo começou a acontecer eles se aproximaram muito, então é claro que eu acabei ficando com ciúmes, né? Ela não me deixava ajudar, mas não tinha problema que ele ficasse por perto?

O estresse voltou a estampar suas feições e eu tentei não deixar o ciúme *me* dominar. Sabia que a história era antiga, mas era difícil ver o quanto ainda mexia com Cauã.

— Eu sei que deveria ficar feliz por ela ter alguém em quem podia confiar, mas... Sei lá. Eu gosto do Lucas pra caralho, mas sei que a fama dele com as mulheres não é das melhores. Às vezes eu pensava que ele podia estar se aproveitando da fragilidade dela pra se aproximar, sabe? — Cauã levou suas mãos aos cabelos, de maneira frustrada. No fundo, achava que ele devia estar se sentindo culpado por pensar assim do melhor amigo, mas continuei em silêncio e deixei que terminasse a história. — Ele sempre me prometeu que não era nada disso, que nunca tinha acontecido nem ia acontecer nada entre os dois e tal. E não é que eu não acredite nele, só que no final as coisas ficaram meio confusas.

A Jaqueline ficava me comparando com ele e falando que eu nunca dei a ela o apoio que ele deu, como se não tivesse sido ela mesma quem tinha me afastado.

Ele abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas então pareceu desistir e balançou a cabeça em negação. Eu apenas dei um sorriso de compaixão e me aproximei com delicadeza. Apoiei minha mão em sua nuca e puxei seu rosto para perto do meu, encostando nossas testas.

— Você fez tudo o que podia, amor — tentei consolá-lo. Ele abriu um sorriso carinhoso enquanto suas mãos seguiram até minhas costas, afagando minha pele exposta pelo vestido de frente única. — Ela foi muito boba de perder um cara incrível como você. Mas melhor pra mim, né?

Dei um sorriso sincero para ele. Não tinha muito mais o que dizer, mas tudo o que podia fazer era ficar ao seu lado e garantir que não repetiria os erros de sua ex. Eu tinha escolhido tê-lo ao meu lado e isso significava que Cauã fazia parte da minha vida agora. Não tinha nenhuma pretensão de excluí-lo dela, como a garota fizera. E foi isso que tentei transmitir a ele quando acabei com o espaço entre nós e coleí meus lábios no dele.

SETE

(LUCAS)

DIAS ATUAIS

Demorei um tempo para entender onde estava. A noite anterior era um borrão na minha cabeça e tinha medo até medo de lembrar. Mas então olhei para o lado e vi Jaque esparramada na cama improvisada onde estávamos deitados. Olhei ao redor, começando a reconhecer o quarto de Tessália. Quando o nome dela surgiu nos meus pensamentos, a lembrança da noite anterior me atingiu em cheio. Eu não tinha esquecido nada, por isso achei que eu não devia ter bebido *tanto* assim.

Óbvio que eu estava errado.

Assim que fiz menção de levantar, uma tonteira forte me balançou. Eu respirei fundo, tentando focar meu olhar em algum ponto do quarto para evitar que o mal-estar me dominasse.

— Ei. Bom dia. — Eu dei um pulo quando ouvi a voz e virei o rosto assustado para Tessália, que estava deitada em sua cama, olhando para mim. E me arrependi na hora do movimento brusco. A dor de cabeça quase fez meu cérebro explodir e a tontura voltou com força total. Eu fiz uma careta. — Tá tudo bem?

Levantei a mão até meu cabelo bagunçado e reparei que o olhar dela se desviou para meu braço, coberto pela tatuagem nova, com curiosidade. Seu olhar se demorou no desenho enquanto ela tentava analisar as imagens que o compunham.

— Podia ser pior — afirmei, em resposta à sua preocupação.

— Podia, sim — tentou me consolar. — Você podia ter bebido mais do que devia e ter pago mico na frente de uma pessoa que mal conhece, mas que foi boa

o suficiente para não te deixar sozinha depois de levar um bolo.

Eu gargalhei, ignorando as pontadas que a reação provocou na minha cabeça. Virei-me de frente para ela, tentando evitar que as dores se alastrassem para o meu pescoço e a encontrei sorrindo preguiçosamente enquanto se encostava na cabeceira da cama. Os cabelos castanhos estavam desgrehados e a cara, amassada pelo travesseiro, e ela vestia um pijama branco com um filhote de vira-lata estampado.

— É verdade — me rendi, porque não tinha como refutar aquele argumento. — E você, como tá?

— Mortificada, envergonhada, cheirando a álcool e cem por cento certa de que nunca mais vou poder ver vocês dois depois dessa noite.

Eu sorri, compadecido. Exagerada realmente era uma característica marcante nela.

— Jaque e eu já pagamos micos piores depois de beber. Inclusive teve uma vez que ela vomitou *no* cara pra quem ela tava dando mole a noite toda. — Sua expressão se perdeu entre o riso e o nojo e acreditei que consegui provar meu ponto. — Mas relaxa, foi maneiro te encontrar ontem. Sua companhia tornou a noite bem mais divertida.

— Que bom que um de nós se divertiu com meu sofrimento — disse com uma careta no rosto.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Abri a boca para me explicar melhor, mas fui interrompido pela voz de Jaque.

— Por que vocês não calam a boca?!

Seu tom alto e irritado foi o suficiente para fazer minha cabeça latejar. Eu me encolhi de leve com a dor enquanto tentava fugir do braço livre dela, que me procurava para me bater.

— Ah, que irritadinha! — provoquei, beliscando a batata da perna dela para implicar.

— Ai, que filho da puta! — Jaque deu um pulo com o susto e a dor. Em

seguida, sua mão acertou em cheio meu braço, produzindo um estalo alto.

— Puta merda, Jaque-onça! Que agressividade! — reclamei, apesar de não ter sentido dor de verdade.

Tessália gargalhou, observando nossas implicâncias.

Quando os ânimos de Jaqueline se acalmaram, Tessa perguntou:

— Vocês tão com fome?

Eu a encarei e encontrei seu olhar hesitante, porém determinado. Imaginei que, para ela, estar comigo e com Jaque devia ser estranho para caralho. Mas a julgar pela expectativa que ela demonstrou, também devia estar desesperada por companhia. Com toda a possessividade de Cauã, ele havia garantido que ela se afastasse de quase todos os seus amigos.

— Morrendo. — E recebi outro tapa de Jaqueline em resposta.

— Deixa de ser abusado, garoto. Não abusa da hospitalidade da menina!

— Ai, porra! Eu só tava respondendo a pergunta, mas que *caralha*! — Massageei meu braço, onde fui atingido, sentindo uma ardência se espalhar ao redor.

— Ele não tá sendo abusado, Jaque... — Estranhando o uso do apelido, olhei para Tessália assim que o disse, mas ela emendou rapidamente: — line.

Ela parecia travar uma batalha dentro dela na qual lutavam, de um lado, sua opinião sobre Jaque baseada no que ouviu de Cauã e, do outro, sua gratidão pela noite de ontem e sua própria opinião sobre como minha amiga não parecia exatamente o monstro que seu ex pintava.

— É o mínimo que posso oferecer pra vocês depois de ontem — continuou. — Fora que meus sábados costumam ser beeeem chatos. Minha irmã passa o dia todo no curso. Seria ótimo ter companhia.

Em seu rosto, encontrei a mesma expectativa do dia anterior, quando nos esbarramos na boate. Ela sorriu com simpatia em seguida. Um sorriso que parecia implorar para não ser deixada sozinha.

Eu encarei Jaque, esperando sua opinião, mas ela apenas deu de ombros, sem fazer objeções. Repeti seu gesto e, quando nos viramos, Tessália pareceu aliviada. Ela sorriu com alegria.

— Ótimo, então!

Foi por isso que, três horas mais tarde, ainda estávamos esparramados no colchonete onde dormimos, assim como Tessália. Eu já estava me acostumando com aquela situação, de nós três — três pessoas tão improváveis — juntos. Mas ainda podia ver a tensão passar pelo corpo de Tessa de vez em quando, assim como seu olhar se perder em pensamentos quando Jaque e eu entrávamos em alguma discussão boba.

Nós queríamos que ela se sentisse à vontade com a nossa presença, mas não forçamos nenhuma barra porque tanto eu quanto Jaque já estávamos muito surpresos por toda aquela receptividade. Durante o restante da tarde, porém, desde que fomos ao mercado comprar algo comestível para o almoço até aquele momento, sentados em seu quarto, comendo nachos e bebendo drinks que ela fizera — porque "só mesmo o álcool é capaz de curar uma ressaca", segundo Tessa — ela foi se soltando até parecermos velhos amigos.

— Ok, minha vez! — disse Jaque enquanto Tessa pescava uma *tortilla* no pote à nossa frente e afogava no guacamole ao seu lado.

Depois de uma rodada de bebidas, é claro que a ideia de um jogo da verdade acabara surgindo. Era a vez de Jaque agora e ela pensou um pouco antes de perguntar a Tessa como ela tinha acabado morando sozinha com sua irmã no Rio. Ela contou que ganhara uma bolsa de estudos e seus pais concordaram em bancar sua mudança, assim como aconteceu com Priscila, alguns anos depois, mas confessou que as duas se esforçaram muito para sair de Teresópolis. Em suas palavras, ela deixou subentendido que tinham alguns problemas com a mãe e que esse tinha sido um dos motivos para terem estudado tanto para conseguir a bolsa, mas não entrou em mais detalhes. Em seguida, ela respirou fundo e deu um gole em seu mojito antes de olhar para nós dois.

— Nunca rolou *nada* entre vocês dois?

Jaque e eu nos entreolhamos e desatamos a rir. É claro que aquela pergunta surgiria e algum momento do dia, nós já estávamos contando com isso.

— Até parece! Bem que o Lucas gostaria de saber o gosto desse corpinho aqui, mas só nos sonhos dele mesmo! — falou Jaque com seriedade no rosto, o que me fez rir com deboche.

— Eu juro que nunca vi alguém tão prepotente quanto você, garota.

— Quando que você vai entender que isso não é prepotência, meu bem? É amor próprio!

Nós continuamos comendo, rindo e bebendo até a noite cair e a irmã dela chegar. A mais nova sentou com a gente e se apresentou direito. As irmãs Sampaio não eram muito parecidas, mas talvez fosse porque Priscila parecia bem mais confiante consigo mesma do que Tessália e inspirava um ar de mais maturidade. Ela tinha um black power, seu corpo era mais magro e seus dentes eram tortinhos, ao contrário do sorriso que Tessália exibia, alinhado demais para que não fosse resultado do uso de aparelho. Seu estilo de se vestir era mais casual do que o da irmã e o jeito com que falava com a gente mostrava que ela não tinha nenhum problema em fazer amizades novas. De resto, as duas eram idênticas. Os mesmos olhos castanhos e intensos, o mesmo tom de pele e até os mesmos trejeitos.

Olhando para as duas, Priscila se destacava bem mais do que Tessália. Mas, ainda assim, eu não conseguia achá-la mais bonita do que a irmã. Ela tinha uma *coisa* que eu não sabia explicar, mas era mais do que capaz de desviar as atenções da mais nova. Não que aquilo fosse uma competição. Mas ela podia aprender um pouco sobre acreditar mais em si mesma com a confiança da irmã.

Acabamos a noite conversando sobre coisas aleatórias e gravando vídeos idiotas com os filtros do Instagram. As nossas risadas ecoavam pelo quarto a todo instante. Era como se fôssemos melhores amigos há anos — Tessa parecia se encaixar tão bem que era difícil acreditar que já fazia quatro anos que eu a conhecia e nunca tínhamos nos aproximado.

Em algum momento da noite, depois de testarmos um dos efeitos de voz do Instagram, Tessa desviou o olhar e percebeu que eu a observava. Não sabia se era impressão minha, mas ela parecia feliz. Quase pude ler o agradecimento em seus olhos e tive que engolir em seco quando ela sorriu para mim.

Por um segundo, eu me peguei pensando na lembrança da primeira vez em que a vi, na choppada de sua faculdade. Naquele dia, foi muito fácil me sentir atraído

por ela. E eu podia jurar que ela tinha sentido o mesmo. Mas então...

— Que foi? — Ela me tirou do devaneio com uma sobrancelha erguida.

— Nada — disse, rindo meio sem graça. Atrás dela, Jaque me encarou, desconfiada. — Viajei aqui.

Eu me sentei, olhando a hora no meu celular, e me assustei ao perceber quão tarde já era.

— Vamos, né, garota? Já abusamos muito aqui — eu me dirigi a Jaque, que meneou a cabeça em concordância.

— Imagina! Não abusaram nada — negou Tessália, reprimindo um bocejo. — Hoje foi ótimo! Vocês me salvaram de dois dias solitários, nem sei como agradecer.

— Estamos às ordens. Pode chamar sempre que precisar — afirmou Jaque com um sorriso no rosto.

A expressão de Tessa parecia em conflito sobre isso ser uma boa ideia, mas ela confirmou com a cabeça mesmo assim, o sorriso ainda estampando seu rosto.

Depois de arrumarmos tudo e pedirmos um carro, as duas irmãs se despediram de nós do batente da porta. Jaque e eu agradecemos, mais uma vez, e seguimos para o elevador antigo do prédio.

Olhei uma última vez para o apartamento, observando Tessália. Ela abriu um sorriso, que eu retribuí imediatamente, e acenou com a mão antes de fechar a porta.

— Não inventa de ficar babando pela garota não, seu otário! — Foi o que ouvi de Jaque quando a porta do elevador se abriu e ela atravessou o espaço até seu interior depois de dar um tapa na minha nuca.

Eu bufei, resignado.

Não inventa, repeti para mim mesmo enquanto seguia atrás dela. *De todas as piores ideias, essa seria a mais estúpida de todas.*

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**
- ✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
- ✓ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**

A rotina de um relacionamento pode ser uma coisa incrível, mas também é uma das maiores destruidoras da vaidade feminina. Aproveite esse tempo “fora do ar” para dar uma repaginada: corte o cabelo, compre roupas novas, entre para academia. Uma boa autoestima pode transformar completamente a forma como ele te vê.

- ☐ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**
- ☐ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**
- ☐ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**
- ☐ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**
- ☐ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**
- ☐ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**
- ☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

OITO

(TESSÁLIA)

— O que você acha? — perguntei, meio incerta, enquanto olhava para minha irmã através do espelho.

— Tá lacradora — disse Priscila, me fazendo revirar os olhos. Ela estava encarando meu reflexo no espelho do salão com um sorriso no rosto. Por isso, voltei a olhar para meus cabelos, tentando não deixar meus próprios julgamentos e inseguranças atrapalharem.

Era a primeira vez que eu estava sem chapinha desde que parei de fazer progressiva. Estava nervosa porque tinha um milhão de motivos para não querer voltar com meus cachos. Não era como se não os achasse bonitos — pelo contrário, morria de inveja de como minha irmã conseguia deixar os próprios fios castanhos tão lindos e armados. Tinha ainda mais inveja de sua coragem de sair assim e enfrentar todos os dias as ofensas que tinha certeza que ela ouvia.

Antes de começar a alisar, quando ainda morava em Teresópolis, já tive que ouvir muita coisa ruim sobre o meu cabelo. Desde coleguinhas de turmas falando do meu “cabelo de Bombril” até adultos que sugeriam que minha mãe cortasse ou trançasse meus fios “porque era mais bonito”. Conforme fui crescendo, as ofensas ficaram piores e eu só não alisei antes, como minha mãe gostaria — e, no fundo, eu também —, porque Larissa, minha irmã mais velha, nunca deixou.

Quando comecei a namorar, logo percebi que Cauã compartilhava da opinião da minha mãe. Ele achava que eu me pouparia de muito sofrimento se alisasse de uma vez. Quatro meses depois de nos conhecermos, eu decidi fazer escova progressiva e acabar com meus cachos de vez. Eles já nem eram tão bonitos quanto os das minhas irmãs, que sempre evitaram chapinha e souberam cuidar bem deles, então de certa forma fiquei aliviada por ter tirado essa preocupação da minha vida.

Desde que se mudou para o Rio, Priscila estava tentando tirar esse medo de

dentro de mim — o amor que tinha por seu cabelo ainda me parecia coisa de outro mundo. Nunca consegui entender como foi que ela enfrentou tão bem o preconceito que sofriamos. Das três irmãs, era a que melhor lidava com isso. Mas Priscila disse que ter se tornado blogueira foi o que mais a ajudou. Antes mesmo de sair do ensino médio, ela já era famosinha por suas fotos no blog e no Instagram. E sempre que postava sobre seus cachos ela recebia elogios e pedidos de garotas que queriam dicas para ter um cabelo como o dela. Ter aquele apoio na internet transformara totalmente sua forma de encarar as ofensas gratuitas que ouvíamos.

Ela começou a tentar me convencer aos poucos: me marcava em vídeos de cacheadas e crespas no Facebook, mandava fotos que encontrava nas redes sociais, até que passou a se deitar na minha cama quase toda noite em que eu não estava com Cauã, para vermos juntas o Instagram de garotas que estavam passando pelo processo de aceitação do cabelo natural. Por isso, há quase um ano não fazia progressiva, mas a chapinha ainda era minha fiel companheira — até aquele momento.

É claro que meus cachos não estavam definidos como o dela. Desde a adolescência, os fios de Priscila não passam pela química que os meus passaram, mesmo antes da progressiva. Durante meses, minha irmã tinha tentado me convencer a fazer uma mudança radical porque essa era a forma mais rápida de o cabelo voltar à textura natural. Mas, sem coragem, apenas tomei os cuidados necessários para usar a chapinha durante a transição e fui, pouco a pouco, cortando a parte ainda com química.

Agora, ela tinha finalmente me persuadido a deixar o comprimento do meu cabelo bem mais curto. Os fios estavam em um meio termo entre o cacheado e o crespo, e emolduravam meu rosto na altura da bochecha. Eu mordi o lábio inferior, ainda indecisa se aquilo tinha sido uma boa ideia. Eu sabia que meu cabelo não ficaria igual ao das crespas que eu seguia na internet de uma hora para outra; não era à toa que a palavra mais usada nas dicas sobre transição era paciência. Mas sentir aquela insegurança na pele era muito mais complicado do que ver fotos do processo.

— Deixa eu tirar uma foto — pediu minha irmã enquanto eu ainda tentava digerir aquela transformação. Virei as costas para mostrar os fios, mas Priscila colocou a mão no meu ombro e me puxou bruscamente. — Quero uma foto de você, sua imbecil.

— Delicada como um elefante — murmurei, irritada com a grosseria, e olhei para ela com impaciência. Priscila abaixou o celular e colocou a mão livre na cintura.

— Quero tirar uma foto maravilhosa sua pra você postar no Instagram e deixar o Cauã doidinho, tá bom? Quero fazer você ter que pensar naquele passo quatro antes da hora, então pode dar um sorriso?

Inspirei fundo e fuzilei minha irmã com o olhar. Contar a ela sobre o plano tinha sido uma péssima ideia. Tive um momento de fraqueza depois que briguei com Flávia e acabei confessando tudo a ela, porque *precisava* de alguém que me apoiasse. Mas Priscila nunca manifestou opinião alguma e se manteve neutra sobre o assunto — até usar o plano para me convencer. Quando admiti que Cauã não gostava do meu cabelo natural, ela argumentou que a transição capilar não era só uma transformação física; era uma mudança de atitude — e *isso* era o que fazia toda a diferença.

É claro que agora, depois de ter encarado meu novo visual, eu não tinha mais certeza de que Priscila estava certa. Tudo o que passava pela minha cabeça era se Cauã gostaria do novo corte.

— Precisamos seriamente trabalhar nessa sua cara pra foto. — Suspirou quando eu só consegui dar um sorriso amarelo para ela. Priscila parecia decepcionada depois de erguer o celular e encarar a minha imagem na tela. — Vai lá pagar antes da gente tentar de novo.

Fiz o que ela mandou, mais para me livrar de sua pentelhice do que qualquer outra coisa. Ela me seguiu com a cara enfiada no celular. Alguns minutos depois, no entanto, ela gritou:

— Larissa chegou!

Olhei para a porta do salão, que ficava dentro do shopping onde combináramos de nos encontrar com nossa irmã. Era o primeiro final de semana do mês que Larissa descia a serra para nos ver e eu estava animada. Por mais que já morássemos longe uma da outra há muito tempo, sempre tive uma afinidade muito maior com ela. Talvez porque Larissa era a irmã sensata enquanto Priscila e eu... Bem, não éramos.

Agradei à balconista quando a ouvi finalizar o pagamento e me virei para a

porta, onde encontrei o sorriso da minha irmã mais velha. Nós três éramos muito parecidas: tínhamos o mesmo cabelo castanho, a mesma pele negra, a mesma estrutura física e com certeza o mesmo sorriso. No entanto, Larissa agora exibía uma barriga enorme e seus seios estavam bem maiores do que o nosso. Ela estava grávida de sete meses do pequeno Lorenzo, nome escolhido orgulhosamente por mim, e seus olhos exibiam uma paz de espírito que eu nunca tinha visto em minha irmã. Corri na mesma hora até ela, cheia de felicidade.

— Ai, Tessa! Cuidado com o Enzo! — alertou, rindo, enquanto eu beijava seu rosto várias e várias vezes.

— Credo, Larissa! O nome dele é Lorenzo! Lo-ren-zo! — repreendi. Não tinha nada contra apelidos, mas ficava um pouco irritada com esse caso em específico: Lorenzo era um nome maravilhoso e forte, não precisava de apelidos.

— Você vai ser a tia mais babona que eu já vi.

Eu me afastei dela e abri um sorriso tão grande que me surpreendi por não dar um jeito na mandíbula. Larissa costumava descer para a capital pelo menos uma vez por mês para nos ver, mas sua última visita tinha sido no início de julho. Era final de agosto agora, então já fazia quase dois meses que não matava a saudade. Sua barriga estava enorme e sabia que esta era a última vez que ela conseguiria descer antes do parto. E provavelmente por uns bons meses depois do nascimento de Lorenzo. Por isso, queria aproveitá-la o máximo que pudesse.

— Ah, isso sim é uma foto! — Ouvi Priscila dizer enquanto se aproximava de nós duas. Ela estava com o celular estendido, mostrando algo na tela. Era uma foto minha, sorrindo para Larissa. Era espontânea e divertida e tinha que admitir: eu estava bem mais bonita do que me senti quando me olhei no espelho. Ainda assim...

— Você é uma danadinha com essa câmera, né, Prica? — Larissa disse, abraçando Priscila de lado. — Temos que aproveitar esse final de semana para você tirar umas fotos bem bonitas da minha barriga, porque as próximas já serão do meu bebê.

Nós três sorrimos uma para a outra com felicidade.

— Ok, preciso registrar isso. — Priscila não podia deixar passar esse momento, é claro, viciada em fotografias como era. Ela virou a câmera frontal para nós três

e dessa vez eu sorri de verdade, observando a imagem enquanto ela tirava a *selfie*. — Meus seguidores adoram quando posto foto com vocês.

Minha irmã olhou para mim, rindo, enquanto Priscila voltava a enfiar a cara no celular e começava a editar a foto para postar.

— Então, antes de decidirmos onde vamos comer, preciso fazer essa declaração: puta que pariu, Tessália, você tá maravilhosa! — Ela fez cara de surpresa e tocou em meus cabelos, parecendo admirada.

— Eu sei, sou uma ótima *personal hair stylist*, pode dizer — Priscila se gabou antes que eu pudesse dizer alguma coisa.

Eu sorri, sem graça, mas não fiz nenhum comentário. Se havia uma pessoa que conseguiria reconhecer toda a insegurança que eu estava sentindo só com o tom da minha voz, essa pessoa era Larissa.

— Eu amei. Combina muito mais com você e com a sua personalidade. — Ela deu mais um sorriso antes de mudar de assunto. — Agora podemos comer, pelo amor de Deus?

— Por favor! Tô há horas nesse salão. — Minha barriga roncou alto como se quisesse provar um ponto. — E, Prica, manda essa foto pra mim.

Assim que recebi a foto por mensagem, pensei em postá-la no Facebook. Mas a insegurança dentro de mim ainda era forte demais para me deixar ser tão impulsiva. Será que Cauã iria odiar? Será que ele nunca mais falaria comigo depois que visse a burrada que eu fiz? Na dúvida, selecionei a imagem e a compartilhei em três conversas diferentes.

A primeira foi do grupo das minhas melhores amigas de Teresópolis. Renata, Lorena e Agatha eram próximas a mim desde pequenas e, apesar do afastamento que tivemos quando vim morar no Rio, nunca deixamos de nos falar e contar tudo umas às outras.

As outras duas conversas eram as de Lucas e Jaqueline. Já fazia duas semanas desde o desastre na festa em que os encontrei, mas depois de nos divertirmos tanto em minha casa foi inevitável nos aproximarmos. Conversávamos quase todos os dias em quase todas as redes sociais. É claro que eu não deixava de notar o cuidado que Lucas tinha de não tornar nosso contato público, mas

sabendo da história dos dois com Jaqueline eu conseguia entender sua cautela.

[20:16, 26/8/2016] Tessália Sampaio:

Imagem

Que tal?

Foi o que mandei para todos eles. A primeira a me responder foi a Agatha. Ela ficou histérica e mandara tanta mensagem que Renata e Lorena apareceram no grupo para saber o que estava acontecendo. Então é claro que elas ficaram histéricas junto à primeira.

[20:17, 26/8/2016] Agatha Santos:

QUE TIRO, MEU DEUS

[20:20, 26/8/2016] Lorena Vasconcellos:

TO DESCENDO PRO RIO AGORA!

[20:20, 26/8/2016] Renata Souza:

SABE O CHÃO? TO NELE!

As outras mensagens foram apenas variações dessas. Eu gargalhei ao lado das minhas irmãs, que se inclinaram sobre meu ombro para ver do que eu estava rindo enquanto seguíamos em direção à praça de alimentação.

Jaque também respondeu na mesma hora, mas Lucas só deu sua opinião depois que minhas irmãs e eu escolhemos uma mesa.

[20:19, 26/8/2016] Jaqueline Vidal:

Miga

[20:19, 26/8/2016] Jaqueline Vidal:

Desiste de homem, vamo casar agora

[20:26, 26/8/2016] Lucas Munhóz:

Foi mal a demora, tava aqui babando com a imagem dessa deusa

[20:28, 26/8/2016] Tessália Sampaio:

HAHAHA Bobo!

[20:28, 26/8/2016] Lucas Munhóz:

HAHAHA

Put merda, Tessa

Vc conseguiu ficar ainda mais gata

Sua resposta direta me deixou tão sem graça que senti todo o sangue fluir para minhas bochechas. Ao mesmo tempo, não consegui deixar de sorrir. Não era sempre que eu recebia um elogio desse de um cara como Lucas, então não podia evitar me sentir lisonjeada.

— Que é que te deixou com esse sorriso bobo aí no rosto, garota? — minha irmã me tirou do meu devaneio e, antes que eu percebesse, ela estava puxando o celular da minha mão. Priscila leu a mensagem de Lucas e o canto da sua boca se repuxou em um sorriso malicioso. — Hmmm... O Cauã foi pra escanteio tão rápido assim?

— Não tem graça, Priscila. Me devolve o celular — disse em um tom de voz sério.

— Eita, eu só tava brincando! — Ela me entregou o celular e ergueu os braços, como se estivesse se rendendo.

— Vou pegar meu lanche — disse bruscamente enquanto levantava da cadeira.

Sabia que Priscila não estava falando sério, mas as palavras dela fizeram eu me sentir culpada. Nunca dei a entender que queria com Lucas nada mais do que amizade e não achava que ele tivesse feito aquele elogio com essa intenção. A culpa foi pela forma como *eu* me senti com sua resposta. É claro que fiquei feliz: ele era lindo e divertido, mas era também *o melhor do amigo do cara que eu amava e estava tentando reconquistar*. Que por acaso tinha um problema sério de ciúmes do amigo com a ex.

Eu suspirei e parei na fila da lanchonete escolhida, enquanto agradecia o elogio de Lucas da maneira menos sem graça que consegui. Aproveitei para postar a foto no Instagram e compartilhá-la no Facebook.

Vamos ver se Priscila tem razão.

— Ei, enfezadinha. — Eu me virei com a voz da minha irmã mais velha, que parou ao meu lado. Sua barriga parecia ocupar quase todo o espaço entre o restante de seu corpo e eu. — A Prica só tava te provocando, você sabe que ela faz isso sempre.

— Eu sei. Ela só me tira do sério às vezes — menti, mesmo sabendo que Larissa me conhecia muito bem para acreditar.

— É só isso mesmo? Não tem nada mais?

Eu neguei com a cabeça e desviei o olhar para a lanchonete à minha frente. Larissa continuou me encarando, como se me incentivasse a dizer a verdade. Às vezes, eu amava o fato de que minha irmã sabia exatamente o que eu estava pensando, mas naquele caso eu preferia que não insistisse. Eu tinha consciência de que ela nunca iria apoiar o meu plano de reconquistar o Cauã.

Não que Larissa não gostasse dele ou algo do tipo. Na verdade, foram poucas as vezes que os dois se encontraram, mas em nenhuma delas minha irmã demonstrou antipatia. Pelo contrário, ela sempre foi ótima com Cauã e todas as vezes que conversávamos, ela perguntava sobre ele e se eu estava feliz. Para ela, essa era a única coisa que importava.

Mas Larissa não era o tipo de pessoa que corria atrás. Todas as vezes que brigava com o marido, Rodrigo, ela apenas esperava que ele tentasse resolver tudo, mesmo quando sabia que estava errada. E muitas vezes foi esse o conselho que ela me deu quando eu discutia com Cauã.

Não queria estragar nosso final de semana juntas brigando por isso, então apenas balancei a cabeça novamente, tentando quebrar seu silêncio.

— É verdade. Acho que só tô meio insegura ainda com o cabelo. — Eu toquei meus fios, estranhando a escassez. Minha cabeça estava tão leve que às vezes parecia que eu tinha raspado tudo. — Você acha mesmo que ficou bom? Tô me sentindo meio ridícula.

Larissa abriu um sorriso reconfortante.

— Você tá maravilhosa! — Ela me abraçou de lado e me fez acompanhar o andamento da fila. — É normal se sentir estranha com uma mudança tão radical assim, mas você vai se acostumar. Seus amigos não gostaram? — Eu afirmei com a cabeça. — Então, é só questão de tempo até você começar a se identificar com esse visual novo. E se você não se acostumar, é só mudar. O importante é você se sentir bem consigo mesma.

Eu respirei fundo e abri um sorriso para ela. Todo aquele papo motivador era ótimo e eu estava bem feliz porque meus amigos tinham gostado. Mas nada daquilo serviria de alguma coisa se eu não recebesse a aprovação de quem mais importava.

Por sorte, não precisei esperar muito tempo.

Alguns minutos depois, enquanto esperávamos chamarem nossa senha no restaurante para pegar o lanche, meu celular apitou.

Era uma mensagem.

De Cauã.

NOVE

(TESSÁLIA)

3 ANOS ATRÁS

Não conseguia parar de sorrir.

Olhei para Cauã, que sorriu de volta para mim, e respirei fundo. Tinha certeza de que, mesmo se conseguisse tirar aquele maldito sorriso do rosto, ainda estaria estampado na minha cara toda a felicidade que estava sentindo.

Completáramos nosso primeiro ano de namoro naquela semana, mas Cauã sugeriu que não trocássemos presentes porque a grana estava curta e não podíamos nos dar ao luxo. Devíamos apenas escolher um lugar legal para almoçar no final de semana e passar a data juntos. A decisão foi muito sensata, então é claro que concordei... Até que encontrei o presente perfeito e não pude resistir e quebrar nosso acordo.

O que eu não imaginava era o quanto ele tinha me enganado!

Quando me encontrou em casa naquela manhã de sábado, a única coisa que me contou era que ele tinha uma surpresa e ficaríamos fora pelo dia. Tive que desmarcar todos os meus compromissos às pressas. Fiz a minha mochila com umas duas mudas de roupa, como ele pediu, pensando que o máximo que faríamos era dar um pulo em uma cidade vizinha. Nunca imaginei que ele estava me levando para uma viagem *de verdade*.

Para ser sincera, nem sabia ainda para onde estávamos indo. Cauã não quis me dizer uma só palavra. Só sabia que estávamos na estrada havia uma hora e a paisagem da selva de pedra que era o Rio de Janeiro já ficara para trás. Ele estava dirigindo concentrado, mas reconheci o sorriso escondido no canto da sua boca.

Quando olhei para frente novamente, dei um suspiro. Aquele definitivamente estava sendo o melhor dia da minha vida. Estar com Cauã costumava fazer isso comigo. Sempre achei que nunca seria verdadeiramente feliz até conhecê-lo. Ele preenchia todas as lacunas do meu coração de uma forma inexplicável e eu já não conseguia me imaginar sem tê-lo ao meu lado.

— Já pode dizer pra onde a gente tá indo? — perguntei, meia hora depois.

— Larga de ser ansiosa, garota! — Ele estendeu o braço que segurava a marcha e cutucou minha cintura, fazendo cócegas. Eu me encolhi para perto da porta, tentando fugir da sua mão.

— Amoooooor, me diz! Por favorzinho! — Fiz bico quando ele recolheu o braço de volta e tentei convencê-lo com meu olhar mais encantador.

— Não adianta fazer essa cara, não, sua safada. Fica quietinha e espera. — Ele olhou de relance para mim e abriu um sorriso lindo.

— Ai, Cauã! Você tá me matando! — tentei soar emburrada, mas era uma tarefa inútil. Estava feliz demais para sequer parecer chateada.

— Você fica uma graça quanto tá irritada — disse, como sempre. Ele adorava me irritar por implicância.

Eu revirei os olhos ainda que não conseguisse tirar o sorriso do rosto.

Uma hora depois, adentramos o pequeno distrito de Penedo, em Itatiaia, no interior do Rio. Minha felicidade aumentou ainda mais do que eu achava possível. Nunca estivera ali antes, mas ouvia meus pais falarem o tempo inteiro da arquitetura incrível da cidade — herança da colonização finlandesa. Lá tinha sido onde eles passaram sua lua de mel e, por isso, enchi Cauã com meu sonho de visitá-la. Ainda estava embasbacada demais para dizer algo quando ele estacionou o carro na frente de uma pousada charmosa.

— O que acha? — perguntou com um brilho nos olhos. — Qual recompensa eu mereço por ser um namorado tão foda?

Estava tão sem palavras que não o respondi. Pulei o espaço entre nossos bancos e me sentei em seu colo. Envolvi sua nuca com minhas mãos e encostei meus lábios em seu pescoço, traçando um caminho de beijos até sua boca. Cauã

segurou em minha cintura por baixo da camisa e me apertou com intensidade antes de colar nossos lábios de vez.

Perdemos a noção do tempo até eu perceber que a coisa toda estava evoluindo com muita rapidez. Forcei nossa separação e respirei com dificuldade antes de tentar dizer:

— Vamos fazer logo o check-in. — Mas Cauã não me deixou terminar e me puxou novamente para voltar a beijá-lo.

Eu retribuí por alguns segundos enquanto sua mão percorria meu corpo. Mas logo me impulsionei para trás, rindo, e encarei seus olhos cheios de desejo.

— Não vou transar com você no carro — avisei, já abrindo a porta ao lado do banco do motorista.

— Por que não? — Suas mãos tentaram me impedir de sair, mas eu pulei para fora antes que ele tivesse chance de fazer isso.

— Porque tem um quarto todinho esperando a gente lá dentro — lembrei, abrindo um sorriso inocente.

Cauã fechou os olhos e encostou a cabeça no encosto do banco, como se tentasse se acalmar — mas a calma era só temporária. Depois de fazermos nosso check-in e entrarmos no quarto, fiz questão de enlouquecê-lo novamente.

Passamos o resto do dia perdendo a calma um dentro do outro.

DIAS ATUAIS

Eu abri os olhos e encontrei o céu estrelado lá em cima. Havia poucas nuvens, mas já estávamos no alto do inverno, então os dias estavam mais frescos do que o normal. As noites eram ainda mais frias e ali na praia a brisa era tão gelada que mesmo com meu casaco estava tremendo de frio. Eu abracei meu próprio corpo, tentando me esquentar.

Lembrar meus momentos felizes com Cauã era sempre uma tortura, mas não conseguia evitar. Eram momentos como aquele nosso primeiro aniversário de

namoro que me davam certeza de que estava fazendo a coisa certa ao seguir meu plano.

O problema que andava atormentando meu coração não era *se* eu estava fazendo a coisa certa, mas *como* fazer aquilo realmente funcionar. Enquanto os passos não envolviam Cauã, tudo aconteceu de vento em poupa. Mas foi só receber uma mensagem sua que eu meti a carroça na frente dos bois e caguei com tudo. Fiquei tão feliz com sua mensagem, na semana passada, que acabei me atropelando e ignorando completamente o passo seguinte, que era basicamente tratá-lo com a mesma frieza que ele vinha me tratando. Fui grudenta e afobada, então é claro que aquela foi a primeira e única mensagem que recebi. Agora, eu tinha que repensar em toda uma nova estratégia para que ele quisesse voltar a falar comigo de novo.

— Isso tudo é frio, Tessa? — A voz de Lucas interrompeu meus pensamentos e eu só tive um segundo para notar sua presença antes de ele cair em cima de mim.

Jaqueline e ele tinham acabado de apostar que Lucas não teria coragem de dar um mergulho no mar gelado. Ele não só teve, como agora tinha *me* deixado completamente molhada. E não no sentido erótico da coisa, o que normalmente costumava ser mais positivo.

— Ai, Lucas! Agora vai grudar areia no meu corpo todo! — reclamei, emburrada, porque detestava ficar empapada de areia. Claro que também havia o fato de que eu estava mais mal-humorada do que de costume, então era fácil me irritar com qualquer coisa.

Lucas me deu um sorrisinho sem graça e pediu desculpas antes de rolar para o lado, na canga. Eu me sentei para tentar ajeitar o estrago, mas percebi que era impossível. O casaco dele, que eu tinha roubado para aquecer minhas pernas, estava um nojo de água e areia. Tirei-o de cima de mim e joguei em cima da canga de qualquer jeito. Tremi com o frio no mesmo instante. Estava de vestido, o que podia parecer a maior burrada, exceto que *eu não sabia que vínhamos para a praia*. Estávamos em um bar ali perto e eles acabaram me arrastando para a orla depois de beberem um pouco mais do que deviam.

Olhei para frente e vi Jaqueline brincando sozinha na água, completamente molhada. Eu me deitei e encarei Lucas, que me observava com uma expressão divertida.

— O que foi? — perguntei, erguendo a sobrancelha.

— Você fica uma gracinha quando tá irritada — disse em tom de brincadeira.

Meu coração pulou e fiquei nervosa por dois motivos. O primeiro era que ele estava fazendo aquilo de novo: aquele elogio espontâneo e despretensioso capaz de me abalar de um jeito que não deveria. O segundo era que Cauã costumava me dizer exatamente a mesma coisa e eu me senti estranha ao ouvir essas palavras saindo da boca de outro homem. Talvez essa reação tenha sido a mais transparente, porque no instante seguinte Lucas riu, sem graça.

— Não faz essa cara, não. Eu tô só brincando. — Ele se sentou, mas continuou me encarando.

— Então você não me acha uma gracinha? — Fiz bico, com uma expressão inocente no rosto.

Lucas franziu os lábios e me lançou um olhar de deboche. Em seguida, pegou o casaco cheio de areia que eu jogara em cima da canga e tacou em mim.

— Larga de ser malandra, garota — reclamou, enquanto eu fazia cara de nojo e o tirava do meu colo. — Não vou ficar te dando elogio de graça, não.

Eu dei uma risada fraca e me virei de frente para ele.

— É só que... O Cauã costumava me dizer a mesma coisa — expliquei minha reação de antes. A expressão de Lucas murchou na mesma hora que citei o nome do meu ex. — E eu tava pensando nele agora há pouco. Acho que fiquei meio surpresa, só isso.

— Ah, sim — disse apenas e desviou o olhar para onde Jaqueline estava.

Lucas sempre ficava estranho quando mencionava Cauã — no fundo, ele também devia se sentir culpado por ter dado corda a essa amizade comigo. Quer dizer, ele já passou por todo um problema com o amigo por se aproximar da primeira ex dele. Não achava que Cauã gostaria muito de saber que agora *nós três* somos amigos.

Tentei expulsar aquele pensamento porque toda vez que minha cabeça viajava para esse assunto eu começava a me arrepender de ter feito aquilo tudo. Mas não

podia me arrepender porque aquela era a única chance que tinha de reconquistá-lo. *Se a amizade dos dois acabar por causa disso é porque ela já não estava tão equilibrada assim.*

Forcei-me a voltar à realidade em tempo de ver Lucas balançar a cabeça em negação. Estava prestes a perguntar qual era o problema quando ele esfregou o rosto com as mãos e resmungou:

— Você não consegue ter uma conversa sem falar do Cauã, né?

Essa resposta com certeza não era o que eu estava esperando.

Olhei para ele, assustada com a acusação repentina.

— Ah, você entendeu — insistiu ao perceber minha expressão hesitante. — Parece até que você não quer esquecer ele.

Eu abaixei a cabeça, envergonhada. Será que eu estava sendo tão óbvia assim?

— Não tem problema você se sentir assim. Todo mundo sabe que essas coisas levam tempo da porra pra passar. — Olhei de esguelha para ele enquanto Lucas se ocupava em limpar a areia espalhada pela sua roupa, como se não quisesse me encarar. — Só... Guarda um conselho de quem conhece o Cauã: não fica se iludindo, não. Porque ele já tá seguindo em frente há muito tempo.

Senti um peso comprimir meu peito no momento em que consegui compreender o que ele tinha dito. Observei enquanto Lucas se levantava, obviamente querendo dar fim àquela conversa.

— Vou ali em cima procurar um negócio pra comer. Quer alguma coisa? — Ele apontou para os quiosques na calçada da praia de Copacabana.

Neguei com a cabeça e acompanhei sua silhueta se tornar difusa conforme ele subia pela faixa de areia. Eu sabia que Lucas estava certo; mas ele não tinha ideia dos meus planos, não tinha ideia de que eu não estava me iludindo: eu estava *agindo*.

Eu só esperava que não fosse tarde demais.

DEZ

(TESSÁLIA)

Ainda estava ponderando se deveria repensar minhas estratégias com relação ao plano de reconquista, quando ouvi uma movimentação atrás de mim. Assim que me virei, encontrei uma Jaqueline completamente encharcada. Ela estava olhando para a minha figura solitária com uma expressão confusa.

— Cadê o Lucas? — perguntou antes de se jogar na canga, enchendo-a ainda mais de areia.

— Foi procurar alguma coisa pra comer — expliquei, sem entrar em detalhes sobre nossa conversa. Eu ainda não sabia se confiava em Jaqueline o suficiente para falar de Cauã, mas talvez ela fosse a única que pudesse me dar algumas respostas sobre como Lucas se sentia com relação à nossa amizade. Eu só não tinha certeza se ela falaria sobre isso comigo.

Dobrei minhas pernas na frente do corpo e cruzei minhas mãos acima do joelho, apoiando a cabeça ali enquanto olhava para o mar à minha frente.

— Jaque... Posso te fazer uma pergunta? — Ouvi seu murmúrio de concordância, mas não me virei para encará-la. — Você acha que o Lucas se sente culpado por estar de amizade comigo? Por causa do Cauã?

Pelo canto do olho, vi Jaqueline se mexer até parar sentada ao meu lado.

— Por que isso? Ele falou alguma coisa? — Seu rosto estava virado para mim, então me forcei a retribuir o olhar, torcendo para que ela não lesse a culpa na *minha* expressão.

Eu podia ter me aproximado de Lucas para chegar até Cauã, mas tinha sentido uma afinidade tão grande com ele que era difícil não ficar mal por tê-lo usado como parte de um plano. Eu esperava que ele nunca descobrisse nada do que eu tinha feito, porque eu já não queria perder aquela amizade.

Por outro lado, se ele realmente se sentisse culpado, eu nunca conseguiria levar o plano para frente. Como ia conseguir tirar informações sobre o Cauã se ele se afastasse? Como eu faria meu ex descobrir sobre como eu estava “seguindo em frente” se Lucas sempre escondesse a nossa amizade?

Pensar nisso só me fez confirmar que eu era mesmo uma vadia egoísta.

— Não, foi só uma impressão que eu tive — murmurei apenas.

Jaqueline abriu um sorriso amável para mim.

— Você tá com medo de que isso estrague seus planos?

Meu coração deu um pulo no peito e eu preendi a respiração.

— O quê? — Tentei camuflar a expressão de desespero no meu rosto, porque não tinha *como* Jaque saber disso. Ela *tinha* que estar falando de outra coisa.

— Desculpa, mana. Não quis parecer intrometida. — Ela deu de ombros, mas não pareceu nem um pouco arrependida. — Você deixou seu plano em cima da mesa da sala e eu vi quando chegamos da festa. Guardei os papéis pro Lucas não ver, antes que você se preocupe.

Engoli em seco, sem saber como reagir a essa declaração.

— Mas... Por que você me ajudaria? — Tentei ficar calma, mas estava apavorada de que ela estivesse mentindo.

— Olha, Tessa, eu posso ser totalmente contra uma mina inteligente como você ficar com um babaca como o Cauã, mas não posso te dizer o que você pode fazer ou não. — Seu olhar estava sério conforme ela falava, nenhum resquício da bebedeira de mais cedo estampando seu rosto. — Essa escolha é sua. Só você pode descobrir quem ele realmente é e desapegar desse amor.

Mas tudo em que eu tinha prestado atenção foi na opinião dela sobre meu ex.

— E qual é o seu argumento pra chamar o Cauã de babaca? — Franzi o cenho, sentindo a irritação borbulhar dentro de mim. — Ele nunca fez nada contra você! Tudo o que ele fez foi tentar te ajudar.

Jaqueline ergueu uma sobrancelha, perplexa com o que eu disse.

— Foi isso que ele te contou?

Bufei, sem acreditar na sua tentativa de absolver a própria culpa.

— Agora você vai me dizer que é tudo mentira? Que não foi culpa sua vocês terem terminado?

Ela riu sem humor e desviou o olhar para frente.

— Eu poderia dizer tudo isso, mas acho que você não tá pronta pra acreditar em mim.

Virando-me para ela, eu abaixei minhas pernas e a encarei uma expressão indignada.

— Por que não?

— Porque você ainda é apaixonada pelo Cauã. — Eu abri a boca para retrucar. Como se isso fosse motivo para que eu não pudesse enxergar a verdade! Mas Jacqueline continuou sem permitir que eu a interrompesse. — Dá pra ver nos seus olhos. Toda vez que mencionamos o nome dele, parece que você vai ter um piripaque. Não sei o que aconteceu para vocês terminarem, mas dá pra ver que não era o que você queria.

— E o que isso tem a ver com eu acreditar em você ou não?

— Você não conhece o ditado? O amor é cego.

Respirei fundo, tentando controlar a raiva que eu estava sentindo.

— Digamos que você esteja certa. Eu sou a burra, cega por amor, e você, a dona da verdade. Então, por que você não contou pro Lucas?

— Que exagero, Tessa! — Jacqueline balançou a cabeça, em negação. Ela parecia frustrada, mas ainda assim continuou se explicando. — Eu não sou a dona da verdade. Eu só sei bem o que eu vivi. — Uma pausa. Então voltou a me encarar. — E o Lucas pode ser um ótimo amigo, mas eu também tenho meu pé atrás com ele quando se trata desse assunto. Porque ele acoberta todas as merdas

que o Cauã faz. E eu tento dizer que ser amigo não significa passar a mão na cabeça, que ele deveria, sim, falar umas verdades pro Cauã se não ele vai ser cúmplice de todas as cagadas. Mas o Lucas sempre preferiu não se indispor com ninguém a fazer alguma coisa.

Nós nos encaramos por um tempo, mas ainda estava muito confusa com todo o seu discurso. Eu estava cansada e tinha certeza de que Lucas já devia estar voltando, então apenas digo:

— Tá, mas isso ainda não explica por que você não falou nada sobre o plano. Por que me deixou continuar com ele e usar o Lucas dessa forma? — Então uma ideia surgiu em minha mente. — Você queria ficar por perto pra me incentivar a deixar o plano de lado e acabar de vez com minha relação com Cauã?

Ela riu com uma expressão de descrença no rosto.

— Já faz séculos que terminei com o Cauã, Tessa. Acredite, eu não quero *nada* com ele. — Então sua expressão se suavizou e ela abaixou a voz. — Eu só vi uma garota perdida e sozinha e tudo o que eu quis foi estar ao seu lado caso você precisasse de alguém para te apoiar. Se você quiser seguir em frente com seu plano de reconquistar o Cauã, que seja, eu vou continuar te apoiando. Porque é isso que nós, mulheres, devíamos fazer: estar uma do lado da outra para nos ajudar a levantar quando as coisas ficam difíceis. Eu não sou sua inimiga, Tessa. Eu nunca fui. Minha única intenção era só te fazer enxergar isso.

Eu a encarei, desconfiada, refletindo sobre suas palavras. Parecia errado que esse fosse o único motivo por trás de suas ações. Era nobre demais. Eu fui a atual do ex dela! Ela deveria me odiar, assim como eu não gostava da Mirela.

Por que ela não me odeia?!

— Olha, se você não acredita em mim, eu vou te provar — afirmou quando viu que eu estava sem palavras para expressar minhas suspeitas. — Eu vou te ajudar. Qual é o próximo passo?

Não sabia se podia confiar nela, mas queria ver onde aquilo ia dar, por isso respondi:

— Demorar a responder. Agir como se não estivesse mal.

— Ok. Ótimo. Então pra isso ele precisa falar com você, certo?

Acenei com a cabeça em afirmação antes de me lembrar que ele já tinha feito isso. Recomeçar esse passo não ia ser fácil.

— Tessa, não quero que você pense que eu *concordo* com sua ideia. Acho que você tá completamente louca de fazer isso, ainda mais pelo Cauã. Mas eu também sei que não importa o que as pessoas digam, só entra na nossa cabeça aquilo que nós queremos ouvir. Se eu disser pra você agora tudo o que eu acho dele, a única coisa que vou conseguir é te deixar irritada comigo. Então, vou te ajudar e guardar minha opinião para mim mesma até você estar pronta para ouvir. Tudo bem? — Ela me encarou, procurando em meus olhos alguma resposta para sua pergunta e, talvez, para outras dúvidas não verbalizadas.

Respirei fundo e concordei com a cabeça.

Uma pontada de esperança se acendeu em meu coração, contrariando toda a incerteza que ainda sentia com relação a Jaqueline. Ela era a primeira pessoa a me oferecer ajuda *de verdade* com esse plano e isso significava o mundo para mim. O peso das últimas semanas parecia bem mais leve agora que eu sabia que tinha alguém em quem me apoiar.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**
- ✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
- ✓ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**
- ✓ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**

Você deixou que ele aproveitasse o espaço que tanto queria. É natural que ele logo comece a se perguntar por onde você anda. E como quem não é visto não é lembrado, o boy vai fazer questão de dar um sinal de vida. Não saia correndo como um cachorrinho para respondê-lo. Se agir como uma desesperada, tudo que vai conseguir é afastá-lo de vez.

- ☐ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**
- ☐ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**
- ☐ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**
- ☐ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**
- ☐ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**
- ☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

ONZE

(TESSÁLIA)

Eu estava tentando respirar fundo e manter a calma, mas era muito difícil me lembrar de que precisava ignorar a notificação de mensagem que quase gritava comigo pela tela de bloqueio do celular. A frustração me corroía e eu estava quase abrindo a conversa quando olhei para cima e percebi Jaqueline me encarando. Seus olhos cor de avelã me observavam inquisitivos, como se esperasse minha afirmação de que o plano tinha dado certo. Eu acenei com a cabeça e ela veio correndo para o sofá.

— A confirmação de leitura tá bloqueada? — perguntou, soando quase tão curiosa quanto eu.

Balancei a cabeça em negação.

— Mas a dele tá, então ele não vê de qualquer forma. — Com isso, Jaqueline me pediu para desbloquear o celular e puxou o aparelho da minha mão.

No momento em que ela abriu a conversa, prendi a respiração.

[19:19, 28/8/2016] Cauã Oliveira:

E aí, gatinha?

[19:19, 28/8/2016] Cauã Oliveira:

Sei que a gente não se fala tem um tempo já, mas andei pensando em vc esses dias

[19:20, 28/8/2016] Cauã Oliveira:

Vamos marcar alguma coisa...

Eu fiquei mais tempo que o recomendado encarando a mensagem. *Cauã queria me ver.*

Um alívio percorreu meu corpo e um pensamento se infiltrou em minha mente enquanto a felicidade me preenchia: *ainda não é o fim, ele ainda me quer, eu não fui esquecida.* Eu me senti cheia de propósito novamente. Olhei para Jaqueline, animada. Sua testa estava franzida enquanto encarava a mensagem, mas quando percebeu minha atenção ela relaxou.

— Viu só? Não falei que ia dar certo? — disse, convencida, antes de abrir um sorriso.

Dei língua, ignorando sua falta de empolgação. Sabia que Jaque não tinha motivos para ficar feliz. Ela tinha sido sincera comigo ao admitir que não concordava com o plano ainda que tivesse aceitado me ajudar. Mas eu tinha passado a noite inteira pensando em nossa conversa e me questionando se devia acreditar em sua palavra. Será que Jaque tinha *mesmo* esquecido Cauã ou queria apenas curtir com a minha cara? Eu não tinha chegado a nenhuma conclusão durante a noite, não seria agora que iria chegar. Por isso, decidi apenas entrar no embalo e deixar as coisas acontecerem. Era bem provável que eu não conseguisse seguir todos os passos sozinha mesmo. Não tinha muito a perder.

— E agora? O que eu faço? — perguntei, ansiosa. Da última vez, tinha falhado tão vergonhosamente que não confiava em mim mesma para decidir como prosseguir. Não podia estragar essa segunda chance. — O que eu respondo?

— Agora você deixa ele esperando sua resposta. Você tá se divertindo, não tem tempo pra olhar o celular. — Mordi o lábio, os medos começando a me dominar, mas Jaque levantou a mão para me impedir de seguir essa linha de pensamento. — Sei que essa tarefa pode ser *muito* difícil, então vou confiscar o seu celular e ficar de paparazzi aqui registrando esse dia no seu Instagram.

Ela abriu um sorriso inocente e guardou o aparelho no bolso.

— Mas isso vai *mesmo* funcionar? — Desesperei-me. — Não vai só deixar ele irritado?

— Deixar ele irritado é ótimo, Tessa. — Ergui a sobrancelha, em dúvida. — Quando o Cauã se sente ameaçado, é assim que ele fica, não é? Quanto mais tranquilo ele estiver, mais chances de fugir no momento que receber atenção.

Respirei fundo e concordei com a cabeça, por mais difícil que fosse. Era isso também que a blogueira dos dez passos me dizia para fazer. No fundo, eu tinha consciência de que ambas estavam certas, mas queria tão desesperadamente chegar ao fim daquele plano de uma vez que era difícil aceitar todas as instruções que me diziam para *não* falar com Cauã. *Não* dar atenção, *não* correr atrás era ir contra tudo o que o meu coração queria.

— Tá bem! Guarda logo esse negócio antes que eu me arrependa — implorei, rindo de nervoso.

Com um sorriso vitorioso no rosto, Jaque se levantou.

— Vem. Vamos nos divertir *de verdade*, então. — Ela estendeu a mão para que eu me juntasse a ela e eu a aceitei. — Você vai até esquecer a mensagem dele.

Deixei uma risada irônica escapar enquanto ela me arrastava para o outro sofá, onde quatro garotos gritavam de empolgação com o olhar grudado na tela da televisão.

— Meninos, a Tessa mudou de ideia. Ela vai querer jogar! — anunciou, fazendo com que a atenção deles se desviasse para nós duas. O olhar de Lucas voou rápido entre Jaque e eu antes de voltar à televisão. Ele estava jogando com um amigo baixinho e escandaloso, que gritava todo o tipo de palavrão enquanto apertava os botões do controle do videogame quase em fúria.

Estávamos na casa de Lucas desde o almoço, como parte do plano de Jaque para receber um novo sinal de vida de Cauã. Ela sugeriu que aparecêssemos de surpresa no domingo, na casa de Lucas, porque sabia que ele estaria com os amigos, jogando videogame. Foi até divertido perturbá-lo e ver a confusão em seu olhar quando chegamos. E, mais ainda, assistir à dúvida evidente nos rostos de seus amigos, divididos entre o desconforto por terem duas garotas invadindo seu momento de lazer e a felicidade por terem duas *garotas* fazendo isso. Mas é claro que eu era uma negação jogando, então tinha ficado apenas assistindo, divertindo-me com a Jaque enquanto postávamos vídeos dos garotos — excluindo Lucas das imagens, é claro — no Instagram para que Cauã visse.

— O quê? — Quase berrei, em pânico, quando ouvi a sugestão de Jaque. — Não mudei, não! Tô bem sem jogar.

— Relaxa. O máximo que vai acontecer é você perder.

— E pagar mico — completei, ainda relutante.

— Pagar mico faz parte. Você acha que eu nunca fiz esses garotos passarem vergonha? — Jaque deu um sorrisinho zombeteiro de lado enquanto Thiago, um garoto alto e cheio de músculos, que assistia à partida encostado no parapeito da janela, assobiava alto.

— Ih a lá, Jaque! Coé, tá querendo desmoralizar a gente na frente da garota? — reclamou Octávio, que estava sentado no braço do sofá, parecendo entediado com o jogo.

— Cala a boca, moleque! Tá reclamando porque sabe que é de tu mesmo que ela tá falando — revelou Thiago, fazendo Jaque e eu gargalharmos.

— Puta que pariu! — O baixinho que jogava com Lucas levantou de repente, jogando o controle no sofá com raiva. — Vão tomar no cu, seus filhos da puta! Me fizeram perder aqui com essa falação toda!

Todo mundo explodiu em risada.

Lucas se recostou no sofá, um braço aberto, apoiado no encosto, e uma expressão vitoriosa no rosto.

— Quem é que vai se atrever a jogar comigo agora?

— Agora você vai ensinar a Tessa a jogar — declarou Jaque, me empurrando para sentar no sofá ao lado de Lucas. Ele chegou para o lado, abrindo espaço, e me entregou o controle.

— Gente, eu sou mesmo *muito* ruim, tá? Só queria deixar avisado.

— Relaxa, esses caras aqui são muito ruins também, mas eu jogo com eles mesmo assim. Você não pode ser pior. — Por essa afronta, Lucas foi retribuído com xingamentos e tapas na nuca pelos amigos.

Passei os próximos dez minutos ouvindo as instruções de Lucas e jogando com ele enquanto seus amigos conversavam e bebiam à mesa, falando alto. Por um segundo, me distraí observando a cena e meu pensamento voltou à Cauã. Se ele pudesse me ver naquele momento, eu tinha certeza de que morreria de ciúmes. E Jaque também sabia disso, porque ela estava com meu celular na mão, gravando

os meninos enquanto eles brigavam pelo último pedaço da pizza que pedimos para o almoço. Quando percebeu meu olhar, ela apontou a câmera para mim, e dei uma risada enquanto fazia careta para a foto.

Aquilo *tinha* que funcionar.

3 ANOS ATRÁS

[19:01, 5/3/2013] Cauã Oliveira:

Onde vc tá?

[19:02, 5/3/2013] Cauã Oliveira:

Vim aqui na sua casa te fazer uma surpresa ☺

[19:10, 5/3/2013] Cauã Oliveira:

Amor?

[19:14, 5/3/2013] Cauã Oliveira:

Aloooou

Eu estava saindo do banheiro do bar para onde meus colegas da faculdade decidiram ir depois da aula quando tirei meu celular do bolso e vi as mensagens e ligações perdidas de Cauã.

Ops.

Dez mensagens e três ligações perdidas.

Cauã ia me matar.

Em vez de voltar para a mesa, segui para o lado de fora do bar, onde o barulho era menor, e liguei para meu namorado. Ele atendeu no segundo toque.

— *Porra, tá difícil, hein?! —* reclamou assim que atendeu.

— Foi mal, bebê! Esqueci de tirar o celular do silencioso quando saí da aula.

— *Onde é que você tá? Eu tava quase chamando a polícia aqui.*

Revirei os olhos.

— Não exagera, amor. Não tem nem vinte minutos que você me mandou mensagem.

— *Ué, normalmente você tá em casa cedo, achei que podia ter acontecido alguma coisa. —* Dava para sentir, no tom de voz dele, que Cauã estava começando a ficar irritado. A facilidade que ele tinha para isso era impressionante. — *Agora você quer que eu não me preocupe? E se tivesse acontecido alguma coisa de verdade?*

— Tá bom, vai. Desculpa. — Deixei escapar um suspiro. — É que o pessoal resolveu vir num barzinho depois da aula e acabei me esquecendo de avisar.

— *Que saco. Vim aqui te fazer uma surpresa e descobro que você saiu sem me avisar, pô.*

— Achei que você tinha aula hoje. — Troquei o peso de uma perna para outra, já ficando nervosa com o rumo da conversa.

— *Eu tinha, o professor faltou. Mas isso não é motivo pra não me avisar que ia sair, né?*

— Amor, não vamos brigar, por favor. Só vim me divertir um pouco, desculpa. Eu devia ter te avisado.

— *Tá bom, tudo bem —* aceitou, resignado. — *Posso te pegar aí? Queria te levar pra comer alguma coisa e ver um filme.*

Eu mordi o lábio, indecisa. O segundo balde de cerveja tinha acabado de chegar e eu estava me divertindo muito com meus amigos, mas sabia que negar o pedido de Cauã ia deixar ele ainda mais irritado. E, afinal, eu *queria* estar com ele também.

Por fim, suspirei e concordei com a cabeça, apesar de ele não poder ver.

— Pode sim. Tô naquele bar bem em frente à faculdade.

— *Vinte minutos tô aí!* — avisou antes de desligar, com uma voz bem mais animada.

Abri um meio sorriso, conformada. Fazer alguns sacrifícios fazia parte, afinal. E Cauã estava tendo aula quase toda noite naquele período, era justo que eu abrisse mão daquela para estar com ele. Eu podia sair para beber qualquer outro dia, não era?

Voltei à mesa e avisei aos meus amigos que logo eu tinha que ir embora. Todos fizeram um “ahhh” coletivo e Flávia se inclinou para mim.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou, preocupada.

— Não — neguei, sacudindo a cabeça. — É só que o Cauã foi liberado da aula e ele queria me levar pra jantar.

A expressão de Flávia se fechou na hora.

— E vocês não podiam fazer isso outro dia? Poxa, Tessa, você quase não sai mais com a gente desde que conheceu esse garoto e, quando sai, você vai correndo na hora que ele chama? O que tá acontecendo com você? — Ela soltou um muxoxo alto e voltou a se recostar na própria cadeira.

— Para de drama, Flavs. Entende meu lado também. — Franzi o cenho, um pouco irritada. — É difícil conciliar tudo, tô tentando lidar do melhor jeito que posso. Mas quero estar com ele também. Ou eu não estaria namorando.

— Então seus amigos não são prioridade na sua vida? Você só pode estar com a gente quando seu namorado não tá com você?

— Não foi isso que falei.

— É o que tá parecendo — respondeu, emburrada, cruzando os braços no peito.

Eu fechei os olhos e respirei fundo. Em seguida, passei meu braço pelo ombro

de Flávia e a puxei para um abraço.

— Você é prioridade na minha vida, tá? Prometo que vou reservar um final de semana todinho pra você. — Eu a encarei com uma expressão de súplica e esperei por um sorriso que não veio. — Tira essa cara emburrada no rosto e vamos aproveitar pra beber enquanto ele não chega pra me buscar?

Com relutância, ela aceitou meu pedido e nós voltamos a beber.

Vinte minutos mais tarde, eu já estava bem alegre quando vi Cauã entrar no bar. Seus olhos vasculharam o local à minha procura e eu levantei o braço, acenando para facilitar sua busca. Assim que me viu, seu olhar recaiu sobre a mesa. Na hora, eu estava distraída demais para notar sua expressão pouco amigável — o álcool talvez tivesse um pouco a ver com minha falta de atenção —, mas assim que se aproximou, percebi que havia alguma coisa errada.

— E aí? — ele cumprimentou meus amigos, com um tom de voz sério.

Eu me levantei, puxando do bolso o dinheiro que já tinha deixado separado, e deixei na mesa para que eles pagassem a conta no final antes de me despedir.

— Tá tudo bem? — questionei, preocupada, assim que entramos no carro.

— Você devia ter me avisado que tava muito bem acompanhada, eu teria deixado você ficar se divertindo aí. — Franzi o cenho, virando-me de lado no banco depois de colocar o cinto. Cauã segurava o volante com força, apesar de ainda não ter ligado o carro.

— Do que você tá falando?

— Só tinha homem nessa mesa! — gritou com raiva.

— São meus amigos, Cauã, você já conheceu todos eles! E não tinha só homem, a Flávia também tava.

Ele deixou escapar uma risada seca.

— A sua amiga me odeia, é claro que ela incentivaria você a fazer merda.

Meu rosto ficou vermelho de raiva. Eu odiava essa implicância que Cauã e

Flávia tinham um com o outro, mas nada no mundo me tirava mais do sério do que os ataques de ciúmes dele.

— Eu não tava fazendo merda nenhuma! Eu tava bebendo com meus amigos! Se você não confia em mim, então não sei o que tá fazendo comigo ainda! — Eu soltei o cinto de segurança e fiz menção de sair do carro, bufando. Cauã segurou meu braço e me puxou de volta para perto dele.

— Desculpa, amor, eu não quis dizer isso. — Ele bateu a cabeça com força no encosto do banco, fechando os olhos para se acalmar antes de continuar. — Eu *confio* em você. É que... Olha pra você! Você é linda pra caralho! Eu vejo esses caras babando quando olham pra você e fico louco. E eles não têm limite, não. *Eu* sei, conheço um monte de cara assim. Que não tem um mínimo de respeito pelas mulheres.

— Você tem medo dos caras serem babacas e briga *comigo*? Isso não faz o menor sentido, Cauã.

Cruzei os braços, ainda irritada demais para aceitar suas desculpas.

— Eu sei. *Eu sei*. É isso que você faz comigo, gatinha — sussurrou enquanto me puxava para mais perto dele. Tentei relutar, mas é claro que ele conseguiu me abraçar com muita facilidade. Cauã enterrou o rosto no meu pescoço, sua respiração batendo na minha pele enquanto ele se desculpava. — Prometo que não vou fazer mais isso. Prometo.

— Tá bom, vai — aceitei, cansada de discutir. — Vamos logo antes que eu me arrependa.

Ele se afastou do meu pescoço e me encarou, abrindo um sorriso carinhoso antes de me beijar. E eu me permiti relaxar, querendo apenas deixar aquela briga de lado e curtir a noite com ele.

DOZE

(LUCAS)

Meus pés estavam apoiados sobre as coxas de Tessa e eu mostrava para ela um macete do jogo. Quando terminei, passei o controle para que tentasse. Ela era *realmente* muito ruim, não era exagero. Mas para quem quase nunca tocava num videogame, até que estava se dando bem com o controle. Ela aprendeu rápido para que servia cada botão, só tinha zero coordenação para usá-los da forma certa durante o jogo.

— É questão de prática, cara. Se você jogar com mais frequência, vai aprender — garanti quando ela jogou o controle para o lado, cansada de tentar.

Ela se recostou no sofá e pousou as mãos agora livres nas minhas canelas.

— Eu nem tenho videogame. Esse negócio não é pra mim, não.

Ergui a sobrancelha de forma acusatória.

— Quer dizer que você desiste fácil assim? Nunca pensei que você fosse dessas, cara. Que decepção! — Fechei os olhos e balancei a cabeça, fingindo desapontamento.

— Para com essa cara! — pediu, rindo enquanto empurrava minha perna. — Eu só conheço minhas fraquezas e não insisto nelas.

— Isso pra mim é coisa de quem tem medo do fracasso.

— Bom, eu não *amo* o fracasso. Não acho que alguém ame.

— Sem a possibilidade do fracasso não há vitória — recitei sabiamente.

Ela deixou escapar uma gargalhada.

— Que isso, hein?! Filosofou!

Dei de ombros, convencido, antes de ouvir meu telefone tocar. O barulho a fez se virar na mesma hora, à procura da origem do som. Os olhos dela encontraram o aparelho na mesinha ao lado do sofá no mesmo instante em que eu voltava à posição normal.

— Pega pra mim? — pedi, aproveitando sua proximidade. Mas na hora que as mãos dela tocaram o aparelho, Tessa paralisou.

Putá merda.

Só podia haver um motivo para aquela reação.

O nome de Cauã estampava a tela do celular enquanto a música continuava a tocar. Estendi a mão para que ela me entregasse e demorou um segundo para que Tessa percebesse meu pedido mudo. Ela se virou para mim e colocou o aparelho sobre minha palma antes de levar a própria mão à nuca, envergonhada.

— Desculpa. — Ela abaixou os olhos para as mãos em seu colo enquanto eu me levantava.

— Relaxa, Tessa. Acontece — tentei consolar, mesmo sem saber ao certo o que dizer. Ela não tinha culpa de ainda estar mal por ele, mas eu não podia fazer muita coisa para ajudá-la. Cauã era meu amigo, afinal.

Ainda continuei a encará-la por um tempo antes de atender a ligação. Segui para o meu quarto em respeito a ela e esperei estar fora do seu alcance para dizer alguma coisa.

— Fala aí, cara — cumprimentei enquanto começava a andar de um lado para o outro pelo cômodo.

— *E aí, brother? Beleza?*

— Tudo de boa. Que é que você manda?

— *Pô, brother, você sabe por onde anda a tua amiguinha?*

Ergui a sobrancelha, estranhando a pergunta. Só havia uma pessoa que Cauã

chamava de “amiguinha” assim, com tanto deboche. Mas que merda ele queria com a Jaque?

— Por que você quer saber? — questionei, na defensiva. Eu detestava quando tinha que ficar no meio das desavenças dos dois.

— *Porra, velho, a Tess postou uma foto com ela hoje. Agora você me diz: que caralhos essas duas tão fazendo juntas?*

Parei na mesma hora, me segurando para não soltar um palavrão em voz alta. Puta que pariu. Eu podia apostar que aquilo tinha sido ideia da Jaque para deixar Cauã irritado. Por que a Tessa tinha que ir na onda dela?

— *De onde é que saiu essa amizade que eu não sabia nem que elas se conheciam?*

Respirei fundo e levei a mão ao rosto, tentando decidir o que falar. Eu não gostava de mentir, mas também nunca fui de sair contando tudo o que acontecia na minha vida para todo mundo. Por isso, não vi necessidade de contar que estava andando com sua ex-namorada. E, afinal, Cauã não tinha terminado com Tessália? Ele já não estava saindo com outras garotas? Não tinha excluído o nome dela das nossas conversas e dito que não queria saber mais dela? Não pensei que saber aquilo faria muita diferença para ele.

Agora, já não tinha mais tanta certeza.

— Mas pra que você quer saber, cara? Você não terminou com a garota? Ainda gosta dela, por acaso? — Aquela era a única explicação para ele estar encrencando tanto.

Eu voltei a andar pelo quarto, mas assim que me virei encontrei Tessa parada na porta do quarto, me encarando. Nem esperei Cauã responder; mandei ele parar de fazer caso e tomar conta da vida dele antes de desligar a ligação. Depois que ela fosse embora, eu podia pensar com calma para lidar com a situação.

— Foi mal, eu não queria escutar a conversa nem nada. Só tava indo no banheiro — desculpou-se, apontando com o polegar para a porta de frente para o meu quarto.

Nós dois sabíamos que aquilo era uma mentira descarada, mas não

comentamos isso em voz alta.

— O que vocês duas têm na cabeça pra ficarem postando foto juntas, hein? Puta que pariu. — Eu me joguei na cama enquanto a via entrar no quarto, observando a decoração.

— Você mesmo disse. Ele terminou comigo, não tem mais nada a ver com isso. — Tessa deu de ombros, mas dava para ver que não era isso que ela pensava de verdade.

— Ah, quer saber? Foda-se. Eu não sou pai de ninguém pra ficar me preocupando com as merdas que vocês fazem. — Cruzei meus braços atrás da cabeça e revirei os olhos.

Tessa parou em frente à minha escrivaninha, e suas mãos voaram para o porta-retratos em cima dela.

Meus olhos recaíram, involuntariamente, na fotografia que ela observava.

A fotografia da minha mãe.

Fiquei tenso e, assim como acontecia todas as vezes, precisei me esforçar para não pensar, não *lembrar*. Mas Tessa se virou de repente, me sobressaltando e desviando o foco da minha atenção.

— Você tá arrependido de ter virado meu amigo? — perguntou.

— Claro que não. Por que você acha isso?

Ela deu a volta na cama e se sentou no espaço livre ao meu lado. Seu olhar vagou pela minha tatuagem mais uma vez. A testa de Tessa estava franzida como se ela estivesse concentrada, tentando esmiuçar a arte.

— Porque, sei lá, você falou aquilo sobre o Cauã ontem e agora tá omitindo nossa amizade... Fiquei me perguntando se você se sentia mal com tudo isso. — Abri a boca para responder, mas ela balançou a cabeça em negação e desviou seus olhos para o meu rosto. — Eu só não quero causar nenhum mal-estar.

Toda a sua expressão estava tensa de preocupação. Deixei escapar uma risada, o que fez com que ela levantasse uma sobrancelha, confusa.

— Para de se preocupar tanto, cara. Vai ficar cheia de ruga aí. — Mas quando percebi que isso não tinha ajudado a relaxá-la, soltei um suspiro e me sentei de frente para ela. — Tessa, você e eu sabemos que o Cauã gosta de arranjar motivo pra brigar. Fica tranquila que eu já conheço ele o suficiente pra saber lidar com as explosões dele.

Tessa soltou uma risada seca.

— Será que dá pra me ensinar, então? Porque parece que quatro anos não foram o bastante pra aprender. — Ela revirou os olhos e relaxou a postura até perceber o que tinha dito. — Não que agora eu precise mais disso.

Seu olhar voou para o próprio colo, como se ela tentasse esconder aquilo que se passava pela sua cabeça. Eu encostei na cabeceira da cama, sem tirar os olhos dela.

— Tessa, esquece o Cauã, sério. Para de ficar se iludindo com isso. — Balancei a cabeça em negação e cocei a testa, tentando encontrar as palavras certas para convencê-la. — Tu é linda pra caralho, pode ter qualquer homem aos teus pés. Pra que ficar insistindo numa coisa que não deu certo?

— Porque o homem que eu quero é *ele*! — explodiu, irritada. — Por que isso é tão difícil assim de entender?

Eu abri a boca para responder, mas Jaque entrou no quarto na mesma hora e me interrompeu.

— Que é que vocês dois tão fazendo aí sozinhos? — Ela se jogou na cama, próxima às minhas pernas esticadas. — Aqueles garotos tão me irritando já, eles são competitivos demais, pelo amor de Deus!

Tessa olhou para o lado, escondendo a expressão emburrada.

— Eu vou no banheiro. Já volto.

Ela se levantou e sumiu pelo batente da porta sem dizer mais nada. Jaque ergueu uma sobrancelha enquanto a acompanhava com o olhar e se virou para mim em seguida.

— Aconteceu alguma coisa?

— Eu esqueci que não posso falar do Cauã perto dela que ela fica toda irritada.
— Revirei os olhos, esperando que Jaque concordasse comigo. Mas ela se sentou e cruzou os braços, também fechando a cara.

— Não é possível que você não escute nada do que eu falo pra você, Lucas! — reclamou com a voz esganiçada. Jaque me fuzilou com o olhar, deixando-me confuso.

— Porra, como assim? O que é que eu fiz de errado agora? — perguntei, na defensiva, erguendo as mãos em dúvida.

Jaque bufou e levou uma das mãos à testa. Pela sua expressão, ela parecia muito dividida entre tentar me explicar e me xingar.

— É claro que ela fica irritada quando você fala do Cauã! Por acaso você vai ficar feliz se falarem mal de alguém que você gosta? — questionou, irritada.

Quando ela falava *assim* parecia óbvio, mas a coisa toda com a Tessa era muito mais complicada do que isso.

— Não, mas... — tentei, mas ela logo me cortou.

— Não importa o que você acha ou deixa de achar do relacionamento deles. O que importa é como *ela* enxerga. E, no momento, a Tessa *ainda* é apaixonada por ele e *ainda* quer voltar com ele, mesmo que todo mundo diga que não vale a pena. Enquanto *ela* não enxergar isso, não vai fazer diferença o que os outros disserem. — Jaque respirou fundo, então pareceu pensar melhor e negou com a cabeça, antes de se corrigir: — Na verdade, vai fazer uma: ela vai querer se afastar de todo mundo por não se sentir compreendida. — Ela fez uma pausa, parecendo mais calma agora que tinha colocado para fora tudo o que precisava dizer. — Se você quer ajudar a Tessa a ser feliz, antes de tudo você tem que se colocar no lugar dela. Isso se chama ter *empatia*. Algo que provavelmente a Tessa não recebe há muito tempo.

Jaque olhou para trás, como que para se certificar de que Tessa não estava entreouvindo, e se inclinou para frente. Quando continuou, seu tom de voz estava mais baixo.

— Eu não posso obrigar ninguém a pensar da mesma forma que eu, Lucas. Cada um sabe o fardo que carrega e precisa passar pelas próprias provas pra

descobrir o melhor caminho pra ser feliz. Mas eu *posso* estender minha mão, ser um apoio quando ela precisar e mostrar que o mundo não vai acabar se ela quiser pular fora um dia. — Jaque deu de ombros e suspirou. — É claro que sou bem pessimista com relação ao Cauã, mas não vou ficar do lado dela torcendo pra estar certa. Quero estar errada mesmo, e que a Tessa seja muito feliz. Mas se isso não acontecer, ela não precisa ficar sofrendo sozinha.

Com um olhar presunçoso e um tapinha na minha canela, ela se levantou e seguiu para o corredor.

TREZE

(TESSÁLIA)

Eu nem conseguia acreditar na minha própria coragem por estar ali.

Olhando para a grade de um prédio baixo na Glória, que havia meses eu não visitava, tentei me obrigar a tirar qualquer pensamento de desistência da minha cabeça. *Estar aqui não é um erro*, pensei, enquanto tocava o interfone. *Se ela não quiser me ouvir, pelo menos eu vou ter tentado*.

— Pronto? — atendeu a avó de Flávia, a voz ecoando pelo alto-falante.

Respirei fundo e lutei contra a vontade de sair correndo.

— Oi, dona Rita. É a Tessália. A Flávia tá aí? — perguntei, torcendo para que ela não me mandasse embora antes que eu sequer pudesse tentar.

— Oi, querida. Só um segundo. Tudo ficou silencioso e os segundos até o portão ser aberto pareceram infinitos. Até que, enfim, um som alto me alertou que minha passagem tinha sido liberada. Empurrei o portão e entrei no corredor do prédio.

Tentar reatar minha amizade com Flávia nunca esteve nos meus planos. Pelo menos, não na lista de planos possíveis. É claro que eu sentia falta dela e, quase todos os dias, precisava me segurar para não mandar mensagem como nos velhos tempos. Mas os velhos tempos eram passado e ainda havia muita mágoa entre nós duas. Eu não sabia como um dia poderíamos voltar a nos falar.

Mas, então, Jaque plantou a sua sementinha.

E se...

— Ok, eu tive uma ideia. — Seu rosto estava cheio de expectativa enquanto ela me encarava do outro lado da mesa. — Mas não sei se você vai gostar.

Ergui uma sobrancelha e me recostei na cadeira da praça de alimentação do shopping, onde estávamos lanchando. Jaque tinha me mandando uma mensagem no dia seguinte à nossa visita à casa de Lucas, convidando-me para comer alguma coisa depois do meu estágio. Ela não disse que tinha um assunto em mente até sentarmos em uma das mesas da praça, com nossas bandejas em mão.

— Hmm... Já tô achando que eu não vou mesmo. — Peguei uma batata frita e coloquei na boca enquanto ela desembuchava.

— É que na verdade é um conselho que pode te ajudar no plano.

Quando ela disse a palavrinha mágica, dei de ombros.

— Tá, vai. Manda.

— Antes eu preciso que você pare e pense: você já deixou de fazer alguma coisa ou se afastou de alguém por causa do Cauã?

Eu me remexi, desconfortável, e desviei o olhar dela.

— Por causa *dele* exclusivamente, não.

Jaque desembulhou o próprio sanduíche e perguntou:

— Como assim? — Em seguida, começou a comer.

— Ah, tinha algumas coisas que ele não gostava e me fez ver que não me faziam bem mesmo e tal, mas no final a decisão de afastar qualquer uma dessas coisas da minha vida foi *minha*. — Voltei a encará-la, sustentando seu olhar desconfiado. Eu já tinha discutido com Flávia tantas vezes sobre isso que sempre acabava na defensiva quando alguém entrava nesse assunto.

Mas Jaque não começou nenhuma briga querendo me mostrar que eu estava errada, como minha ex-melhor amiga adorava fazer.

— Tipo o quê?

— Ah, sei lá — desconversei. E coloquei um punhado de batata frita na boca antes de perguntar: — Por que você quer saber?

Jaque suspirou e deu uma mordida grande no seu sanduíche para só então começar a falar.

— Tessa, eu não tô tentando te julgar aqui, tá? — Seu olhar estava sério enquanto ela terminava de mastigar o hambúrguer. — Você não precisa me dizer se não quiser. E também não precisa seguir minha sugestão, se não concordar. Mas... Por experiência própria, namorar não é fácil. Muitas vezes, pra evitar brigas, a gente prefere fazer alguns sacrifícios. E eu não acho isso errado, sabe? Pra pessoas diferentes estarem bem juntas, é claro que, de vez em quando, *as duas* precisam fazer concessões.

Abri a boca para me defender, porque sabia onde Jaque queria chegar, mas ela não me deixou continuar.

— Eu só quero que você seja sincera consigo mesma: algum dos lados pesou mais? Algum dos dois deixou de fazer mais coisas de que gostava pelo bem da relação? E, no final, qual dos dois mudou mais a ponto de o outro perder o interesse? — É claro que todas elas eram perguntas retóricas. Jaque sabia muito bem a resposta.

— Relacionamentos são muito complicados, isso sim — murmurei enquanto massageava minhas têmporas, tentando assimilar tudo o que Jaque estava me dizendo. Ela deixou escapar uma risada.

— Pelo contrário, eles são simples até demais. A receita é fácil: se acatar tudo o que o cara quiser, você deixa de ser a pessoa por quem ele se apaixonou; se não acatar nada, vocês nunca vão conseguir respeitar as opiniões um do outro. Pra dar certo, a palavra mais importante é o equilíbrio.

Concordei com a cabeça e parei para morder mais um pedaço do meu sanduíche, que a essa altura da conversa já começava a esfriar.

— Então, o que você sugere que eu faça agora pra consertar esse desequilíbrio? Que tente resgatar tudo que eu já sacrifiquei?

— Não, tudo não. Só aquilo de que você se arrepende. — Ela apontou para o meu peito enquanto continuava: — Se aí dentro tem alguma coisa de que você sente falta, que parece não estar no lugar certo, é porque foi algo além do que você estava disposta a sacrificar.

— Mesmo se for uma amizade que era contra meu namoro, por exemplo?

Jaque encolheu os ombros.

— Se for uma pessoa importante pra você apesar de tudo, acho que não custa tentar. Existem outras formas de lidar com amigos que discordam de você além de se afastar, sabe? — Ela balançou a cabeça em negação. — Na verdade, acho até que, quando você limita seus amigos a pessoas que concordam contigo, você acaba vivendo numa bolha e não se dá uma oportunidade pra crescer.

Permaneci em silêncio, apesar dos meus pensamentos se atropelarem em minha cabeça, impedindo-me de considerar tudo aquilo com clareza.

— Só pensa nisso, tá? — pediu Jaque, com um sorriso franco no rosto.

E eu pensei.



Eu sabia que tinha errado feio com Flávia.

É claro que entendia por que ela não gostava de Cauã: como minha amiga mais próxima, era para ela que eu sempre corria quando a gente brigava. Durante tantas horas da minha vida, desabafei com ela sobre meu namoro, sempre puta por conta de algum problema de relacionamento. Se eu já tivesse ouvido Flávia reclamar sobre alguém metade do que eu já reclamei com ela, tinha certeza de que essa pessoa estaria na minha listinha de inimigos para sempre.

E Flávia nunca foi muito boa em esconder sua antipatia por ninguém. Pelo contrário, ela fazia questão de deixar isso bem claro. Foi assim que todas as alfinetadas entre ela e Cauã começaram. Mas em vez de tentar conciliar o meu tempo entre os dois, escolhi me afastar *dela* para ficar bem com Cauã e, é claro, só consegui estragar a nossa amizade.

Mas eu também sabia que não estava totalmente errada em nossa briga.

Quantas vezes eu tinha tentado mostrar que, apesar das nossas discussões,

Cauã me fazia bem? Quantas vezes eu pedi para que respeitasse minhas decisões, mesmo que fossem contra o que ela pensava? Mas Flávia era cabeçadura demais e nunca acatou meu pedido. E isso só cooperou para que nos afastássemos cada vez mais.

Mesmo assim, lá estava eu, tentando dar mais uma chance para nós duas. Tentando me redimir dos *meus* erros e torcendo para que ela compreendesse meu lado também.

Quando saí do elevador no quarto andar, a porta do apartamento 401 já estava aberta. Parada sob o batente, encontrei o sorriso jovial de dona Rita. Ela olhava para mim como uma mãe que perdoa o filho por uma besteira inocente. É claro que ela sabia. Rita era mais do que uma avó para minha amiga, era também sua única família. Desde a morte dos pais de Flávia, as duas tomavam conta uma da outra e eram tão próximas que às vezes mais pareciam duas amigas. Ajudava o fato de Rita ser uma aventureira, apesar de sua idade. Ela estava sempre disposta a cometer algumas loucuras com a neta.

— Que saudade, dona Rita — declarei com sinceridade enquanto jogava meus braços ao seu redor. Fui retribuída por um abraço maternal, que me desestruturou.

Eu podia enumerar as muitas vantagens em morar longe de casa, mas, em momentos como aquele, quando eu precisava de um carinho de mãe, eu me arrependia de ter ido para o Rio sozinha. Apesar de todos os problemas com dona Laura, dos quais eu quis fugir, eu sabia que ela sempre havia feito de tudo pensando no melhor para as filhas.

— Também senti sua falta, querida. É bom ver você aqui. — Rita me soltou e abriu espaço para que eu entrasse. — Adorei a mudança — acrescentou, tocando em meus cachos.

Agradei, envergonhada. Depois do alvoroço inicial na faculdade e no estágio, eu tinha me acostumado com meus fios naturais. A maioria dos meus conhecidos mostrou aprovação, apesar de ter ouvido um ou outro murmúrio de insatisfação, principalmente da minha mãe. Estava tentando não ligar para isso.

Dei um passo para dentro da sala e observei o cômodo. O apartamento continuava exatamente como eu me lembrava. Havia uma mistura quase cômica entre os estilos romântico e indiano. Os móveis eram todos em tons leves e

neutros, assim como as paredes creme. A decoração, porém, era chamativa e dava cor ao local. Almofadas e mantas nas cores laranja e amarelo se destacavam no sofá, assim como os quadros de líderes orientais. Rita e Flávia tinham uma fascinação enorme pela Índia e pelo budismo.

Meu olhar seguiu para o interior do apartamento e só então percebi que Flávia estava parada no batente que ligava o corredor à sala, me encarando.

— Vou deixar vocês conversarem — avisou Rita, já seguindo em direção ao corredor. Ela deu um sorriso acolhedor para a neta quando passou ao seu lado.

Esperei sua silhueta sumir antes de dizer alguma coisa.

— Oi, Flavs — cumprimentei, em um tom sério. — Desculpa vir sem avisar, mas não esperava que você fosse me receber se eu dissesse que tava vindo.

— Provavelmente — confirmou, sem se abalar.

Respirei fundo. Eu queria socar a cara dela por ser tão teimosa, mas me obriguei a continuar o discurso que eu tinha passado quase o dia inteiro treinando.

— Acho que te devo um pedido de desculpas — confessei, encarando o chão. Dizer tudo que eu estava sentindo para ela era muito mais difícil do que eu pensava. — Sei que fui muito negligente com a nossa amizade e te deixei na mão mais vezes do que gostaria de admitir. Você foi a primeira amiga que eu fiz aqui e, apesar desse seu jeito reservado, você nunca deixou faltar nada na nossa amizade. Pelo contrário: você confiou em mim, compartilhou sua vida comigo, me deu seu ombro amigo, seu colo e seu coração.

Arrisquei um olhar para ela e percebi quando a frieza nos olhos de Flávia vacilou. Eles se encheram de lágrimas conforme ouvia meu discurso. Vê-la assim por minha causa partia meu coração. Foram poucas as vezes que vi minha amiga chorar desde que nos tornamos amigas.

Tive que engolir o nó que se formou na minha garganta para conseguir continuar.

— Eu não quero que você pense que eu tô aqui pra te dizer que mudei de ideia. Eu ainda amo o Cauã e ainda quero voltar com ele, mas eu respeito seus motivos

pra ser contra o meu namoro. — Respirei fundo, segurando as lágrimas que ameaçavam se formar em meus olhos. — Eu sinto muito, muito mesmo por ter decidido te afastar sem me esforçar mais pra te fazer entender o quanto a sua amizade é importante pra mim. Depois de tudo o que a gente passou, você merecia muito mais que isso. Mas quero que você saiba que eu amo você e sinto tanto a sua falta que às vezes pego meu telefone e começo a discar seu número sem nem perceber antes de lembrar que a gente não tá mais se falando. E quero muito que a gente se perdoe e volte a ser amiga, mas se você quiser isso também, preciso antes de tudo que você respeite minhas decisões, mesmo que pareçam erradas pra você.

— Eu só acho que você merece alguém melhor do que ele, Tessa. Você é uma garota incrível e se diminuiu tanto por causa desse cara... — Ela balançou a cabeça em negação e se aproximou de mim.

— Mas você não pode querer que todo mundo pense igual a você, Flavs. Você pode sempre me dizer o que pensa e me aconselhar, mas ficar discutindo comigo e com ele o tempo todo, querendo impor sua opinião, só fez a gente se afastar. — Deixei escapar um suspiro e segurei sua mão quando ela chegou perto o suficiente. — Eu sei que às vezes é *muuuuito* difícil pra você ser contrariada — dei um sorrisinho de lado, tentando amenizar o clima, o que fez Flávia rir —, mas será que você pode tentar *conversar* comigo antes de ficar emburrada por eu não ter te ouvido e concordado com você?

Ela revirou os olhos e franziu os lábios.

— Aposto que você falou com a minha vó antes de vir aqui, ela disse a mesma coisa. — E, então, soltando nossas mãos, ela cruzou os braços e me encarou. — Eu aceito suas desculpas *se* você me prometer que não vai ficar tentando me convencer a gostar dele.

— Só se você prometer que não vai ficar me perturbando, falando mal dele.

Flávia deu língua, mas sua expressão já não era mais irritada. Ergui minha mão e estiquei o dedo mindinho para ela.

— Promete?

— Quantos anos você tem? Treze? — Ela riu, mas repetiu o gesto, cruzando o próprio dedo com o meu.

Abri um sorriso feliz e, antes que pudesse perceber, nós duas estávamos nos abraçando. A saudade que sentimos uma da outra exalava com intensidade dos nossos corpos e, conforme os minutos se arrastavam, parecia que nenhuma das duas teria coragem de ser a primeira a se soltar.

QUATORZE

(LUCAS)

Eu colocava a chave na fechadura de casa quando senti meu celular vibrar no bolso. Ele tremeu mais algumas vezes enquanto eu entrava no hall e trancava a porta. Quando desbloqueei o aparelho, encontrei várias mensagens de Tessa, tentando chamar minha atenção. Comecei a digitar uma resposta, mas pensei melhor e apertei o botão para ligar.

— Fala, garota desesperada — brinquei enquanto largava a mochila no chão e me jogava no sofá. — Aconteceu alguma coisa?

— *Não, tá tudo bem. Você tá em casa?*

— Aham.

— *Tá ocupado?*

— Não, por quê? — Ergui a sobrancelha, estranhando a curiosidade dela.

— *Posso subir?* — Quase pude ouvi-la sorrir do outro lado da linha por me pegar de surpresa.

— Você tá aqui? — perguntei, mas já caminhava até a janela, de onde conseguia ver a entrada do prédio.

Ali, parada atrás do portão de ferro, Tessa ergueu a mão, animada, e acenou como se precisasse disso para que eu a reconhecesse. É claro que não precisava.

— Peraí — pedi antes de desligar o telefone e seguir até a cozinha, onde ficava o interfone.

Quando Tessa apareceu no corredor ao final da escada, eu já estava parado sob o batente, esperando sua chegada. Ela parecia cansada depois de um dia de

trabalho e carregava uma bolsa pesada sobre o ombro, mesmo assim abriu um sorriso quando me viu.

— E aí. — Retribuí o sorriso e enganchei meu braço em seu pescoço assim que se aproximou o suficiente para que eu pudesse alcançá-la. Puxei-a para dentro de casa e a soltei para fechar a porta. — A que devo a honra dessa visita inesperada?

Só então, quando me virei de volta para ela, reparei em seu nervosismo. Ela estava com os braços cruzados, os dedos de uma das mãos batucando sobre a pele freneticamente.

— Então... — Ela me lançou um sorriso sem graça e abaixou o olhar. — Eu queria pedir desculpas.

— Desculpa pelo quê? — perguntei, confuso. Franzi o cenho enquanto esperava sua resposta.

— Por domingo. Por ter explodido com você.

De que merda ela estava falando?

Eu a encarei, tentando me lembrar. Levou alguns segundos para que a nossa conversa sobre Cauã viesse à minha mente. Então desatei a rir.

— Caralho, Tessa! Eu nem me lembrava mais disso!

Ela encolheu os ombros, sem graça.

— É que você parecia diferente depois de domingo. Sei lá, fiquei com a impressão... — A voz dela foi morrendo conforme eu balançava a cabeça em negação.

— Tá tudo de boa, cara. Não precisa se preocupar. — Apoiei minha mão em seu ombro, olhando-a nos olhos. — Entendo sua irritação. Eu que peço desculpas por ter me metido — pedi, lembrando o conselho de Jaque. Tessa sorriu, aliviada, e ficou claro o quanto estava agradecida pelo reconhecimento. Mesmo assim, ela negou:

— Não, você é meu amigo. Eu não posso te tratar desse jeito só porque não

concordamos com alguma coisa.

— A gente vai aprendendo a lidar com isso, não se preocupa. — Em seguida, envolvi seus ombros com meu braço, puxando-a em direção à sala. — Agora vamos deixar isso pra lá. Você quer beber alguma coisa?

— Não, não quero incomodar. Eu só vim resolver isso mesmo. — Seu olhar se dirigiu para baixo, reparando na minha roupa. — Você acabou de chegar do estágio?

Concordei com a cabeça.

— Ai, foi mal. Nem pensei que você podia estar cansado e...

Uma risada escapou da minha boca antes que eu pudesse me refrear.

— Você se preocupa demais, pelo amor de Deus. Senta aí. — Ela riu comigo e se sentou. — Sabe o que a gente devia fazer? — Me joguei ao seu lado, apoiando as costas no braço do sofá oposto ao dela. Tessa negou com a cabeça. — Jogar videogame!

— Não! — Tessa soltou uma gargalhada e me deu um tapa de leve na coxa. — Já não basta a humilhação que sofri no domingo? — dramatizou, com uma expressão sofrida.

— Eu achei você ótima — menti, sério. Ela ergueu uma sobrancelha, em dúvida, e não consegui segurar o riso.

— Babaca! — xingou, achando graça da minha tentativa de convencê-la.

Acabamos apenas conversando pelos minutos seguintes até que minha tia apareceu na sala, nos interrompendo. Ela entrou no cômodo falando sobre ir ao mercado, mas parou, surpresa, quando viu Tessa.

— Oi, querida, tudo bem? — Tessa se levantou para cumprimentá-la. — Você estava aqui domingo, não estava? Bem que reconheci seu rostinho bonito — acrescentou quando Tessa respondeu que sim. Ela ficou sem graça com o elogio, e minha tia me encarou com um sorriso amável que me fez revirar os olhos. Eu sabia exatamente o que ela estava pensando.

— Eu tô indo no mercado, você quer alguma coisa? — perguntou assim que as apresentações terminaram. Neguei com a cabeça e ela se despediu, saindo em seguida. Tessa a acompanhou com o olhar e, assim que a porta se fechou, ela se virou com um sorriso.

— Sua tia é uma fofa.

— Você só tá falando isso porque ela elogiou “seu rostinho bonito” — zombei, afinando a voz para imitar minha tia.

— Para! Não foi por isso! — Mas ela estava rindo, sem graça, confirmando o que eu tinha dito.

Quando as risadas cessaram, ela perguntou:

— Por que você teve que vir morar com ela? — Os vestígios de diversão em meu rosto devem ter sumido na mesma hora, porque ela logo acrescentou: — Desculpa, não quis me intrometer, eu só...

Mas o que ela ia dizer se perdeu no ar com o barulho da campainha. Franzi o cenho para a porta, mas achei que minha tia devia ter esquecido alguma coisa.

Put a que pariu.

Eu não tive oportunidade de conversar com Cauã depois de domingo, e agora ele estava ali. Na porra da porta da minha casa. Meu celular vibrou na mesma hora com uma mensagem da minha tia: “Encontrei o Cauã quando estava saindo. Deixei ele subir, tá?”

Olhei para Tessa, que tinha uma expressão confusa no rosto enquanto observava minha hesitação. Com a mão, fiz um sinal para que ela esperasse e abri a porta apenas o suficiente para que pudesse sair.

— E aí, cara. Beleza? — cumprimentei, estendendo a mão para um aperto de mão.

— Fala, brother. — Ele retribuiu o gesto e me puxou para um abraço rápido, dando tapinhas nas minhas costas. — Tava passando por aqui, achei que a gente podia jogar uma partida. Mas sua tia falou que você tava com uma garota.

Cauã abriu um sorriso malicioso, como se me parabenizasse pela conquista.

— Na verdade, é só uma amiga — neguei, sem saber como começar a explicar.

Por que eu não tinha contado aquela merda de uma vez antes?

— *Amiga*, sei — debochou, ainda rindo. — Eu conheço?

— É só amiga mesmo, cara. — Bufei, irritado com a situação. Eu sabia que podia mentir para ele e fazer com que Cauã fosse embora sem vê-la, mas eu seria um babaca se fizesse isso. — E você conhece, sim. É a Tessália.

— Que Tessália? — perguntou, os vestígios de entusiasmo sumindo aos poucos do seu rosto.

— Como “que Tessália”, cara? A única que a gente conhece!

Cauã me encarou, sério, sem dizer nada. E então pareceu se recuperar da surpresa e me empurrou para o lado antes de entrar no apartamento como um furacão. Eu fui atrás dele, ainda irritado comigo mesmo por ter pensado que ele não ligaria. Mesmo tendo me dito que sim, era óbvio que ainda não tinha deixado aquela história totalmente para trás.

— Oi, Cauã — cumprimentou Tessa, com um sorriso amarelo. Ela estava de pé agora, parada perto da mesa de jantar. Provavelmente tinha escutado nossa conversa, porque não parecia surpresa. Mas estava nervosa e seu olhar corria de Cauã para mim como se tentasse descobrir como lidar com a situação.

Eu estava longe de descobrir.

— Que porra tá acontecendo aqui? — Cauã partiu para cima de mim, furioso. Com as mãos estendidas, fiz um pedido mudo para que se acalmasse enquanto tentava impedir seu avanço.

— Cara, eu ia te contar, mas achei que você não ia se importar... — comecei a explicar. Cauã nem me deixou continuar.

— Como que eu não ia me importar com a porra do meu melhor amigo pegando minha ex? — explodiu, trincando os dentes. Ele segurou meus punhos e fez menção de tirar as mãos do meu peito, mas eu mesmo arranquei meus braços

com força, irritado com a insinuação.

— Eu não tô pegando a Tessa, caralho! — neguei, indignado. Era difícil acreditar que meu melhor amigo pensava *isso* de mim. — Você acha que eu faria isso?

Mas ele não parecia estar mais escutando.

— Qual é a tua, hein, Lucas? Eu relevei com a Jaque porque vocês se conheciam, mas você nunca trocou uma palavra com a Tessália. — Ele apontou o dedo para ela, os olhos cheios de agressividade. — Como é que vocês acabaram amigos, hein? Qual vai ser a desculpa da vez? Ou vai finalmente admitir que você tem uma obsessão pelas minhas ex?

— Não é culpa dele, Cauã! — Tessa finalmente falou, com os olhos arregalados. Ela parecia assustada. — A gente se encontrou por acaso em uma festa.

— Ah, isso deveria fazer eu me sentir melhor? Em que momento vocês ficaram amigos e trocaram endereço? Foi antes ou depois de ficarem?

— Você acusa a gente de obcecados, mas você tá paranoico com isso, cara! — Cauã deu um passo para o lado, permitindo que olhasse para nós dois. Segurei meu cabelo, tentando desmentir a frustração. — Puta merda, cara, quantas vezes eu vou ter que te dizer que eu não fiquei com a Jaque? A gente sempre foi amigo! Eu não sei de onde você tirou que a gente só se aproximou depois que as coisas entre vocês começaram a dar merda! Você é que se afastou dela no momento que a sua namorada mais precisava de você! Eu só continuei onde eu sempre estive: do lado dela!

Cauã me encarou enquanto respirava fundo. Ele levou as mãos à testa, preocupado.

— É isso que você se diz pra justificar sua filha da putagem?

— Não, cara. É a verdade — falei, cansado.

— E qual é a sua desculpa pra Tessa? — questionou, com raiva.

— Você tá zoando, né? — Voltei a passar a mão pelos cabelos. Cauã não

respondeu e continuou a me encarar em silêncio. — *Você* terminou com ela. *Você* me falou que não queria saber mais nada dela. Foi mal se eu interpretei isso como se você tivesse pouco se fodendo pra vida dela.

A expressão de Tessa mudou para magoada ao ouvir o que eu tinha dito. Respirei fundo, tentando controlar a irritação.

— Lucas, em respeito à nossa amizade, eu vou embora agora. Depois a gente conversa com calma. E espero que da próxima vez que a gente se encontrar você tenha uma boa desculpa pra dar, porque no momento você tá sendo um belo filho da puta. — Em seguida, ele encarou Tessa, puto da vida, mas não disse mais nada antes de sair do apartamento.

Meus olhos desviaram do corredor para Tessa. Seu rosto era um misto de sentimentos conflituosos. Lágrimas começaram a rolar por suas bochechas, e quando me aproximei e segurei suas mãos, percebi que ela tremia.

— Lucas... Eu...

Mas levei um dedo à sua boca, fazendo-a se calar.

— Relaxa. Nada disso aqui foi culpa sua. Entendeu?

Ela concordou com a cabeça, mas seus olhos me diziam que ela não acreditava nem um pouco em mim.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**
- ✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
- ✓ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**
- ✓ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**
- ✓ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**

A gente só dá valor quando perde — parece masoquismo, mas é a lei mais pura das relações humanas. E o boy soube, pelos seus aliados, que você está muito feliz, curtindo a vida de solteira. Será que já o esqueceu? Está melhor sem ele? Deixe-o remoer a dúvida.

- ☐ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**
- ☐ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**
- ☐ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**
- ☐ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**
- ☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

QUINZE

(LUCAS)

Os acordes *folk* da banda Mumford & Sons preenchem o carro enquanto eu dirigia pela serra a caminho de Teresópolis. Pelo canto do olho, podia ver Tessa balançar a cabeça, acompanhando o ritmo. Ela parecia estar curtindo o som, apesar de toda a resistência que demonstrou quando perguntei se gostava de indie rock.

Era sábado de manhã e estávamos subindo para a região serrana para o aniversário de cinquenta anos da mãe dela. Tessa tinha nos convidado há quase duas semanas, pouco depois da confusão com Cauã. Ela disse que precisava da nossa companhia para lidar com as loucuras da mãe, mas eu tinha a impressão de que também estava pedindo nosso apoio para esquecer os problemas com o ex.

Cauã falou comigo poucas vezes desde que foi embora da minha casa naquele dia, sempre tentando me sondar para descobrir se eu estava com Tessa. Mas quando eu tentava dizer qualquer coisa para aliviar a situação incômoda que ficou entre nós dois, ele parava de me responder. Eu também sabia que andava mandando mensagens para ela com frequência agora, como se tentasse marcar território.

Desviei o olhar para Tessa antes de voltar a focar na estrada. Ela estava encarando a paisagem lá embaixo, que ficava cada vez mais distante conforme continuávamos a subir a serra.

Alguns minutos mais tarde, quando entramos em Teresópolis, liguei o GPS no celular, que já estava preparado com o endereço da casa dela desde que saímos do Rio. A movimentação despertou sua atenção para mim.

— Cara, até o ar daqui é diferente... — falei, tentando quebrar o silêncio.

Tessa respondeu com uma careta, apesar de ter sido um comentário positivo.

— É bom fugir um pouco da correria da cidade grande, mas não me imagino mais respirando esse ar todo dia — confessou, encarando as ruas por onde seguíamos através do para-brisa.

— Por quê? Era ruim morar aqui? — Ergui uma sobrancelha e desviei meus olhos para ela por um segundo antes de voltá-los à estrada.

— Além de não ter muito o que fazer? — Eu ri e ela deu de ombros. — Teresópolis é linda pra caralho, o problema mesmo são os moradores. As pessoas daqui são muito conservadoras e preconceituosas. Acho que é uma tendência de cidade pequena — acrescentou com um suspiro.

Franzi o cenho.

— Mas de que forma isso te afeta? — perguntei, sem entender. Mas então a pergunta pulou da minha língua antes que eu tivesse tempo de considerá-la totalmente: — É por que você é negra?

Ela me lançou um sorriso gentil, como se fosse eu quem precisasse de compaixão. Parecia estar achando graça da minha ingenuidade, mas não era como se eu acreditasse que o racismo fosse uma lenda para criança dormir. Eu não era ignorante. Já vi muitos colegas sendo discriminados na rua, mas ainda era foda aceitar que as pessoas tivessem que passar por esse tipo de situação com frequência, como se não fossem dignas de respeito.

— Eu ouvia mais coisas sobre meu cabelo do que minha pele, mas no fim tá tudo interligado, né? — Ela tocou nos próprios cachos, quase inconscientemente. — As pessoas acham que ofender meu cabelo não torna elas racistas, mas só tão camuflando essa discriminação.

Ela olhou para a janela com o cenho franzido.

— É por isso que você alisava? Pra evitar as ofensas?

Ela hesitou por alguns segundos antes de confirmar com um aceno de cabeça. Então, desviou os olhos para o próprio colo.

— É uma merda que você ainda tenha que passar por esse tipo de discriminação, Tessa. Eu sinto muito mesmo. Sei que é difícil pra mim compreender a dimensão do que você enfrenta todo dia, mas não deixa os outros

mudarem a pessoa que você é. Tanto por fora quanto por dentro. — A desolação em seu rosto me fez, por um impulso, soltar a marcha do carro e pousar minha mão sobre a dela. — Se isso serve de alguma coisa, eu te acho uma mulher incrível. Você é linda de qualquer jeito — disse antes que pudesse me refrear. Não tirei os olhos da estrada e, logo depois disso, levei minha mão de volta à marcha.

Eu não estava dando em cima dela. Mas eu *precisava* fazê-la entender, de alguma forma, que ela era linda *para caralho* do seu próprio jeito e nada do que os outros dissessem ia mudar isso.

Ela, porém, apenas riu e brincou:

— Cantada barata, hein? Tá precisando melhorar. — Mas, olhando-a de esguelha, percebi que suas bochechas estavam coradas.

Em vez de me encarar, Tessa espiou pelo retrovisor as três figuras imóveis no banco de trás. Sua irmã, Jaque e Flávia estavam roncando, uma deitada no ombro da outra. Elas mal aguentaram esperar a primeira meia hora de viagem antes de capotarem. Foi justamente por saber dos precedentes de Priscila e de sua melhor amiga que ela se ofereceu para viajar no banco do carona.

— Ando meio enferrujado. — Cocei a cabeça, fingindo vergonha. — Tô precisando voltar a sair mais.

— Por que não tem saído? — perguntou, com um sorriso brincalhão. — Tô tomando muito do seu tempo?

— É, algo do tipo — respondi em meio a uma risada.

— Ouvi falar tanto do Lucas mulherengo. Acho que fizeram propaganda enganosa sua. — Ela evitou falar o nome de Cauã, mas era mais do que óbvio que tinha sido ele o autor da informação.

— O Cauã é um exagerado da porra. Não sei de onde ele tirava isso.

— Então você não é mulherengo? — questionou, com curiosidade.

Eu dei de ombros.

— Não sei, o que define um mulherengo? É só pela quantidade de pessoas com que você fica?

— Hm, depende do número. — Ela levantou as sobrancelhas, sugestiva. Eu sorri ao perceber que Tessa estava me sondando, tentando ouvir um pouco sobre minhas relações amorosas.

— Você não vai receber números, safada — retruquei enquanto a empurrava pelo ombro, rindo. — Ele só dizia isso porque nunca me via namorando.

— Você é um daqueles caras antirrelacionamento? Ou só tinha mulheres demais para você querer sossegar?

— Não tenho nada contra relacionamentos. Eu só nunca encontrei ninguém que mexesse comigo. — Abri um meio sorriso para ela. Pelo canto do olho, vi Tessa me analisar, tentando descobrir alguma informação a partir da minha expressão, mas eu continuei apenas sorrindo até que fomos interrompidos pelo GPS.

Você chegou ao seu destino.

Ela olhou para a direita e deixou escapar um suspiro ao ver o muro branco que escondia a casa onde morou por toda a sua vida. Em seguida, se virou para trás e começou a bater no meu banco com força enquanto gritava:

— Chegamo, cambada!

Antes que as garotas entendessem o que estava acontecendo, ela tirou uma chave da bolsa e saiu do carro para abrir o portão da garagem.

DEZESSEIS

(TESSÁLIA)

4 ANOS ATRÁS

Apresentei Cauã para minha família no aniversário da minha mãe, em setembro, quase dois meses depois de começarmos a namorar. É claro que todo mundo o adorou. Cauã tinha esse jeito expansivo e divertido que encantava qualquer pessoa, mas, mais do que isso, ele *sabia* como se tornar exatamente aquilo que os outros esperavam dele. Para Priscila, ele foi como um irmão mais velho, contando as aventuras doidas da sua adolescência de um jeito que a deixava vidrada em suas palavras. Com Larissa e Rodrigo, ele foi respeitoso e maduro. Com minha mãe, ele se ofereceu para ajudar na arrumação da festa e estava sempre elogiando sua aparência, chamando-a pelo nome, e não *dona* Laura ou senhora, que era uma coisa que ela detestava — e, é claro, sobre o qual eu o tinha alertado antes de conhecê-la.

Depois disso, todas as vezes que eu falava com qualquer uma delas, a pergunta “e o Cauã, como está?” era uma das primeiras coisas que eu ouvia. Então, quando o aniversário de Priscila chegou, em novembro, no meio do feriadão do Dia da Consciência Negra, eu nem fiquei surpresa pelo alvoroço que fizeram para falar com ele.

— Às vezes tenho a impressão de que minha família gosta mais de você do que de mim — sussurrei enquanto seguíamos para o meu antigo quarto, depois que finalmente consegui libertá-lo.

Quando abri a porta, uma pontada de nostalgia me abateu, como vinha acontecendo todas as vezes que voltava para casa desde o início do ano. O cômodo permanecia intacto, mesmo que já fizesse dez meses que eu tinha me mudado.

Quando ainda éramos três irmãs morando sob o mesmo teto, eu costumava dividir quarto com Priscila. Larissa, por ser a mais velha, conseguiu o privilégio de ter seu próprio espaço — espaço esse que nossa irmã se apossou assim que Larissa saiu de casa para cursar faculdade. Agora que eu também tinha ido embora, meu velho quarto ficou vazio, à espera de hóspedes.

Cauã se jogou em uma das camas enquanto eu apoiava minha mochila na escrivaninha.

— Como não gostar da minha pessoa maravilhosa, né? — zombou, me fazendo rir da sua prepotência.

Eu me virei, um sorriso no rosto, e ele estendeu a mão, gesticulando um convite para que eu me aproximasse. Assim que cheguei perto o suficiente da cama, ele segurou meu punho e me puxou para o colchão tão rápido que, quando percebi, Cauã já estava em cima de mim.

Um sorriso malicioso se abriu no meu rosto.

— É mesmo? Não vejo tanta *maravilhosidade* assim... — provoquei, pousando minhas mãos na sua cintura por baixo da camisa. Cauã ergueu uma sobrancelha.

— Não, é? — E, então, encostou o lábio no meu pescoço, logo abaixo do lóbulo da orelha, tão de leve que eu mal podia sentir o toque.

Um arrepio subiu pela minha espinha, me fazendo tremer involuntariamente. Cauã se afastou o suficiente para me olhar nos olhos.

— Ainda não? — Eu neguei com a cabeça, incapaz de confiar em minha própria voz. Ele voltou a encostar a boca no mesmo ponto, aprofundando um beijo dessa vez, enquanto deslizava os dedos pelo outro lado do pescoço até entrelaçá-los aos meus cachos. Cauã fechou a mão, segurando meu cabelo com força. — E agora?

Ainda tive coragem de negar mais uma vez antes de Cauã colar os lábios nos meus. Ele soltou o peso do próprio corpo sobre o meu, envolvendo minhas costas com um braço e se pressionando contra mim. A mão em meus cabelos se desprendeu e desceu pelo meu corpo até alcançar meu seio. Eu gemi contra sua boca e...

— Tessinha, tô entrando! — A voz da minha mãe quebrou o momento, fazendo com que Cauã pulasse para longe, tanto quanto a cama de solteiro permitia.

Eu ainda tentava recuperar o fôlego e Cauã escondia a ereção na calça quando minha mãe entrou, cobrindo os olhos com uma das mãos. A outra estava erguida na frente do corpo, como se ela tateasse o local a nossa procura.

— Mãe! — ralhei, completamente frustrada. — O que você quer?

Ela espiou por entre os dedos e, quando percebeu que estávamos compostos, abaixou a mão.

— Não tô atrapalhando, né? — perguntou, dissimulada. Eu apenas a encarei, com a expressão emburrada. — A gente precisa das mãos fortes do Cauã pra ajudar na arrumação lá de fora. Você não se importa de emprestar ele, né, Tessinha? — continuou, como se não estivesse mesmo esperando uma resposta.

— Claro, ajudo sim, Laura! — Cauã foi solícito, apressando-se em levantar da cama para evitar que o momento constrangedor durasse ainda mais.

Eu apenas me sentei, bufando alto.

— Obrigada, querido. Você é um anjo — agradeceu com a voz esganiçada. Ela parecia já estar um pouco bêbada. Em seguida, se virou para mim. — Por que não aproveita esse tempo pra se arrumar, Tessinha? Daqui a pouco os convidados estão chegando.

Olhei para baixo, para a roupa que tinha escolhido antes de sair de casa.

— Mas eu tô pronta.

Minha mãe fez uma careta.

— E você vai com esse cabelo assim? Não vai dar nem uma ajeitadinha nele? — Com uma expressão de desgosto, seu olhar vagou pelos meus cachos sem definição, que deviam estar completamente bagunçados depois dos meus amassos com Cauã. — Você devia mesmo considerar fazer uma progressiva, meu amor, você não imagina o milagre que ela faz! — Ela deixou escapar um suspiro. — Mas a chapinha tá no banheiro, se quiser usar. Cauã, querido, te espero lá fora.

E dizendo isso, saiu do quarto.

Olhei para cima, encarando a expressão constrangida de Cauã.

— Você acha que meu cabelo tá feio? — perguntei, fazendo bico. Ele abriu um sorriso reconfortante e se aproximou, parando entre minhas pernas.

— Não tem nada feio em você, amor. Ele só tá um pouquinho bagunçado. — Cauã ajeitou algumas mechas do meu cabelo.

— Mas você acha que eu devia alisar? Você me prefere de cabelo natural ou alisado?

Com um suspiro, Cauã segurou meu rosto pelo queixo.

— Você quer que eu seja sincero? — Acenei com a cabeça em concordância. — Eu acho que você tinha que alisar, sim. Você é muito bonita pra deixar o cabelo cheio desse jeito, não combina com você. E ia evitar muita coisa que você ouve e sei que te incomoda. Não acha que é mais fácil fazer o possível pra se poupar?

— Eu... Acho que sim...

— *Acha?* Não é você quem vive falando que se pudesse teria nascido de outro jeito? — Ele deu de ombros. — Você não pode nascer de novo, mas pode fazer alguma coisa pra mudar aquilo que te incomoda. — Cauã fez uma pausa, procurando um incentivo em meu olhar para continuar. Talvez tenha percebido a confusão que ainda estava em meu rosto, porque logo voltou a falar: — Acho que você deveria tentar. Só consigo ver pontos positivos.

— E se eu não quiser?

Cauã ergueu a sobrancelha.

— Você tá no seu direito. Mas já sabe o que vou dizer quando você vier chorar no meu colo de novo, né?

É claro que sabia. Cauã nunca foi de meias palavras, nem mesmo na hora de me consolar.

Apenas balancei a cabeça.

— Deixa eu ir lá ajudar a sua mãe. — Ele se abaixou para me beijar, me fazendo esquecer a preocupação por um segundo.

Cedo demais, sua boca se afastou da minha, e ele saiu do quarto.

Eu me levantei e caminhei para o banheiro. Parei na frente do espelho, encarando meu reflexo com desânimo. Não era como se eu odiasse meu cabelo, eu só queria que ele desse um pouco menos de trabalho para cuidar e fosse mais bonito, como os das minhas irmãs... Os comentários preconceituosos também podiam desaparecer, é claro. Mas Cauã estava certo. Eu não podia mudar essa realidade. Então, por que não fazer o que eu *podia*?

Por isso, abri o armário do banheiro, à procura da chapinha. Quando encontrei o aparelho, respirei fundo e comecei a alisar meus cachos.

DIAS ATUAIS

Levamos um tempo para entrar com o carro na garagem e acordar as dorminhocas do banco de trás. Foi só quando eu já estava do lado de fora, com minha mochila nas costas, que me permiti olhar o lugar. Minha velha casa de Teresópolis tinha apenas um andar, mas parecia menor do que realmente era do lado de dentro. A estrutura também escondia o grande quintal que se estendia pela parte de trás do terreno. A pintura branca estava tão desgastada quanto a do muro externo, mas a casa ainda tinha lá seu charme. A porta lateral e as janelas de madeira estavam escancaradas, permitindo que a gritaria de várias mulheres, assim como o som do pagode que tocava alto em algum lugar da casa, nos alcançasse.

Flávia, Jaque e Priscila ainda estavam se espreguiçando quando comecei a andar em direção à casa, seguida por Lucas.

— Ô de casa! — gritei, batendo na porta aberta antes de entrar na sala.

Levou apenas um segundo para o barulho de panelas se chocando invadir meus ouvidos. No instante seguinte, eu estava sendo atacada por berros e beijos de coroas loucas que se dividiam entre cumprimentar minha irmã, que tinha

acabado de entrar na casa, e eu.

— Quase não te reconheci, Tessinha! Já faz quanto tempo que você não vem me visitar? — Minha mãe me sufocou com um abraço, mal permitindo que eu desse parabéns a ela. O cheiro de cerveja penetrou minhas narinas enquanto ela me esmagava.

— Olha o drama, dona Laura, a gente se fala toda semana por vídeo. — Eu comprimi os lábios, em reprovação.

— E você acha lá que eu quero conversar com minha filha por telefone? — reclamou, se afastando para me olhar. — Sua desnaturada. — E me abraçou mais uma vez.

Quando enfim fui libertada, minha mãe abriu um dos seus sorrisos exagerados e me segurou pelos ombros para analisar minha aparência. Eu não voltava para casa fazia quase quatro meses, desde o meu aniversário de 23 anos em maio, mas *tanta* coisa tinha acontecido daquela época para cá que era bem capaz que eu estivesse completamente diferente aos olhos dela. Já minha mãe não tinha mudado nada. Nós costumávamos ter traços muito parecidos antes das plásticas que ela fez ao longo dos últimos anos. Agora, porém, seu nariz era bem mais fino do que o meu e seus seios estavam maiores por causa do silicone. Ainda tínhamos o mesmo tom de pele, mas seus cabelos longos e alisados foram pintados de loiro mel.

— Você ainda não mudou de ideia sobre esse cabelo? — perguntou, com um suspiro decepcionado, enquanto encarava meus cachos curtos.

Revirei os olhos, mas quem a respondeu foi minha irmã.

— E eu acho bom ela não mudar, porque tá maravilhoso! — E antes que minha mãe pudesse retrucar, Priscila a abraçou.

Mas é claro que isso não a impediu de continuar me criticando.

— Sua irmã tá cuidando bem de você? Tá passando fome?

— Mãe, fome eu passava quando morava aqui, com aqueles congelados que você adora comprar! — reclamou Priscila, tentando fugir dos seus beijos.

— Viu, Suzana? — disse minha mãe para sua amiga, que estava mexendo nos meus cabelos, pronta para fazer algum comentário desagradável. — A gente cria filho com todo o amor e carinho pra isso, pra dizer que passava fome em casa.

Suzana, no entanto, começou a gargalhar.

— Você tem é que dar graças a Deus pelos congelados que sua mãe comprava, Priscila! — disse, levantando as mãos para o alto. — Quando ela tentava cozinhar pro seu pai era uma tragédia!

Minha mãe fechou a cara com a zombaria. Suzana era nossa vizinha e as duas eram amigas há anos, mas ela adorava implicar com minha mãe falando sobre meu pai, justamente porque sabia o quanto a irritava.

Tentei amenizar os ânimos mudando de assunto.

— Mãe, esses são os amigos que falei que ia trazer. — Apontei para Lucas e Jaque, que estavam deslocados em meio a toda a loucura da família Sampaio, e apresentei seus nomes. — A Flávia você lembra, né?

— Claro, claro. Faz tempo que não te vejo, lindinha! — Minha mãe abraçou Flávia, mexendo em seus cabelos coloridos como sempre, com uma certa admiração, antes de passar o olhar novamente por entre meus convidados. — E o Cauã, não veio?

— Mãe, a gente terminou, *lembra?* — É claro que ela lembrava. Mesmo assim, todas as vezes que nos falamos depois, ela fez questão de perguntar sobre ele e passar longos minutos discursando sobre como eu precisava segurar meu homem e não o deixar escapar. Eu só não tinha confessado que estava *realmente* seguindo seu conselho. Minha mãe nunca me deixaria em paz se tivesse essa informação em mãos.

— Vocês estão com fome? Acabei de fazer um cafezinho — gritou Rosa, outra amiga da minha mãe, percebendo o rumo que a conversa estava tomando.

— Eu tô *morreeendo* de fome — reclamou Priscila dramaticamente.

A barriga de todos nós pareceu roncar em concordância. Por isso, deixamos nossas mochilas no meu quarto e seguimos para o quintal, onde um café da manhã generoso nos esperava.

DEZESSETE

(TESSÁLIA)

As festas que minha mãe organizava costumavam ser bastante animadas. Mas os *aniversários* de Laura Sampaio estavam em outro patamar. Ela fazia questão de convidar todos os familiares, amigos, vizinhos e conhecidos do seu círculo social, por menor que fosse o grau de amizade que tivesse com eles. É claro que minha mãe não tinha condição de bancar um evento desse inteiro sozinha, por isso ela sempre ficava encarregada da organização e comida, e os convidados, de levar bebidas. O esquema vinha funcionando bem há tanto tempo que ela já nem acrescentava esse detalhe nos convites.

Numa cidade de mentes tão pequenas, era engraçado ver como a festa da minha mãe lotava. Dos mais puritanos aos mais rebeldes, nosso quintal ficava abarrotado de pessoas da cidade que aproveitavam o evento para fugir das restrições em que se colocavam o ano todo — ou ter em primeira mão as fofocas que certamente viriam dali.

O começo da festa costumava ser o meu preferido. Nas primeiras horas, a maioria dos convidados ainda era composto pelas pessoas que realmente importavam. Era durante aquele curto tempo que o evento mais parecia uma festa de aniversário. Eu aproveitava para matar a saudade dos amigos e familiares que só tinha oportunidade de rever quando estava de visita, para dançar e beber sem me importar com os olhares dos quase desconhecidos e, claro, para me entupir de comida.

Este ano, no entanto, eu estava preocupada demais para curtir tanto quanto gostaria.

— Jaque — chamei, tentando falar o mais baixo possível por cima da música. Flávia e Lucas dançavam na nossa frente, alheios ao meu cochicho. Jaque olhou para mim, se aproximando para escutar melhor. — Não esquece de tirar umas fotinhos de vez em quando pra eu postar...

Abri um sorriso, tentando não parecer desesperada. Às vezes, eu sentia como se estivesse abusando de Jaque, mas ela era a única com quem eu podia contar para me ajudar com o plano. E ela tinha oferecido, afinal. O que não tornava a situação menos constrangedora.

Jaque chegou ainda mais perto e me tirou para dançar.

— Tessa, relaxa e faz o que o passo tá mandando. — Suas mãos me conduziam a seguir o ritmo do sertanejo animado que tocava ao fundo.

— Mas é o que eu tô te pedindo, ué...

Ela abriu um sorriso.

— Você tá esquecendo a parte mais importante: *divirta-se*. — Jaque se afastou, dançando ao meu redor e batendo seu quadril no meu, incentivando-me a acompanhá-la.

— Mas eu não posso esquecer de registrar tudo, né? — reclamei, sem conseguir relaxar com suas brincadeiras.

— Você não precisa fazer uma *live* do evento.

— Mas...

— Posso dar uma sugestão? — Ela parou de dançar e me encarou. Acenei com a cabeça, hesitante. — Postar várias coisas sobre a festa *durante* a festa vai parecer que tá chato ou que você tá querendo se mostrar. O Cauã não sabe que você vem?

— Sabe — afirmei, com um meio sorriso. Desde que descobriu que Lucas e eu éramos amigos, Cauã vinha mandando mensagens com frequência, como se o tempo que passamos sem contato nem tivesse existido. E ele não apenas se lembrou da data de aniversário da minha mãe, como também perguntou sobre as tradicionais festas de dona Laura. Foi preciso muita pressão de Jaque para que eu não o convidasse a vir.

— Então pode ter certeza de que ele já tá de olho na internet pra saber de você. Sumir das redes sociais um pouco vai mostrar que você tá se divertindo *tanto* que até esqueceu o celular!

— É, acho que você tem razão... — concordei, meio incerta.

— Eu tenho *muita* razão! Agora mexe mais esse quadril porque você tá muito dura. — Suas mãos pararam na minha cintura e me forçaram a balançar até que eu me soltasse. Eu gargalhei alto e acabei relaxando.

Jaque estendeu a mão para Flávia, que ela tinha conhecido mais cedo, quando nos encontramos para viajar, e Lucas, convidando-os a se aproximarem. Juntos, nós quatro rimos, dançamos e bebemos como um grupo de melhores amigos de longa data.

Em algum momento da noite, Jaque e Flávia sumiram para pegar bebida. Lucas chegou mais perto e começou a me conduzir ao som de um forró que eu não conhecia. Meu corpo estava leve, livre para ser conduzido, e minha mente se esvaziou, focando apenas na diversão do momento e no cheiro de tabaco do seu perfume.

Lucas segurou minha mão e me rodopiou, totalmente fora do ritmo, então é claro que eu voltei cambaleando e tropeçando em meus pés. Eu ri quando bati em seu peito, espalmando minhas mãos em seu tórax para me equilibrar.

— E eu já tava aqui pensando que você levava jeito. — Abri um sorriso divertido e Lucas me retribuiu com uma risada de tirar o fôlego.

— Quem disse que não foi proposital? — gracejou, olhando para baixo, onde minhas mãos ainda estavam apoiadas.

Ele estava brincando. Eu sabia disso. Mesmo assim, não pude deixar de notar quão perto nós estávamos. E do quão arrepiado meu braço ficou quando suas mãos seguraram meus punhos. Eu me senti quente de repente, ainda que o vento do inverno soprasse gelado naquela noite.

Voltei a encarar Lucas e percebi que havia em seus olhos um desejo novo, que eu nunca tinha visto antes naquele par de olhos negros. Eu não podia negar que, de uns tempos para cá, minha visão sobre Lucas tinha mudado e muito. Tudo o que eu pensava sobre ele, tanto em relação à personalidade, quanto à beleza física, haviam se transformado depois que eu o conheci de verdade. Ele deixou de ser apenas o menino *hipster* mulherengo, amigo do meu namorado, para ser um homem que eu admirava — alguém que definitivamente chamaria minha atenção. Eu tinha noção daquela mudança dentro de mim. Mas a atração que eu

estava sentindo naquele momento era algo muito diferente. E, pelo que podia ver em seu rosto, ele estava sentindo exatamente a mesma coisa.

Mas eu não podia fazer aquilo... Podia? Eu estava apaixonada pelo melhor amigo dele, desesperada para reconquistá-lo. Ficar com Lucas seria destruir tudo pelo que eu vinha lutando nos últimos meses.

Eu me forcei a recuar. Nós nos encaramos por alguns segundos, sem saber o que dizer, quando fomos interrompidos por um grito. Alguém estava berrando meu nome por cima do barulho da festa. E eu conhecia *muito bem* aquela voz.

— Tessália, sua piranha sumida! — Olhei para trás e encontrei a Agatha, minha amiga de infância, correndo em minha direção. Logo atrás dela estavam Lorena e Renata. O trio me alcançou, uma após a outra, e começou a pular e gritar enquanto se agarravam a mim. Pelo canto do olho, vi Lucas baixar a cabeça e segurar os cabelos em frustração antes de sair de perto de nós quatro.

Eu suspirei, sem saber o que pensar sobre o que tinha acabado de acontecer, e tentei deixar isso de lado para aproveitar o reencontro com minhas amigas.

DEZOITO

(TESSÁLIA)

Mais tarde, quando metade dos presentes já eram rostos desconhecidos, senti meu celular vibrar no bolso.

Era uma mensagem de Cauã.

E não era a primeira.

[22:21, 18/9/2016] Cauã Oliveira:

E aí, como ta a festa?

[23:56, 18/9/2016] Cauã Oliveira:

Deve ta boa, né? haha

00:17, 18/9/2016

Ligação perdida de Cauã Oliveira

[00:18, 19/9/2016] Cauã Oliveira:

Me liga quando puder

Há quase duas horas, alguns minutos antes da primeira mensagem, eu tinha postado um vídeo em que Jaque, Flávia, Lucas, minhas amigas de Teresópolis —

Lorena, Renata e Agatha — e eu brindávamos e bebíamos nossos drinks na pista de dança improvisada. Desde então, não tinha mais mexido no celular — em parte, porque queria seguir as dicas de Jaque, mas também porque realmente passei longos períodos da noite sem nem pensar nisso.

Preocupada com a última mensagem, eu me afastei do grupo, em direção ao interior de casa. Quando estava quase na porta, alguém segurou meu braço.

— Tessinha! Quase não te vi na festa! — Minha mãe tropeçou, tentando chegar mais perto, e riu da própria falta de jeito. Eu a segurei pelos braços por reflexo, impedindo-a de cair de cara no chão. — Acho que tô um pouquiiinho bêbada. — Ela juntou o polegar e o indicador para demonstrar a quantidade. Exceto que, é claro, ela não tinha bebido só um pouquinho.

— Você *acha*? — perguntei, já irritada. Mesmo acostumada, eu não conseguia evitar ficar estressada. Toda festa era a mesma coisa e, toda festa, minhas irmãs e eu tínhamos que cuidar dela passando mal depois. É claro que aquele era o aniversário *dela*, mas minha mãe podia nos poupar do trabalho, e das fofocas, pelo menos uma vez.

— Por que essa cara fechada, Tessinha? Não foi assim que eu te ensinei a se divertir. — Ela tocou os cantos da minha boca com os dedos e forçou um sorriso.

— Ah, mãe, dá licença — pedi, sem paciência, tirando suas mãos do meu rosto e voltando a seguir meu caminho para casa.

Antes que mais alguém pudesse me interromper, corri para dentro e desbloqueei meu telefone.

Cauã atendeu no terceiro toque.

— Oi! Tá tudo bem? — perguntei, assim que ouvi sua voz.

— Tá, sim. Eu só queria saber de você. Tá curtindo a festa?

— Ah... — Não consegui conter um sorriso e fiquei aliviada por ele não poder me ver. — Tá ótima! Tô curtindo, sim. — Tentei ser curta e soar o mais desinteressada possível com sua ligação, apesar de isso ser muito difícil. — E você? Decidiu sair?

— Sim, acabei vindo pra uma social na casa do Júlio. Só os caras, sabe? Ver o jogo, beber e tal — disse, despretensiosamente.

Assenti, sentindo meu sorriso morrer. Não é que eu me importasse que Cauã saísse. Nunca tinha me importado de verdade, não como ele. O que me incomodava era a mentira explícita em sua voz. Ou talvez eu tivesse ouvido as mesmas frases tantas vezes que já sabia o que significava. No segundo seguinte, um som de risadas femininas surgiu ao fundo da ligação. O silêncio de Cauã foi a maior prova da sua culpa.

Mordi o lábio, contendo a ânsia de começar a discutir e tirar satisfação. E, então, soltei uma risada relaxada. Ou tentei, pelo menos.

— Você sabe que não precisa mentir pra mim, né, Cauã? A gente terminou. Estamos solteiros e livres pra fazer o que quiser.

— Tess, eu não...

— Relaxa, tá? Curte aí a social. Preciso voltar aqui pra festa. Depois a gente se fala. — Desliguei a ligação, sem dar chance para ele se despedir.

Respirei fundo e fechei os olhos, para só então soltar o ar pela boca de uma vez só. Jaque ia me matar se soubesse que eu tinha ligado para ele. Mas eu achava que tinha lidado bem com a situação considerando a besteira que cometi, mesmo que minha irritação estivesse a ponto de explodir. Eu queria xingar e urrar de raiva, mas tudo o que fiz foi descontar minha frustração batendo na bancada da cozinha.

E, então, saí de casa direto para a área da churrasqueira que, naquela noite, estava sendo usada para guardar os petiscos da festa e as bebidas que os convidados tinham levado. Abri o freezer e peguei duas garrafas cheias com batida, uma de morango e outra de abacaxi. Evitei passar por perto dos meus amigos e procurei um canto escondido do terreno para me refugiar. Acabei seguindo para um corredor estreito entre a parede da casa e o muro lateral. No entanto, assim que encostei na parede e dei o primeiro gole, ouvi passos apressados se aproximarem.

— Ei, tá tudo bem? — Lucas apoiou a lateral do corpo na parede ao meu lado, encarando meu semblante irritado. Ele já não parecia muito sóbrio, mas ainda estava bem o suficiente para perceber meu estresse.

— Tudo ótimo — respondi com a voz estridente. Ele ergueu uma sobrancelha, claramente não acreditando em mim. — Não pergunta, só bebe — mandei, estendendo uma das garrafas para ele. Eu não queria desabafar naquele momento. Só queria beber e curtir tanto quanto Cauã estava fazendo só para ele sentir na pele o que eu estava sentindo.

— Você tá tentando me embebedar? — perguntou Lucas, com uma risada que eu não retribuí. Mesmo assim, a expressão bondosa não saiu do rosto dele.

Lucas mudou de posição, apoiando as costas no muro do terreno, de frente para mim, e aceitou a bebida. Em poucos minutos, tínhamos acabado com a batida de morango.

Quando dei o último gole da garrafa, a música pop que ecoava das caixas de som chegou ao fim e foi substituída pela batida de um funk que eu adorava.

Deixei escapar um gritinho que fez Lucas pular para trás.

— Chegou o meu momento! — expliquei, rindo da expressão assustada dele.

— Esqueci que você gosta dessas coisas — debochou, me observando balançar empolgada com a batida.

— Espero que você não seja daqueles elitistas musicais. — Eu sabia que não, mas quis implicar mesmo assim.

— Jamais. Inclusive, até danço, mas não tô bêbado o suficiente pra isso — respondeu, sem cair na pilha.

— Não seja por isso! — Eu abaixei para colocar a garrafa vazia no chão e peguei a batida de abacaxi que tinha guardado. Assim que levantei, estendi a bebida para ele.

Lucas deu uma risada.

— Isso aqui não vai me fazer dançar funk — avisou antes de dar um longo gole.

— Não, quem vai sou eu! Cala a boca e me acompanha. — Parei ao lado dele e dobrei os joelhos, apoiando minhas mãos neles. Comecei a mexer o quadril e

Lucas me imitou, com bem menos habilidade. Eu gargalhei de sua falta de jeito, mas continuei a dançar, seguindo o ritmo da música e cantando com empolgação.

Quando a música mudou, roubei a garrafa da mão dele para beber mais e dei a volta em Lucas em seguida, parando atrás dele. Segurei seu quadril com a mão livre para guiá-lo na dança.

— Tô vendo você aí querendo se aproveitar de mim. — Ele olhou para trás por cima do ombro, e eu dei língua.

— Não preciso de desculpa pra isso. — E, como que para provar, dei tapinhas na bunda dele no ritmo da música.

— Opa! — Lucas deu um pulo, a expressão dividida entre a surpresa e a diversão quando se virou para mim.

— Não foge, não! Vem cá — chamei, rindo. Segurei seu punho para puxá-lo de volta, mesmo que o espaço não permitisse que ele se afastasse mais do que a distância de um braço. Lucas chegou perto de novo e pegou a garrafa da minha mão antes de beber.

Eu segurei na cintura dele, forçando um movimento para que voltasse a dançar. Lucas conteve o riso para não cuspir a bebida e baixou o olhar, observando minha expressão concentrada. Abri um sorriso divertido e reparei que os olhos dele já estavam meio caídos por causa do álcool. Havia, no canto da sua boca, um meio sorriso que parecia permanente. Levantei a mão para secar uma gota de suor que escorria por sua bochecha.

Nada no mundo podia explicar por que fiz o que fiz em seguida, mas em vez de recolher minha mão quando terminei, eu a deslizei até a nuca de Lucas. No segundo seguinte, puxei-o para mais perto e coleí meus lábios nos dele.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**
- ✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
- ✓ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**
- ✓ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**
- ✓ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**
- ✓ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**

É chegada a hora do reencontro! Mas é claro que será uma saída apenas “como amigos”. É hora de jogar seu charme e deixá-lo babando, sonhando com aquilo que não pode mais ter... Ou, pelo menos, é o que ele pensa.

☐ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**

☐ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**

☐ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**

☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

DEZENOVE

(LUCAS)

Meus olhos estavam vidrados na televisão, apesar da minha cabeça estar em outro lugar. Pelo canto do olho podia ver a expressão concentrada de Cauã, determinado a me matar a qualquer custo — e pelo jeito, isso não ia levar muito tempo. Eu estava perdendo feio no jogo desde a primeira partida que jogamos. Ele tinha chegado fazia quase uma hora, então isso queria dizer partida *pra caralho*.

Eu não tinha recebido nenhum aviso sobre sua visita, nem mesmo um indício de que queria retomar nossa amizade. Por isso, quando abri a porta de casa para recebê-lo, pensei que estava ali para me dar um soco na cara ou algo pior. Tudo o que ele disse, porém, foi:

— Tá livre? Bora jogar? — E foi entrando como se nada tivesse acontecido.

Cauã nunca tinha sido muito bom com desculpas, então eu sabia que aquela era sua forma de pedir uma trégua. Mas, puta merda, ele não podia ter escolhido um momento pior para tentar uma reconciliação! Não quando eu tinha acabado de fazer uma merda colossal.

Quando Tessa me beijou na festa de sua mãe, ela me pegou totalmente desprevenido. De todas as formas que eu já tinha imaginado a cena — e, confesso, já tinha imaginado mais vezes do que deveria — nunca foi ela quem deu o primeiro passo.

No instante que se aproximou de mim, porém, minha mente parou de funcionar e eu só consegui corresponder. Uma das minhas mãos se entrelaçou em seus cabelos, seguindo seus movimentos enquanto ela me beijava. Com a outra, eu a abracei pela cintura para puxá-la para mais perto. De longe, conseguia ouvir os barulhos da festa, e o funk alto que ecoava pelas caixas de som, mas a única coisa que conseguia chamar minha atenção era o toque das mãos de Tessa pelo meu corpo.

Minha consciência só deu sinal de vida quando um barulho de risadas — perto demais do lugar afastado onde estávamos — invadiu meus ouvidos. Eu me separei bruscamente de Tessa, batendo de costas contra o muro do terreno, e a encarei, chocado, enquanto arfava com dificuldade.

Tessa parecia ainda mais assustada do que eu. Ela levou a mão à boca, arregalou os olhos e disse:

— Lucas, desculpa, eu... — Mas não conseguiu terminar a frase.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Tessa saiu correndo em direção à entrada principal da casa, longe da confusão da festa. Engoli em seco e fui atrás dela. Eu não tinha ideia do que dizer, mas não podia deixá-la se martirizar.

— Tessa, espera aí. Vamos conversar — chamei assim que a alcancei, já dentro da sala vazia da casa dela. Segurei sua mão, impedindo que continuasse a fugir, e Tessa se virou para mim parecendo acuada.

— Eu nem sei o que dizer pra você, Lucas. Tô muito envergonhada, não sei por que fiz isso. — Seus olhos estavam focados no chão, como se ela não tivesse coragem de me encarar.

— A gente bebeu um pouco mais do que devia e só aconteceu, foi o calor do momento. Não tem nada demais — tentei tranquilizá-la. Pela expressão ainda assustada no rosto dela, eu não tinha sido bem-sucedido.

— Como não foi nada demais? A gente é amigo, não te vejo desse jeito, sabe? E você é amigo do Cauã e eu... eu... — Ainda era apaixonada por ele, era o que queria dizer. Mas ela engoliu as palavras e apenas me encarou.

— Ninguém precisa saber disso, tá? Fica só entre a gente, não vai acontecer de novo. — Juntei a palma das mãos, sinalizando minha promessa, mesmo que por mim aquilo pudesse acontecer quantas vezes ela quisesse.

Tessa concordou com a cabeça, mas não pôde dizer mais nada porque, no segundo seguinte, um barulho de vidro se estilhaçando chamou nossa atenção. O som tinha vindo da cozinha.

Nós corremos para o cômodo e encontramos a mãe dela, ajoelhada em meio a um mar de vidros estilhaçados. Laura estava rindo sem motivo, sem se importar

com o caos ao seu redor.

— Mãe! — reclamou Tessa, histérica, quando percebeu o estado alcoolizado da mais velha.

— Ops... Derrubei sem querer. — Ela levou a mão à boca, fingindo surpresa.

— O que você tá fazendo aqui dentro? — perguntou, com um tom ríspido. — Já acabou com a bebida toda da festa?

— Claro que não! É que tava tuuudo girando, vim respirar um pouquinho longe do tumulto — admitiu, a voz embolada e uma expressão sapeca no rosto.

Tessa deixou a cabeça pender, cansada, e respirou fundo. Em seguida, me encarou, e sua expressão pareceu um misto de vergonha e preocupação.

— Dona Laura — chamei sua atenção depois de me agachar na frente dela. — Por que a senhora...

— Senhora é a senhora sua avó — corrigiu, irritada.

— Desculpa — pedi, erguendo as mãos em rendição. — Por que *you* não vai tomar um banho, troca de roupa e descansa um pouquinho pra poder aproveitar ainda mais a sua festa? Tá só começando, você precisa estar bem pra curtir mais, né?

Seus olhos se encheram de compreensão. Ela acenou com a cabeça e aceitou a mão que eu tinha estendido para ajudá-la a se levantar.

— Tem razão. — Ela continuou sacudindo a cabeça, parecendo cada vez mais confiante de que eu estava certo. Ela olhou para si mesma, coberta de vinho tinto. — Como vou aparecer pros meus convidados assim? Não dá.

Laura ficou de pé e pulou os cacos de vidro de maneira cambaleante. Ela seguiu em direção ao corredor, sem olhar para a filha. Tessa deixou escapar um suspiro e correu para alcançá-la, abraçando-a pelo ombro para ajudar a mãe a se equilibrar. Antes de entrarem no banheiro, Tessa olhou para trás e me deu um sorriso de agradecimento.

— Obrigada! — pude ler seus lábios dizerem sem som. Em seguida, sumiu

pelo portal do banheiro.

Eu me virei para limpar os cacos de vidro no chão da cozinha. Enquanto fazia o serviço, não consegui impedir minha mente de voltar ao nosso beijo. Bufei alto, me xingando por ser tão imbecil de me permitir acreditar, por um segundo, que Tessa podia sentir alguma coisa por mim.



— Olha, cara — a voz de Cauã afastou meus pensamentos do último final de semana —, eu aceito a sua palavra, tá bem? Eu acredito que não tem nada entre você e a Tess.

Na televisão, os dizeres “game over” estamparam o meu lado da tela. Eu desviei os olhos do jogo e encarei o rosto de Cauã. Seu maxilar estava contraído e ele evitava me encarar. Dava para ver o quanto estava sendo difícil para ele admitir aquilo.

— A gente é amigo há tempo pra caralho. Não vale a pena ficar brigando por mulher. — Sua expressão se suavizou e ele estendeu a mão para mim. — Que acha de uma trégua?

Meu olhar desviou da mão para o rosto dele, procurando qualquer vestígio de zombaria em seus traços.

— Eu acho ótimo — confirmei com a boca seca, retribuindo o aperto de mão.

Ele me puxou para um abraço e me deu algumas palmadinhas nas costas antes de se afastar.

— Então, bora — disse, se levantando de repente.

— Aonde? — Não consegui esconder a surpresa na minha voz.

— “Bebemorar”, é claro.

Cauã abriu um sorriso animado, me fazendo relaxar. Mas a minha tranquilidade

só durou até ele estacionar em frente a um bar conhecido.

— Puta merda, Cauã. Você tá falando sério?

— Tá maluco, Lucas? — Ele arqueou a sobrancelha, em inocência. — Só tô indo me divertir com meu amigo. Tem algo errado nisso?

Ele abriu um novo sorriso, debochado dessa vez, antes de abrir a porta do carro e sair. Inspirei fundo, irritado, e encostei minha cabeça no apoio do banco por alguns segundos antes de me render e correr atrás dele.

VINTE

(TESSÁLIA)

Desviei o olhar para a entrada do bar pela milésima vez quando percebi um movimento no corredor principal. Assim que fitei o grupo que entrava, porém, eu suspirei em decepção, voltando a me afundar na cadeira.

É claro que não era *ele*.

Será que ele viria mesmo?

Será que meu plano daria certo?

Ou será que eu só estava me enganando, acreditando que podia reconquistar alguém que já não estava mais nem aí para mim?

Voltei a encarar minhas amigas, frustrada. Jaque e Flávia tinham entrado em uma discussão sobre política havia alguns minutos e Priscila, que tinha se autoconvidado, paquerava um garoto com cara de bebê na mesa ao lado.

Bufei, entediada.

Não é que eu não estivesse feliz na companhia das minhas amigas, mas desde o último final de semana, eu estava ainda mais impaciente do que o normal com *O Plano*. Precisava *tanto* que desse tudo certo que vinha perdendo o sono pensando em estratégias melhores, qualquer coisa que me fizesse sair daquele estado de incerteza em que me encontrava. Naquela semana, decidi convidar Jaque e Flávia para uma noite das garotas e deixei escapar para Cauã, “sem querer”, onde estaria.

Mas já faziam quase duas horas que tínhamos chegado e Cauã não tinha nem mesmo dado sinal de vida.

Tomei um gole do *mojito* na minha frente, já aguado por causa do gelo

derretido. Eu só tinha pedido o drink porque as meninas insistiram. Tudo o que eu mais queria no momento era distância de álcool. Não bastasse ter tido que cuidar da minha mãe bêbada durante a festa — e no dia seguinte —, eu também não queria nem lembrar o outro incidente do final de semana provocado pelo meu estado alcoolizado. Lucas vinha me evitando desde que voltamos de Teresópolis e eu mesma não sabia como continuar a tratá-lo da mesma forma depois de ter assediado o garoto!

Apoiei minha testa na borda da mesa, desolada. A discussão entre Jaque e Flávia parou na mesma hora e eu ergui a cabeça rapidamente, querendo evitar qualquer suspeita sobre os motivos do meu desânimo.

— Tessália... — Mordi o lábio, receosa, quando encarei Flávia, mas o olhar dela estava preso em algum ponto atrás de mim. — O que esse imbecil tá fazendo aqui?!

Eu me virei tão rápido que não sei como meu pescoço não quebrou. Mas lá estava ele! Tão lindo como sempre, com os cabelos castanhos agora bem maiores e totalmente presos num coque no alto da cabeça.

— Tessa, não me diz que você chamou ele aqui! — exclamou Flávia, irritada. — Você não tá seguindo aquele plano ainda, tá?

— Eu não! — neguei, dissimulada, quando voltei a encará-la. Priscila e Jaque olharam para o próprio colo, sem dizer nada. — Não sei por que ele tá aqui!

Virei o pescoço novamente e, nesse momento, Lucas apareceu na entrada, correndo afobado até alcançar Cauã. Eu me endireitei na cadeira, os olhos arregalados.

— Não acredito! — Ouvi a Flávia reclamar. Mas antes que ela pudesse tirar qualquer outra conclusão, o olhar de Cauã encontrou o meu. Ele abriu um sorrisinho e começou a caminhar na nossa direção.

Tentei conter minha alegria apesar dos olhares desconfiados da minha irmã e de Jaque. Eu não tinha compartilhado meu plano para aquela noite com nenhuma das duas.

— Que coincidência encontrar vocês aqui, garotas! — disse Cauã assim que alcançou nossa mesa. Eu evitei encará-lo, com medo de entregar minha culpa.

Em vez disso, meu olhar encontrou o de Lucas, que parecia frustrado com a situação.

— Coincidência desagradável, né? — grunhiu Flávia. Ela se virou para Lucas.
— Você não tem vergonha na cara, não? De trazer seu amiguinho inconveniente justo pra cá?

— Ei! Calma aí! — Ele ergueu as duas mãos, as palmas viradas para Flávia, enquanto tentava se defender. — Não sabia que ele tava vindo pra cá! Eu nunca teria vindo se...

— Para de ficar se explicando pra essa garota, Lucas. Você virou cãozinho delas agora? — Cauã abraçou o amigo pelo pescoço e se virou para mim. — Você não acha que tava melhor sem essa daí, não, Tess?

Revirei os olhos. Outra briga entre Flávia e Cauã era tudo o que eu *não* queria. Além do mais, eu tinha que parecer indiferente, como se não estivesse afetada pela presença dele. Tive que repetir isso como um mantra na minha cabeça antes de dizer, com o coração acelerado:

— Você perdeu alguma coisa aqui, Cauã? Ou será que dá pra deixar a gente se divertir em paz? — Senti minha boca seca e escondi minhas mãos debaixo da mesa, para que ninguém visse o quanto eu estava tremendo de nervosismo.

Ele ergueu a sobrancelha, surpreso com a minha resposta. Então, soltou o pescoço de Lucas, franziu os lábios e ergueu os braços na altura dos próprios ombros, fazendo uma pequena reverência.

— Como quiser. — Seu tom, no entanto, era de irritação contida.

Ele se virou de costas e analisou o lugar antes de seguir para uma mesa vazia.

— Eu não sabia mesmo que ele tava vindo pra cá. Desculpa, Tessa. — A expressão preocupada de Lucas fez eu me sentir ainda mais culpada pela mentira. Engoli em seco, finalmente percebendo que aquela era a primeira vez que o via desde que voltamos de Teresópolis.

— Relaxa, a gente acredita em você — foi Jaque quem o tranquilizou. Em seguida, ela ergueu uma sobrancelha. — Mas vocês não estavam sem se falar ou algo assim?

Lucas assentiu.

— Ele apareceu do nada lá em casa hoje, pediu desculpas e me chamou pra vir beber. — Ele franziu o cenho. — Como ele sabia que vocês estavam aqui, eu não sei. Vocês postaram alguma coisa?

— Eu postei — admiti, ainda que tivesse sido proposital. Eles não precisavam saber disso, é claro.

— Gente, deixa pra lá, vamos só ignorar esse cara. — Minha irmã nos interrompeu, parecendo entediada com a conversa. — Lucas, desculpa, mas a gente só ganha dose dupla se só tiver mulher na mesa.

— Que garota abusada! Parece até que foi convidada! — Ergui uma sobrancelha para ela, tentando alcançá-la com meu braço por cima da cadeira de Jaque para um tapa.

Lucas deixou escapar uma risada.

— Tá tranquilo. Melhor eu ficar por lá mesmo, pra evitar que ele faça alguma besteira. — Ele pousou a mão no meu ombro em sinal de despedida, provocando uma reviravolta no meu estômago, antes de seguir até a mesa em que Cauã tinha sentado.

Ok, então talvez Lucas não estivesse exatamente me evitando — eu é que ainda estava mortificada demais para agir naturalmente. Mas como ele podia ser assim comigo, como se nada tivesse acontecido?

— Cara, como é que o Lucas consegue ser amigo desse babaca, hein? — Saí do meu devaneio, encarando Flávia. Agora que ambos tinham ido embora e meu nervosismo começava a diminuir, minha irritação pela forma como ela agiu explodiu de repente.

— Você precisa ficar agindo assim? — perguntei, cruzando os braços. — Você prometeu que ia tentar me entender.

— Eu tô tentando te entender. Mas não preciso entender ele, né? — Ela abriu um sorriso falso, em deboche. — Pelo amor de Deus, ele tá te perseguindo, Tessa!

— Gente, gente, por favor. — Jaque estendeu os braços na nossa frente, tentando desviar nossa atenção para ela. — Vocês não percebem que ele veio aqui pra isso? Pra provocar a Tessa e todo mundo? Vocês vão mesmo deixar isso acontecer?

Abri a boca para contradizê-la, mas fechei novamente sob o olhar de Jaque. Ela já tinha entendido que aquilo tudo fazia parte do meu plano. É claro que estava apenas atuando para a Flávia.

— Não seria engraçado... — interrompeu minha irmã, fazendo uma pausa enquanto nossos olhares se viravam para seu rosto. Ela abriu um sorrisinho. — Se a Tessa é quem acabasse provocando ele hoje?

— Como assim? — perguntei, inquieta, apesar de saber exatamente o que se passava na cabeça de Priscila.

— Ele tem que confiar muito no próprio taco pra achar que pode te balançar assim — ela estendeu a mão na direção dele —, só de vir aqui e ficar dando em cima de outras garotas na sua frente.

— Quê?! — Eu me virei rapidamente, olhando na direção que Priscila tinha apontado.

Cauã conversava com uma garota na mesa ao lado enquanto Lucas bebericava sua cerveja, observando os dois com uma sobrancelha erguida. Cauã apoiava seu braço na própria cadeira, mas seu corpo estava virado completamente para a garota. Em seu rosto, exibia aquele sorriso sacana que sempre me dava quando eu estava emburrada com ele.

Mordi o lábio, uma mistura de tristeza e raiva se espalhando dentro de mim.

— A questão é — continuou Priscila —, como ele se sentiria se fosse você quem estivesse provocando, provando que superou ele?

— Mas eu não... — comecei a negar, quase automaticamente.

Priscila me cortou:

— Ele não precisa saber, né?

Flávia revirou os olhos e se recostou na própria cadeira, de braços cruzados. Eu sabia que, por ela, nós apenas ignoraríamos Cauã e continuaríamos nossa noite, mas seu silêncio também me revelou que ela não era totalmente contra a ideia.

Quando me virei, Jaque me lançou um olhar significativo, as sobrancelhas erguidas tentando me passar uma mensagem. Ela queria me lembrar do próximo passo. “Saia com alguém e certifique-se de que ele descubra”. Nós já tínhamos conversado sobre isso e meu pavor de não conseguir completar aquela missão. Ignorar, agir com indiferença, fazer uma mudança... Tudo aquilo era fácil se comparado a não apenas dar em cima de alguém como ainda convencê-lo a sair comigo. O olhar de Jaque naquele momento me sugeria que eu aproveitasse a oportunidade; se não para conseguir alguém, para testar a capacidade que eu achava que tinha perdido de voltar a flertar.

— Vocês são muito chatas, viu? — disse simplesmente, sem saber exatamente o que fazer.

— A gente é chata, mas te ama, tá? — brincou Jaque, se inclinando sobre sua cadeira para me puxar para mais perto e me apertar em um abraço lateral.

— Acho que não consigo fazer isso — confessei para todas quando Jaque me soltou. Cocei a cabeça, envergonhada. — Faz muito tempo que eu não...

— Do que você tem medo? — perguntou Flávia, me cortando. — O máximo que vai acontecer é você levar um fora.

— É exatamente disso que tenho medo! — exclamei com a voz esganiçada. Lancei um olhar de esguelha para Cauã e percebi que tanto ele quanto Lucas já tinham se mudado para a mesa da garota, que estava acompanhada de mais quatro amigas.

— Deixa ela, gente. Se ela não quer, deixa pra lá. — Priscila veio em meu apoio, com uma expressão séria. Eu realmente acreditei em sua tentativa de me ajudar por alguns milésimos de segundo. — Depois de quatro anos, vocês acham que a Tessália ainda sabe como chegar em alguém? Aposto que ela não tem nem mais coragem de começar a falar com um cara.

Eu a fulminei com o olhar, entendendo o que minha irmã estava tentando fazer. Ela queria atingir meu orgulho com aquele desafio, algo que sempre soube fazer muito bem. Respirei fundo e apoiei a testa na palma da minha mão antes de

levantar a cabeça e encarar as meninas com uma expressão séria.

— Tá bem. Eu vou tentar — concordei, desistindo de contrariá-las. — Mas se eu levar um fora, espero uma ótima recompensa das três.

Sondei o ambiente, tentando encontrar alguém que me parecesse atraente o suficiente para valer a pena arriscar minha reputação e, pior, minhas chances com Cauã — porque se eu não fizesse aquilo do jeito certo, era bem provável que em vez do ciúme ser um aliado ele acabasse completamente com meu plano. Por fim, meu olhar recaiu sobre um cara alto ao balcão. Ele tinha *dreadlocks* estilosos, um tom de pele mais escuro que o meu e barba rala e estava com as costas apoiadas no bar, bebendo sua cerveja enquanto observava o lugar.

Olhando mais uma vez para minhas amigas, que sorriram em incentivo, suspirei e levantei da mesa. Senti um ímpeto de sair correndo dali, mas logo percebi que minha movimentação tinha atraído os olhares de Cauã e Lucas.

A atenção deles foi o suficiente para me forçar a colocar a insegurança de lado e começar a andar em direção ao bar.

VINTE E UM

(TESSÁLIA)

Respirei fundo.

Uma, duas, três vezes.

Fechei os olhos, na esperança de que, quando os abrisse, tivesse me tornado uma pessoa forte e segura, capaz de colocar qualquer homem aos meus pés. Mas quando voltei a encarar o bar, meu coração continuava a bater acelerado.

Será que eu sempre tinha sido assim? Eu não conseguia me lembrar muito bem de como era antes de conhecer Cauã, mas eu lembrava que com ele tinha sido tudo muito fácil e natural.

Não tinha nada de fácil e natural na situação em que eu estava agora. Mesmo assim, ergui o queixo, sequei minhas mãos suadas na saia e tentei parecer o mais confiante possível.

Antes que eu alcançasse o balcão, o carinha me olhou. Ele me analisou de cima a baixo e depois voltou ao meu rosto. Nossos olhares se cruzaram. Quase inconscientemente, como se fosse algo que eu sempre soube como fazer, mas estivesse enterrado fundo dentro de mim, aproveitei o momento oportuno e sorri. E, então, me debrucei sobre o balcão do bar e pedi uma bebida.

Em seguida, virei para o carinha, cujo olhar ainda estava sobre mim, e perguntei:

— E aí, tudo bem? — Tentei soar relaxada, mas por dentro meu coração ainda batia acelerado. Na minha cabeça, conseguia imaginar inúmeras reações, menos a ideal.

— Tudo tranquilo e contigo? — respondeu, me fazendo quase suspirar de alívio; pelo menos, momentaneamente.

— Também! — falei, um pouco mais entusiasmada do que gostaria. Tive a impressão de que minha voz saiu esganiçada e, por isso, me xinguei internamente.

— Qual é seu nome? — se adiantou em fazer a pergunta que já estava na ponta da minha língua.

Ele abaixou o rosto para me ouvir melhor, deixando-me ainda mais nervosa. Assim, de perto, era ainda mais bonito do que tinha parecido da minha mesa. Era difícil de acreditar que *aquela* cara estava correspondendo à minha investida tão desengonçada.

— Tessália e o seu?

— João Pedro — contou, virando totalmente de frente para mim no mesmo instante em que o bartender voltou com a minha bebida.

João Pedro desviou o olhar de mim para a cerveja e de volta para mim, como se estivesse esperando meu próximo passo. Dei um gole na bebida e virei de costas para encostar no balcão.

— E você faz o que da vida, João?

Ele abriu um sorriso lateral, satisfeito com o rumo que decidi tomar. E, então, a troca de cumprimentos deu lugar a uma conversa embalada por flertes e sorrisos carregados de segundas intenções.

Não que tudo tenha ficado mais fácil. A cada indireta que eu arriscava, centenas de dúvidas enchiam minha cabeça: será que vou parecer muito atirada? Isso vai soar idiota? Por que não falei de outro jeito? A insegurança acelerava meu coração e me fazia suar frio.

Eu também precisava me esforçar muito para não desviar o olhar para a mesa de Cauã — não queria que eles percebessem aquilo como uma provocação.

Minha curiosidade, no entanto, foi logo sanada. Alguns minutos depois, senti um braço masculino envolver meus ombros e um familiar cheiro almiscarado me atingiu. Virei o rosto para Cauã, mas seu olhar estava fixo no homem a nossa frente.

— E aí, cara? Beleza? — disse, estendendo a mão para João Pedro, que retribuiu o cumprimento com o cenho franzido. — Eu sou o namorado dela.

Filho da puta.

— É o quê?! — perguntei, chocada com a cara-de-pau dele. Eu não sabia se ria de alegria ou me irritava com a situação. Eu *estava* esperando que Cauã ficasse com ciúmes, mas não que interferisse daquele jeito.

Os dois me ignoraram.

João Pedro deu um passo para trás quando soltou o aperto de mão.

— Pô, cara, foi mal. Não sabia que ela tinha namorado... — ele se desculpou, já se afastando do balcão. — A gente tava só conversando, não foi nada demais.

— Tá tranquilo, cara. — Pelo sorriso no rosto de Cauã, qualquer um poderia pensar que os dois eram bons amigos batendo um papo. Exceto pela expressão confusa de João Pedro antes de se afastar com mais um pedido de desculpas.

Encarei Cauã, perplexa, e percebi que ele ainda me abraçava pelo ombro enquanto sorria com cinismo. Meu coração deu um pulo.

Recue, uma vozinha na minha cabeça disse. *Atenha-se ao Plano*.

Eu me desvencilhei dos seus braços e forcei uma expressão indignada.

— Você tá maluco?

Cauã ergueu as mãos na frente do peito, com as palmas voltadas para mim, em rendição.

— Foi só uma brincadeira — afirmou, rindo.

— Você acha que tem direito de chegar aqui e se intrometer na minha vida assim?

— Ah, para! — se exasperou com a minha falsa indignação. Eu devia estar sendo bem-sucedida. — Você devia me agradecer. Não acredito que você ia me trocar por aquele cara.

Me trocar.

Ele estava brincando? É claro que eu não queria *trocá-lo* por ninguém! Se essa decisão dependesse de mim, eu não estaria naquela situação agora, dando em cima de um carinha qualquer para fazer ciúmes em Cauã.

A torrente de xingamentos quase saiu pela minha boca. Mas não era exatamente essa reação que eu esperava dele? Que sentisse um ciúme irracional, a ponto de tomar atitudes impulsivas e sem sentido? Eu não podia deixar meu próprio temperamento me dominar e estragar o plano todo.

— Te trocar? A gente terminou tem meses, Cauã! — retruquei apenas.

— Detalhes... — Ele balançou a mão, em sinal de descaso. — Além do mais, você não tava tentando me provocar? Pois conseguiu, tô aqui.

Eu ri, perplexa e nervosa, tentando não demonstrar o quão certo ele estava.

— Você é muito prepotente mesmo. O mundo não gira ao seu redor.

Cauã se aproximou novamente, colocando a mão em meu braço nu. Meus pelos se eriçaram com o toque.

— Ah, Tess. Para de bancar a difícil. Depois de correr tanto atrás de mim vai dizer agora que não me quer mais? — A voz dele era suave, mas havia um pingão de diversão, como se aquilo tudo fosse uma grande piada para ele. Perceber isso fez meu estômago embrulhar.

— Eu não tô bancando a difícil, tô seguindo minha vida como *você* sugeriu que eu fizesse quando terminou comigo. Como *você* fez questão de dizer várias vezes depois disso.

Respirei fundo, tentando me controlar, mas eu tinha ficado magoada demais com seu deboche para evitar que isso transparecesse no meu tom. Era incrível a capacidade que Cauã tinha de me levar da alegria ao estresse em menos de cinco minutos.

— Então retiro o que disse — declarou, dando mais um passo para frente.

— Como assim?

Nervosa com a proximidade, recuei. Desviei o olhar do rosto dele e acabei fitando a mesa onde Cauã tinha estado minutos atrás, paquerando uma garota para me provocar. Lucas ainda estava ali, mas sua atenção estava focada em mim. Quando nossos olhares se cruzaram, ele baixou o rosto. Em seguida, voltou a prestar atenção numa garota de traços asiáticos que conversava com ele com um sorriso no rosto enquanto tocava seu braço.

Engoli em seco e voltei a encarar Cauã.

— Não quero mais que você siga em frente. — Ele levou sua mão livre ao meu rosto, pousando-a em minha mandíbula. Eu podia ouvir meu sangue pulsar em meu ouvido, afastando o barulho de tudo ao meu redor exceto Cauã. — Não consigo te ver dando em cima de outro cara, Tess.

Um arrepio subiu pela minha espinha. Esperei que ele continuasse, cheia de esperança, mas Cauã não disse mais nada.

Tantas vezes, eu tinha imaginado ouvir aquelas palavras. Tantas. Mas, de alguma forma, não foi exatamente como eu esperava. Sempre pensei que Cauã um dia cairia em si e perceberia que ainda me amava, que queria voltar. Mas isso... Ele não estava me pedindo para reatar — parecia estar pedindo uma fidelidade que não estava disposto a retribuir.

As observações finais do Plano me atingiram em cheio quando me dei conta disso.

Em muitos casos, pode parecer que você alcançou seu objetivo antes de terminar os dez passos. Mas não se iluda: o primeiro pedido para reatar quase nunca é cem por cento real. Muitas vezes, ele é consequência de um impulso provocado pelo ciúme. Não se deixe abalar. Depois que você negar, seu amado terá a oportunidade de repensar o próprio pedido e se questionar se é isso que ele quer de verdade. Só então, a persistência dele te provará que o desejo é real.

Com um suspiro de frustração, segurei o punho de Cauã e tirei sua mão do meu rosto. Reuni coragem para negar seu pedido.

— Você acha que é assim que funciona? — Dei uma risada, tentando não soar grosseira. — Que você pode me chamar a hora que quiser e eu vou voltar correndo?

— E não foi sempre assim? — retrucou no mesmo tom ameno. Apesar disso, foi como se tivesse gritado. As palavras me atingiram como um tapa na cara. — Você deve estar adorando a vida de solteira, né? Por isso tá assim, tão confiante. Mas você acha mesmo, Tess, que um dia vai encontrar alguém como eu? Que alguém vai conseguir gostar de você como eu gostei?

Senti meu estômago embrulhar e baixei o olhar para o chão.

— Você fala como se não tivesse sido você quem terminou e apareceu poucas semanas depois com outra garota.

Cauã bufou, em frustração.

— A Mirela foi um erro... Mas eu não terminei por causa dela, nem porque queria sair pegando todo mundo! — A voz dele subiu um tom, atraindo olhares de quem estava por perto.

Cauã observou o ambiente ao redor, percebendo a atenção das minhas amigas em nós dois, e segurou meu punho, puxando-me para fora do bar. Reclamei do seu aperto, mas ele não me largou até que estivéssemos na calçada vazia, ao lado da entrada.

— Não terminei por causa da Mirela — repetiu, me encarando. — Terminei porque precisava de espaço. Porque *você* tava me sufocando, Tess. Tava destruindo o que a gente tinha de bom. Você sabe que o nosso namoro acabou por culpa sua, né?

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto meu peito se comprimia de dor.

— O que você queria que eu fizesse? Eu pedi desculpas! Eu disse que a gente podia resolver! Mas você foi embora mesmo assim! — gritei, já quase não conseguindo controlar meu desespero. Tentei respirar com calma, forçando-me a pensar com clareza.

— Você devia ter esperado, então.

— Esperado enquanto você pegava Deus e o mundo e eu ficava como uma trouxa, torcendo pra você voltar pra mim? Eu fiz isso, Cauã. Por muito tempo. — Virei de costas, escondendo minha luta contra as lágrimas que ameaçavam cair.

— Você tá fazendo isso pra se vingar, então? Pra me provocar? — perguntou, voltando a segurar meu braço enquanto me forçava a virar novamente para ele. — Puta merda, Tess. Você tem noção do quanto me tira do sério?!

Ele riu sem humor e segurou os cabelos com a mão livre, deixando cair o prendedor que mantinha seu coque.

— Cauã, você tá me machucando — avisei com calma, encarando sua mão, quando percebi que ele tinha ultrapassado os limites da sua irritação.

Mas Cauã pareceu não me ouvir.

— Mas era isso que você queria, né? Me deixar louco pra eu voltar rastejando pra você. — Em vez de me soltar, ele pegou também meu outro braço, dificultando ainda mais que eu me desvencilhasse dele. — Então tá, eu tô aqui! Já pode parar de fazer doce. Sei que você me ama e quer voltar, todo mundo sabe. Não precisa fazer jogo.

— Cauã, por favor — pedi de novo, sem conseguir me concentrar em nada do que ele estava dizendo.

Antes que pudesse responder, Cauã foi empurrado para longe de mim e uma figura masculina entrou no meu campo de visão.

— Caralho, Cauã. Você tá maluco?! O que você tá fazendo?! — De costas para mim, eu não podia enxergar a expressão de Lucas, mas sua voz revoltada era suficiente para que eu pudesse imaginar com precisão.

Alguns segundos depois, Jaque, Flávia e Priscila chegaram correndo, com as carteiras em mãos, e pararam ao meu lado.

— Puta que pariu, Lucas! Para de se meter nessa merda, isso aqui não tem nada a ver com você! — retrucou Cauã, enfurecido, segurando o amigo pelo colarinho.

— Você só pode tá maluco se achou que eu ia deixar você machucar ela — berrou Lucas, com os punhos cerrados.

— Eu não tava machucando ela — negou, incrédulo. — A gente só tava conversando!

Trêmula, sem acreditar em quão fora de proporção aquela situação toda tinha virado, eu dei um passo na direção deles. Não sabia o que *eu* seria capaz de fazer para impedi-los de brigar quando não tinha conseguido nem mesmo me soltar do aperto de Cauã, mas precisava fazer *alguma* coisa.

Antes que conseguisse me aproximar, no entanto, o segurança do bar os separou, impedindo o soco que Cauã pretendia desferir. O homem de quase dois metros de altura o empurrou para longe enquanto ele se debatia, tentando voltar.

— Me larga! — pude ouvi-lo reclamar quando alcançaram a esquina. O segurança o soltou, e Cauã ajeitou a própria roupa. Ele voltou a seguir na nossa direção, mas foi barrado. — O meu carro tá pra lá — explicou, mal-humorado.

Ele teve a passagem liberada, mas foi seguido até estar dentro do carro. Com um último olhar para mim, Cauã deu partida e sumiu de vista.

Só então me virei para Lucas, cujo tórax se expandia e contraía com rapidez conforme ofegava. Ele pousou uma das mãos na cintura e levou a outra à testa, fechando os olhos para controlar seu estado. Ninguém ousou dizer nada, porque nenhuma de nós, exceto Jaque talvez, já tinha visto Lucas tão irritado quanto agora.

Preocupada, dei um passo para frente e chamei seu nome. Ele se virou na mesma hora.

— Você tá bem? — Confirmei com a cabeça. — Tá machucada? — perguntou, olhando para meus punhos, que estavam vermelhos onde Cauã tinha segurado.

Escondi o braço às costas antes de dizer que não, sentindo-me culpada por ter provocado aquela confusão toda entre dois amigos.

Ele acenou com a cabeça, parecendo um pouco aliviado, mas ainda transtornado demais para se acalmar completamente. Sua mão estava trêmula, e o olhar de Jaque focado nele, cheia de preocupação. Qualquer que fosse o

motivo para aquela reação, ela devia saber exatamente qual era, porque logo se ofereceu para acompanhá-lo até em casa.

Antes de irem embora, Lucas me envolveu em um abraço e se manteve ali por mais tempo do que o normal.

— Você tá bem mesmo? — perguntou baixinho.

— Tô, sim. Juro — menti. Lucas fingiu acreditar.

Assim que ele e Jaque sumiram de vista, no entanto, minhas pernas fraquejaram e eu tive que me apoiar em Flávia para não cair.

Aquela não tinha sido minha primeira briga séria com Cauã, mas foi a primeira vez que o vi tão descontrolado que, por um milésimo de segundo, ousei acreditar que ele teria coragem de me bater.

Agora, pensando racionalmente, eu não achava que ele seria capaz.

Ele nunca faria aquilo.

Eu tinha certeza.

VINTE E DOIS

(TESSÁLIA)

2 ANOS ATRÁS

Minha mãe estava bêbada.

Todas nós estávamos, na verdade — mas, no caso de dona Laura, aquilo dificilmente era uma boa ideia.

Esse, porém, era um dos dias raros em que ela não tinha bebido para agradar alguém, ou para parecer mais descolada, muito menos para afogar as mágoas.

Era uma celebração.

Naquela semana, recebemos a notícia de que Priscila tinha sido aprovada em Relações Internacionais na federal do Rio. Estávamos tão orgulhosas que decidimos preparar um jantar. Larissa, que na época morava em São Paulo, estava na cidade há uma semana, aproveitando as férias do trabalho, mas eu tive que esperar o sábado de manhã para subir a serra por causa do estágio.

Fazia tempo desde a última vez que nós quatro tínhamos nos reunido daquele jeito e, juntando isso à novidade de Priscila, aquele jantar foi um tanto especial. E é claro que, no final da noite, tínhamos bebido vinho o suficiente para acabarmos largadas nos sofás, rindo sem motivo.

— A única coisa que me deixa triste — disse minha mãe, fazendo biquinho — é que agora todas vocês vão me abandonar.

— Ah, mãe! Aposto que você vai dar altas festas sem a gente aqui — retrucou Priscila, sorrindo.

— Mas não tem a mesma graça sem vocês! — Minha mãe ameaçou chorar e a abracei de lado, esmagando-a no meu aperto.

— Depois fala que cria filho pro mundo. Agora tá aí choramingando com a nossa ida! — zombei, tentando tirar a tristeza do rosto dela.

É claro que não falamos em voz alta o que todas pensamos: que era muito mais fácil lidar com ela e suas loucuras sem conviver diariamente com isso. Para a nossa relação, nosso afastamento era a melhor solução.

— Se isso te faz sentir melhor, mãe — interrompeu Larissa, apoiando a cabeça no encosto do sofá lateral onde estava sentada enquanto nos encarava —, o Di e eu estamos pensando em vir morar em Terê.

— O quê?! — nós três gritamos em uníssono. Larissa foi a primeira a começar a tradição de sair de casa para estudar. Era estranho ouvi-la falar em voltar para nossa cidade natal.

— É que ultimamente temos conversado muito sobre casar e formar uma família — confessou, enrubescendo — e achamos que São Paulo não é a cidade ideal pra isso. Pra gente que veio de cidade pequena, lá é caótico demais. Não conseguimos nos acostumar.

— Mas você ama São Paulo! — exclamou Priscila, boquiaberta.

— Ah, eu amava quando era solteira e mais jovem. Mas quando começamos a falar sobre ter um filho, percebi que não era lá onde eu queria que ele crescesse.

— Mas por que Teresópolis? Tem tanta cidade melhor no interior de São Paulo!

Priscila parecia ainda mais assustada do que eu. Talvez porque ainda morasse em casa e, para ela, a situação toda ainda fosse palpável demais para que pensasse racionalmente, como Larissa.

— É, eu sei. Consideramos tudo isso. Mas a família do Di também é do Rio e a gente concordou que seria melhor estar próximos de todo mundo. Vamos precisar de muito apoio, e aqui tem muito mais estrutura do que Magé.

Minha mãe, que estava em silêncio desde a notícia, fungou ao meu lado.

— Então eu vou ser avó? — perguntou, emocionada. Eu ri, porque de tudo que minha irmã falou, eu pensava que essa fosse a única coisa de que ela teria pavor. "Não sou tão velha pra ser avó", eu a imaginava dizendo.

— Espero que sim — concordou minha irmã com um sorriso nervoso. — Mas isso é um plano pra depois que a gente se mudar e ajeitar nossa vida aqui. Quem sabe ano que vem?

Minha mãe sorriu de orelha a orelha e retribuiu o abraço frouxo que eu ainda dava nela como que para descarregar toda a sua emoção.

Quando Larissa adormeceu no sofá e Priscila levantou para ir ao banheiro, minha mãe voltou sua atenção para mim.

— E você, filha? Como estão você e Cauã? — Olhei para o lado, evitando que ela visse em meu rosto a resposta tão clara para sua pergunta. — Achei que ele viesse com você hoje.

— A gente brigou — confessei, sem conseguir segurar a língua. Em geral, eu não gostava de desabafar sobre meu relacionamento com a minha mãe; ela era um desastre nessa área. Mas talvez o álcool, ou a frustração, tivessem me deixado mais propensa a falar. Eu não tinha muitos amigos com quem podia conversar e minha melhor amiga era tão contra meu namoro que há alguns meses eu já não sentia vontade alguma de compartilhar com ela qualquer coisa sobre o assunto. Essa talvez fosse minha única chance de tirar aquelas dúvidas de dentro de mim.

Minha mãe segurou meu queixo e me forçou a virar para ela.

— Ah, filha! Brigas são normais num relacionamento. Se você aceita um conselho... não deixa esse menino escapar. Eu sei que às vezes homens são muito difíceis de lidar; eles são brutos, insensíveis e parecem não entender como lidar com as mulheres, mas não significa que não ame você. Quando a raiva da briga passar você só vai lembrar os bons momentos. Se deixar ele ir embora, vai se arrepender por muito tempo.

— Mas foi feia a briga, mãe — retruquei, tentando não pensar na minha decepção com o que tinha acontecido. — Sei que não sou fácil de lidar, mas ele me desrespeitou, sabe?

— E ele é um idiota por isso, mas todo mundo merece uma segunda chance. A maioria dos homens precisa de um empurrãozinho para entender o próprio erro. E você tem que se perguntar também se não deu motivo. Os homens são péssimos em discutir relação, essa é a forma deles de demonstrarem que algo os incomodou. — Quando viu minha expressão indecisa, acrescentou: — Dá um gelo e espera pra ver se ele se arrepende. Mas se ele voltar atrás, não banca a difícil. Não quero que você acabe como eu — admitiu, baixando os olhos para o próprio colo. — Triste, sozinha e arrependida das segundas e terceiras chances que não dei. Envelhecer solitária é um destino muito triste.

Encarei meu próprio colo, sem saber o que dizer. Ainda estava muito magoada com Cauã, mas as palavras da minha mãe pesaram sobre meus ombros. Era verdade que as lembranças dos momentos felizes do meu relacionamento ocupavam minha mente sempre que eu pensava em terminar. E muitas vezes, quando ele agia de uma forma mais bruta do que eu gostaria, eu sabia que era apenas uma forma de manifestar sua irritação. No final, Cauã sempre se arrependia e prometia mudar e tudo ficava bem de novo.

Será que eu deveria mesmo ser tão inflexível com ele? Somos todos humanos, afinal, passíveis de erro. Não deveríamos julgar tanto o outro por isso, não é?

Além do mais... Eu não queria *mesmo* acabar como minha mãe.

DIAS ATUAIS

Todas as vezes que Cauã e eu brigávamos, a conversa que eu tive com a minha mãe dois anos antes me vinha à cabeça. E era ela que me dava forças para seguir em frente. Porque aquela tinha sido a coisa mais sincera que minha mãe tinha me dito e a tristeza nos seus olhos quando compartilhou sua solidão era uma coisa que até hoje me assustava.

Apesar disso, quando meu celular começou a vibrar, ainda no caminho de casa depois da noite desastrosa, e vi o nome de Cauã na tela, meu primeiro impulso foi ignorar. Mesmo que, no fundo, eu soubesse que ele não tinha feito nada por mal, eu ainda estava magoada demais para simplesmente perdoar.

Quando deixamos Flávia em casa, havia três ligações perdidas e várias mensagens dele.

[23:15, 22/9/2016] Cauã Oliveira:

Tess

Desculpa

Eu fui um imbecil

Eu não queria te machucar

[23:22, 22/9/2016] Cauã Oliveira:

Me atende, por favor

Deixei escapar um suspiro quando percebi que o carro estava entrando na nossa rua. Naquele momento, tudo o que eu precisava era deitar na minha cama e esquecer aquela noite.

Mas quando Priscila abriu a porta de casa, percebi que não seria fácil assim para ela deixar a história de lado. Minha irmã entrou no apartamento como um furacão e antes que eu tivesse tempo de fechar a porta, ela já estava caminhando decidida para o interior. Corri atrás dela e a encontrei no meu quarto, revirando minhas coisas.

— O que você tá fazendo?! — perguntei, assustada com seu aborrecimento. Mas Priscila não me respondeu, só continuou a jogar minhas coisas para trás e para o alto como se não fossem importantes. Eu fui até ela, segurei-a pelo braço e repeti: — Priscila, o que você tá fazendo?!

— Tô procurando aquele seu plano idiota — gritou, com o rosto vermelho a centímetros do meu. — Isso vai acabar hoje!

— O quê?! — Atônita, soltei seu braço sem perceber. Minha irmã aproveitou a oportunidade para voltar a procurar os papéis entre meus pertences. — Priscila, você tá maluca?!

— Não! — Virando-se novamente, ela apontou o dedo para mim. — Maluca tá

você se acha que vou te deixar seguir esse plano absurdo depois do que aconteceu hoje! Eu devia ter denunciado esse filho da puta por ele ter tocado em você!

— Ei! Chega! Sai do meu quarto agora! — Eu a puxei pelo braço, tentando forçá-la a desistir. Priscila resistiu. — Você não tem direito de fazer isso! Quem decide a minha vida sou eu!

— Tenho direito de fazer o que eu quiser se você não estiver em condições de tomar atitudes racionais, o que você obviamente não tá!

— Sai daqui agora! — berrei, puxando-a tão forte que Priscila quase caiu no chão. Aproveitei seu desequilíbrio para empurrá-la para fora e tranquei a porta antes que tivesse chance de se recuperar.

— Tessália, abre essa porta! — implorou, batendo com força na madeira enquanto eu me jogava na cama. — Tessália! Tessália!

Cobri a cabeça com meu travesseiro, tentando abafar a gritaria, e comecei a chorar.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**
- ✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
- ✓ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**
- ✓ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**
- ✓ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**
- ✓ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**
- ✓ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**

Seu ex está se doendo com seu afastamento, mas nada disso significará alguma coisa se ele ainda acreditar que pode te ter a qualquer instante. Mostre a ele que a sua lista de espera é grande — e se ele continuar de braços cruzados, vai ficar chupando dedo.

- ☐ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**
- ☐ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**
- ☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

VINTE E TRÊS

(LUCAS)

O mar estava agitado.

Gotas de água salgada respingavam em mim toda vez que uma onda quebrava perto demais da faixa de areia. Andei mais para frente, aproveitando um momento de calmaria temporária, e mergulhei quando uma onda pequena se aproximou.

Por alguns minutos, fiquei ali observando o horizonte, tentando não pensar em nenhuma das coisas que vinha me preocupando desde quinta à noite. Mas o mar logo se revoltou novamente, o tamanho das ondas tornou a crescer, e eu recuei, voltando para a segurança da areia.

Assim que virei, avistei Tessa sentada na faixa de areia molhada. Ela abraçava os próprios joelhos, dobrados na frente do corpo junto ao seu tórax. O queixo estava apoiado sobre eles, e seu olhar, perdido na vastidão azul.

Se estava me esperando ou apenas aproveitando a vista, eu não sabia dizer. Mas assim que percebeu minha aproximação, ela ergueu a cabeça e, com os olhos espremidos por causa do sol, me observou enquanto caminhava na sua direção.

— O que foi? — perguntei, me jogando ao lado dela. Dei uma olhada para trás, onde Jaque estava estirada sobre a própria canga, antes de encará-la.

— A Jaque tá de TPM, não tô sabendo lidar — explicou, virando o rosto para o lado. Ela parecia emburrada, e suspeitei que as duas tivessem discutido... muito provavelmente sobre Cauã.

Tessa andava tão silenciosa e distante desde quinta à noite que Jaque decidiu sugerir uma praia naquele sábado, para que ela pudesse espairecer e, quem sabe, até desabafar com a gente. Mas foi a muito custo que aceitou e, mesmo assim,

desde que cheguei e encontrei as duas em silêncio, ela estava com aquela mesma expressão ausente no rosto.

— Pago um real pelos seus pensamentos — propus, tentando chamar sua atenção.

Ela se voltou para mim e apoiou a lateral do rosto sobre os joelhos.

— Meus pensamentos valem tão pouco assim? — Eu sorri.

— E uma caixa de Ferrero Rocher, vale? — Um dos cantos da boca dela se repuxou em um sorriso, quase imperceptivelmente, antes de ela suspirar.

— Você não entenderia.

— Juro que vou tentar. — Juntei as mãos em sinal de promessa.

Ela abriu a boca, mas então balançou a cabeça e ergueu o tórax, esticando as pernas.

— É difícil explicar. Às vezes nem eu entendo muito bem, mas é que... — Ela apoiou as mãos na areia e encarou o céu azul. — Sabe, desde que meus pais se separaram, eu assisti à minha mãe pular de relacionamento em relacionamento, como se nunca nenhum homem fosse suficiente... como se nenhum valesse a pena o esforço. E me prometi que se encontrasse alguém que amasse de verdade, ia fazer tudo o que estivesse ao meu alcance pra manter. O Cauã foi meu primeiro namorado de verdade; e por quase quatro anos ele tem sido meu companheiro e esteve comigo em momentos muito importantes da minha vida. Muitas vezes, ele foi a única pessoa a ficar do meu lado quando eu mais precisava. E é claro que ele tem os defeitos dele e às vezes tem algumas atitudes que me magoam, mas não é porque ele cometeu alguns erros que vou apagar tudo o que a gente viveu de bom, sabe? Não consigo fazer isso. Não é só apertar um botão que tudo simplesmente vai embora. Mas a maioria das pessoas não entende isso. Todo mundo acha que abandonar o barco é a coisa certa, mas só é a decisão mais fácil.

— Tessa... — Eu a encarei, boquiaberto com seu discurso. Será que ela não conseguia enxergar o quão errado era tudo que estava dizendo? — Ele tava te *machucando*. Como você consegue comparar isso com uma “atitude que magoa”? Isso é agressão!

— Agressão? — repetiu, com deboche. — Ele não tava me batendo nem nada do tipo. Só tava irritado. Eu sei que em parte a culpa é minha — ela baixou o tom de voz e encarou o chão —, eu tava provocando...

Bati na areia, subitamente irritado.

— Você só pode estar brincando!

— Você disse que ia tentar entender! — ralhou, cruzando os braços.

— E tô tentando, mas fica muito difícil quando você quer justificar agressão. — Suspirei e fiz uma pausa, tentando me acalmar. — Pelo amor de Deus, você realmente acha que existe algum motivo *no mundo* que justifique alguém machucar outra pessoa?

— Não é isso que eu tô dizendo...

— É exatamente isso que você tá dizendo! — cortei, exasperado.

— Eu só tô dizendo que às vezes a pessoa fica tão irritada que não consegue se controlar. — Ela ergueu as sobrancelhas, apontando para minha própria reação, como se fosse *remotamente* parecido com o que tinha acontecido.

Respirei fundo e alisei meu rosto com a mão limpa, em frustração.

— Alguma vez o Cauã já brigou com você daquele jeito na frente de outras pessoas?

— Claro que não...

— Você acha realmente que é um impulso incontrolável se ele precisa chegar em casa ou sair de perto de todo mundo antes de liberar a irritação? — Seu olhar confuso me fez compreender que ela nunca tinha visto as coisas por esse lado. — Ele só faz isso porque *sabe* que se tentar te machucar na frente dos outros, vai ser a última vez que vai encostar em você.

Tessa não disse nada, mas antes que pudesse pensar em alguma resposta, Jaque gritou seu nome.

— Seu celular tá tocando! — completou assim que olhamos para trás.

O olhar de Tessa evitou meu rosto quando ela se levantou correndo até a própria bolsa. Segui atrás dela, frustrado. No instante em que ouviu a mensagem de quem quer que fosse no telefone, toda a sua irritação foi substituída por aflição.

— Como assim a bolsa dela estourou, Di?! Mas não tá na hora ainda! — Suas mãos percorreram os cabelos em agonia. — Tá bom, eu tô subindo pra casa. Me mantém informada.

Ela desligou o telefone e me encarou, a expressão cheia de angústia.

— Meu sobrinho tá nascendo. Eu preciso ir pra casa — disse, com os olhos arregalados. Não precisou acrescentar o que todos já tínhamos compreendido: o menino ia nascer prematuro.

— Eu te levo pra Teresópolis — afirmei, já começando a juntar minhas coisas. Jaque e Tessa guardaram seus pertences às pressas antes de se vestirem.

Deixamos Jaque em casa, já que ela tinha um compromisso e não poderia nos acompanhar, e passamos no apartamento de Tessa para um banho rápido. Não levou nem meia hora para, junto de Priscila, voltarmos para o carro e pegarmos a estrada.

VINTE E QUATRO

(TESSÁLIA)

Meu pai nunca foi muito presente, mesmo quando vivia feliz com a minha mãe. E, apesar de os dois dizerem que minhas irmãs e eu fomos planejadas, sempre tive a impressão de que ter filhos era um projeto só dela — ele apenas foi aceitando, mas sem participar do sonho.

Depois que se separaram e meu pai foi morar em outro estado, nosso contato passou a se resumir a ligações em datas comemorativas ou quando precisávamos dele para tomar alguma decisão importante sobre nossa vida, como morar em outra cidade. Nunca passei as férias em Vitória — no início, porque minha mãe não queria e, mais tarde, por falta de vontade própria — e foram poucas as vezes que ele nos visitou em Teresópolis.

Isso significa que passei a maior parte da minha vida sem uma figura masculina para me dar bons exemplos. Até minha irmã conhecer Rodrigo, eu não tinha nem mesmo modelos de relacionamentos saudáveis dentro de casa.

Mas agora, olhando a forma como meu cunhado admirava o pequeno Lorenzo em seu colo, eu sentia que *isso* era como o amor de um marido e pai deveria ser de verdade. Minha irmã era uma mulher incrível e saber que ela estava com alguém que conseguia não só enxergá-la dessa forma, mas principalmente tratá-la como ela merecia me trazia uma paz que nunca consegui sentir ao olhar para minha mãe.

— Vocês querem segurar ele? — ofereceu Rodrigo, com um brilho emocionado nos olhos. Ainda havia resquícios das lágrimas que derramou durante o parto em seu rosto, mas para a nossa alegria elas tinham sido de felicidade. O nosso maior medo era de que Lorenzo precisasse ser internado na UTI neonatal. Mas, apesar de ter nascido prematuro, com trinta e cinco semanas, ele estava bem e pôde ir direto para o quarto com Larissa.

Olhei para Priscila, mas ela ainda estava tão embasbacada que tomei a dianteira

e estendi os braços para pegá-lo. O pequeno Lorenzo tinha a pele mais clara do que a de Larissa e nasceu com muito cabelo, como nós três. O nariz, no entanto, lembrava o de Rodrigo, mas ainda era muito cedo para definir se seus traços eram mais parecidos com os do pai ou da mãe. Ele estava dormindo tranquilo, mesmo sendo passado de mão em mão. Senti uma emoção tão grande tomar conta de mim que precisei virar o rosto para impedir as lágrimas de molharem seu corpinho miúdo.

— Ele é muito feinho — disse Priscila, aproximando-se de nós dois. Nós rimos, porque sabíamos que ela não tinha falado por maldade. Pelo contrário, seu tom foi carinhoso e ela estava sorrindo enquanto segurava a mãozinha de Lorenzo com cuidado.

Depois que paparicamos nosso sobrinho o suficiente, o entregamos para Larissa, que parecia ávida em tê-lo em seus braços novamente.

— Cadê a mamãe, Lari? — questionou Priscila, enfim.

E foi nesse momento que eu percebi que tinha algo errado.

Larissa e Rodrigo se entreolharam. Minha irmã desviou o olhar rapidamente, se ocupando em voltar a admirar o filho, e encarei meu cunhado. Ele fez um sinal para que eu saísse da sala, e eu obedeci, com Rodrigo em meu encalço. Priscila também foi, apesar de sua expressão estar ainda mais confusa do que a minha. No fundo, eu tinha a impressão de que sabia o que ele ia dizer. Se pudesse impedir Priscila de ouvi-lo, eu o faria, mas ela nunca aceitaria voltar para o quarto e ficar de fora do que quer que estivesse acontecendo.

— Achei melhor a mãe de vocês não vir hoje. — Ele parecia envergonhado em dizer isso. Seus olhos observavam o corredor atrás de nós, por cima do meu ombro, para evitar nos encarar.

— O que aconteceu com ela, Di?

— Nós fomos almoçar lá hoje, mas ela não tava bem. A Lari ficou muito chateada, e elas discutiram... A sua irmã anda muito estressada com isso tudo...

— Com isso tudo o quê? — perguntou Priscila, no mesmo instante que eu questionei:

— Foi por isso que ela entrou em trabalho de parto antes da hora?

Rodrigo não respondeu, mas a expressão triste em seus olhos foi toda a confirmação de que precisei. Dei as costas a eles e segui em direção à cantina do hospital, furiosa. Priscila veio correndo atrás de mim e me parou antes que eu conseguisse alcançar o fim do corredor.

— Tessa, o que tá acontecendo com a mamãe?

Suspirando, eu me forcei a parar. Priscila conhecia a situação da nossa mãe, é claro, não foi à toa que decidiu sair de casa, mas Larissa e eu tentávamos ao máximo não a preocupar, sempre evitando contar qualquer momento ruim que tivéssemos presenciado. Pelo visto, minha irmã mais velha andava fazendo o mesmo comigo.

— Prica, por que você não fica com a Lari e eu te explico tudo depois?

— Não! Para de me tratar como criança, Tessa. Você acha que eu não sei bem a gravidade da situação? Eu morei três anos naquela casa sem vocês. Acredite, eu sei bem como a mamãe pode ficar.

Ela estava tão determinada que não consegui dizer não a ela.

— Tá bem. Vamos. — Segurei seu braço e o entrelacei ao meu enquanto a puxava com mais calma até o refeitório.

Queria parecer madura com toda a situação pela minha irmã, mas eu estava preocupada demais para ser bem-sucedida. Já fazia uns meses que a frequência com que minha mãe bebia tinha deixado de ser "socialmente". O quão ruim devia ser seu estado para ter deixado Larissa tão estressada?

Assim que atravessamos as portas do refeitório, eu me forcei a deixar esse pensamento de lado por um segundo. Analisei o local, à procura de uma cabeleira preta. Quando avistei Lucas em uma das mesas mais distantes, caminhei em sua direção.

— E aí? Como ele é? — perguntou Lucas quando percebeu nossa aproximação.

— Perfeito — respondi de pronto, relaxando um pouco ao me lembrar do meu

sobrinho.

Lucas abriu um sorriso, mas logo percebeu nossa tensão.

— Aconteceu alguma coisa?

— Preciso que você me dê uma carona até em casa, tem problema? — Eu me sentia mal por estar pedindo tantos favores, mas precisava ver como minha mãe estava o mais rápido possível. — Desculpa. Prometo que te libero depois.

Ele já estava se levantando antes que eu terminasse de falar.

— Relaxa, Tessa. Não tem problema nenhum.

Com uma das mãos no bolso, à procura das chaves, Lucas caminhou à nossa frente em direção ao carro.

Seguimos o caminho inteiro em silêncio, cada um absorto em seus próprios pensamentos. Eu estava tentando não imaginar como minha mãe estaria quando eu chegasse em casa, mas era difícil não pensar no pior.

A casa estava silenciosa quando entramos, e a mesa do almoço parecia não ter sido tocada desde que minha irmã saiu de lá. Os pratos ainda estavam sujos sobre a mesa, um deles com metade da comida deixada para trás. Três das quatro cadeiras estavam desalinhadas à mesa, como se tivessem sido arrastadas às pressas. Um copo de vidro estava espatifado no chão. Era como se o apocalipse zumbi tivesse passado por ali.

Continuei caminhando em direção ao quarto da minha mãe. Priscila veio logo atrás de mim, mas Lucas não avançou pela sala, tentando nos dar privacidade.

Antes que eu pudesse alcançar a porta do quarto da minha mãe, no entanto, notei pelo canto do olho um movimento no interior do banheiro, por onde estávamos passando. Entrei no cômodo e encontrei minha mãe sentada no chão, encostada na parede de olhos fechados. Havia duas garrafas de uísque vazias no chão, ao lado do vaso.

— Mãe? — perguntei, em dúvida se ela estava acordada.

Antes que eu chegasse perto o suficiente para tocá-la, seus olhos se abriram.

Eles estavam inchados, como se ela tivesse esgotado todo o seu reservatório de lágrimas.

— Tessinha? — Seu olhar desviou para minha irmã, por cima do meu ombro, e ela levou a mão ao rosto rapidamente, secando a umidade em suas bochechas. — O que vocês tão fazendo aqui?

A voz dela estava rouca, e seu cenho, franzido. Seus cabelos pintados estavam completamente desgrenhados.

— A gente veio te ver — disse com a voz calma, evitando erguer o tom para não irritá-la. — Por que você não deixa a gente te levar pro quarto? — Agachando-me a seu lado, estendi uma mão para ela, que a encarou sem aceitar.

— Eu... Eu tenho que ver meu neto... — Ela olhou para si mesma, observando as roupas arrumadas que eu não tinha percebido antes.

— Você bebeu isso tudo? — perguntou Priscila, falando pela primeira vez, enquanto apontava para as garrafas largadas no chão. Sua voz estava tremendo e seus olhos, arregalados.

— Não. Eu joguei fora. — Levantei a sobrancelha, desconfiada. Mudei de expressão assim que ela voltou a me encarar, mas sabia que conseguia enxergar a descrença em meu olhar mesmo assim. — Joguei, sim. O Di falou que eu... que não podia ir ao hospital daquele jeito.

Eu me deixei tombar no chão e mordi meu lábio inferior, tentando fazer a dor me distrair o suficiente para não chorar. Priscila se sentou ao meu lado.

— Mãe...

— Como... como ele tá? E a Larissa? — perguntou, desviando os olhos de Priscila para mim, e então de volta à minha irmã. — Eu nunca vou me perdoar se eles...

— Eles tão bem — cortou Priscila com um meio sorriso.

Ela puxou o celular do bolso e abriu uma foto da sua galeria: era Larissa sorrindo, os olhos brilhando, e Lorenzo dormindo em seu colo. Priscila tinha tirado assim que entramos no quarto da maternidade. Ela virou a tela para nossa

mãe, que estendeu a mão trêmula para pegar o celular. Seus olhos se encheram de lágrima.

— Ele é lindo. É igualzinho à Larissa quando nasceu. — Seus olhos não se desgrudaram da imagem até a tela apagar. — Quero ver meu neto — quase suplicou quando ergueu o olhar.

— Amanhã eu te levo lá, prometo. — Ela abriu a boca para protestar, mas eu a cortei. — Você não quer que a primeira impressão do seu neto seja de você cheirando a álcool, né? Você tem que descansar pra acordar bem amanhã.

Seus ombros pesaram de desânimo.

— Tudo bem. Vocês tão certas. — Inspirando profundamente, ela tomou impulso para levantar. — Vou tomar um banho pra deitar, então.

— Quer ajuda? — perguntei, ainda incerta sobre deixá-la sozinha.

— Não precisa. Eu tô bem. Prometo — acrescentou quando percebeu nossa dúvida.

Nós assentimos e seguimos para a porta. Nesse momento, me lembrei da presença do Lucas.

— Ah! Tem um amigo meu aqui, tá? — avisei, de súbito.

— É o Cauã? — Sua expressão pareceu dividida entre apreensão e esperança. Minha irmã fechou a cara na hora. Ainda não tínhamos conversado direito desde a briga de quinta, mas eu podia imaginar que sua opinião continuava a mesma.

— Não, é o Lucas. Ele tava aqui semana passada, no seu aniversário.

— Ah! O rapaz bonito que você tava ficando na minha festa?

— O quê?! — questionou Priscila, chocada, parecendo se esquecer da raiva momentaneamente.

— Mãe! Eu não... — Eu a encarei, boquiaberta, enquanto Priscila ria abertamente com uma expressão que me dizia que eu ainda ouviria muitas perguntas. — Como você sabe disso?! — Minha voz estava esganiçada.

— Ouvi vocês dois conversando da cozinha — confessou, dando de ombros.

Levei a mão à testa, sem acreditar nisso. Francamente, ela estava bêbada! Como pode ter ouvido e ainda se lembrado?

— Não tem nada de errado em beijar na boca, Tessália. Eu não te criei careta assim. E ele tem cara de que beija muito b...

Antes que ela pudesse falar mais alguma besteira, puxei Priscila para fora do banheiro e fechei a porta, sentindo meu rosto queimar de vergonha.

VINTE E CINCO

(TESSÁLIA)

Ainda eram seis da tarde, mas sentia como se tivesse vivido uma semana inteira naquele sábado.

Minha mãe tinha finalmente deitado para descansar, depois de comer um lanche que minha irmã e eu preparamos para ela. Apesar de sua reação à menção de Cauã quando estávamos no banheiro, Priscila parecia ter dado uma trégua em sua cara emburrada e me tratou normalmente. Mas assim que dona Laura deitou, alegando que ia tirar um cochilo, ela se trancou em seu antigo quarto, negando meu convite de comer uma pizza.

Voltei para a sala, à procura de Lucas, e o encontrei cochilando no braço do sofá, com uma expressão serena no rosto. Em dúvida se deveria acordá-lo, parei à sua frente e me peguei analisando seus traços. Não consegui evitar me lembrar de sábado, quando, em um momento de loucura, eu o tinha beijado. Na última semana, esforcei-me ao máximo para esquecer aquela insensatez, mas agora observando-o durante esse segundo de calmaria foi difícil não pensar no toque da sua boca na minha e na ânsia com que tinha retribuído o beijo. Mais do que isso: foi difícil não pensar em como tinha sido surpreendentemente *bom* — bom demais para que aquela sensação não ficasse marcada dentro de mim.

Lucas se remexeu e abriu os olhos, e eu endireitei minha postura, tentando não demonstrar meu constrangimento por ter sido pega no flagra.

— Ei, tá a fim de comer alguma coisa? — perguntei, tentando desviar a atenção dele.

— Difícil recusar pizza, né? — brincou enquanto se espreguiçava. — Sua mãe tá bem?

— Tá, sim. Ela tá tirando um cochilo. — Lucas abriu um sorriso, parecendo genuinamente feliz pela notícia.

Ele se levantou e pediu um segundo para ir ao banheiro. Foi só então que eu reparei na sala arrumada. Toda a louça do almoço, que minha mãe tinha deixado largada à mesa, foi guardada e — percebi quando espiei pela cozinha — lavada. O sentimento de gratidão foi tão grande que meus olhos se encheram de lágrimas.

Quando Lucas voltou para a sala, o surpreendi pulando em seu pescoço.

— Pra que isso? — Ele riu no meu ouvido, sem graça, enquanto retribuía o abraço.

— Por tudo que você tem feito por mim. Obrigada.



Apesar dos acontecimentos da tarde, agora que estava mais calma e relativamente bem não pude deixar de desenterrar minhas preocupações de mais cedo.

Quando acordei de manhã e me arrumei para ir à praia, tudo o que eu tinha em mente era a briga com Cauã e minhas dúvidas sobre meus planos para reconquistá-lo. Estava sem vontade alguma de sair de casa; só tinha aceitado o convite que Jaque fez no nosso grupo porque Flávia não poderia ir. Na sexta, nos encontramos na faculdade, e tive que ouvi-la xingar Cauã de todos os nomes possíveis pela cena que presenciou no dia anterior. Conseguia entender seus motivos, mas, assim como Priscila, ela não enxergava que não era *isso* que eu precisava naquele momento. Deixei que botasse para fora sua raiva enquanto engolia tudo o que queria falar, porque dava para ver que ela nunca entenderia.

Até agora a única que vinha se mostrando disposta a realmente ver meu lado era Jaque. Por isso, aceitei encontrá-la na praia. Mas depois da briga que presenciou na quinta, ela não parecia muito feliz em continuar a me ajudar.

— Eu não sei mais se insistir nesse plano é a coisa certa a fazer — murmurou, parecendo chateada.

— Mas você disse desde o começo que ia me ajudar *mesmo não concordando*!

— Eu sei, mas as coisas mudaram. — Ela deixou escapar um suspiro cansado.
— Tessa, te ajudar seria ir contra tudo o que eu acredito depois de ver como ele te tratou. No fundo, não posso dizer que fiquei surpresa. Era uma atitude que eu já esperava de Cauã. Mas ver que aquilo foi uma consequência direta do plano que *eu* estava te ajudando a seguir fez eu me sentir uma pessoa horrível, sabe? Tô me sentindo culpada por ter feito você passar por isso. — Ela abaixou o rosto, envergonhada. — Se dependesse de mim, aquele imbecil nunca mais ia tocar em você. Mas não depende de mim. Sei que, mesmo sem minha ajuda, você pode seguir em frente com essa ideia se quiser. Eu só... Não quero fazer mais parte disso. Queria muito que você *entendesse* que não merece isso, mas não posso te obrigar a nada.

— Não pode mesmo — concordei, cruzando os braços com uma expressão emburrada.

— Eu só queria que você pensasse numa coisa. Você lembra o que eu te falei sobre fazer sacrifícios por uma relação? Como isso às vezes é necessário? — Eu a ignorei, encarando o mar agitado a nossa frente. Jaque continuou mesmo assim. — Eu não tava mentindo, mas acho também que precisa haver um limite. Sacrifícios demais excluem da gente coisas que fazem parte da nossa essência. E quando a balança dos sacrifícios pesa mais para um lado da relação do que do outro, é porque alguma coisa não tá certa.

Jaque ficou em silêncio, talvez esperando alguma reação. Achei que meu silêncio a faria desistir, mas quase um minuto depois, ela voltou a falar.

— Você acha mesmo que vale a pena se excluir tanto e esquecer quem você é por causa de um cara que te desrespeita, te machuca? Que acha que pode fazer o que quiser com você e depois voltar atrás, pedindo desculpas como se o que fez de errado não tivesse te afetado de forma alguma? — Eu tranquei meu maxilar, tensa, mas Jaque não disse mais nada depois disso, me deixando à mercê das minhas próprias dúvidas.

Era impossível *não* ficar irritada, porque ela foi a única que aceitou me ajudar desde o começo, mas a verdade era que eu também não tinha certeza de nada naquele momento e suas palavras só serviram para me deixar ainda mais confusa.

Pela primeira vez em muito tempo não tinha me sentido sozinha depois de uma briga ou como se nada no mundo fosse fazer sentido sem Cauã, independente do quanto ele havia me magoado. Mas no fundo ainda existia uma força que me impedia de pular fora. Era muito difícil concordar com as críticas de todos ao meu redor, porque isso significaria aceitar que o cara com quem compartilhei os últimos quatro anos da minha vida foi *um erro*. E eu o amava *tanto* e morria de medo de nunca mais me sentir assim, de nunca mais encontrar alguém com quem sentisse uma conexão tão intensa.

Ainda assim, não conseguia deixar de me perguntar: será que nossos bons momentos realmente eram o suficiente para valer a pena enfrentar aquele tipo de situação?

3 ANOS ATRÁS

Era um daqueles dias raros em que eu estava me sentindo bem comigo mesma. Tinha comprado um vestido novo no último final de semana, e ele era tão incrível e tinha servido tão bem no meu corpo, que era impossível não me sentir feliz enquanto encarava meu reflexo no espelho.

Estava me arrumando para encontrar Flávia e uns colegas da faculdade e tinha acabado de me vestir quando o interfone tocou. Franzi o cenho. Ia encontrar meus amigos no bar e Cauã tinha ficado preso no trabalho, então não estava esperando ninguém. Mas quando olhei pela janela, encontrei meu namorado no portão do prédio, aguardando ser atendido. Vinha pensando em fazer uma cópia das chaves de casa para ele, já que passávamos tanto tempo juntos e eu morava sozinha, mas ainda estava ponderando se era uma boa ideia darmos um passo tão grande.

Abri um sorriso quando o encontrei parado no corredor, poucos minutos depois, e pulei em seu pescoço com empolgação.

— Oi, bebê! Que surpresa! — Eu me soltei do seu abraço e me encostei na parede, dando-lhe permissão para entrar. — Conseguiu sair mais cedo, foi? — perguntei enquanto fechava a porta, depois que ele atravessou o hall de entrada.

— Aham — respondeu apenas.

Com o cenho franzido, virei e o encontrei encostado no braço sofá, de pé. Seu olhar estava me analisando, da cabeça aos pés. Na mesma hora entendi o problema: não tinha avisado que ia sair, então ele devia estar estranhando me ver toda arrumada.

— Por que não me disse mais cedo? — adiantei-me em perguntar. Fiz biquinho, porque se soubesse que ele estava liberado, não tinha combinado de sair. — Acabei marcando de encontrar a galera da faculdade.

— Por que *você* não me avisou? — Ele ergueu uma sobrancelha, desconfiado. — Tá saindo escondido agora, é?

Perplexa, demorei alguns segundos para responder àquela insanidade. Ele devia estar brincando, foi a única coisa que consegui considerar.

— Quê?! Até parece, né, amor? — Eu saí do hall e segui até a sala, aproximando-me dele. Envolvi seu pescoço com minhas mãos, mas ainda assim Cauã não se mexeu. — É que o pessoal decidiu em cima da hora e fui logo me arrumar. Eu ia te avisar antes de sair.

— Ia mesmo? — perguntou, cruzando os braços e criando uma barreira entre nós dois.

— Óbvio. — Afastei-me dele e coloquei minhas mãos na cintura. — Por quê? Agora você tá achando que sou esse tipo de pessoa, é? Não tenho nada a esconder não, Cauã.

— Não é o que tá parecendo. Quem é que vai nesse negócio?

— A galera de sempre, ué. Flávia, Henrique, Claudinha... Eu hein, tá parecendo minha mãe agora — tentei brincar para quebrar o clima, mas ele me ignorou.

— E você vai vestida assim?

— O que tem de errado com a minha roupa? — indaguei, magoada, olhando para mim mesma.

— Tá parecendo uma piranha. — Suas palavras foram como um soco no meu estômago. Senti as lágrimas transbordarem pelos meus olhos. — Esse Henrique

não é aquele que te pegava? — continuou. — É pra ele que você tá se arrumando assim, é? É por isso que você não me avisou que ia sair? Aproveitou a oportunidade pra dar uma escapulida?

— Cala a boca, Cauã! — explodi, segurando-me para não dar na cara dele. — Você não tem o direito de falar assim comigo!

— Se você vai ficar me desrespeitando, tenho sim!

— Vai embora daqui! Eu não sou obrigada a ouvir isso! — Fiz menção de empurrá-lo em direção à saída, mas Cauã era muito mais forte que eu e me segurou pelos punhos para me impedir. A essa altura, as lágrimas já escorriam livremente pelo meu rosto. — Me solta! — implorei, enquanto tentava puxar meus braços de volta. Eles estavam doloridos onde Cauã me apertava.

Investindo mais força, consegui me libertar dele. Corri para o meu quarto, arrasada, e bati a porta. Tirei o vestido com raiva antes de me jogar na cama, abafando meu choro com o travesseiro.

Levou alguns minutos para Cauã me seguir até o quarto. Deitou ao meu lado e me abraçou, enfiando seu nariz em meu pescoço.

— Tess, desculpa. — Fungando, ele acariciou meu braço, com um carinho totalmente contrário à brutalidade com que me tinha me tratado minutos antes. — Desculpa, não sei o que deu em mim. Vi você tão linda e... Tenho tanto medo de te perder, Tess... Deixei o ciúmes me dominar. Me desculpa, amor, eu te amo tanto.

Ele me beijou no ombro, no pescoço, nos cabelos, e tentei afastá-lo, ainda irritada demais para perdoá-lo. Mas Cauã insistiu; ele não parou de pedir desculpas e prometer que nunca mais faria aquilo de novo, e acabei me deixando vencer pelo cansaço.

No fim, não saí mais naquela noite.

VINTE E SEIS

(LUCAS)

Tessa encarava o próprio prato com o cenho franzido, enquanto remexia os pedaços de pizza quase intocados. Olhava, mas parecia não enxergar. Estava perdida em um mundo bem longe dali.

— Por que você tá com essa cara de quem comeu e não gostou? — Ela levantou o olhar, assustada com a interrupção. Ergui a sobrancelha, sorrindo de lado. — Pizza merece mais empolgação que isso.

— Desculpa, eu tava viajando... — O restante da frase ficou no ar, como se ela quisesse dizer muito mais do que tinha se permitido. Mas Tessa não continuou, me fitando enquanto esperava que eu mudasse de assunto.

Deixei escapar um muxoxo e soltei meu garfo antes de me recostar na cadeira.

— Você tava certa mais cedo — admiti, fitando seus olhos castanhos. — Eu não tava tentando te entender o suficiente. — Ela não disse nada, mas suas sobrancelhas ergueram levemente, surpresa com minhas palavras. — Mas... Cara, eu queria que você me desse uma chance de explicar por que é tão difícil fazer isso.

— Eu sei por que é difícil: vocês não estão na minha pele — argumentou, parecendo relutante em voltar ao assunto.

Put a que pariu. Era quase impossível conversar racionalmente com ela quando estava tão disposta a não ouvir. Mesmo assim, tentei manter em mente todos os conselhos que Jaque já havia me dado.

— Você já parou pra pensar que, mesmo que ninguém seja capaz de saber como você se sente, as pessoas podem ter vivido situações parecidas? — sugeri com calma, tentando o possível para ser paciente apesar da sua resistência. — Que elas talvez tenham outra perspectiva de uma experiência como a sua?

— Claro que já. É por isso que a Jaque foi, até hoje, a única pessoa disposta a enxergar as coisas pelo meu lado.

— Cara, você tá me chamando de insensível?

— Não. — Ela deu um sorriso de lado, sem conseguir evitar. — Mas você nunca namorou, não é?

— E o que isso tem a ver? — rebati, franzindo o cenho. — Posso não ter namorado, mas cresci com um relacionamento muito parecido com o de vocês dentro da minha casa.

— Seus pais? — Fechei os olhos e assenti. — O que aconteceu?

Tranquei o maxilar por reflexo. Era difícil não ficar tenso quando esse assunto vinha à tona, mesmo que tivesse sido eu quem o mencionei. Abri os olhos novamente, encontrando a expressão curiosa de Tessa.

— Não vem ao caso agora — foi tudo o que eu disse. A decepção ficou clara no rosto dela. — Mas... tenho meus motivos pra ficar puto com o Cauã pelo que fez, e ele sabe disso. Não acho que *ficar irritado* seja um problema, apesar de ele não ter direito nenhum de se sentir assim depois de ter terminado com você. Mas foda-se, porque se a gente conseguisse controlar o que sentimos as coisas provavelmente seriam bem mais fáceis. Mas a gente *pode* controlar como vamos *reagir* a essas emoções. E, puta merda, Tessa, o Cauã não tinha direito de encostar em você! Você acha que agressão é só soco na cara? Se ele te machucar, da forma que seja, física ou psicologicamente, isso já é agressão.

— Mas ele não fez por mal... — defendeu, quase como se fizesse isso no automático. Ela se retraiu, parecendo perceber a mesma coisa.

Era uma merda ver que as agressões de Cauã tinham se tornado tão naturais para ela que as desculpas escapavam da sua língua sem nem perceber. Mas, ao mesmo tempo, ficava feliz em saber que nossas conversas estavam surtindo efeito — o suficiente para que ficasse, ainda que a passos lentos, consciente das próprias reações.

E foi essa percepção que me incentivou a continuar.

— Você pediu pra ele parar? — Ela assentiu. — Então ele fez, Tessa. E mesmo

que você não tivesse pedido. Ele *sabia* que tava te machucando, só não se importava com isso.

Tessa ficou em silêncio e baixou o olhar.

— E se é um impulso tão incontrolável assim, você acha que leva quanto tempo pra ele fazer algo pior? — Balancei a cabeça, tentando não deixar meus pensamentos seguirem essa linha. — Você acha mesmo que merece um cara que tenta te controlar do jeito que ele tem feito?

— Se o Cauã é um monstro tão grande assim, por que você é amigo dele? — rebateu.

Foi minha vez de abaixar a cabeça, constrangido.

— Acho que talvez eu também tenha me iludido um pouco, acreditando que a amizade que a gente tinha e a forma como ele tratava as mulheres fossem coisas separadas. Que eu não devia me meter nisso, porque só dizia respeito a ele. — Forcei-me a olhar para ela para que fosse capaz de enxergar o quanto estava sendo sincero. — Mas foi só quando me aproximei de você que percebi que não tinha como separar o caráter dele da nossa amizade. Porque lá estava você, na minha frente, mostrando que o Cauã tinha te machucado *pra caralho*, e vi que não podia mais fechar os olhos, sabe? Pior ainda, quando vi ele te segurando daquele jeito na quinta... e entendi que ele tinha saído *de propósito* do bar pra brigar com você... Percebi naquela hora que nada no mundo podia justificar o que ele tinha feito. Acho que fiquei tão puto com ele quanto decepcionado comigo mesmo, porque eu vi isso na *minha* casa, e eu odiei meu pai por ter feito o mesmo com minha mãe, mas aceitei ter como melhor amigo alguém *igual* a ele.

Tessa fungou, sem conseguir me encarar, enquanto as lágrimas brotavam dos seus olhos e rolavam pelas bochechas. De repente, ela empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— Eu... Eu quero ir pra casa. — Ela puxou do bolso o dinheiro que tinha separado para pagar a pizza, depositou a nota embaixo do seu prato, contornou a mesa e, enxugando as lágrimas com as costas da mão, começou a seguir na direção de casa.

Corri até o caixa e paguei nossa conta, sem me preocupar com o troco, antes de

ir atrás dela. Encontrei Tessa a dois quarteirões dali, sentada num banco de madeira. Estava encurvada, soluçando com a cabeça entre os joelhos. Sentei ao lado dela e deixei que chorasse, acariciando seus cabelos para confortá-la.

Quando as lágrimas começaram a cessar, alguns minutos mais tarde, ela ergueu o tronco e apoiou a cabeça no meu ombro.

— Tá melhor? — indaguei, preocupado, com a mão ainda em sua cabeça.

Ela apenas assentiu. Em seguida, cruzou as pernas no banco e se virou de lado para me encarar com os olhos inchados.

— Me diz... a-alguma coisa — implorou, soluçando no meio do pedido.

— Tipo o quê?

— Qualquer coisa.

Levantei a mão para tocar em uma mecha do seu cabelo que pendia sobre a testa e falei:

— Você sabia que eu queria ficar com você quando te conheci?

Ela pareceu surpresa com a pergunta, mas deixou escapar uma risadinha.

— Sabia.

— Tava na cara, né? Mas você sabe por que me chamou atenção? — Ela balançou a cabeça. — É claro que você é linda, não vou negar que foi a primeira coisa que eu reparei, porque é o que todo mundo faz quando tá numa festa. Mas daí percebi como você era confiante, sabe? Parecia que tudo que você fazia era plenamente consciente da sua capacidade de colocar qualquer cara aos seus pés.

— Para, que mentira! — Tessa franziu o cenho, sem acreditar.

— É verdade, cara! — Recostei-me no banco, sem desviar os olhos dos seus. — Agora eu sei que talvez você não seja tão consciente assim disso, mas acho que aí dentro tem uma força que você tem medo de deixar sair. Sei disso porque vi você fazer a mesma coisa naquele bar, na quinta. Em cinco minutos — estalei os dedos —, você conseguiu deixar aquele cara de quatro por você sem nem

precisar se esforçar.

Ela encarou o chão, constrangida, como se não tivesse acostumada a ouvir elogios.

— Desde que a gente virou amigo, percebi a pessoa foda que você é e vi que ainda tem muita coisa guardada aí dentro. Não sei o que você viveu de lá pra cá pra ter se fechado tanto, mas tenho certeza de que ia se surpreender consigo mesma se permitisse ser quem você é de verdade, sem se importar com o que o Cauã ou qualquer outra pessoa pensa.

Tessa levantou o rosto, sem dizer uma palavra. O olhar dela estava curioso enquanto me fitava. Confuso, deixei escapar uma risadinha.

— O que foi?

Mas a risadinha logo morreu quando, de súbito, Tessa me segurou pelo pescoço e encostou nossos lábios. E foi só isso que fez: não tentou aprofundar um beijo, nem se aproximar ainda mais. Parecia estar tentando comprovar alguma coisa para si mesma.

A pele dela cheirava a sabonete de erva-doce e sua mão estava fria contra minha nuca. Sabia que estava confusa e triste, mas era muito difícil pensar racionalmente quando estávamos tão próximos. Foi preciso todo o meu autocontrole para segurá-la pelos ombros e aumentar a distância entre nós.

— O que você tá fazendo?! — Com a pulsação acelerada, engoli em seco ao fitar a intensidade com que seus olhos castanhos me encaravam. Ela analisou meu rosto, procurando uma resposta positiva em meio à minha expressão atordoada, mas não respondeu.

Claro que não, porque era *óbvio* o que ela estava fazendo. *Imbecil*.

— Não posso fazer isso, eu...

— Você não quer?

— Eu quero, mas...

— Eu também — disse antes de encurtar novamente a distância entre nós.

Dessa vez, não houve tempo para hesitações.

Ela deslizou a ponta dos dedos pela minha nuca até entrelaçá-los aos meus cabelos. Com a outra mão, me abraçou pela cintura enquanto aprofundava o beijo. Meu corpo correspondeu involuntariamente. Antes que percebesse, já estava puxando-a para mais perto, passeando minha mão pela sua cintura, sugando seu lábio inferior em meio ao beijo.

Perdi a noção do tempo preso no frenesi das suas mãos macias e do seu lábio quente. Às vezes, esquecia também que estávamos na rua e me assustava com as vozes que surgiam de repente na rua escura.

Sabia que, mais tarde, teria que encarar as consequências de ter me deixado levar pelo pedido de Tessa, mas naquela hora...

Foda-se.

Naquela hora, eu só consegui pensar em trazê-la para mais perto de mim.

VINTE E SETE

(TESSÁLIA)

[14:02, 24/9/2016] Cauã Oliveira:

Tess, pelo amor de Deus, me atende

[14:16, 24/9/2016] Cauã Oliveira:

Eu tô aqui na porta da sua casa

Onde você tá?

[14:53, 24/9/2016] Cauã Oliveira:

Seus vizinhos tão me xingando já

[15:22, 24/9/2016] Cauã Oliveira:

Para de me ignorar, vamos conversar

[15:31, 24/9/2016] Cauã Oliveira:

Acabei de ver a foto do seu sobrinho, acho que vc não deve tá em casa mesmo né?

[17:25, 24/9/2016] Cauã Oliveira:

Porra, me diz que você não tá aí com o Lucas

Esse filho da puta me paga

Se vcs tiverem ficando eu não sei o que faço, Tess

[20:43, 24/9/2016] Cauã Oliveira:

Porra, me atende velho

[00:20, 24/9/2016] Cauã Oliveira:

Não quer me atender então foda-se

Apesar da última mensagem, Cauã ainda ligou mais duas vezes antes de desistir de verdade. Eu reli todas elas, abismada com seu desespero.

Tinha me esquecido completamente de checar meu celular no dia anterior. Só na manhã de domingo fui conferir as notificações.

E me deparei com aquilo.

Eu não sabia nem como responder. Meus dedos estavam parados na frente das teclas, imóveis. Devia estar me sentindo feliz com a atenção, mas no fundo alguma coisa não parecia certa. Algo dentro de mim estava fora do lugar, impedindo-me de me sentir como antes.

Pelo canto do olho, percebi uma movimentação na cama ao lado e baixei o celular por reflexo. Lucas, que estava de costas para mim, se virou e percebeu que eu o observava. Seu rosto estava marcado pelo travesseiro, e seus olhos, inchados de sono. Tentei parecer tranquila, mas minha expressão deve ter me traído. Coçando o olho, ele perguntou:

— Que foi? — Ele abriu um meio-sorriso que me deixou momentaneamente sem palavras.

— Nada! — apressei-me em dizer quando ele ergueu a sobrancelha.

Lucas se sentou na cama e penteou os cabelos desgrehados com os dedos.

— A gente não precisa ficar pisando em ovos um com o outro depois de ontem, né? — Ele parecia despreocupado, exatamente o oposto de como eu estava internamente.

— Não, mas... O que isso significa pra gente agora?

— Não precisa significar nada se você não quiser — respondeu, dando de ombros. Eu queria socar a carinha bonita dele por fazer tudo parecer tão simples.

— Mas é estranho, você não acha? — indaguei enquanto apoiava as costas na cabeceira da cama.

— Nem um pouco.

Eu atirei um travesseiro nele tão rápido que o assustei.

— Que isso? — perguntou, rindo. — Não posso achar normal?

— Claro que não. Você por acaso sai beijando suas amigas assim o tempo todo?

Ele abriu um sorriso sugestivo e deu de ombros. Ele estava brincando, é claro. Eu esperava.

— Aposto que você tá arrependida de não ter me escolhido naquela choppada, né?

Boquiaberta, o fitei em choque antes de compreender sua intenção: ele estava tentando quebrar o clima de constrangimento e nos deixar à vontade, como sempre foi.

— Aff, ridículo! Eu tô falando sério! — reclamei ainda que estivesse rindo.

— Um “homão” desse dando sopa e você aí sofrendo por outro.

Sentei na cama e, com a mão na cintura, encarei-o de olhos semicerrados.

— Você tá muito engraçadinho. Isso tudo é alegria por ter recebido o melhor beijo da sua vida em vinte e cinco anos?

— Há! Que convencida! — Lucas se levantou e pulou na cama em que eu dormia. Sem me dar chance para fugir, ele enlaçou meu pescoço e fez cócegas na minha barriga.

Gargalhando alto, esperneeii, implorando que parasse. Ele ainda demorou alguns segundos antes de acatar meu pedido.

— Podemos comer? Eu sou um morto de fome de manhã — insistiu, agarrando-me pelo pescoço de novo.

— Eu lembro! Quase acabou com minha geladeira quando dormiu lá! — caçoei antes de tentar me soltar. Ele rodeou minha cintura com o outro braço, impedindo-me de fugir.

— Fica quieta, Tessa. Tô te proporcionando essa honra de ficar abraçada comigo. Deixa de ser ingrata.

— Jamais — retruquei, só por implicância. Com um sorriso, retribuí o abraço e apoiei minha cabeça em seu ombro.

Mesmo que muitas coisas ainda estivessem confusas demais para que eu me sentisse completamente aliviada, eu me permiti aquele momento de alegria ao lado de Lucas, colocando de lado todas as preocupações.



Mais tarde, voltamos a visitar minha irmã no hospital, dessa vez com minha mãe junto. Ela se emocionou ao segurar o neto pela primeira vez. Enquanto o abraçava com carinho, dona Laura pediu desculpas a Larissa, com lágrimas nos olhos.

Sabia que as coisas não iam se resolver de uma hora para outra e que,

provavelmente, ainda teríamos que enfrentar muitas crises da minha mãe. Mas sua tentativa de ficar sóbria pelo neto — aquela mostra da coragem que existia dentro dela — foi uma pequena vitória que me deixou com grandes esperanças.

Antes que eu percebesse, nós quatro estávamos nos abraçando. E ficamos assim até o pequeno Lorenzo começar a chorar, e nós nos separarmos, rindo em meio às lágrimas.

Lucas e eu voltamos para o Rio depois do almoço. Priscila tinha decidido ficar com nossa mãe por mais tempo e voltar de ônibus durante a semana. Eu me permiti curtir a viagem de volta ao som da playlist *indie* de Lucas, tentando não pensar em nada que me tirasse a sensação boa de ter segurado meu sobrinho em meus braços novamente. Passei o trajeto inteiro cantando alto com Lucas, embolando as letras das músicas que não conhecia.

Mas a felicidade não durou muito tempo.

Quase duas horas depois, quando Lucas parou o carro na frente do meu prédio, eu mal tive tempo de sorrir antes de perceber que havia alguém sentado no banco da lateral da fachada.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**
 - ✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
 - ✓ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**
 - ✓ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**
 - ✓ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**
 - ✓ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**
 - ✓ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**
 - ✓ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**
- Saber que você está seguindo em frente com outros caras vai colocar a semente da incerteza no coração do seu ex, mas acima de tudo é preciso agir como se tivesse realmente superado o que sente. Nada vai ser capaz de deixá-lo mais louco do que isso.
- ☐ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**
 - ☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

VINTE E OITO

(TESSÁLIA)

Lucas não tinha notado. Abri a boca para questionar, para confirmar se era mesmo Cauã ou eu estava ficando louca, mas a fechei novamente. A briga entre os dois era recente demais, e os nervos de todos ainda estavam tão aflorados que não tive coragem de colocá-los frente a frente novamente. Também não tinha certeza se conseguiria esconder minha culpa por ter beijado o melhor amigo dele — o que, sem dúvida alguma, só pioraria ainda mais toda essa confusão.

Por isso, apenas me despedi, agradecendo-lhe por toda a ajuda que me deu, e saí do carro. Virei de costas para o prédio, na tentativa de escondê-lo do campo de visão de Lucas, e esperei que se afastasse antes de correr até o portão de entrada.

Cauã me observava com os olhos verdes semicerrados, mas não levantou até que eu estivesse bem próxima ao banco em que ele me esperava.

— O que você tá fazendo aqui? — A pergunta escapou antes que pudesse segurá-la. Tinha soado mais rude do que eu pretendia. Ele ergueu uma sobrancelha, igualmente surpreso.

— Você some o dia inteiro, me deixa preocupado, e é assim que me trata? Eu só queria saber de você. — Uma expressão magoada cobriu seu rosto enquanto penteava os cabelos, hoje soltos e bagunçados.

Sentindo-me culpada pela grosseria, encarei o chão e disse, com um tom mais suave:

— Desculpa. — Deixei escapar um suspiro cansado. — Eu só tava precisando de um tempo depois de... — Engoli em seco, sem conseguir continuar.

Ele se aproximou de mim, rápido demais, e estendeu as mãos para me segurar pelos ombros. Recuei por impulso, o coração batendo acelerado, e meus punhos,

onde ele havia me machucado na quinta, latejaram com a lembrança. Na mesma hora, a expressão branda dele se encheu de arrependimento.

— Foi mal, eu... — Cauã deu um passo para trás. — Você não tem respondido minhas mensagens e eu... eu tô ficando maluco, Tess. Sei que fui eu quem pedi pra terminar, mas nos últimos dias não consigo parar de pensar em você. Fiz besteira na quinta, me desculpa. Não tive a intenção de te machucar. Eu só... — Ele fechou os olhos e cerrou os punhos. — Eu fiquei fora de mim de ver você com outro! Não percebi que tava te machucando, achei que você tava exagerando pra me afastar.

As palavras de Lucas sobre os impulsos não tão irrefreável assim de Cauã voltaram à mente. Mesmo assim, as palavras dele pareciam *tão* sinceras. Ele nunca tinha parecido tão vulnerável assim, como se estivesse de coração totalmente aberto.

Virei de costas para ele, sem conseguir administrar o caos dentro de mim.

— Tess — sua voz estava próxima, mas já não tão carinhosa quanto antes —, isso é por causa do Lucas? Tem alguma coisa acontecendo entre vocês?

— Não tem nada entre a gente — menti, levando a mão à testa em frustração. Mesmo que realmente não tivesse acontecido nada entre Lucas e eu, ele nunca acreditaria. Tudo o que conseguia enxergar era aquele ciúme desmedido.

Foi aí que me ocorreu, mesmo não tendo planejado, mesmo tendo sido uma casualidade, eu *tinha* seguido o plano e realizado o passo que deveria realizar. Mesmo sem dar a entender que Lucas e eu tínhamos tido qualquer coisa além da nossa relação habitual de amizade, o que de fato aconteceu, saber que eu *estava* com ele foi o suficiente para deixar Cauã naquele frenesi ciumento.

Mas eu não tinha feito nada daquilo propositalmente.

Ou tinha?

Era difícil saber agora o quanto meu inconsciente poderia ter me traído. E eu preferia não seguir por esse pensamento, porque isso significaria que tinha *usado* Lucas, traído sua confiança — e disso nunca me perdoaria.

— Para de mentir pra mim — implorou Cauã, forçando-me a virar para ele. —

Eu vi vocês dois juntos agora!

— Não tem nada entre a gente! — repeti, com menos convicção do que gostaria. — Ele só me deu uma carona pra Teresópolis. A bolsa da minha irmã rompeu antes da hora, eu tava desesperada e ele se ofereceu pra me levar. Foi só isso! — Não sabia por que continuava a me explicar para ele, mas as palavras saíam antes que eu tivesse controle sobre elas.

Ele colocou uma das mãos na cintura e virou de costas para mim, como se tentasse controlar sua irritação.

— E vocês ficaram lá? Passaram a noite juntos? Sozinhos? No mesmo quarto?

— A gente não tava sozinho, a Priscila e minha mãe estavam em casa. — A cada explicação, eu me odiava mais. Não pela mentira, mas por me sentir na obrigação de dar satisfação para ele mesmo que não estivéssemos mais juntos.

Não sabia que força era essa que me prendia a Cauã com tanta intensidade, mas não queria que ele descobrisse o que aconteceu entre mim e seu melhor amigo. Só não tinha certeza se a minha maior preocupação era que ele se sentisse traído, ou o Lucas.

Uma risadinha debochada escapou da sua boca, como se minhas explicações não significassem nada para ele. Suas mudanças de humor me deixavam maluca!

— Cauã, eu tô cansada, meu final de semana foi longo. O que eu mais quero agora é deitar na minha cama. Será que você pode, por favor, ir embora? — Apontei para o portão, tentando ser firme. Tudo o que eu queria era que ele me deixasse *pensar*. Estava confusa e não queria fazer ou dizer nada de que me arrependesse.

— Você tá brincando, né? — questionou, chocado.

— Nunca falei tão sério na minha vida. — Fui até a mesa do porteiro, procurei o botão que abria o portão de fora e segui até ele, segurando-o aberto para Cauã. — Vai embora, por favor — pedi, evitando encará-lo.

Cauã ergueu as duas mãos na frente do peito, as palmas viradas para mim em sinal de rendição.

— Tudo bem, você que manda — concordou com um tom que deixava claro seu orgulho ferido.

A sensação de alívio me invadiu assim que ele atendeu ao meu pedido; fechei o portão e subi correndo para casa. O apartamento estava vazio e minha cabeça, barulhenta demais. Olhei ao redor e senti falta da minha irmã, das pizzas de consolação e das discussões exageradas sobre personagens de filmes.

E percebi que tudo o que eu não queria era ficar sozinha.

Por isso, peguei meu telefone, enfrentei meu orgulho e mandei uma mensagem para Flávia, pedindo que me encontrasse em casa. Não sabia se ainda conseguiria desabafar com ela como antes, mas, apesar da minha amizade com Jaque e Lucas, nenhum dos dois me conhecia tão bem quanto minha melhor amiga. E era do conforto dela que eu precisava agora.

A espera por Flávia, no entanto, me mostrou o tamanho da dificuldade que tinha de ficar sozinha. Eu não sabia como conviver com meus próprios temores, muito menos como lidar com eles ou o que fazer para tirar aquela confusão de dentro de mim. Filmes, livros, música — nada parecia funcionar.

Até que lembrei.

Segui até meu quarto e remexi as gavetas, à procura de um material que havia tanto tempo eu tinha guardado. Por fim, encontrei minha pasta, meu bloco e meu estojo de lápis. Ainda hesitei por um segundo, antes de sentar na minha escrivaninha e começar a desenhar.

4 ANOS ATRÁS

— E aí, o que acha? — perguntei, ansiosa, enquanto o observava mastigar com uma expressão enigmática no rosto.

— Eu acho — ele engoliu a carne antes de continuar — que você devia ser proibida de fazer um negócio desse.

Meu estômago afundou em decepção.

— Ficou ruim, é?

— Não, ficou uma delícia. — Ele abriu um sorrisinho de lado com a minha reação. — É uma afronta que eu não possa comer isso todo dia.

— Ridículo! Que susto! — Empurrei seu braço, um alívio tomando conta do meu corpo. Levantei o garfo e parti um pedaço do polpetone para provar.

Estava mesmo gostoso, tinha que admitir.

— Mas não deve chegar nem aos pés da comida da sua mãe — comentei, sem intenção de me comparar. — Minha mãe consegue estragar até ovo mexido, então tive que aprender a me virar sozinha.

— Mas aprendeu muito bem! A comida da minha mãe é ótima, mas depois de tantos anos é bom provar um tempero diferente. — Ele levou o garfo novamente à boca. — A sua mãe não cozinhava pra vocês?

— No começo ela tentava, pelo que as amigas dela me contam, mas toda vez era um desastre diferente. Desde que me entendo por gente era meu pai quem preparava as refeições lá de casa.

— Ele gosta de cozinhar?

— Acho que sim — respondi apenas. Mas a verdade era que eu *achava* que gostava; uma vez, durante uma briga, meu pai disse que não aguentava mais fazer as tarefas por minha mãe, acusando-a de imprestável. Depois disso, Larissa começou a aprender a cozinhar e, assim que tive idade o suficiente, eu também. — Como é na sua casa?

— Ah, minha mãe é daquelas bem tradicionais. Faz comida todo dia, reclama que a gente não faz nada, mas se meu pai e eu não aparecemos pra comer parece que o mundo vai acabar. Os almoços de domingo são sagrados pra ela, se a gente falta... — Ele deslizou o dedo pelo pescoço, simulando um corte. Soltei uma risada. — Tô falando sério, a velha é enfezadinha. Você vai ver domingo que vem.

— Eu vou? — indaguei, me empertigando. Estávamos namorando há poucas semanas, então ainda não sabia se devia esperar que isso acontecesse logo. Pelo visto, o encontro com os pais seria mais cedo do que eu esperava.

— Claro... Se você quiser, óbvio — acrescentou, quando viu minha expressão. Eu estava dividida entre empolgada ou totalmente em pânico.

— Quero, sim! — me apressei em confirmar com um sorriso fraco e o cenho franzido. Ele riu da minha confusão e segurou minha mão, apoiada na mesa, para depositar um beijo.

— Eles vão adorar você — afirmou, cheio de convicção.

Respirei fundo e tentei não deixar o nervosismo tomar conta de mim enquanto voltávamos a comer.

Quando os pratos já estavam vazios e jogados na pia, levei Cauã para o meu quarto. Ele já tinha conhecido meu apartamento, mas seu olhar ainda era de curiosidade quando entrava nos cômodos, tentando registrar cada detalhe que não percebeu antes.

Dessa vez, meu quarto estava um pouco mais bagunçado do que o normal. Tinha perdido a hora desenhando e, quando recebi sua mensagem avisando que em breve chegaria, pulei da cama apressada pra preparar o jantar que tinha prometido. Assim que ele passou pela escrivaninha, percebeu a pasta que eu larguei de qualquer jeito ao lado do notebook.

— Você desenha? — perguntou, surpreso, folheando as páginas. Depois deu um tapa na própria testa. — Claro que desenha, você faz design, né?

Deixei escapar uma risada e me sentei na ponta da cama, ansiosa. Poucas pessoas tinham permissão para tocar naquela pasta e senti um impulso de arrancá-la de suas mãos, mas não o fiz. Aquela era uma parte de mim que eu queria que ele conhecesse, por mais insegura que fosse sobre isso.

Cauã ficou alguns segundos em silêncio, analisando meus rabiscos.

— E aí? — Eu já estava roendo as unhas em nervosismo. — O que achou?

— São ótimos, Tess. Você é muito boa — elogiou com um sorriso.

— Acha que consigo trabalhar com isso?

Franzido o cenho, ele me encarou, confuso.

— Fazendo quadrinhos?

— Sim... Desde pequena eu amo desenhar HQ. Queria seguir essa carreira, mas ouvi tanto que nunca ganharia dinheiro, que não era um caminho fácil. — Encarei o chão, envergonhada por estar admitindo aquela fraqueza para ele. — Sei lá, escolhi design gráfico porque não é muito diferente do que eu gosto e posso ter opções boas de trabalho, mas não é exatamente o que eu queria fazer.

Virando de costas para minha escrivadinha, ele se encostou ali e apoiou as mãos no móvel.

— Cara, eu sei que a gente vive numa época que as pessoas nos estimulam cada vez mais a fazer o que amamos, mas você sabe que pra viver disso tem que ser *muito* bom. Sonhar é ótimo, faz bem pra gente, mas meu pai sempre diz que sonhar não enche barriga. — Fiz bico, porque no fundo esperava que ele fosse pelo menos fingir que me apoiava e gostava do que eu desenhava. Mas desde que conheci Cauã sabia que ele prezava a sinceridade acima de tudo, não podia esperar nada diferente de quem ele era. — Se é uma coisa que te faz bem, é só manter como hobby. Talvez um dia quando você tiver com uma vida estável e ganhando bem, você possa tentar investir nisso, fazer curso, melhorar. Não acha?

Assenti, ainda com uma expressão triste no rosto. Ele se aproximou e segurou meu rosto, uma mão em cada bochecha, para me fazer erguer o olhar.

— Pode deixar que em engenharia eu posso sonhar bem alto e pretendo ser rico e bem-sucedido logo pra poder te ajudar o mais rápido possível — falou, rindo, me fazendo sorrir de volta.

Em seguida, encostou nossos lábios e me inclinou para trás até que eu estivesse deitada, seu corpo sobre o meu. E todas as minhas dúvidas sobre o futuro foram embora, jogadas no chão junto com as nossas roupas.

VINTE E NOVE

(TESSÁLIA)

Flávia franzia os lábios e estava em silêncio havia alguns minutos, como se tentasse organizar os próprios pensamentos. Mas pela sua expressão contida, não parecia, de forma alguma, prestes a discutir comigo.

O que era exatamente o que eu esperava dela.

Tinha acabado de contar *tudo* à Flávia. Tudo mesmo. Meu plano, a ajuda de Jaque, minhas dúvidas e até mesmo o beijo que dei em Lucas. Duas vezes. Não sabia por que tinha sentido essa necessidade de desabafar justo com *ela*, mas talvez eu quisesse mesmo que Flávia brigasse comigo e gritasse todo o discurso que sempre repetia quando conversávamos sobre Cauã. Talvez eu só precisasse ouvi-la tentar me convencer de que estava sendo burra e que tudo aquilo tinha sido a pior ideia que já tive na vida. Assim, *talvez*, eu conseguisse relembrar os motivos pelos quais eu tinha decidido começar aquela loucura.

Mas Flávia não fez nada do que eu esperava.

— Bom... E o que você acha que sente pelo Lucas? — perguntou, enfim, me encarando da outra ponta do sofá, onde sentava de pernas cruzadas com uma almofada no colo.

Minhas bochechas esquentaram. De tudo que poderia falar, por que escolheu começar *justo* por esse tópico?

— Flavs, a questão não é essa! — exclamei, constrangida.

— E qual é a questão?

— A questão é que... Por que você não tá brigando comigo? — questionei de repente, mudando a direção da conversa.

— É isso que você esperava? — Ela arqueou a sobrancelha, sem parecer surpresa.

— Talvez, sim.

Flávia suspirou e relaxou as costas no braço do sofá.

— Eu não disse que ia tentar te entender?

— Sim, mas não era o que você tava fazendo até dois dias atrás — lembrei, na defensiva. Ainda estava um pouco magoada com ela por ter feito exatamente o contrário do que me prometeu na primeira oportunidade que teve.

— Por que me chamou aqui, então?

— Eu... não sei... — admiti em um murmúrio, enquanto encarava seu olhar triste.

Flávia inclinou o corpo para frente, debruçando-se sobre a almofada em seu colo.

— Eu sei que fiz merda semana passada. E você tem todo direito de ficar chateada por eu não ter nem tentado cumprir minha promessa. Não sei o que te fez vir falar comigo apesar disso, mas tô feliz que tenha me chamado... — Flávia desviou o olhar. Admitir que estava errada era uma das coisas mais difíceis do mundo para ela. Aquela era a maior prova de amizade que podia me dar. — Eu percebi que não tava agindo certo e queria me redimir. É por isso que eu não saí brigando com você, por mais que aqui no meu peito eu queira te estrangular. Satisfeita?

Não pude evitar um sorriso, mas ainda estava muito confusa com essa mudança repentina.

— Você teve essa percepção do nada?

— Bom, não... — confessou, com um sorriso sem-graça. Ela coçou a cabeça antes de continuar. — É que esbarrei com a Jaque ontem no shopping e a gente acabou conversando. E ela me pediu pra ser mais paciente com você.

— E ela te contou do plano pelas minhas costas?! — perguntei, fechando a

cara.

— Bom, não exatamente. Mas eu já sabia desse plano, né? — Deu de ombros. — Eu torcia pra que você tivesse desistido, mas quando a Jaque começou a falar sobre entender como você se sentia, suas decisões e tal... Meio que deduzi que tivesse decidido continuar. Entendo por que você não me contou, mesmo que isso me magoe um pouquinho. Mas admito que talvez a Jaque seja mesmo uma pessoa melhor do que eu para te ajudar. — A chateação transbordava por sua voz e, apesar do meu ressentimento, me vi estendendo a mão até tocar a dela, em uma tentativa de consolo.

— Não é que ela seja melhor que você ou que eu goste mais dela, é só que...

— Ela conseguiu se pôr no seu lugar quando mais ninguém conseguiu — cortou enquanto virava a mão para entrelaçá-la à minha. — Eu sei. Eu não entendia, mas depois que conversei com ela... percebi que fiz tudo errado com você. Tipo, não vou passar a mão na sua cabeça e dizer que você tá certíssima, porque ainda acho que apesar de tudo você não soube lidar bem com a situação. Você me abandonou, não tentou se pôr no *meu* lugar e, mesmo depois que fizemos as pazes, você ainda parece estar em outro lugar, como se nunca quisesse se dedicar totalmente a nossa amizade, sabe? *Mas...* admito que também errei e quero que você saiba que tô aqui. De corpo e alma. Cem por cento. Não vou te criticar pelas decisões que você tomar, mas quando me pedir uma opinião você precisa entender que nem sempre vou poder dar a que você gostaria. E você não pode me pedir pra fechar os olhos se alguém te machucar. *Nunca*.

— Tudo bem. Eu posso aceitar isso. — Abri um sorriso tímido e, assim que Flávia retribuiu, os cantos da minha boca se alargaram ainda mais. Ela pulou no meu pescoço, me abraçando, e eu a apertei contra mim. Quando Flávia se afastou, mordi o lábio inferior, voltando a ficar séria.

— E, então... O que eu faço agora?

Ela deixou escapar uma risada.

— O que você *sente* que deve fazer? — indagou, como se fosse uma psicóloga e não minha melhor amiga supersincera que não tem medo de magoar ninguém.

— Acho que se eu estivesse em condições de tomar uma decisão racional não tava aqui pedindo justamente *sua* ajuda.

Flávia abriu outro sorriso.

— Ok, então vamos começar pelo mais simples. — Ela estendeu as mãos na frente do corpo, as palmas voltadas para mim. — O que você sente pelo Lucas?

— Esse é o mais simples? — retruquei com uma risada nervosa. Ela meneou a cabeça em concordância. — Não sei, não acho que tô apaixonada nem nada, mas... Eu me sinto segura quando tô com ele, sabe? As coisas são mais fáceis, mais leves. E, apesar do Lucas às vezes não me entender, ele sempre se esforça pra isso, ou pelo menos pra que eu não me sinta sozinha.

— E o Cauã?

Soltei um suspiro, sem saber direito como começar a explicar o que Cauã significava para mim. Depois de alguns segundos tentando organizar meus pensamentos, falei:

— Cauã é como uma montanha-russa. Você fica ansiosa pra começar, sente um frio na barriga quando tá subindo e, ao chegar lá em cima, só consegue pensar no quão incrível é aquilo tudo. Mas então o carrinho despenca e as coisas ficam confusas, a adrenalina se entrelaça ao desejo do fim até que tudo o que você mais quer é voltar pra segurança do chão. Você não consegue pensar direito, e a sua vida vira um *looping* de altos e baixos, bons e maus momentos. E então acaba. Assim, de repente. E enquanto você tá lá embaixo, em segurança, olhando as outras pessoas se divertirem, tudo o que você quer é subir de novo na montanha-russa.

Flávia me fitou em silêncio por alguns segundos, com um olhar curioso no rosto.

— Eu odeio montanha-russa.

Deixei escapar uma risada.

— Eu sei, por isso que foi uma analogia perfeita.

— Justo. — Ela balançou a cabeça, rindo. — Eu acho que... pra quem gosta... as montanhas-russas podem ser realmente maravilhosas. Mas pras coisas darem certo, de um jeito que não te machuque mais tarde, você tem que ter certeza de que ela é segura. Porque se algo não estiver no lugar, você pode sair destruída

dessa “brincadeira”.

Bufei, impaciente, porque até *aí* eu já tinha conseguido entender sozinha.

— Mas como que eu faço pra sair depois que já entrei?

— Eu sei que não é fácil sair de um relacionamento *assim* — murmurou, abandonando as analogias e falando em tom mais sério —, mas acho que o primeiro passo é descobrir por que você não quer sair. É só por causa do amor? É medo de ficar sozinha? É por que você acha que nunca mais vai conseguir encontrar alguém que te ame do mesmo jeito?

— Talvez... um pouco dos três?

— Tessa, eu *sei* o que é se sentir insegura. Eu acho que toda mulher, de certa forma, sabe. Quase todas nós já passamos por situações abusivas, em maior ou menor grau. Mas você e eu, além do gênero, também fazemos parte de outras minorias e sofremos outros tipos de preconceitos. — Franzindo a testa, ela abaixou o olhar.

Balancei a cabeça, em concordância, mas antes que Flávia pudesse continuar, acrescentei baixinho, como se reiterasse o que ela estava dizendo:

— Ser mulher *e* negra não é mesmo fácil. Sei que desabafo pouco com você sobre isso, mas é algo muito difícil de compartilhar às vezes. Tanta coisa nessa vida já me fez acreditar que eu merecia menos do que as outras pessoas. Eu cresci sendo hipersexualizada pelos homens do jeito que toda mulher negra é, acreditando que devia aceitar um amor meia-boca porque é tudo que eu ia conseguir...

Flávia respirou fundo e voltou a me encarar com os olhos cheios de empatia.

— Não posso imaginar como deve ter sido passar por tudo isso, amiga. *Mas* não posso dizer que não entendo, porque, por mais diferente que as situações sejam, eu também já ouvi muita coisa nojenta por ser bissexual. Muito cara acha que eu tô sempre disposta a fazer *ménage*, que eu pego qualquer um só porque sinto atração pelos dois sexos. Já passei por muita merda, e eu entendo como é começar a duvidar de que você é merecedora do amor de alguém.

Meu olhar estava vidrado em Flávia. Pela primeira vez, eu não senti vontade de

entrar na defensiva ou retrucar seu conselho para abafar os medos dentro da minha cabeça. E eu tinha noção de que essa mudança significava algo muito importante, mas no momento só consegui prender a respiração enquanto ouvia seu relato.

— Eu já *quase* vivi um relacionamento como o seu — confessou, num sussurro. — Acho que nunca te contei isso porque tinha vergonha, mas quando te conheci, eu saía com uma garota há meses que nunca queria me assumir como namorada. Ela me acusava de ser indecisa e sempre ficava com ciúmes de todos os meus amigos, fosse homem ou mulher. Dizia que era por isso que não podia namorar comigo, porque teria que se preocupar com todo mundo com quem eu saísse. Até que um dia eu acordei e vi que não queria mais viver assim. — Flávia abriu um sorriso cheio de dor e resignação. Parecia tentar me transmitir toda a força que ela mesma sentiu naquele momento. — Eu terminei com ela e tive que aprender a me reerguer sozinha. Mas aos poucos fui *me* provando que tava muito melhor sem ela.

Ela ficou em silêncio, e eu sequei meus olhos lacrimejados sem saber o que dizer. Encarei nossas mãos, ainda unidas, e apertei a minha contra a sua.

— Caramba, amiga, eu não... eu nem imaginava — foi o comentário idiota que fiz enquanto ainda buscava palavras melhores para confortá-la. Mas como podia passar uma segurança que eu mesma não sentia?

— Eu sei, eu fiz um bom trabalho em esconder. E eu acho que você é a primeira pessoa pra quem conto. — Ela deu de ombros e apoiou a lateral da cabeça no encosto do sofá. — Por isso foi tão difícil ver você se afundar num relacionamento que, pra mim, não era muito diferente do que eu tive. Não conseguia entender como você não era capaz de enxergar o que eu enxerguei sozinha. Mas acho que cada um tem seu próprio fardo pra carregar, suas próprias dores e, principalmente, seu próprio tempo pra compreender quando já deixou as coisas irem longe demais. E pra você estar me perguntando isso agora, querendo, pela primeira vez, ouvir meu conselho racional... é porque no fundo você sabe que chegou no seu limite. Estou errada?

Eu desviei meu olhar, sem responder. Mas a pergunta de Flávia tinha sido retórica; ela já sabia bem a resposta.

— O melhor jeito de sair de um relacionamento que você acha que tá te

fazendo mal é descobrir o que te faz bem e se agarrar a isso. — Levando nossas mãos a sua boca, ela depositou um beijo nos dedos entrelaçados. — E você pode contar comigo pra te ajudar.

TRINTA

(LUCAS)

Eu estava num estado semiconsciente quando um barulho baixo me despertou. Ergui a cabeça, notando que havia acabado de cochilar em cima de um texto da faculdade sobre legislação ambiental. O toque persistiu, crescendo gradativamente, até eu perceber que era meu celular.

O nome de Tessa estava estampado na tela.

— Alô? — atendi, com a voz sonolenta. Demorei ainda mais um segundo para estranhar a ligação. Tessa sempre me mandava mensagens. — Tá tudo bem?

— Tava dormindo? — A voz dela parecia carregada de animação perto da minha.

— Não, estudando.

— Ou seja, dormindo?

— Dormindo é muito forte. Eu tava descansando os olhos — brinquei, enquanto me espreguiçava. Ela soltou uma risada que me fez sorrir igual um idiota.

— Bom, *eu* tava dormindo. Fui pro estágio cedo hoje porque não tenho aula quarta e tô desde *quatro* da tarde escrevendo essa bendita monografia. — Ela bufou, como se a mera menção ao trabalho já a deixasse irritada. — Quando percebi, tava babando em cima do computador há quase uma hora.

— Meus pêsales — desejei, em tom de luto.

— Preciso de uma pausa. Quer sair pra comer alguma coisa? — perguntou, sem rodeios.

A simples menção à pausa e comida, juntas, na mesma frase, me deixou alerta.

— Quero. *Necessito* de comida.

— O que você tem em mente?

Considereei a pergunta por um instante, mas minha mente pescou rapidamente uma ideia.

— Um "podrão" de cachorro-quente gigante que tem na praça aqui do lado de casa.

Mesmo por telefone, foi fácil notar a empolgação de Tessa com a sugestão.

— Te encontro lá na praça em 20 minutos — concordou na mesma hora, desligando o telefone em seguida.

Quando devolvi o celular de volta à escrivaninha, franzi o cenho. Tessa tinha acabado de me convidar para sair? Ou só tinha me convidado como amigo? Mas se fosse isso, por que ela não tinha estendido o convite para todo mundo no nosso grupo?

Ah, foda-se, eu não podia me importar menos com a resposta.

Talvez um pouco.



Quando Tessa chegou à praça, meia hora depois, eu estava sentado em um dos bancos de madeira mais próximos da barraca do cachorro-quente, batucando os dedos em uma das pernas.

— Não precisava ter se arrumado tanto pra mim, não — falou com um sorriso, assim que parou na minha frente.

Os cachos dela tinham crescido um pouco, o suficiente para que pudesse prendê-los para cima, em uma mistura de coque e rabo de cavalo. Havia algo

diferente em Tessa, mas eu não sabia dizer o quê. Talvez fosse o sorriso, que não queria abandonar seu rosto, ou o fato de que, depois dos nossos beijos, eu já não conseguia enterrar as expectativas que tinha sobre ela.

— Eu só tomei um banho.

— Não é uma coisa que você faz com muita frequência? — caçoou, sentando ao meu lado.

— Só pra quem merece.

— Olha, muito obrigada pelo voto de confiança! — agradeceu, com tom irônico, enquanto eu ainda a encarava com certa admiração. Ela arqueou a sobrancelha ao perceber meu olhar e eu me obriguei a agir como um ser humano minimamente normal. — Vamos?

Concordei com a cabeça e joguei meu braço ao redor do seu pescoço enquanto a puxava para se levantar.

— Prepare-se para conhecer o melhor cachorro-quente de toda a Tijuca — anunciei quando nos aproximamos. — Sei que os *foodtruck* estão na moda agora, mas nada se compara a isso. É *vintage*.

Ela soltou uma gargalhada.

— Com a fome que eu tô, até lixo ia parecer gostoso — admitiu, com um sorriso constrangido.

— Então a gente come um pra matar a fome e outro pra saborear.

Tessa concordou enfaticamente com a cabeça.

— Então, dois serão! — declarou, quando paramos na frente da barraca. Ela se virou para mim com o cenho franzido. — Mas um de cada vez, né?

Rindo, concordei com a cabeça antes de me virar para a atendente e pedir dois cachorros-quentes.

Tessa *realmente* estava com fome. Assim que nossos pedidos saíram, ela comeu tão rápido que eu ainda estava terminando o meu quando a vi se levantar

para jogar o guardanapo fora. Acabei pedindo mais um — ela não teve coragem, afinal —, e, depois que terminei, nós procuramos um banco na parte central da praça, em frente a área destinada a cachorros.

— E aí, como tá a monografia? — questionei, tentando recomeçar a conversa.

Ela escondeu o rosto nas próprias mãos.

— Um desastre — choramingou, a voz abafada. Inspirou fundo e voltou a me encarar. — A verdade é que andava negligenciando um pouco a monografia nos últimos meses, mas meu orientador mandou um e-mail semana passada e eu entrei em pânico quando percebi que faltam menos de 2 meses pro prazo. Tô *apavorada*.

— Por isso que você andou tão calada nos últimos dias? Achei que você pudesse ter começado a nos odiar e não queria mais falar com a gente.

— Eu seria uma pessoa mais feliz se esse fosse o motivo.

— Ai — reclamei, botando a mão no coração em deboche, como se ela tivesse me magoado profundamente.

— Você entendeu — riu, me empurrando de leve pelo braço. — O pior é que eu tô tentando me afastar um pouco das coisas que me distraem, mas não consigo parar de ter várias ideias. Por exemplo, essa semana, num dos momentos que tirei para escrever, acabei descobrindo que o aniversário da Jaque é daqui a duas semanas!

— Eu sei.

— Eu sei que você sabe — rebateu, revirando os olhos. — Mas você pensou em fazer uma festa surpresa pra ela?

— Não...

— Bom, *eu* pensei. — Com um sorriso que mostrava os dentes, ela tirou o celular do bolso e abriu a galeria, para mostrar as imagens de inspiração que tinha salvado. — O que você acha? Já ouvi ela falando que nunca ganhou uma. — Tessa me lançou um olhar recriminador.

— Não sou muito bom com essas coisas — expliquei dando de ombro.

Ela passou os próximos minutos contando seus planos, os olhos brilhando de empolgação, enquanto eu a observava com a sobrancelha arqueada e um sorriso no rosto. Levou um tempo para que ela percebesse.

Ela interrompeu o próprio discurso e inclinou a cabeça para o lado.

— Que foi? — Uma mecha se soltou do rabo de cavalo, emoldurando a expressão curiosa em seu rosto.

— Isso tudo é desculpa pra não fazer a monografia? — provoquei, sem conseguir evitar o riso frouxo. Tessa fingiu indignação enquanto eu gargalhava.

— Eu aqui, querendo fazer uma surpresa pra minha amiga, e você dizendo que é desculpa! — Ela tentou parecer séria, mas o canto da sua boca tremeu com o esforço para segurar o sorriso. — Que absurdo!

— Um pouco dos dois, talvez? — sugeri, tentando arrancar a falsa seriedade de seu rosto.

— Talvez. — Ela se rendeu e abriu um meio sorriso. Então, mordeu o lábio inferior, não evitando que a animação voltasse a se manifestar. — Mas você acha que ela vai gostar?

Ainda que a resposta fosse não, seria incapaz de destruir seu entusiasmo. Ela estava quase pulando em seu lugar, ansiosa pelo evento, como se nada mais na sua vida pudesse ser tão importante quanto fazer uma festa surpresa para uma amiga.

Assenti com a cabeça.

— Claro. Ela ama aniversários — respondi, sinceramente. O sorriso de Tessa se alargou, enrugando o canto dos seus olhos, que me encaravam com alegria. Se eu tivesse que escolher um momento dela para gravar na minha memória para sempre, teria sido aquele. Ela estava mais feliz do que nunca, *tão linda*, que senti um impulso de trazê-la para perto e desacelerar o tempo.

— Ótimo. — Ela interrompeu meus pensamentos, se recostando na parte de trás do banco e esticando as pernas na calçada enquanto apoiava uma mão no

meu joelho. — Então tá certo. Agora, me conta alguma coisa.

— Que coisa?

— Qualquer coisa que eu não saiba sobre você. Só não quero voltar pra monografia. Me mantenha ocupada — pediu com um sorriso maroto. — Você tá estagiando, né? Você gosta?

— É... — confirmei, sem muita convicção. Ela franziu os lábios e ergueu as sobrancelhas, percebendo meu desânimo. — Não é exatamente o estágio dos sonhos, mas ajuda a pagar as contas.

— Por que você aceitou?

— É muito difícil ter oportunidade na minha área, e eu já tava no quinto período. Era melhor do que ficar coçando o saco em casa — concluí, dando de ombros.

— Mas você gosta de Engenharia?

— Pra caralho.

— E qual seu sonho?

— Isso virou interrogatório? — brinquei apesar de não me sentir incomodado. Ela abriu a boca para se desculpar, mas a interrompi. — Não é bem um sonho, mas... conversava muito com a minha mãe sobre trabalhar em alguma ONG na área de prevenção e controle de poluição. E acabou virando meio que uma meta pra mim, sabe?

— Então é muito melhor que um sonho, porque significa que você já colocou ele no papel. — Com mais um sorriso, Tessa olhou para frente e ficou em silêncio por alguns segundos até que suas feições relaxaram, deixando seu rosto mais sério. — Você sente muita falta dela?

Franzi o cenho, confuso por um instante, até compreender que eu *tinha* mencionado minha mãe sem nem perceber.

— Pra caralho — foi o que respondi apenas.

Ela me pegou tão desprevenido, que só depois me toquei de que aquele era sempre um tema que eu evitava perto dela e que Tessa nada sabia sobre a história da minha mãe. Às vezes, eu me perguntava se fugia do assunto porque ainda era doloroso demais compartilhar ou porque eu tinha medo que Tessa não estivesse pronta para ouvi-la. Eu não queria ninguém julgando minha mãe pelas escolhas que tinha feito, e as chances de que ela fizesse isso sempre tinham sido bem grandes, considerando o quão cega estava com relação a Cauã.

Mas quando Tessa me encarou e eu senti que estava prestes a fazer a pergunta que eu tinha tanto evitado, percebi de repente que já não me sentia tão indeciso assim.

— Lucas... O que aconteceu com ela? — Tessa estava hesitante; talvez por causa da nossa conversa em Teresópolis, ela já soubesse o que esperar, e, por isso, estivesse com medo de tocar no assunto.

Permaneci em silêncio por algum tempo, tentando organizar meus pensamentos. Tessa não sabia *nada* sobre minha adolescência, então decidi começar do começo.

— Meus pais nunca foram um casal perfeito... Pelo menos, não nas minhas lembranças. Meu pai era muito ausente e rigoroso, aquele tipo de pessoa que você obedece, mas nunca *ama* de verdade. E a minha mãe... Ela fazia tudo pela gente e sempre dava o melhor de si em casa, mesmo que ele não reconhecesse seus esforços.

Deixei meu olhar se perder no gramado cercado da praça enquanto as memórias que guardei dentro de mim por tanto tempo iam se desenrolando na minha frente.

— A gente morava em Niterói quando eu era criança, até que meu pai perdeu o emprego. Ele fez uma cagada no trabalho, foi cúmplice de um colega que roubava da empresa, e acabou sendo mandado embora por justa causa. A gente ficou com uma mão na frente e outra atrás. As economias que ele guardou mal davam pra três meses de aluguel. A minha tia Olívia, aquela que você conheceu, ajudou enquanto pôde, mas não tinha como sustentar todo mundo. Só que ela era dona de um apartamento no Méier e, quando o contrato dos inquilinos acabou, ela ofereceu o lugar pra gente morar de graça. — Fechei os olhos, tentando espantar as cenas que se projetavam na minha mente contra minha vontade, uma

atrás da outra. Elas eram vivas demais e, por um segundo, me arrependi de ter desenterrado aquele passado. — Foi mais ou menos nessa época que Cauã e eu viramos amigos. A gente se conhecia desde a infância, das peladas no campinho perto da casa da minha tia, mas foi só quando me mudei que a gente se aproximou. Mas foi também nesse período que as brigas lá em casa pioraram, e meu pai começou a ficar mais agressivo.

Eu fiz uma pausa para recuperar o fôlego e tomar coragem para continuar. Percebendo minha hesitação, Tessa levou uma de suas mãos à minha e entrelaçou nossos dedos. Abri os olhos e encontrei sua expressão angustiada, como se ela estivesse compartilhando a minha dor. Por causa dela, me forcei a continuar.

— Sempre que meus pais começavam a brigar, eu acabava indo me abrigar na casa do Cauã. A família dele me acolhia como se eu fosse um filho. Ao longo dos anos, a situação lá em casa foi ficando mais séria e mais difícil de sustentar. — Respirei fundo, porque o pior estava chegando, e não sabia se teria forças para reviver *aquela* lembrança. — Tentei fazer minha mãe denunciar algumas vezes, mas ela não queria. A gente morava de favor na casa da irmã *dele*, e era meu pai quem sustentava a casa, porque ele nunca deixou minha mãe trabalhar. Ela tinha medo de ter que se virar sozinha, de *ficar* sozinha e me criar sem a ajuda de ninguém. Por isso, ela foi aceitando calada. Até o dia em que ele *me* bateu. Eu tava tão puto com tudo que ameacei ir embora se ela não denunciasse. Foi só por causa disso que ela foi na polícia.

“Decretaram prisão preventiva e foi um alívio os dias que ele ficou longe. Mas ele foi solto alguns dias depois e tudo o que a gente conseguiu foi uma medida proibindo ele de voltar pra casa ou chegar perto de nós dois. É claro que ele tentou mesmo assim.”

Fiquei em silêncio, porque um nó se formou na minha garganta, impedindo-me de dizer qualquer outra coisa. As lembranças daquela tarde eram dolorosas demais para anunciar em voz alta. Quando percebeu isso, Tessa me forçou a olhar para ela. O rosto dela estava lavado pelas lágrimas apesar do meu continuar seco.

— Não precisa continuar. Eu *entendo*. — Ela encostou a testa na minha, e fechei os olhos com força, concordando com a cabeça. Tessa apoiou a mão na parte de trás da minha cabeça, e enterrei meu rosto no seu pescoço. Suas mãos

delicadas acariciaram minhas costas, me reconfortando. — Eu sinto muito, Lucas, de verdade.

— Eu também — concordei, com a voz abafada pela sua pele. — Eu sei que não fiz nada errado, mas foi muito difícil não deixar a culpa me consumir pelo que aconteceu com ela.

— Não. — Sua voz estava séria quando me segurou pelos ombros, me forçando a encarar seu rosto. Por algum motivo, a curva do seu ombro estava molhada apesar de não ter sentido nenhuma lágrima cair. Levei minha mão ao rosto, secando a umidade com as costas dela. — Você era só uma criança. Não era sua responsabilidade, Lucas.

— Eu sei disso agora — confirmei, procurando algum sinal de acusação em seus olhos. A única coisa que encontrei foi compaixão. — Mas eu carreguei essa culpa comigo por muito tempo. E mesmo depois que consegui me convencer de que fiz o que podia fazer na época, independente de como tudo se desenrolou, quando vi uma situação parecida acontecer na minha frente, mais tarde, mais maduro, eu também não consegui fazer *nada*.

Por alguns segundos sua expressão permaneceu confusa até que ela fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Lucas, você não pode tá querendo comparar a violência que sua mãe sofreu com meu namoro com o Cauã.

A indignação pela dificuldade que ela tinha de enxergar a verdade tomou conta de mim.

— Eu tô, sim — confirmei em um tom mais duro do que pretendia. — Talvez você não consiga ver isso agora, Tessa, mas o relacionamento dos meus pais começou muito parecido com o seu. Ou você acha que minha mãe escolheu, por livre e espontânea vontade, namorar um cara que a diminuía, tinha crises de ciúmes, a culpava por tudo o que acontecia de errado e batia nela? As coisas foram acontecendo aos poucos. Quando ela percebeu, já tinham passado do limite, e ela não sabia como sair.

Tessa baixou o olhar e balançou a cabeça, mas não disse nada.

— E depois de ter vivido tudo isso, eu *devia* ter dito alguma coisa quando

percebi o comportamento do Cauã. Eu *podia* ter tentado abrir os olhos dele, feito Cauã enxergar que tava sendo um babaca, que você não merecia a possessividade dele, muito menos as brigas sem motivo, as tentativas de te menosprezar, de te colocar pra baixo. *Mas eu não fiz nada, Tessa.* Eu achei que não era da minha conta e fiquei calado. Mas quando eu vi vocês brigando na porta daquele bar, tudo o que eu conseguia enxergar eram os meus pais discutindo. — Deslizando a mão pelo cabelo, eu bufei, frustrado. — Só porque o Cauã nunca levantou a mão pra você não significa que ele não podia ter destruído a sua vida também. Só porque isso nunca aconteceu não significa que um dia não aconteceria. E eu nunca ia me perdoar se eu visse tudo isso se repetir na minha frente, sabendo que eu podia ter feito alguma coisa, mas não fiz.

— Lucas, você não pode querer ser o super-herói de todo mundo.

— Não é isso que eu tô dizendo — contestei, só então percebendo que, pela primeira vez, ela não tinha tentado negar nada do que eu disse. — Eu sei que eu não posso consertar todo mundo, mas... eu posso ser aquela voz na consciência de alguém. Eu posso ser a voz que vai fazer a pessoa *considerar* não tomar uma atitude ruim. É isso que amigos fazem. Não significa que eu vou conseguir, nem que eu tenho o poder de mudar a essência das pessoas. Mas eu não posso simplesmente ficar *parado* enquanto vejo uma pessoa cometer um ato ruim. *Você entende?*

— Eu entendo — confirmou, enfim.

Eu respirei fundo, aliviado, enquanto permanecíamos em silêncio, os olhares presos um no outro.

— Sei que isso parece meio clichê, mas mesmo sem conhecer sua mãe acho que ela teria orgulho de quem você se tornou.

— Será? — perguntei, mas ela colocou a mão sobre meus lábios, me forçando a ficar calado.

— Você me mudou de tantas formas que eu acho que nunca vou conseguir expressar em palavras o tamanho da minha gratidão. Eu *tenho certeza* de que ela teria orgulho de saber disso. — Tessa abriu um sorriso de agradecimento. — Obrigada, tá?

Ela me abraçou pelo pescoço e, em retribuição, a puxei para mais perto até

encostar minha boca em suas têmporas. Dei um beijo em sua testa e aproveitei o quanto pude enquanto sentia seu perfume amadeirado me dominar de todas as formas.

Se a forma como meu corpo reagia ao toque dela podia ser uma indicação do quão envolvido estava, diria que eu estava *muito* ferrado.

TRINTA E UM

(TESSÁLIA)

Estava largada no sofá, ao lado de Flávia, observando a sala de Jaque completamente transformada pela decoração que tínhamos feito para o seu aniversário. Ela era viciada em Star Wars, então é claro que Lucas logo sugeriu o tema. Como Flávia e eu não sabíamos nada sobre a saga, tivemos que maratona os filmes no final de semana anterior — Jaque ficou pirada quando sugerimos a ideia, sem saber, é claro, o nosso real propósito.

Mas apesar das várias horas que passamos com a bunda no sofá, tinha valido muito a pena: a mesa estava decorada com balões preto e prata, pequenas luminárias em formato de sabre de luz e outros objetos da série que encontramos no centro da cidade. Encomendamos também um bolo em formato de nave espacial, com bonecos cabeçudos dos personagens, além de cupcakes temáticos.

Eu estava tão animada que nem tinha achado os filmes *tão* chatos quanto imaginei.

Peguei meu celular para tirar uma foto da decoração e percebi que havia duas mensagens não lidas. Uma era de Lucas, a outra, de Cauã.

Cauã vinha me mandando mensagens com uma certa frequência desde aquele domingo em que apareceu na minha casa. Ele tinha pedido desculpas, prometido que ia mudar e respeitar meu espaço. Eu estava cansada de ignorar seus áudios e ligações, então, quando insistiu que eu desse uma chance de me provar, eu aceitei. Mas cada conversa me deixava ainda mais confusa. Ele estava sendo perfeito comigo, como tinha sido no começo, quando estávamos nos conhecendo, e, apesar de reconhecer a verdade nos conselhos dos meus amigos, era difícil enxergar esse monstro em Cauã quando ele estava sendo tão amoroso.

Eu simplesmente não sabia o que fazer. Por isso, deixei o destino encarregado de me dar a resposta.

Deixei escapar um suspiro antes de abrir a mensagem de Lucas.

[19:56, 21/10/2016] Lucas Munhóz

Já tá tudo pronto? Estamos pagando a conta aqui

Como era sexta-feira, Lucas e a mãe de Jaque tinham convencido a aniversariante a deixar o evento de comemoração para o dia seguinte. A mãe dela saiu assim que chegamos, e os dois a levaram para lancha fora, "para o dia não passar em branco". Enquanto isso, Flávia e eu nos encarregamos da decoração e de receber os convidados.

[19:57, 21/10/2016] Tessália Sampaio

Tudo perfeito

Avisa quando estiverem chegando

Levou quase meia hora para que ele enviasse uma nova mensagem. Mas assim que recebi o aviso, apaguei as luzes e selecionei a Marcha Imperial na *playlist*, pronta para tocar durante sua entrada. Quando ouvimos o barulho da fechadura, nós prendemos a respiração e esperamos a porta abrir para gritar "surpresa!" ao som da trilha sonora mais famosa de Star Wars.

Jaque caiu na gargalhada, com uma expressão dividida entre surpresa e diversão.

— Gente, que que isso! Como vocês fizeram isso tudo pelas minhas costas? — Seus olhos arregalados voaram da mãe para Lucas, depois para seus amigos e familiares sorridentes. Ela retribuiu o sorriso, parecendo em êxtase.

— Gostou? — perguntei, depois que ela correu para me abraçar.

— Se eu gostei? Eu amei! Olha essa minha entrada ao som da marcha imperial! — Ela gargalhou no meu ouvido, antes de me soltar.

— Parabéns, garota! — desejou Flávia, puxando-a para um abraço tão apertado que tirou Jaque do chão.

Minha irmã também estava lá, é claro. Tínhamos arrastado a pirralha para nos ajudar com os petiscos. Nós duas voltamos a nos falar normalmente uns dias depois da briga, como sempre acontecia quando discutíamos, então aproveitei para abusar um pouquinho da sua boa vontade.

Jaque se distanciou para cumprimentar seus outros convidados, e nós aproveitamos para começar a comer. Eu estava *morrendo* de fome depois de todo aquele trabalho.

— Caralho, vocês se superaram, hein! — elogiou Lucas, aproximando-se do grupo com um olhar embasbacado. Flávia, Priscila e eu rimos, agradecidas com a bajulação.

— A gente tenta não ser foda, né? Mas é muito difícil — brinquei, fazendo pose.

Lucas envolveu meu pescoço e me deu um cascudo.

— Ela não desconfiou de nada, não? — perguntou Flávia quando Lucas parou de implicar comigo. Ele, no entanto, continuou com o braço apoiado em mim.

— Nadinha. A única coisa que ela estranhou foi eu ter comido tão pouco. — Ele abriu um sorriso sem-graça. — É que eu tinha que deixar espaço pro bolo, né? Mas não sei nem como vou ter coragem de comer essa nave de tão foda que ficou.

— Pode deixar que a gente come por você — Priscila retrucou logo.

— Não, não, imagina. Eu vou superar essa dificuldade!

— É melhor mesmo, porque a galera tá com um olhar faminto pra cima dele. Se não comer na hora, acho que não sobra pedaço, não — alertou Flávia.

— Gente, eu tô *ma-ra-vi-lha-da*! — a voz de Jaque nos interrompeu enquanto

ela aparecia entre Flávia e Priscila e envolvia ambos os ombros. — Ficou sensacional! Eu não tava *mesmo* esperando.

— Foi ideia da Tessa, ela tava procurando uma desculpa pra enrolar a monografia — dedurou Lucas. Abri a boca, ofendida.

— Cala a boca, ridículo! Eu fiz isso pela *minha amiga*!

— Mas foi ótima a oportunidade de deixar a monografia de lado, né? — perguntou Jaque, rindo. Eu concordei enfaticamente com a cabeça. — Não quero nem pensar nisso. Dá até um arrepio.

— Nem fala, eu tô sofrendo pra fazer a minha. — O olhar desolado de Flávia era quase um reflexo do meu.

— Só de estar fazendo projeto de monografia eu já tô em pânico. Não quero nem pensar no último período.

— Lucas, a sua monografia é em dupla — retruquei, revirando os olhos. — Você tem menos direito de reclamar do que a gente!

— Tenho nada. A palavra monografia já vem automaticamente acompanhada de dor e sofrimento independentemente se é uma tarefa solitária ou não. A única diferença é que em dupla você divide o sofrimento.

— Para, gente, vocês tão me apavorando — pediu Priscila, com desespero no olhar. Jaque apertou a bochecha dela.

— Que bonitinha, tão inocente.

Nós caímos na gargalhada.

Encarei os quatro com uma sensação estranha no fundo do estômago. Nos últimos meses nós tínhamos desenvolvido um laço tão forte que era engraçado pensar que aquela dinâmica que criamos, nós cinco juntos, só tinha acontecido naquele ano. Mas fazer parte daquele grupo era algo certo *demais* — sentia que pertencia ali, ao lado deles, como se fôssemos uma família. Sentia que podia contar com eles para tudo. E essa era uma sensação que me dava segurança, como um alicerce.

— Jaque, eu queria te dar um negócio — disse, de repente, mudando o assunto. — Espera aí. — Corri até minha bolsa, peguei o envelope branco detrás dela e voltei para o grupo, que me esperava com um olhar curioso. — É um presente. Quer dizer, não é nada de valor, mas... achei que você ia gostar.

— Lá vem a babaca querendo deixar a gente sem-graça por não dar nada — reclamou Flávia enquanto Jaque pegava o envelope com uma expressão comovida.

— Ai, Tessa, não precisava! — disse antes mesmo de ver o que era.

— Que não precisava o quê, você nem abriu ainda. — Revirei os olhos, tentando ignorar a vergonha que me invadia sem pedir licença.

Jaque rasgou a abertura do envelope e tirou o papel de dentro. Seu olhar analisou o conteúdo, com Flávia e Priscila espiando curiosas sobre seu ombro. O olhar da minha irmã se encheu de compreensão, mas Flávia estava com o cenho franzido enquanto Jaque sorria cada vez mais. Ela abraçou o desenho em aquarela que eu tinha feito dela, com cuidado para não amassar.

— Você que fez isso? — Assenti, mordendo o lábio inferior. — Caramba, Tessa, é incrível!

— Ignora alguns detalhes. Tô um pouquinho enferrujada, fazia tempo que eu não desenhava.

— Que detalhes? Tá tudo perfeito! Eu amei, muito obrigada! — Ela me deu um abraço apertado cheio de gratidão.

— Eu só queria saber por que em quase cinco anos de amizade nunca vi esses seus desenhos! — Flávia tentou soar ofendida, mas ela estava sorrindo. — Caralho, já dava pra eu ter substituído todos os quadros da minha casa por essas pinturas maravilhosas!

— Eu sempre falei isso, mas ela não acreditava — acusou Priscila, com um olhar recriminador.

— Ai, gente, é que eu era um pouquinho insegura...

— Deixa eu ver — pediu Lucas, estendendo a mão para Jaque. Ela entregou o

desenho no mesmo instante em que Priscila dizia:

— Um pouquinho? Ah! Você nadava no mar da insegurança. — Flávia e Jaque riram, mas meu olhar estava preso na reação de Lucas.

— Puta merda, velho. Você já pensou em vender isso? Ou criar uma página pra postar? — Os olhos negros de Lucas desviaram para os meus, parecendo sinceramente encantado.

— Se não pensou vai pensar agora! — concordou Jaque.

— É que pintura assim não é muito meu forte. Eu queria mesmo era fazer quadrinhos.

— Sério? — indagou Lucas, me deixando nervosa novamente. Essa, sim, era uma ideia pirada. — Caralho, que foda! Cria uma página pra postar, por favor, nunca te pedi nada! — Ele juntou as palmas praticamente implorando.

Com uma risada aliviada, observei novamente os quatro, sem conseguir mensurar a felicidade que eu sentia com o apoio deles.

Enquanto repassavam meu desenho de mão em mão, implorando para eu fizesse uma arte para cada um, a sensação estranha no fundo do meu estômago se expandiu por todo o meu corpo, inundando cada parte de mim em gratidão.

E foi nesse momento que eu tomei a decisão mais importante da minha vida.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**
 - ✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
 - ✓ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**
 - ✓ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**
 - ✓ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**
 - ✓ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**
 - ✓ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**
 - ✓ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**
 - ✓ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**
- Ligue para ele e o convide para um café. Peça as coisas que deixou na casa dele de volta, diga que precisa conversar sobre vocês — ele precisa acreditar que você está pedindo um ponto final definitivo. E será exatamente por isso que ele fará de tudo para tê-la de volta.
- ☐ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

TRINTA E DOIS

(TESSÁLIA)

Agente precisa conversar é provavelmente a frase mais amedrontadora de todos os tempos. Sei que *eu*, sempre que a ouvia, tremia nas bases. E raramente algo positivo vinha depois dela.

Nunca pensei que um dia eu seria a pessoa que iria proferi-la. Mas naquela sexta, quando voltei do aniversário de Jaque, foi exatamente isso que eu fiz: abri a mensagem ainda não lida de Cauã e digitei as temíveis palavras.

Não era por que eu queria apavorá-lo nem nada. Na verdade, essa foi a maneira que encontrei para *me* encher de coragem. Por mais que, no fundo, soubesse que era o que eu precisava no momento, que aquela escolha era a certa, uma parte de mim doía ao pensar em afastar Cauã. Nos últimos quatro anos e meio, ele foi o protagonista de quase todas as minhas memórias, tinha estado comigo nos bons e maus momentos. Como cortar uma pessoa tão importante da sua vida?

Eu sempre tinha feito de tudo para salvar nosso relacionamento, por mais difícil que fosse, e a sensação que aquela decisão deixava em mim era de que eu estava desistindo. Que eu não tinha sido forte o suficiente. Mas a verdade é que, tentando manter meu namoro intacto, acabei abdicando de tudo o que me tornava inteira. E essa escolha não simbolizava minha desistência — era minha tentativa de juntar esses pedaços e recuperar o amor-próprio que eu tinha perdido havia muito tempo.

Bati a perna, impaciente. Já tinha passado uma hora desde o horário que combinamos de nos encontrar. Priscila tinha saído para o curso de fotografia que ela fazia aos sábados, e eu aproveitei a solidão da casa para marcar nossa conversa. Mas Cauã não atendia o celular nem respondia às mensagens, e eu estava prestes a desistir quando decidi levantar e olhar pela janela.

Cauã estava sentado na calçada, encostado ao portão do prédio. Franzi o cenho e tentei chamá-lo, mas a seis andares abaixo era difícil que me ouvisse. Saí de

casa correndo, mas quando cheguei na entrada, perto o suficiente dele, foi que entendi o que estava acontecendo.

Caminhei até o portão e parei próxima a ele, com as mãos na cintura, enquanto respirava fundo.

— O que você tá fazendo, Cauã? — Ele se assustou e olhou para trás antes de me oferecer um sorriso bêbado.

Cauã segurava uma garrafa de cerveja pela metade, mas com certeza não tinha sido a única que tomou antes de ir até a minha casa.

— Tô terminando essa última cervejinha aqui, *pera* aí — respondeu, embolado.

— Eu tô te esperando há uma hora, e você tava bebendo? — Abri o portão, irritada, e peguei a garrafa da mão dele. — Levanta daí.

— Ei, devolve minha cerveja! — reclamou, apoiando a mão no chão para erguer o corpo. Ele quase caiu na tentativa. Em um movimento rápido, segurei seu braço, ajudando-o a se equilibrar.

— Vamos subir, depois te devolvo. — Cauã me seguiu para dentro do prédio. No elevador, ele passou o braço pelo meu pescoço e se apoiou em mim enquanto encostava nossas cabeças. O cheiro de cerveja misturado ao seu perfume almiscarado me atingiu em cheio. Mesmo decidida, ainda era difícil demais para mim estar tão perto dele e não agir como sempre. Doía pensar no que nos transformamos de quatro anos para cá. Eu só queria apagar os últimos meses e voltar a ser como éramos antes.

A porta do elevador se abriu, e o ajudei a entrar em casa. Em vez de sentar no sofá, perto de onde o soltei, ele rumou até meu quarto e se jogou na minha cama, como se fosse dono do lugar. A irritação voltou a me dominar.

— Sério, Cauã. Eu peço pra conversar e você aparece assim?! O que você tem na cabeça? — indaguei, encarando-o de cima. Ele estava com o braço por cima do rosto, escondendo seus olhos de mim.

— No momento, álcool — brincou com um sorrisinho zombeteiro.

Bufei.

— Então chega de álcool pra você, né? — Dei as costas a ele e segui a passos duros até a cozinha.

— Poxa, Tess! Sacanagem! — De longe, ouvi seu muxoxo alto, mas Cauã não parecia ter forças para vir atrás de mim.

— Sacanagem é eu te chamar pra conversar e você aparecer bêbado — rebati em voz alta.

Despejei a cerveja toda na pia e larguei a garrafa vazia, com irritação. O vidro quicou, batendo na borda de mármore, e se espatifou. Parei por um segundo e apoiei as mãos na bancada, respirando fundo. Não podia deixar a irritação me dominar. Conversar com Cauã assim só ia tornar tudo ainda mais difícil. Para tentar me acalmar, me ocupei em limpar os cacos de vidro.

Quando terminei de embrulhar tudo num jornal velho e o coloquei ao lado do lixo, decidi que já estava bem o suficiente para voltar ao quarto. Mas, assim que parei na entrada, deixei escapar um suspiro. Cauã estava roncando alto, adormecido na minha cama.

Resignada, encarei seu rosto sereno. Naquele estado, parecia difícil acreditar que Cauã era capaz de esfaquear meu coração como ele tinha feito. Não consegui evitar erguer a mão e pentear seus cabelos com meus dedos, sentindo a textura como há muito não fazia.

Depois de alguns minutos perdida em seus traços, segui até a sala e me larguei no sofá. Cinco minutos com Cauã e eu já estava exausta. Nosso relacionamento tinha sido sempre assim, tão intenso? Na época, talvez, eu visse aquilo como algo positivo, mas no momento tudo o que eu queria era terminar aquela conversa de uma vez. Cada segundo que eu tinha que esperar era como uma oportunidade de repensar minha decisão. Só porque eu reconhecia a necessidade de me afastar de uma relação tóxica, não significava que lidar com os sentimentos que ainda existiam ficasse mais fácil.

Perdida em pensamentos, acabei cochilando no sofá.



Acordei atordoada, sem entender onde estava.

As memórias do meu relacionamento com Cauã tinham perturbado meu sono, me fazendo despertar ainda mais confusa do que quando deitei no sofá. Tentando afastar esses pensamentos, levantei de supetão e segui até o quarto.

Cauã estava sentado na beira da cama, desperto, com a cabeça abaixada.

— Tá melhor? — perguntei, com uma afabilidade que eu não pretendia transmitir.

Cauã, no entanto, se virou com uma expressão consternada no rosto.

— É por isso que você me chamou aqui? — Só então eu percebi que ele estava com um celular na mão... um celular que não era o dele. — Você pretendia me contar em algum momento que tá ficando com o Lucas?!

— Eu não tô ficando com o Lucas! — neguei, na defensiva.

— E esses beijos que vocês deram foi o quê? — Ele sacudiu o braço que segurava o celular, e eu repassei mentalmente minhas últimas conversas, tentando lembrar quando eu tinha citado nas mensagens.

Até que eu percebi que não importava com quem, ou o que eu tinha dito — muito menos quem eu tinha beijado. Cauã não tinha mais nada a ver com isso e, mesmo que tivesse, ele não tinha direito de invadir minha privacidade daquele jeito, sem a minha permissão.

— Eu não acredito que você leu minhas mensagens!

— Porra, Tess! Puta merda! — Ele segurou o próprio cabelo com força antes de se levantar e vir até mim a passos rápidos. De repente, me vi imprensada contra minha escrivaninha. Cauã parou na minha frente e apoiou as duas mãos no móvel, uma de cada lado do meu corpo. — Por que você tá fazendo isso comigo?

— O que eu *eu* tô fazendo com você? Tudo o que eu queria era que a gente conversasse como duas pessoas civilizadas, mas parece que isso é impossível pra você! E ainda me aparece bêbado aqui!

— "A gente precisa conversar"? Eu *acho* que precisava estar bêbado pra ouvir isso. — Seus olhos se fixaram nos meus enquanto eu tomava coragem para dizer o que precisava. Cauã foi mais rápido. — Tess, me diz que você não tá querendo terminar...

— Cauã, a gente já terminou! Tem meses! Você...

— Eu sei — cortou, impaciente. — *Eu* terminei. Eu sou um escroto, babaca, sem coração. Mas a gente deu um tempo, eu parei pra pensar e vi que não era o que eu queria pra valer. Você vai me julgar agora por ter dúvida? Você nunca teve nenhuma, por acaso? Mas o que importa é que eu tô aqui, implorando pra voltar. — Ele levou a mão ao meu maxilar, e fechei os olhos involuntariamente. Meu coração batia acelerado. O toque dele me remetia a tantas memórias boas que era difícil não me sentir balançada. — Você vai me negar isso? Depois de tudo que a gente viveu junto? Não vai dar pra gente uma segunda chance?

— A gente já teve segundas, terceiras e muitas outras chances. Só que você me machucou muito, Cauã, eu não... — Mas não tive chance de continuar. A boca dele encontrou a minha num movimento rápido, interrompendo meu pensamento.

Minha convicção foi pelo ralo.

Cada milímetro do meu corpo implorava de saudade, meu coração palpitava de excitação. Ele levou a mão da escrivanhinha para minhas costas, e me puxou para mais perto. Senti seu tórax definido pressionar meu peito, nossos quadris se encaixaram com a mesma sintonia de sempre. O gosto de cerveja parecia afrodisíaco agora misturado ao sabor dele. Deixei escapar um gemido quando sua mão deslizou até meu cabelo e se fechou em punho, os fios presos entre seus dedos. Ele mordeu meu lábio inferior antes de voltar a me beijar com ainda mais vigor. Era como se nada tivesse mudado, mas *tudo* estava diferente.

As palavras dos meus amigos se embaralhavam em minha mente. Meu corpo estava aliviado depois de tanto tempo longe de Cauã e parecia tão *fácil* simplesmente esquecer tudo e dar essa nova chance a nós dois...

Você é uma garota incrível e se diminuiu tanto por causa desse cara.

Você acha mesmo que merece um cara que tenta te controlar do jeito que ele tem feito?

Ele sabia que tava te machucando, só não se importava com isso.

Você acha mesmo que vale a pena se excluir tanto e esquecer quem você é por causa de um cara que te desrespeita, te machuca? Que acha que pode fazer o que quiser com você e depois voltar atrás, pedindo desculpas como se o que fez de errado não tivesse te afetado de forma alguma?

Quando a boca de Cauã desceu para o meu pescoço, levei minhas mãos ao tórax dele em uma tentativa débil de afastá-lo de mim. Mas Cauã, sentindo o início da minha resistência, segurou meus punhos com firmeza, afastando-os do próprio corpo.

Como um flash, a nossa briga no bar, algumas semanas antes, me atingiu em cheio. Suas mãos pressionando meu punho reavivaram a sensação da ardência que marcou o mesmo lugar por dias seguidos. Logo em seguida fui soterrada pelas lembranças de outras discussões — todas as vezes que Cauã me machucou e me diminuiu, me fazendo acreditar que eu realmente nunca conseguiria encontrar ninguém melhor do que ele; as muitas brigas em que ele ameaçou terminar se eu não aprendesse a reconhecer meus erros; as desculpas que dava sempre que fazia algo errado, transferindo a culpa de seus vacilos para mim; como ele nunca parecia acreditar no meu potencial ou me apoiar quando eu mais precisava.

— Cauã, para — pedi, ofegante.

As memórias que eu fazia questão de empurrar para um canto escuro da minha mente, as inseguranças que evitei pensar nos últimos quatro anos ameaçaram me engolir. Sabia que confirmar a existência delas significaria aceitar que eu tinha desperdiçado os últimos quatro anos com alguém que me *destruiu*, mas era como se a barragem que as prendia longe dos meus pensamentos tivesse sumido de repente, liberando de uma vez todos aqueles sentimentos velados.

— Cauã, *para!* — repeti, tentando me desvencilhar das suas mãos enquanto ele continuava a beijar meu pescoço. — *É sério!* — Com mais força do que achava que tinha, encostei minhas mãos novamente em seu tórax e, dessa vez, consegui

empurrá-lo para trás.

Cauã se desequilibrou o suficiente para abrir uma brecha entre nós dois. Eu aproveitei para desencostar da escrivaninha e sair do ambiente apertado do meu quarto, voltando para a sala.

— O que foi agora, caralho? — questionou ele, irritado, enquanto vinha atrás de mim. — Vai dizer que não me quer mais? Não tem mais tesão em mim?

— Não, não quero mais! — explodi, me virando de frente para ele. — É pra isso que eu te chamei e você sabe disso!

— Não foi o que pareceu no seu quarto — falou, com um sorriso convencido enquanto voltava a se aproximar de mim.

— Mas é — cortei, dando um passo para trás. — Eu não vou mentir, Cauã, eu gosto de você. Muito mais do que eu deveria. Mas cada dia que passa eu percebo o quanto tô melhor sem você.

Cauã riu sem humor e me segurou pelo braço antes que eu tivesse chance para me afastar.

— Para de fazer charme, Tess. Todo mundo sabe que você não vive sem mim. — Ele passou a mão pelo cabelo, frustrado. — E eu tô aqui disposto a te aceitar de volta. Então vamos parar de joguinho, né? Já deu.

— Será que você não escuta nada do que eu falo?! — retruquei, cansada. — Acabou, Cauã. Eu já falei o que tinha pra falar. Você pode ir embora agora.

— Você tá brincando, né? — Eu o encarei, séria. — É isso, então? É isso mesmo que você quer? Que eu suma da sua vida? — Assenti.

Cauã franziu os lábios e balançou a cabeça.

— Tá bom, então. Eu vou sumir. — Ele ergueu os braços, em um sinal de descaso, e começou a se afastar em direção à porta da sala. — Já que você não se importa mais, pode ficar tranquila que você nunca mais vai ouvir falar de mim. Mas se acontecer alguma coisa comigo... Será que você vai se arrepender de ter desejado isso?

— Do que você tá falando?! — Ele deu de ombros, mas não respondeu. Dando as costas para mim, seguiu a passos largos até a entrada. — Cauã? Cauã! — Mas Cauã abriu a porta e foi embora sem olhar para trás. A cena pareceu ridiculamente com a de alguns meses antes, quando ele tinha terminado comigo. — Puta merda!

Ainda xinguei mais algumas vezes antes de respirar fundo. Tentei esquecer suas últimas palavras e ficar aliviada porque tinha, finalmente, acabado. E por algumas horas, eu consegui.

Mas o peso delas não demorou muito para me atingir.

TRINTA E TRÊS

(LUCAS)

Minha tia me acordou no domingo com uma expressão desesperada no rosto.

Quando despertei e vi seus olhos arregalados, sentei rapidamente na cama, qualquer resquício de sono me abandonando em um segundo.

— O que aconteceu?

— A mãe do Cauã acabou de ligar aqui pra casa em pânico porque ele tá sumido desde ontem — explicou, tensa. — Você tá sabendo de alguma coisa?

Eu neguei com a cabeça e deitei de novo, aliviado.

— Ah, tia! Pelo amor de Deus, que susto! Achei que tinha acontecido alguma coisa com meus primos. — Notando sua perplexidade com meu descaso, acrescentei: — O Cauã deve ter passado a noite na casa de alguma mina e se esqueceu de avisar.

— Desde a hora do almoço? De ontem? E desligou o celular? Você acha isso uma coisa normal?! — O rosto dela ficou vermelho. — Se um dia você fizer isso comigo, garoto, vai levar uma coça!

Deixei escapar uma risada, mas o olhar fulminante de tia Olívia arrancou o sorriso da minha boca rapidinho. Ela conseguia ser bem amedrontadora quando queria.

— Vá procurar seu amigo — ordenou em um tom de voz sério.

— A gente não é mais amigo, não sei com que ele pode estar. — Dei de ombros com indiferença.

— Ué, como assim? O que aconteceu? O Cauã é seu melhor amigo, vocês se

conhecem desde meninos!

— Incompatibilidade, eu acho — respondi apenas, sem estender o assunto. Ela arqueou a sobancelha.

— Isso é por causa da Tessália? Eles não são ex-namorados?

— Isso é porque o Cauã é um escroto.

— Olha essa boca — repreendeu tia Olívia antes de soltar um suspiro. Ela se sentou à beira da cama e, quando voltou a falar, tinha adotado um tom maternal. — Meu filho, independentemente do que ele fez, você não se preocupa? Não se preocupa com a família dele? Os pais do Cauã podem ser meio difíceis, mas eles abriram os braços quando você precisou. Se não pelo Cauã, por eles?

Bufei, voltando a me sentar na cama.

— Por que você tá tão empenhada nisso? Eu nem acho que deve ter acontecido alguma coisa séria.

— Como mãe, eu entendo o desespero dela. — Ela franziu os lábios com um olhar triste.

— Tá bem, vou ver o que eu descubro — me rendi, meio irritado. A última coisa que eu precisava era reencontrar Cauã depois da nossa última briga. Mas como podia negar o pedido tão insistente da minha tia?

— Obrigada, querido. Me avisa se descobrir alguma coisa. — Com tapinhas na minha canela, ela levantou e foi embora.

Peguei meu celular, decidindo para quem ligar primeiro. Eu não queria falar com Tessa sobre isso, mas era bem provável que já tivesse recebido uma ligação da ex-sogra. Mesmo que a mãe dele não gostasse de Tessa, ela era a ex afinal. Podia saber alguma coisa, talvez — mas eu esperava que não.

Disquei o número, me perguntando se iria encontrá-la preocupada. Triste, talvez. Mas a voz dela estava inteligível, aos prantos, quando atendeu.

— Tessa, o que aconteceu?! — indaguei, voltando a ficar tenso. O desespero na voz dela fez o meu estômago despencar.

— O C-Cauã... ele-e... — começou a dizer, soluçando sem parar.

— Eu sei, a mãe dele me ligou — interrompi, percebendo a dificuldade que estava tendo para falar. — Mas, calma, não deve ser...

— Não... E-le... aqui... — tentou explicar, mas ficava difícil entender com aquele chororô.

— Tessa, fica calma. Respira fundo — comandei, já me levantando da cama para trocar de roupa e ir até sua casa.

— Quem é? — ouvi uma voz feminina perguntar ao fundo, do outro lado da linha.

— O-o L-Lucas — choramingou em resposta.

— Me dá esse telefone e bebe essa água. — A voz de Priscila, autoritária, soou mais próxima no segundo seguinte: — Lucas? Você já tá sabendo?

— Já, a mãe dele me ligou.

— Então, o problema é que ele teve aqui ontem de tarde — explicou, sem rodeios e parecendo bastante estressada. — Eu tenho a impressão de que esse filho da puta já tinha tudo planejado, porque pra todo mundo ele tá desaparecido desde o almoço, a Tessa foi a única que viu ele depois disso.

— Mas o que ele foi fazer aí, Priscila? Ele fez alguma coisa com a sua irmã? — me desesperei enquanto trocava de roupa com o telefone preso entre o ombro e a orelha.

Minha tia voltou à porta do quarto ao ouvir meu tom de voz alto e levantou as sobrancelhas, pedindo explicações. Eu ergui uma das mãos, em sinal para que ela esperasse, e continuei a me arrumar enquanto ouvia o relato de Priscila.

— E aí, ele foi embora avisando que se alguma coisa acontecesse com ele, a culpa ia ser dela. — Priscila bufou alto. — Sério, é óbvio que foi tudo planejado, mas argh! O que esse imbecil espera com isso?

— Fazer com que ela se sinta culpada o suficiente pra voltar com ele, claro. — Parei por um segundo, fechando os olhos, e tentei não ser dominado pela onda

de raiva que me abateu. — O charme dele não deu conta do recado, então teve que apelar pra chantagem emocional.

— Que ódio. Que tipo de homem faz isso?

— Abusadores — respondi ao perceber que era uma pergunta séria, como se ela não fosse capaz de acreditar na falta de caráter de algumas pessoas. — Gente que precisa estar sempre no controle e se sentir superior. Homens com pensamento atrasado que acham que as mulheres são inferiores e deveriam fazer tudo o que eles querem. As características são muitas, pode escolher.

Deixando escapar um suspiro, Priscila disse:

— Você vem pra cá? Não sei o que fazer, ela tá desesperada querendo ir atrás dele.

— Me dá vinte minutos que eu tô aí. — Desliguei em seguida e me virei para minha tia.

— O que aconteceu? — indagou assim que voltei minha atenção a ela.

— Esse teatro todo dele é pra fazer terror psicológico na Tessa porque ela disse que não queria mais saber dele — resumi, sentando na cama para calçar o tênis.

— Meu Deus, por que ele tá fazendo isso? — perguntou, horrorizada, como se tivesse se esquecido de que o irmão dela fazia exatamente a mesma coisa com minha mãe. Às vezes eu não tinha certeza se minha tia era inocente demais ou só preferia não enxergar essas verdades.

Por isso, ignorei sua pergunta.

— Tô indo pra lá e vamos ver se a gente encontra ele — disse apenas, já seguindo em direção à porta.

— Tá bom, me dá notícias. E toma cuidado — pediu com uma expressão preocupada. Ela me deu um abraço e um beijo na bochecha quando passei ao lado dela.



Já estava a caminho quando me lembrei de ligar para Jaque, para deixá-la a par do que aconteceu. Duas ex-namoradas talvez conseguissem compreender melhor a cabeça de Cauã do que uma desesperada.

— Ele não tentou fazer isso com você, tentou? — questionei, depois de contar sobre o sumiço.

— Não, porque ele sabia que não ia funcionar. — Ela soava tão irritada quanto eu. — O Cauã se aproveita do nosso ponto fraco. O meu era ter tido que adiar a faculdade pra ajudar minha mãe. Acho que nunca vi tanta foto do Cauã em choppadas, bares com os colegas de turma e declarações de amor à Engenharia quanto no nosso período pré e pós-término. — Eu me lembrava bem disso. — Acho também que ele tava feliz demais com a nova vida pra se preocupar em fazer chantagem emocional. A faculdade era um mundo novo, cheio de possibilidades e garotas mais dispostas do que eu — completou com deboche. — Mas isso que ele tá fazendo com a Tessa é desumano. Como ele consegue ser tão filho da puta?

— Não sei, mas pode deixar que eu vou me lembrar de perguntar quando encontrar ele. — Tranquei o maxilar, ainda tenso demais para não me irritar com qualquer conversa sobre o Cauã, e tentei focar minha atenção total ao caminho que seguia enquanto falava com Jaque pelo viva-voz.

— Você quer que eu vá ajudar?

— Não precisa. Só me liga se pensar em algum lugar onde a gente possa procurar — pedi, mesmo que eu quisesse deixar Cauã se foder com os joguinhos dele. Eu tinha a impressão de que Tessa nunca aceitaria ignorar o sumiço, por mais que soubesse qual era a verdadeira intenção dele: deixá-la preocupada.

— Tá bom. Me dá notícias — pediu, com a voz cansada. — E pergunta pra Tessa lugares que tivessem algum significado pra eles quando namoravam. Se ele tá fazendo isso por causa dela, talvez seja melhor começar por aí.

— Ok, boa ideia. Valeu.

Desliguei o telefone e joguei o aparelho no banco do carona, ansioso para acabar logo com aquilo tudo. Eu, sinceramente, não tinha ideia alguma de como reagiria quando encontrasse Cauã, mas, se eu já não tinha motivos o suficiente para destruir qualquer resquício da amizade que a gente manteve por tantos anos, agora eu não precisava mais lidar com isso. Ele tinha me dado de bandeja toda a desculpa que eu precisava para desistir.

Apesar do olhar arregalado com que me recebeu à porta, Tessa parecia mais calma quando cheguei. Inspirei fundo e a puxei para um abraço, apoiando a mão em sua cabeça quando ela encostou o rosto no meu peito.

— Desculpa ter feito você vir até aqui. Eu sei que o Cauã tá fazendo isso pra me atingir — admitiu contra a minha camisa —, mas não consigo não ficar preocupada. Não sei do que ele é capaz, Lucas.

— Ele não vai fazer nada, Tessa. Ele só tá querendo te deixar nervosa, eu tenho certeza — garanti, afastando seu rosto do meu tórax e encarando seus olhos.

— Como?

— Conheço o Cauã desde pequeno, não acho que ele faria alguma coisa pra se machucar voluntariamente.

— Mas ainda assim — rebateu, parecendo cansada, enquanto nos dirigíamos à sala e sentávamos no sofá. A irmã dela nos esperava à mesa de jantar e abriu um sorriso compadecido para mim em sinal de cumprimento. — Como que eu vou encontrar ele? Ele pode tá em qualquer lugar! A mãe dele disse que já mobilizou todos os amigos que ela conhece, mas ninguém tá sabendo de nada.

— A gente vai encontrar — assegurei, tentando transmitir confiança. — Falei com a Jaque, e ela sugeriu que a gente comece por lugares que possam significar alguma coisa pra vocês. Tem algum em mente?

Ela balançou a cabeça em concordância, e demorou alguns segundos pensando, como se estivesse repassando uma lista mental.

— Acho que consigo apontar alguns — confirmou depois de um tempo.

— Então, vamos — falei, já me levantando. Priscila pulou da cadeira, também ficando de pé. Tessália balançou a cabeça e estendeu a mão na frente do corpo, a

palma voltada para a irmã.

— Fica aqui, Prica. Vai que ele resolve aparecer, me procurando? Preciso que alguém esteja em casa.

Priscila não pareceu triste com o pedido, pelo contrário. Acho que ela também não saberia o que fazer caso encontrasse Cauã.

Aceitando o pedido com um aceno de cabeça, ela se aproximou da irmã mais velha.

— Não deixa isso te consumir, não, tá? — aconselhou, segurando o rosto de Tessa com as duas mãos. — Tenho certeza de que ele deve estar acompanhando tudo, nossa busca desesperada na internet, rindo da nossa cara e feliz por estar conseguindo te atingir.

— Eu realmente espero que não — murmurou Tessa, mais para si mesma do que para Priscila. Só podia imaginar quão mal ela devia estar se sentindo.

Enquanto caminhávamos em direção ao elevador, perguntei:

— Você falou pra mãe dele? Que ele esteve aqui?

— Falei. — A expressão triste no rosto dela levantou em mim uma suspeita que era quase uma certeza. — Ela só disse que o Cauã saiu de casa logo depois do almoço e não respondeu mais às mensagens dela. Nenhum amigo que conversou sabia de nada, nem que ele vinha aqui.

— Ela falou mais alguma coisa? — pressionei, esperando que ela confessasse.

Tessa hesitou e se ocupou em entrar no elevador antes de negar sem convicção alguma.

— Ela disse, não disse? É por isso que você tá tão nervosa.

— Não é culpa dela — suspirou em resposta, confirmando minha suspeita. Celestina, a mãe de Cauã, era a típica mãe conservadora que cresceu acreditando que as mulheres deviam servir seu companheiro e serem totalmente submissas. O fato de Tessa, e Jaque também, não serem como ela e suas crenças, sempre alimentou a antipatia que nutria pelas duas. — Eu sei que ela já não gosta de

mim e ainda tá morta de preocupação. É compreensível ter dito algumas coisas maldosas. — Mas seu olhar, fixado nas portas de metal do elevador, deixavam claro o quanto estava abatida pelo que quer que a ex-sogra tivesse dito.

Segurei sua mão, entrelaçando nossos dedos enquanto a encarava.

— Não é culpa sua, ok? — garanti com a voz firme.

Tessa assentiu e engoliu em seco antes de fitar nossas mãos. Ela apertou os dedos contra os meus e fechou os olhos por um segundo. Então, quando as portas se abriram, ela me puxou para fora sem me soltar.

TRINTA E QUATRO

(TESSÁLIA)

Encarei a mensagem, perplexa demais para reagir. As palavras me perfuraram, rasgando meu peito em dor. Eu já estava me sentindo tão culpada com toda aquela situação, mas *isso* era muita crueldade.

— Que foi? É alguma notícia? — indagou Lucas, percebendo minha expressão arrasada.

— Não — neguei com um nó na garganta, lutando contra as lágrimas.

Mas é claro que a minha reação só conseguiu deixá-lo ainda mais preocupado. Ele desviou o olhar de mim para a rua antes de encostar no primeiro espaço livre que encontrou, acionando o pisca-alerta. Então, virou para o lado, encarando-me com um olhar apreensivo.

— O que aconteceu? — Seu olhar voou para o celular aberto no meu colo, mas ele não tentou pegar sem minha autorização. Embora soubesse que a nossa relação não podia ser comparada ao que Cauã e eu tínhamos, não conseguia evitar reparar nesses pequenos gestos que tornavam Lucas tão diferente do meu ex. Talvez por isso me vi estendendo o aparelho, as mãos trêmulas, ainda que quisesse esconder a mensagem e esquecer o que tinha lido.

Enquanto o olhar dele percorria as palavras, seu maxilar endureceu e o olhar se tornou cada vez mais irritado.

— Puta que pariu — xingou, apoiando o cotovelo na janela aberta do carro e as costas da mão na própria boca. Ele respirou fundo, e eu quase podia ver seus pensamentos se embaralharem, cogitando desistir daquela busca e deixar que Cauã se fodesse.

Eu peguei o celular de volta da mão dele e reli a mensagem.

[15:32, 23/10/2016] Matheus Martins

Se alguma coisa acontecer c Cauã a culpa é td sua, sua vagabunda filha da puta

O mlq gosta pra caralho de tu e vc destruiu ele

Ele devia ter te dado uma surra pra deixar de ser otária

— Apaga isso — Lucas praticamente ordenou quando me viu reler a mensagem. — Bloqueia esse imbecil.

Fiz o que ele tinha mandado, mas as palavras já estavam gravadas na minha mente.

— Pra onde a gente vai agora? — consegui perguntar, tentando ignorar a mensagem e desviar o foco de Lucas. Já tínhamos visitado uns cinco lugares que eu sugeri e ainda nada. Estava cansada, triste, e aquela mensagem do amigo de Cauã, que eu não conhecia nem sabia como tinha conseguido meu número, me derrubou completamente, deixando-me ainda pior do que eu já estava com aquela busca infrutífera.

Apesar do horário, o céu já estava escuro com as nuvens que o encobriam. De vez em quando, alguns clarões explodiam no céu, e os trovões anunciavam a chuva iminente. Torcia para encontrá-lo antes que o temporal prometido pela meteorologia desabasse, mas agora minhas esperanças eram quase nulas.

— Não sei — admitiu Lucas, deixando a cabeça pender no volante em frustração.

Levei minha mão até suas costas, deslizando-a para cima e para baixo como se tentasse reconfortá-lo. Sabia que ele não precisava disso e que, muito provavelmente, só estava atrás de Cauã por minha causa, mas me senti melhor ao cuidar dele.

— Desculpa por te meter nessa confusão toda — pedi, envergonhada.

— Para de pedir desculpas o tempo todo. Nada do que tá acontecendo é culpa sua. — Ele ergueu a cabeça, desviando o olhar firme para mim. — Entendeu?

Engoli em seco e assenti.

Quando meu estômago roncou de fome, um segundo depois, lembrei-me de que não comíamos nada desde que saímos de casa. Não conseguia pensar em comida com o embrulho na minha barriga, mas, tentando mudar o assunto e pensando em Lucas, sugeri:

— Vamos parar pra comer. Talvez com a barriga cheia a gente pense melhor.
— Lucas se endireitou no banco e desviou o olhar cansado para mim. Ele concordou com a cabeça antes de procurar uma vaga livre para estacionar.

Havia um McDonald's no final da rua, e foi para lá que nos dirigimos assim que Lucas pagou pela permissão para estacionar. Ele envolveu meus ombros em um abraço lateral, e caminhamos até a lanchonete em silêncio, permitindo que minha mente começasse a devanear.

Quando sentamos à mesa com nosso pedido, meus pensamentos já estavam bem longe dali.

4 ANOS ATRÁS

— Caramba — foi tudo o que consegui dizer.

Meu coração acelerava de empolgação conforme eu vislumbrava a paisagem à nossa frente, chocada que um lugar tão lindo pudesse existir dentro de uma cidade grande como o Rio.

— Feio, né? — perguntou Cauã com ironia. Eu concordei com a cabeça, ainda embasbacada.

Estávamos à beira da avenida que levava à Prainha, uma praia não urbana na zona oeste do Rio. Atrás de nós, a Mata Atlântica encobria o morro que cercava a curta faixa de areia. O sol brilhava fraco no céu, o reflexo reluzindo na água cristalina, e as ondas quebravam com força, atraindo desde ainda mais cedo surfistas ávidos pelo mar revolto.

Tínhamos praticamente madrugada para conseguir uma vaga no estacionamento limitado próximo à praia. Mesmo afastado do centro do Rio, em

dias de sol a Prainha lotava. Mas eu nunca tinha tido oportunidade de conhecê-la e, quando Cauã começou a falar da beleza de lá, é claro que eu insisti para que fôssemos. Eu amava as praias do Rio, mas sempre preferi praias não urbanas, cercadas pela natureza, algo que tive pouca oportunidade de visitar.

Segurei Cauã pela mão, arrastando-o para a areia, e largamos nossos pertences perto da faixa ainda molhada, onde terminava o alcance do mar. Armamos a barraca e a cadeira que levamos e jogamos uma canga em cima das bolsas antes de correremos para a água.

— Esse lugar é incrível — falei, admirada, quando encontramos um ponto mais calmo, atrás da quebra das ondas e longe dos surfistas. Me agarrei ao pescoço dele, e Cauã me abraçou pela cintura, mantendo nossos corpos próximos. Cada parte de mim se arrepiou em contato com a pele dele.

— Eu vinha muito aqui pra fazer trilha quando era mais novo, mas faz uns anos que não venho — contou, torcendo a boca em sinal de aborrecimento.

— Por que não? — questionei, curiosa. Nós estávamos saindo há algumas semanas, e cada história nova, cada coisinha que desvendava sobre ele, parecia de uma importância gigantesca. Era como se eu estivesse montando um quebra-cabeça da sua vida. E absolutamente *tudo* que descobria me deixava ainda mais envolvida.

— Distância, gasto, falta de companhia às vezes. — Deu de ombros com indiferença, apesar de sua expressão demonstrar chateação. Eu sorri, tentando tranquilizá-lo.

— Se depender de mim a gente pode vir aqui toda semana! — declarei alto, abrindo os braços e jogando a cabeça para trás para molhar os cabelos enquanto Cauã ainda me prendia em seus braços.

— Seu desejo é uma ordem, madame — brincou com um sorriso lateral quando voltei a encará-lo. — Ainda bem que você gostou, já conta muitos pontos a seu favor.

— Hmmm, ainda preciso de muitos pontos pra você me ter em alta conta? — perguntei, sugestiva.

— É a verdade que você quer? — Ele arqueou as sobrancelhas e mascarou sua

expressão divertida, pressionando os lábios um contra o outro em sinal de reflexão.

— Sempre.

Cauã fez suspense, demorando mais do que o necessário para responder.

— Você já tem todos os pontos essenciais — sussurrou. Com um olhar intenso, ele deslizou uma das mãos pelas minhas costas, subindo até encontrar minha nuca.

Eu abri um sorriso, satisfeita.

— É mesmo? Quer dizer que você gosta tanto de mim assim? — Baixei minha voz para mantê-la no mesmo nível que a dele. Eu sentia que algo importante estava acontecendo naquele momento e fiz questão de não quebrar o encanto que tinha nos envolvido, mantendo o tom suave quase como se estivéssemos revelando nossos maiores segredos.

— Gosto. Gosto muito. — Ele encostou nossas bocas, beijando-me com calma quando uma onda fraca tirou nossos pés do chão. — Eu já tô de quatro por você, sabe disso.

— Eu? Eu não sei de nada — murmurei, dissimulada. Meu coração acelerou quando sua intenção ficou clara para mim.

— Você quer ouvir, né? — Mordi o lábio inferior, tentando conter minha empolgação.

— Não faço ideia do que você tá falando — menti, porque *sim*, eu queria ouvi-lo dizer.

— Eu acho que tô apaixonado — revelou, subindo ainda mais a mão que segurava minha nuca até alcançar meu rosto. Ele acariciou minha bochecha enquanto dizia: — Você é diferente de todas as garotas que já conheci, Tess. — Meu coração acelerou enquanto ouvia sua declaração. — E eu posso morrer o homem mais feliz do mundo agora se você disser que aceita namorar comigo.

Abri um sorriso bobo, de orelha a orelha.

— Eu preferia que você não morresse — brinquei, porque fazer piada e rir parecia algo muito fácil de fazer naquela hora. Na verdade, eu sentia que poderia sair correndo pela praia, nadar em volta de toda a costa do Rio e gritar aos sete ventos, e ainda assim não seria capaz de expressar toda a felicidade que sentia.

— Eu posso abrir essa exceção por você — concordou, em tom de importância. Eu realmente me sentia a pessoa mais importante do mundo só por ter meus sentimentos retribuídos.

Encarando-o com o coração cheio de felicidade, eu disse:

— É claro que eu aceito namorar você!

Estava tão imersa no momento que mal percebi que tínhamos sido levados pela água para perto da orla. Mas assim que encostei nossos lábios novamente, uma onda forte nos encobriu, me fazendo voltar à superfície toda descabelada, tossindo, mas com o riso frouxo ainda preso na boca.

TRINTA E CINCO

(TESSÁLIA)

É claro que ele estava lá.

Assim que fizemos a curva na avenida que levava à Prainha, na zona oeste do Rio, vi seu carro.

Não sabia como não tinha pensado nessa opção antes. Estava tão nervosa com tudo, meu cérebro incansável em sua missão de imaginar situações catastróficas, que demorei a cogitá-la. Mas é claro que tinha algo de extremamente simbólico em Cauã se refugiar no lugar onde tudo começou entre nós.

Havia alguns surfistas no mar, mas a faixa de areia estava vazia, exceto por uma figura solitária que parecia pequena à essa distância.

— Para aqui — pedi, quando passamos na frente da praia. Lucas trancou o maxilar.

— Cara, você não tá pensando em ir falar com ele sozinha, né?

— Lucas, você realmente acha que vou conseguir conversar com ele se você tiver junto? Vocês vão acabar brigando. — No instante em que terminei de falar, percebi quão péssima foi a ideia de trazer Lucas comigo. É claro que ele não gostaria de me deixar sozinha com Cauã, mas eu não podia arrastá-lo junto comigo. Cauã ficaria furioso, e Lucas já parecia esgotado demais para ser racional, o que significava que havia uma grande probabilidade de aquele reencontro acabar em uma briga feia.

— E você acha que vai ser muito diferente se você for sozinha? E se ele te machucar?

Deixei escapar um suspiro cansado.

— Ele... não vai fazer nada, tá? Só quero entender o que aconteceu e descobrir em que estado ele tá — disse, com a voz suave e hesitante. Lucas abriu a boca para contestar. — Fica por perto, ok? — eu o cortei. — Se ele fizer alguma coisa você vai saber.

Ainda parecendo contrariado, ele assentiu com a cabeça e encostou o carro. Soltei o cinto, e um clarão iluminou o céu na mesma hora, me fazendo travar no banco. A mão de Lucas segurou a minha na mesma hora, como se ele estivesse repensando a decisão. Respirei fundo antes de erguer sua mão para perto da minha boca e beijá-la.

— Qualquer coisa eu grito, prometo — garanti. Então me afastei dele e saí do carro sem olhar para trás.

Respirando fundo, caminhei apressada até o ponto onde Cauã estava deitado na areia, o braço apoiado em cima dos olhos, protegendo seus olhos.

— Você pirou? — esbravejei assim que cheguei perto o suficiente.

Cauã virou a cabeça na minha direção, assustado. Por um milésimo de segundo achei que tinha visto uma sombra de satisfação cruzar seu olhar. *É claro que ele está feliz por eu ter aparecido*, pensei com raiva. Estava tão irritada pelo que tinha me feito passar nas últimas horas, pelo desespero que sentia a cada vez que chegava em um lugar diferente e não o encontrava, pelo medo de ter realmente acontecido alguma coisa com ele, que tudo o que conseguia enxergar era sua culpa maldosa. Mas então a sombra se dissipou, deixando para trás apenas seu rosto cansado. Os olhos dele estavam inchados e molhados, as olheiras fundas, os lábios ressecados. Seu cabelo se embaraçava para todos os lados, e as roupas que usava eram as mesmas do dia anterior, agora sujas e surradas. O cheiro de álcool ainda estava impregnado nele, misturado à maresia e suor.

— Tess? — Ele franziu o cenho, então enxugou as lágrimas do rosto. Apoiando uma mão na areia, deu impulso para se levantar. Seu rosto se ergueu a um palmo acima de mim, mas Cauã parecia pequeno com aquela expressão desolada no rosto. Senti a força da minha irritação cair pela metade quando o encarei naquele estado.

— Essa é a sua ideia de perigo? Fugir pra praia paradisíaca onde a gente começou a namorar? — Sua única resposta foi uma risadinha fraca.

Uma gota solitária de chuva caiu na minha cabeça e escorreu pelo meu rosto. No segundo seguinte, Cauã estava me abraçando, o rosto escondido na curva do meu pescoço.

— Me desculpa — pediu com a voz abafada contra minha pele. O bafo de álcool me atingiu em cheio. — Eu sei que estraguei tudo. Você tem todo direito de ficar puta comigo. Eu fui o maior filho da puta do mundo, mas... — Cauã me segurou pelos ombros e se afastou para encarar meus olhos. — Quando a gente terminou, eu realmente pensei que era o melhor, Tess. A gente tava indo de mal a pior, brigando o tempo todo. E no começo foi ótimo mesmo. Mas depois de um tempo só começou a ficar muito solitário.

Ele fungou e coçou o nariz, sem tirar a expressão triste do rosto. Senti meus olhos marejarem e meu coração apertar enquanto ele continuava.

— Quando te vi com o Lucas, eu pirei pra caralho. E eu tava certo em me preocupar. — Ele levou uma de suas mãos ao cabelo, segurando seus fios compridos como se tentasse descontar neles a frustração que sentia. — Desde que começou a andar com *aqueles dois*, você ficou cada vez mais distante. Toda vez que eu tentava me aproximar, você me afastava mais. *Porra*, eu fiquei maluco com isso, Tess! É por isso que eu tenho agido assim, e eu sei que não tem justificativa, mas *eu te amo* pra caralho. Não sei de que outro jeito demonstrar isso, mas pelo amor de Deus não desiste da gente. — A voz de Cauã embargou, e ele segurou meu rosto com as duas mãos, encostando nossas testas. — Eu prometo que vou ser melhor pra você. Eu sei que te magoei, mas eu acho que se você tá aqui agora é porque também sabe que as coisas entre a gente não podem acabar assim.

— Acha que eu tô aqui porque quero voltar com você? — perguntei, sem muita convicção, enquanto as lágrimas escorriam livremente pelas minhas bochechas.

— Eu acho que no fundo quer, sim. Você só tá com medo.

Engoli em seco, me perguntando se ele estaria certo. Será que, no fundo, eu ainda não tinha coragem de realmente deixar tudo para trás?

— Eu só sinto *muita* falta de nós dois e do que a gente tinha — continuou ele. — Eu fui um idiota de deixar você, mas agora tô aqui, tentando me redimir, cometendo uma loucura pra te ter de volta. Essa é a maior prova de amor que eu posso dar!

Encarei seus olhos e engoli em seco ao perceber que ele *realmente* acreditava naquilo. Apesar de tudo, não consegui odiá-lo por isso, porque eu mesma tinha decidido fazer uma loucura em nome do amor, poucos meses antes. Mas a grande diferença entre nós dois é que Cauã queria me ter de volta à base da chantagem emocional. E eu, por mais idiota que tivesse sido, só queria que ele me amasse — que me tratasse do jeito certo, como o amor deveria ser de verdade.

— Você acha mesmo que isso é amor? — Balancei a cabeça, respondendo silenciosamente a minha própria pergunta. Respirei fundo e ergui o queixo, tomando coragem para dizer o que eu tinha ido até ali dizer. — O que a gente tinha não era amor, Cauã. Talvez fosse, no começo. Mas depois eu me tornei dependente de você. E eu acho que, no fundo, isso te agradava. Ia alimentando essa dependência, me dando doses homeopáticas de amor, mas me culpando por tudo que dava errado com a gente, como se eu não tivesse me esforçando o suficiente apesar de fazer tudo por você. Me fez acreditar que nunca seria boa o suficiente pra você nem pra ninguém. — As lágrimas continuavam a correr pelo meu rosto, misturando-se a novos pingos de chuva, mas eu não levantei a mão para secá-la. — Não tô apontando culpados no nosso relacionamento, apesar de você saber que foi um belíssimo filho da puta comigo. Mas quando a gente terminou... eu era louca por você. Eu teria voltado num piscar de olhos, se você quisesse. Mas você só quis dar valor quando eu resolvi seguir em frente.

— Isso não é justo... — começou a dizer, mas o interrompi.

— Cauã, mesmo antes de fazer amizade com o Lucas e a Jaque, as coisas entre nós já não iam bem. E, no fundo, eu *sabia* disso. Mas mentia pra mim mesma, porque eu te amava demais. E como podia aceitar que o cara pra quem abri minha vida inteira tinha *acabado* comigo? Como um dia, eu podia admitir pra mim, que você intoxicou meus pensamentos, meus sentimentos, meus sonhos, a ponto de, no final, eu nem saber mais quem eu era? — Um soluço pulou da minha garganta, e eu fechei os olhos por um segundo, tentando me controlar. — Antes mesmo de a gente terminar, você já tinha destruído tudo. Mas agora... você ultrapassou todos os limites. Você sabe disso.

Ele levou as mãos ao pescoço e fechou os olhos, nervoso. Sua cabeça pendeu para trás e a chuva começou a cair fraca, ricocheteando no rosto dele.

— Eu sei. Eu só... eu tava muito irritado por você ter pedido pra eu sumir...

— De tudo que eu acabei de te acusar, é só isso que você tem a dizer? — explodi, irritada. Ele voltou a me encarar, os olhos transmitindo sua mágoa com muita clareza. — E você acha normal tentar me convencer a voltar com você por ameaça? Você realmente achava que me ter de volta por *culpa* era melhor do que a gente terminar? Não. Quer saber? Prefiro nem ouvir sua resposta.

— Só me dá mais uma chance, por favor — pediu, mais uma vez, como se não estivesse ouvindo nada do que eu dizia. A sua insistência só fez a minha raiva voltar a crescer.

Ele ainda não conseguia enxergar os próprios erros. Ele ainda não entendia o quanto tinha me machucado, nem conseguia admitir que tinha culpa na versão de mim que me tornei depois dos nossos anos de namoro à base do controle, do ciúme, do medo. Caramba, ele não conseguia nem pedir *desculpas*!

— Não. Acabou. E agora é sério. Eu não quero mais saber nada de você. O mínimo de respeito e confiança que eu ainda tinha em você morreu hoje. E por mais que eu goste de você e me doa te deixar, eu sei que não tem mais como a gente ficar juntos. Você acabou com todas essas chances.

Tentei dar um passo para trás, mas Cauã me puxou pelos ombros que ainda segurava, com os olhos cheios de lágrimas.

— Não, Tess, não me deixa, por favor. Me ajuda a ser melhor pra você. — Ele me abraçou, afundando o rosto no meu pescoço. — Você nunca vai encontrar alguém que te ama como eu.

— Eu já encontrei alguém que me ama muito mais do que você poderia um dia me amar — afirmei, determinada. Ele se afastou o suficiente para me encarar.

— Quem, o Lucas? — perguntou com escárnio, deixando escapar uma risada debochada.

— Não, idiota. Eu mesma. — Ergui o queixo, tentando parecer confiante.

— Será que você acredita mesmo no que tá dizendo? — perguntou, como se tentasse me desestabilizar. Então, ele enlaçou minha cintura e me prendeu junto ao corpo molhado dele, levando a mão livre à minha nuca para tentar forçar um beijo. Esquivei a cabeça e levei minhas mãos à frente do corpo para criar um espaço entre nós dois.

— Me deixa em paz, Cauã, pelo amor de Deus! — gritei, quando consegui que ele afrouxasse o aperto. Virei-me de costas para ir embora, mas Cauã me enganchou com um braço pelo peito, impedindo-me de ir. Dobrei um joelho, na intenção de chutar sua perna, seu saco ou que quer que alcançasse, o pânico crescendo dentro de mim, mas Cauã me derrubou, fazendo-me cair de cara na areia. No instante que me forçou a virar de barriga para cima, ainda cuspiendo os grãos que tinham entrado na minha boca, Lucas pulou no nosso campo de visão, empurrando Cauã para trás.

— Se você encostar de novo nela eu juro pra você que vai ser a última vez que você vai encostar em alguém — ameaçou com o rosto vermelho, segurando Cauã pela camisa.

— Ah, chegou o defensor das minhas ex! — debochou Cauã, já não parecendo nem um pouco disposto a se rebaixar implorando por perdão. — Vai fazer o quê, me bater?

— Claro que não. Vou chamar a polícia, seu escroto — cuspiu Lucas, soltando Cauã com um impulso para trás.

— É assim que você trata seu melhor amigo, cara? — zombou com raiva no olhar. — E tudo por causa de uma vadiazinha de merda? Será que você sabe que essa piranha tava te usando pra chegar até mim? — Então, Cauã levou a mão até o bolso de trás da calça e tirou dele um papel dobrado e completamente amassado, já meio molhado pela chuva.

Meu coração pulou contra meu peito.

Meu estômago despencou no chão.

Era o meu plano de reconquista.

— Do que você tá falando? — perguntou Lucas com a confusão se misturando à expressão irada.

— "Dez passos para recuperar seu ex" — leu Cauã em voz alta. Apesar do estado do papel, as palavras saíam da sua boca com facilidade, como se ele já as tivesse decorado. Eu congelei no meu lugar. — "Passo dois: faça aliados importantes". Tem outro legal aqui, ouve só: "fique com alguém e certifique-se de que ele descubra". Tem setinhas com seu nome e tudo, olha! — A

empolgação em sua voz estava carregada de sarcasmo. Cauã virou a folha para Lucas e a empurrou contra o peito dele, deixando-o num silêncio que criou um nó gigantesco na minha garganta.

— Onde você pegou isso? — perguntei, o fiapo de voz saindo esganiçada.

Cauã abriu um sorrisinho vitorioso.

— Ontem, no seu quarto, quando dormi lá. — Tranquei o maxilar, mas Lucas só amassou o papel e o jogou contra Cauã.

A chuva começou a engrossar, mas estávamos todos presos demais naquela confusão para nos importar.

— Isso não muda porra nenhuma. Se você encostar de novo nela ou em qualquer outra garota, eu juro pra você que vou te enfiar numa cela junto com meu pai — ameaçou, enfurecido. — Se fizer outro teatrinho desses, vai todo mundo deixar você morrer.

Lucas agarrou minha mão e se virou de costas, mas não tivemos tempo de ir embora porque Cauã desferiu um soco em Lucas. Senti o pânico voltar a comprimir meu peito e olhei abismada para a cena, sem saber o que fazer. Lucas levou a mão ao rosto, no ponto em que foi acertado, mas não parecia ter intenção de revidar. Não porque não queria, podia ver em seus olhos, e sim porque ele não desejava que aquela briga tomasse proporções maiores. Cauã, no entanto, não pensava desse jeito. Ele fez menção de se aproximar para uma nova investida, e eu corri para me colocar entre os dois. Com os braços estendidos na frente do corpo, minhas mãos tocaram em seu peito, na tentativa de impedi-lo.

— Para, Cauã!

— Sai da frente, Tessália, ou vai sobrar pra você!

— Então me bate! Bem aqui, ó — esbravejei, apontando um dedo para minha bochecha com mais coragem do que achava que tinha. — Que é pra facilitar o trabalho quando eu for te denunciar.

Aquilo o fez parar. Ele me encarou, com o maxilar tensionado.

— Você sabe que eu nunca faria isso — disse, mas tinha a impressão de que ele

estava tentando se convencer disso também.

— Eu não sei de mais nada. Você não é quem eu pensava que fosse. — Deixei escapar um suspiro cansado. — A partir de hoje vou cortar todo o contato que tenho com você, vou te excluir e te bloquear em todos os lugares que eu puder. Mas se você voltar a aparecer, caramba, eu juro por Deus, Cauã, você vai se arrepender.

Dessa vez fui eu quem agarrei a mão de Lucas para ir embora. Corremos contra a chuva, já completamente encharcados, até o asfalto.

— Vamos pegar um gelo ali no quiosque pra botar no seu rosto — sugeri. Tentei puxá-lo até lá, mas Lucas fez força contra meu impulso.

— Não, eu só quero ir embora daqui. — Ele evitava me encarar, e sua voz estava dura demais. Analisei sua expressão ressentida com um aperto no coração antes de concordar com a cabeça, engolindo em seco.

Nós nos apressamos até o carro e, enquanto caminhava rapidamente, senti todas as partes de mim em que Cauã tinha me apertado doerem com o movimento.

— Você tá bem? Tá machucada? — questionou Lucas, ainda sem me olhar, assim que sentamos nos nossos bancos, molhando seu carro completamente. Mas eu não tinha tempo, muito menos cabeça, para me preocupar com isso no momento.

Assenti em silêncio, e ficamos ali, sem dizer mais nada, até que tomei coragem e ergui o braço para segurar sua mão. Ele a afastou na mesma hora.

Meu coração se partiu em mil pedaços.

Abri a boca para tentar me explicar, mas Lucas encaixou a chave na ignição, girou e deu partida. Ele arrancou com o carro, dirigindo em silêncio, e eu não tive coragem de tocar no assunto por um tempo. Sabia que não tinha muita desculpa para o que fiz, mas *precisava* que ele enxergasse que tudo o que aconteceu entre a gente foi real.

Quando já estávamos percorrendo o caminho há quase meia hora, finalmente ousei tentar, depois de organizar meus pensamentos.

— Eu nunca planejei ficar com você por causa daquele plano, eu juro — foi a primeira coisa que disse.

Achei que Lucas ia me ignorar, mas ele deu uma espiada de canto de olho para o lado antes de perguntar:

— Mas tinha um plano?

— Tinha.

Ele fechou os olhos por um milésimo de segundo, respirou fundo e voltou a encarar a estrada.

— Você planejou nosso encontro na festa?

— Sim — confirmei, uma lágrima escorrendo pela minha bochecha.

— E aquela vez que você apareceu lá em casa e postou foto com a Jaque?

— Também — sussurrei, outra lágrima caindo em seguida.

— Quando o Cauã quis aparecer no mesmo bar que vocês estavam, também foi parte desse plano?

Murmurei em concordância, sentindo mais e mais lágrimas rolarem pelo meu rosto.

— E quando a gente ficou?

— *Não* — neguei na mesma hora. Lucas desviou o olhar para mim rapidamente. — Nenhuma vez. Gostar de você nunca esteve nos meus planos.

— Foi por isso que você parou?

— Também, mas não foi o principal motivo.

— Qual foi?

— Vocês me ajudaram a ver que eu tava muito melhor sem ele.

Lucas mordeu o lábio inferior, tenso, e concordou com a cabeça, um gesto mais

para si mesmo do que para mim. Seu olhar estava focado na estrada, e ele não disse mais nada enquanto dirigia.

— Lucas? — chamei, depois de algum tempo, mas ele continuou em silêncio até parar o carro perto da minha casa. Chamei seu nome de novo.

— Agora não, Tessália. Eu preciso ficar sozinho. — Seus olhos voltaram a me encarar, cheios de mágoa. Eu abri a boca, na intenção de dizer qualquer coisa que pudesse reverter toda aquela situação, mesmo que eu não soubesse o quê, mas ele me interrompeu. — *Por favor.*

Concordei com a cabeça, aflita, e saí do carro. A chuva parecia estar chegando ao Catete naquele momento. Ainda estava fraca, caindo em gotículas esparsas enquanto eu paralisava na calçada, observando Lucas sumir de vista. Como tudo podia ter terminado daquele jeito?

Não sabia muito bem o que fazer ou como reagir — era como se minha ficha ainda não tivesse caído. A única coisa que sabia era que nunca mais queria ver Cauã na minha vida. Qualquer resquício de carinho e saudade pelas coisas boas que vivemos ainda existentes em mim tinha ficado para trás, junto dele naquela praia.

TRINTA E SEIS

(TESSÁLIA)

Era incrível como as coisas mais inesperadas podiam se tornar grandes refúgios.

Tantas vezes, tinha sonhado com minha mudança para o Rio, desejando uma fuga dos problemas de casa, das minhas próprias inseguranças, cheia de esperança de que a cidade maravilhosa mudasse minha vida para melhor. E então, lá estava eu, quase cinco anos depois, observando a paisagem da região serrana tomar forma à minha frente, com um alívio no peito.

Os últimos dez dias tinham sido angustiantes de uma maneira como nunca tinha sido antes. Eu não sabia se era porque Lucas e eu não estávamos tão bem quanto eu gostaria, ou por causa do término definitivo com Cauã, ou ainda porque não tinha ideia do que fazer da minha vida a partir daquele momento. Eu só sabia que precisava *fugir*. E, naquele instante, Teresópolis era meu melhor porto seguro.

Quando o ônibus parou na rodoviária da minha cidade natal, meu cunhado já estava esperando Priscila e eu. Íamos encontrar mamãe e Larissa na casa deles para um almoço naquele feriado de finados. Enquanto Rodrigo vinha nos pegar, as duas ficaram para preparar a comida — ou melhor, dona Laura cuidaria de Lorenzo enquanto minha irmã mais velha cozinhava. Afinal, a última coisa de que precisávamos era ter que aguentar qualquer indigestão provocada pela comida da minha mãe.

Assim que chegamos à porta do apartamento, corri à procura do meu sobrinho. Encontrei-o no colo da minha mãe, que estava na cozinha com a minha irmã, e, antes mesmo de falar com qualquer uma delas, estendi as duas mãos para pegá-lo no colo.

— Oi, coisinha linda da tia, tudo bem com você? — Coloquei um dedo na barriga de Lorenzo para fazer carinho, e ele o agarrou com sua mãozinha

minúscula, murmurando sons incompreensíveis. Então, aproximei seu pescoço do meu nariz. — Tudo que eu precisava agora era dar um cheiro nele — expliquei a Larissa ao perceber seu olhar curioso para mim.

— Esse menino vai crescer com aversão a fungada no cangote, é tudo o que ele mais recebe — brincou minha irmã, beijando meu rosto em cumprimento, quando desviei a atenção do meu sobrinho.

— Como ele tem sido? — perguntou Priscila, admirando-o com um sorriso no rosto e brincando com Lorenzo em meu colo. — Tá chorando muito? Mama pouco?

Minha irmã fez cara de descrença antes de se virar para conferir a água do arroz. Ela desligou o bocal e voltou sua atenção para nós duas.

— Que nada! — Ela balançou a mão e revirou os olhos. Em seguida, pegou uma das panelas e levou até a sala. Minha mãe fez o mesmo com a forma de lasanha que estava no forno. Quando Larissa voltou à cozinha, continuou: — Só come e dorme, quase não me dá trabalho. Passei nove meses me preparando para o terror, e essa criança fica quieta desse jeito?

— Não reclama, não. Vai que ele ouve? — Priscila tapou os ouvidinhos dele, rindo. — Sabe que tudo que filho mais gosta de fazer é contrariar a mãe, né?

— Ai dele! O Enzo aqui só vai me obedecer! — Ela apontou o dedo para ele como se fosse compreender a ordem.

— É Lorenzo, Larissa! — retruquei automaticamente.

— A mãe sou eu, eu chamo do que eu quiser! — rebateu, empinando o nariz para provar sua superioridade.

— Dane-se, vou revogar seu direito de usar o nome que eu escolhi com tanto carinho. — Ela me encarou por um segundo antes de nós três gargalharmos. Lorenzo nos observou com os olhos arregalados, rindo em seguida como se fizesse parte da conversa.

Nós cinco seguimos para a sala, onde a mesa do almoço estava posta.

— Assim que eu gosto, já chego sendo servida. Muito bom o serviço daqui —

brincou Priscila, sentando-se à mesa, antes de receber um tapa de Larissa.

— Abusada — reclamou minha irmã mais velha. Ela pegou Lorenzo dos meus braços, para que eu pudesse almoçar, e se sentou ao meu lado. — E lá no Rio, como estão as coisas? — questionou, quando as risadas morreram e as comidas já estavam nos pratos.

Dei de ombros, mas Priscila fez questão de responder por mim.

— Agora que o embuste sumiu de vez tá tudo mais calmo.

Revirei os olhos, calada, enquanto o olhar de Larissa me analisava.

— E o Lucas? Deu notícias?

Neguei com a cabeça, evitando estender o assunto na esperança de que elas pulassem para o próximo tópico de conversa. Larissa, porém, não pretendia deixar isso de lado tão fácil assim.

Eu tinha desabafado com minha mãe e ela há alguns dias, durante uma chamada de vídeo, contando o que tinha acontecido. Não sabia por que tinha sentido aquela necessidade, mas, quando perguntaram “Tudo bem?” e Priscila me encarou cheia de apreensão, eu simplesmente despejei tudo. Desde o plano, que sobre o qual nenhuma das duas sabia, até aquele domingo na praia. Eu me sentia estranha revelando as coisas que mais guardei nos últimos cinco anos, mas elas tinham sido muito mais compreensivas do que eu esperava. Eu esperava que Larissa fosse apontar dedos e me culpar por ter continuado com Cauã apesar de tudo, ao passo que minha mãe insistiria para que o perdoasse. Mas, em vez disso, as duas apenas choraram, sem acreditar que eu nunca tivesse contado nada a elas durante todos aqueles anos, e disseram o quanto estavam orgulhosas de mim.

— Posso dizer uma coisa que talvez não te agrade? — perguntou minha irmã no momento em que Rodrigo estendeu os braços para pegar Lorenzo de seu colo. Ele tinha acabado de terminar sua refeição, e cuidaria do filho para que ela almoçasse. Eu achei fofo como eles tinham toda uma dinâmica que nem precisava ser verbalizada; faziam tudo automaticamente, como se ser pais e dividir responsabilidades fosse a coisa mais natural do mundo para eles.

— É pra isso que servem as irmãs, né? — Dei de ombros para Larissa, apesar da minha apreensão. Sempre tinha medo do que podia ouvir sobre esse assunto.

— *Touché*. — Larissa abriu um meio sorriso enquanto preparava seu prato. — Você não acha que era cedo demais pra se envolver com outra pessoa? Sei que às vezes é mais fácil esquecer um coração partido ficando com outro, mas às vezes... tudo que a gente precisa pra voltar a se sentir inteira é aprender a ser feliz sozinha.

Ela estava certa, é claro. Tinha noção disso. Mas saber uma coisa e botá-la em prática não significavam a mesma coisa. Na verdade, na maioria das vezes, elas estavam em patamares completamente diferentes de dificuldade.

— Se isso vale de alguma coisa, eu não tinha nenhuma intenção de me envolver com o Lucas. Muito menos de magoá-lo — foi tudo o que disse, porém.

— Eu sei. — Larissa sorriu, como se esperasse a continuação.

Olhei ao redor, envergonhada por discutir esse assunto à mesa de jantar com toda a minha família. Mas todos eles expressavam preocupação no olhar e eu acabei suspirando, antes de desviar o olhar, fitando o chão.

— Mas me sentia bem com ele e tudo ficava mais fácil quando estávamos juntos. Fazia tempo que eu não me sentia tão segura. Eu só queria manter aquele sentimento bom por um tempo.

— Eu sei — repetiu Larissa. — Mas você não tava pronta.

— Não, não tava — concordei. — Acho que não tô ainda. As coisas com o Cauã são recentes demais.

— Aceita um conselho? — Concordei com a cabeça. — Entender o que você tá sentindo agora e o que você precisa fazer por si mesma talvez te ajude a encontrar a forma mais sincera de se desculpar com Lucas. Ficar com ele podia ser bom no momento, mas você só estaria adiando as coisas que precisava resolver aí dentro. E isso era receita certa pra magoá-lo, como aconteceu.

— Obrigada, Larissa, agora minha consciência tá muito mais tranquila — disse com deboche, revirando os olhos.

Quase inconscientemente, ela estendeu a mão para brincar com Lorenzo enquanto conversava.

— Eu não quero deixar sua consciência pesada, só tô pedindo que cuide um pouco de si mesma antes de tudo, mesmo que isso não seja a coisa mais fácil do mundo. Mesmo que magoe algumas pessoas. — Larissa virou o rosto, encontrando o olhar atento da minha mãe no meio do caminho. — A gente tem muita dificuldade de fazer o que nos faz bem porque crescemos com a ideia de que se colocar em primeiro lugar é egoísmo. Mas pra fazer o bem para o próximo, você precisa estar bem consigo mesma. E isso a gente só consegue se tiver coragem de se conhecer e se amar. Ficar tentando suprir as próprias necessidades com o amor do outro é fugir dessa responsabilidade.

Fiquei calada, absorvendo tudo que Larissa tinha dito e reconhecendo o quanto aquele conselho cabia também à minha mãe. Dona Laura baixou a cabeça e pigarreou em seguida. Percebendo que todos tínhamos terminado de comer, ela se levantou para começar a tirar mesa. Rodrigo se levantou, dizendo que ia ajudá-la — ele parecia muito desconfortável, em meio à toda aquela sessão de aconselhamento. Larissa aceitou Lorenzo em seus braços novamente.

— Como é que ela tá? — perguntei em voz baixa, assim que minha mãe sumiu de vista na porta da cozinha.

Larissa voltou a me encarar.

— Tá caminhando. Ela começou a fazer terapia, ela contou pra vocês? — Minha irmã e eu balançamos a cabeça em negação, com os olhos arregalados.

— É sério? — Priscila parecia duvidar disso.

— Sim, eu fui com ela na primeira consulta. — Larissa franziu o cenho e ficou em silêncio quando minha mãe reapareceu para retirar nossos pratos. Quando ela desapareceu na cozinha de novo, minha irmã prosseguiu. — Mas ela ainda tem muitos passos para dar, e não vai ser fácil. A nossa ajuda é muito importante.

Assenti, feliz com a novidade. Nunca tinha imaginado que minha mãe ia procurar ajuda profissional voluntariamente. Mas se tinha feito isso agora significava que o nascimento de Lorenzo realmente tinha mexido com ela. Estendi a mão para pegar o pezinho dele, agradecida.

— Eu acho que talvez, então, essa seja uma boa hora pra contar que estou pensando em voltar pra casa depois da formatura? — Minha frase saiu quase como uma dúvida, mas a verdade é que eu estava quase certa disso.

— O quê? Você não me contou isso! — A voz de Priscila soou mais alto do que deveria, e Lorenzo pulou, procurando com os olhos arregalados a origem do som.

— Eu não acho uma boa ideia, não, Tess — opinou minha irmã mais velha enquanto balançava Lorenzo.

— Por que não? — Arqueei a sobancelha.

— Eu acho que você vai estar dando um passo pra trás.

— Mas o que eu vou ficar fazendo no Rio? Assim que me formar, vou perder meu estágio, e não tem nenhuma oportunidade na empresa pra eu ser efetivada. Tô mandando currículo há meses e não recebi uma mísera ligação. — Soltei um muxoxo. — Depois de toda essa história com o Cauã, confesso que também não tenho tido muita cabeça pra isso. E ainda tem essa história da mamãe, eu acho que seria bom pra ela se eu voltasse...

— Não. — Nós três viramos para a entrada da sala assim que a voz dela nos atingiu. Ela nos encarava da porta da cozinha. Será que estava nos ouvindo o tempo todo? — Você não vai voltar por minha causa.

— Mas, mãe...

— Mas nada. Eu proíbo você de me usar como desculpa pra fugir da sua vida. — Eu nunca tinha visto minha mãe tão séria. Ela se aproximou de nós três, parando à nossa frente. — Todos os esforços que seu pai e eu fazemos por vocês é pra que levem uma vida melhor do que a nossa. E voltar pra Teresópolis é, sim, dar um passo para trás.

— Mas a Larissa voltou...

— Voltou pra construir uma família, porque ela queria, não porque estava fugindo da responsabilidade.

— Mamãe tá certa, Tessa — concordou Priscila. — Eu sei que você tá arrasada com o que aconteceu com o Cauã e o Lucas, mas a sua vida é no Rio. É lá que você vai ter mais oportunidades pra fazer o que gosta, é lá que estão seus amigos mais próximos. Não tem nada em Teresópolis pra você. Se você voltar vai estar só se isolando.

Encarei a determinação estampada no rosto das três e deixei escapar um suspiro.

— Tudo bem... Mas será que eu posso pelo menos passar as festas de final de ano aqui? — Juntei minhas mãos em súplica. — Eu só precisava de um tempo pra botar minha cabeça em ordem.

Larissa e minha mãe se entreolharam. Em seguida, as duas abriram um sorriso.

— Acho que podemos concordar com essa opção, Tessinha. — Minha mãe se jogou no colo de Priscila, rindo, de volta ao seu estado normal.

— Mas tem uma condição! — interrompeu Larissa, erguendo o dedo indicador para que nos calássemos. Três pares de olhos fitaram minha irmã. — Quando você voltar pro Rio, também quero que comece a fazer terapia.

— Quê? Mas por quê?!

— Terapia faz bem. Eu acho que pode te ajudar a lidar melhor com seus problemas internos. — Reparando minha expressão ainda indecisa, ela falou: — Se consultar com um psicólogo não é uma coisa de outro mundo. A maioria das pessoas acha que terapia é só pra quem tem problema mental, mas é claro que não é. A vida já é difícil demais por si só, às vezes a gente só precisa de um empurrãozinho pra enfrentar o dia a dia sem exigir demais de si mesma. A se enxergar de uma forma diferente e se amar mais, ser mais confiante.

— Tá bom, tá bom — interrompi, erguendo as duas mãos para que parasse de insistir. — Eu vou procurar, prometo.

— Vou ficar no seu pé, viu? — alertou com a sobrancelha arqueada.

— E você precisa fazer as pazes com o seu amigo. Ele é um rapaz tão bonzinho! — exclamou minha mãe, chateada. Acho que, afinal, Lucas tinha roubado o lugar de Cauã no coração dela.

Minhas irmãs murmuraram em concordância.

— Eu tenho uma condição também! — Priscila ergueu a mão, fazendo com que eu virasse para ela na mesma hora.

— Cala a boca, pirralha.

— Olha como fala com a sua irmãzinha, Tessinha! — ralhou minha mãe, esmagando a caçula em um abraço.

— Ridícula, eu aqui tentando te ajudar e você me atacando. — Minha irmã fez uma expressão magoada, fazendo com que dona Laura a apertasse ainda mais.

— Fala logo, Prica! — exigiu Larissa. — Até o Enzo tá impaciente já, querendo ouvir a condição antes de dormir.

— É Lorenzo, Larissa! — reclamei na mesma hora.

Larissa me deu língua e voltou a atenção para o filho, que não conseguia dormir com o nosso falatório.

— Shh, vocês todas! Deixa eu falar! — ordenou Priscila. — Tessália, você *tem* que criar uma página pra postar os seus desenhos! Esse mês ainda!

— Ah, não! — gemi, porque desde o aniversário de Jaque, ela não me deixava mais em paz. Toda vez que me via desenhar, me perturbava durante vários dias até esquecer.

— Ah, sim! — Nós quatro começamos a discutir, uma atropelando a outra, até que Rodrigo saiu da cozinha, assustado com o falatório. Nós ficamos em silêncios e retribuímos seu olhar arregalado.

— O que tá acontecendo aqui? — perguntou, de repente.

E nós caímos na gargalhada, percebendo a loucura que a sala estava. Lorenzo, é claro, riu junto.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ✓ **ENTENDA OS MOTIVOS DO TÉRMINO**
- ✓ **FAÇA ALIADOS IMPORTANTES**
- ✓ **PROMOVA UMA MUDANÇA EM SI MESMA**
- ✓ **DEMORE A RESPONDÊ-LO**
- ✓ **DIVIRTA-SE (E POSTE FOTOS)**
- ✓ **ARME UM ENCONTRO E MOSTRE O QUANTO VOCÊ MUDOU**
- ✓ **SAIA COM ALGUÉM E CERTIFIQUE-SE DE QUE ELE
DESCUBRA**
- ✓ **AJA COMO SE TIVESSE SUPERADO**
- ✓ **CONVIDE-O PARA RESOLVER ASSUNTOS INACABADOS**
- ✓ **DEIXE A MAGIA ACONTECER (E CUIDADO PARA NÃO
COMETER OS MESMOS ERROS)**

A sua caminhada chegou ao fim, mas lembre-se de que um relacionamento sempre precisa de atenção e carinho. Não deixe a rotina atrapalhar a dinâmica entre você e o seu amor. Faça dela sua aliada. E o mais importante de tudo: seja feliz!

TRINTA E SETE

(TESSÁLIA)

— Você não chamou o Lucas, não? — perguntou minha irmã, despreocupadamente, enquanto seguíamos por um longo corredor cheio de portas fechadas. Eu a encarei de lado, fuzilando-a com o olhar; Jaque e Flávia tinham feito um acordo silencioso de não me perguntar sobre Lucas, a não ser que eu mencionasse seu nome. Mas não tinha certeza se a capacidade de percepção de Priscila estava falhando terrivelmente, ou se ela simplesmente não se importava se iria me magoar.

— Não — respondi apenas, continuando a ler minhas anotações sem dar atenção a ela.

Minha cabeça estava a mil naquele dia e tudo o que *não* precisava era que Priscila me lembrasse de todas as questões ainda mal resolvidas com Lucas, justamente no dia da defesa da minha monografia. Eu mesma já conseguia fazer isso muito bem sozinha.

— Por que não? — insistiu, como se não fosse capaz de entender minha repreensão silenciosa.

— Porque eu não chamei ninguém, Priscila, muito menos vocês. — Lancei um olhar de censura para ela antes de desviá-lo para Jaque e Flávia, que estavam lado a lado, braços cruzados, nos observando com uma expressão divertida no rosto. Ao perceberem a atenção, elas abriram um sorriso travesso, como se fossem crianças arteiras que sabiam ter feito besteira.

— A gente só achou que você tava tensa demais e precisava de boas companhias. — Jaque abriu seu sorriso mais charmoso quando alcançamos a última porta e nos sentamos nas cadeiras acolchoadas do lado de fora, esperando a chegada dos professores que iriam avaliar minha defesa. No banco da parede oposta, à nossa frente, duas outras meninas também aguardavam pelo horário da apresentação.

Eu tinha saído de casa cedo naquele dia com uma missão a realizar antes da defesa da monografia e, quando cheguei na faculdade, as três já estavam lá, me esperando com tanta empolgação que parecia mais que estávamos indo tirar férias.

— Para de reclamar, sua piranha ingrata, nós duas pedimos folga no estágio só pra estar com você nesse momento. — Flávia estreitou os olhos para mim. — Acho bom não esquecer que semana que vem é a minha vez.

— Eu *não* preciso de vocês me distraindo quando já tô morrendo de nervoso e tentando repassar minhas anotações — reclamei, rabugenta, mas a verdade era que eu estava, sim, muito feliz com a presença delas. O último mês havia sido um inferno e eu estava grata pelo dia fatídico finalmente ter chegado. É claro que a monografia não era a única coisa ocupando minha mente naqueles 33 dias, mas eu tinha mergulhado com tudo no trabalho, enquanto deixava o tempo cuidar das coisas pelas quais eu não podia fazer nada.

Não que Lucas e eu tivéssemos ficado todo esse tempo sem nos falar; é claro que não. No mesmo dia em que brigamos — será que eu podia chamar aquilo de briga? —, mandei uma mensagem para ele.

[22:22, 23/10/2016] Tessália Sampaio:

Eu sei que pareço uma interesseira filha da puta pra você agora, mas eu preciso que saiba que nada, nada mesmo do que a gente teve foi falso. Cada segundo desde que você entrou na minha vida foi real. A sua amizade, o seu carinho, tudo em você me transformou de uma maneira que não sei explicar. Era como se eu tivesse passado os últimos quatro anos me afogando e, de repente, você e a Jaque estenderam as mãos para me ajudar. No começo, eu não queria aceitar porque tinha me acostumado a viver naquela bolha. Eu mal lembrava como era a vida na superfície. Mas então vocês me puxaram para cima e, quando respirei pela primeira vez depois de todo aquele tempo, eu finalmente consegui enxergar o que não tinha conseguido antes; eu consegui *me* enxergar e enxergar o mundo como ele era de verdade.

Você me salvou.

E eu sou muito grata por isso. Você não faz ideia do quanto.

[22:40, 23/10/2016] Lucas Munhóz:

Eu sei disso. Não tô bravo com vc, só tô confuso.

As coisas aconteceram muito rápido e quando vi eu já tava envolvido. Acho que hoje foi a primeira vez que enxerguei tudo o que a gente passou por outra perspectiva e percebi que talvez fosse melhor a gente se afastar por um tempo. Não é uma vingança, nem nada, eu só tô precisando lidar com umas coisas na minha cabeça e acho que não conseguiria fazer isso te vendo sempre. Só quero que entenda que não tô com raiva.

Eu gosto muito de vc, Tessa, muito mesmo. Só me dá um tempo, por favor.

E eu tinha respeitado o tempo que me pediu, esperando que viesse falar comigo. Mas, todos os dias, acordava com a mão no celular, na expectativa de uma nova mensagem, na esperança de que já tivesse organizado a confusão em sua cabeça, e nós fizéssemos as pazes logo; mas nenhuma notícia vinha. Então fui para Teresópolis, e a conversa com minha irmã mais velha martelou em minha cabeça por dias, até que o final de semana seguinte chegou e encontrei Jaque e Flávia para um café.

E é claro que o assunto acabou surgindo, se embrenhando no nosso silêncio, como se estivesse ali, sempre à espreita. Quando contei às duas o que Larissa tinha me dito, elas se entreolharam em silêncio.

— Podem falar o que acham — pedi, compreendendo por suas expressões que elas já tinham uma opinião formada sobre o assunto. — Eu *imploro* na verdade, me digam o que fazer, porque já não tenho mais capacidade de decidir sozinha.

Meu drama fez Jaque soltar uma risada.

— É claro que não vamos te dizer o que fazer. A vida é *sua*. São *suas* decisões. — Uma pausa. Arqueei a sobrancelha, esperando a continuação que sabia que viria. — Minha única opinião sobre isso é que você deveria parar de ser tão impulsiva e considerar um pouco o que *você* acha que é melhor pra *você mesma*. — Apoiando os cotovelos na mesa, Jaque se reclinou em minha direção, seus olhos castanhos focados em meu rosto, como se quisesse prender toda a minha atenção em suas palavras. — Eu sou suspeita pra falar, porque o Lucas é meu

melhor amigo e admiro ele demais, e não tenho dúvidas de que vocês dois seriam uma ótima dupla. Mas... Você acha que ficar com ele foi uma boa decisão nesse momento da sua vida? E pro Lucas? Você acha que conseguiria ficar com ele sem magoá-lo, apesar de todas as suas questões mal resolvidas? Acha que conseguiriam ter um relacionamento saudável mesmo quando mal superou o namoro com o Cauã?

— Você sabe mesmo como fazer a consciência de alguém pesar — disse, cabisbaixa, e bebi um longo gole do meu chocolate quente, usando isso como desculpa para evitar pensar no que ela queria dizer com aquele discurso.

— A gente só quer que você olhe um pouco pra dentro de si antes de seguir com a sua vida — interrompeu Flávia, indo em apoio à Jaque. Eu tinha a leve impressão de que as duas já tinham discutido aquele assunto antes, juntas.

Jaque concordou com a cabeça e continuou:

— O único caminho certo pra felicidade é o autoconhecimento, mas a gente sabe que isso não é nem de longe a coisa mais fácil de fazer. Nosso único conselho agora é que você se preocupe mais com o que *você* — ela apontou para o meu peito — quer e precisa antes de se envolver com outra pessoa. Se não fizer isso, vai ficar presa pra sempre nesse ciclo vicioso de tentar usar os outros pra suprir suas próprias faltas. E isso é como tapar o sol com uma peneira.

Desviei meu olhar das duas, fitando o croissant intacto no prato à minha frente, enquanto considerava suas palavras.

— Então vocês acham que eu devia esquecer o que quer que eu esteja sentindo pelo Lucas? — ainda arrisquei, contendo um sorriso.

— A gente não acha nada, garota — retrucou Flávia, com uma expressão leve. — O que *você* acha?

Soltei uma risadinha, porque essa era exatamente a resposta que eu esperava. Aproveitei o momento mais descontraído para começar a comer meu croissant enquanto as duas compartilhavam um pedaço de bolo que tinham pedido juntas.



Foi pouco depois disso que Lucas decidiu finalmente falar comigo.

As conversas com Larissa e com minhas amigas tinham me deixado confusa demais, e minha cabeça já estava a toda com o prazo final da monografia se aproximando. Então é claro que aproveitei essa desculpa para adiar nosso encontro.

[11:24, 7/11/2016] Lucas Munhóz:

Será que a gente pode se ver?

Acho que já tá na hora da gente conversar, né?

[12:00, 7/11/2016] Tessália Sampaio:

25 de novembro

[12:34, 7/11/2016] Lucas Munhóz:

Eu tava pensando em algo mais próximo, tipo, amanhã kkkk

[12:42, 7/11/2016] Tessália Sampaio:

É o dia que apresento a monografia

Queria muito focar nisso agora e acho que também tô precisando resolver umas questões internas antes de a gente conversar

Tem problema se esse papo ficar pra depois do dia 25?

[12:45, 7/11/2016] Lucas Munhoz:

Aaaaah sim

Claro, sem problemas! A gente combina quando tiver perto

E boa sorte <3

Talvez a perspectiva de o encontrar para pôr em pratos limpos tudo que vinha me preocupando e ocupando meus pensamentos desde antes das lições de moral que recebi fosse o que estava me deixando ainda mais nervosa naquele dia. Não tinha certeza dos motivos para tamanha aflição, mas talvez, no fundo, tivesse medo de que aquela conversa representasse mais um fim.

Quando eu parava para pensar que, em minutos, estaria sendo julgada por uma banca pelo trabalho que garantiria meu diploma, eu já passava mal. Mas lembrar que, depois disso, eu teria que conversar com Lucas e tomar uma decisão sobre nosso pseudorrelacionamento era a cereja do bolo. Em alguns momentos, achei que ia vomitar.

Meu celular vibrou na mesma hora em que meu orientador e outros dois professores atravessaram apressados o corredor em que eu estava com Jaque, Priscila, minha irmã e as outras duas alunas que iam se apresentar naquele horário.

— Bom dia, meninas — cumprimentou um deles enquanto meu orientador sacava a chave da sala. — Estão prontas?

Nós concordamos com a cabeça ao mesmo tempo.

Respirei fundo e, enquanto seguia todo mundo sala adentro, dei uma espiada nas mensagens que tinha recebido.

[10:02, 25/11/2016] Lucas Munhóz:

Droga, esqueci que era hoje!!

Acabei de receber seu presente

Acho que não vou chegar a tempo

Boa sorte!!

Vou te esperar na saída

Abri um sorriso involuntário e ergui a cabeça. Jaque, Flávia e Priscila fizeram um sinal positivo com a mão, ao mesmo tempo, enquanto se sentavam nas cadeiras da terceira fileira, em frente ao tablado, para assistirem minha apresentação.

— Arrasa, maravilhosa! — sussurrou Flávia.

— Vê se não me envergonha, garota — brincou minha irmã, com uma expressão emocionada.

— Vai e agarra esse diploma — ordenou Jaque, rindo.

Com um sorriso de gratidão, segui em direção ao meu orientador, que estava próximo a uma mesa com um notebook, no canto do tablado.

Ignorei as fortes batidas do meu coração. Apesar do nervosismo por ter que falar em público e expor o trabalho para o qual me dediquei, pela primeira vez em muito tempo, eu estava confiante. Tinha demorado a perceber isso, mas dentro de mim havia uma Tessália inteiramente nova e pronta para se exibir para o mundo.

E não havia hora melhor para deixá-la sair.

TRINTA E OITO

(LUCAS)

Ainda estava com a mesma roupa com que dormi, largado no sofá, assistindo à televisão, quando o interfone tocou. Tia Olívia já tinha saído para o trabalho há algum tempo, e meu estágio só começava à tarde, portanto estava sozinho. Obriguei-me a levantar apesar de não estar esperando ninguém. Quando atendi, o porteiro me avisou de uma encomenda que tinha sido deixada com ele em meu nome. Intrigado, desci para buscá-la.

— Bom dia, seu Lucas — desejou Leopoldo, um senhor de cabeça branca e energia de um homem de vinte anos, assim que cheguei à entrada.

— E aí, seu Léo — retribuí, enquanto ele estendia um pacote, embrulhado em papel pardo, que não continha logo de nenhuma empresa. Franzi o cenho enquanto o pegava.

— Uma mocinha passou aqui às pressas pra deixar — explicou, vendo minha expressão confusa.

Virei o pacote, procurando alguma dica do remetente, e, do outro lado, encontrei uma assinatura. No nome de Tessália. Agradei a Leopoldo antes de subir correndo as escadas, de volta ao apartamento. Assim que me sentei no sofá, comecei a abrir a encomenda.

Com o embrulho já rasgado, jogado ao chão, encarei o livreto de capa preta. Não havia nada escrito ali, e a dobra do caderno estava costurada de modo irregular, como se tivesse sido feita à mão.

De repente, a lembrança me atingiu em cheio: era dia 25 de novembro.

Merda. Eu tinha esquecido completamente.

Olhei a hora no celular e percebi que já era tarde demais para que eu chegasse

a tempo. A apresentação dela ia começar em 15 minutos. Por isso, contendo o ímpeto de sair correndo, mandei uma mensagem para Tessa antes de abrir o livro.

Na primeira página, havia uma mensagem escrita à mão:

Tentei desenhar todos os dias desde que a gente brigou, sempre que me sentia cansada demais para continuar a trabalhar na monografia. Sempre que sentia vontade de largar tudo e ligar para você, te chamar para um podrão, um café, uma conversa, qualquer coisa que me motivasse a continuar.

Os desenhos foram o meu refúgio e o que me manteve sã. E a inspiração veio como o ar que eu respiro, fácil, leve, necessário.

Nunca tinha desenhado tanto na minha vida.

E quando parei para analisar, percebi que todos, sem exceção, eram sobre você.

Sinto sua falta.

Vamos nos ver mais tarde?

Sentindo uma força invisível comprimir meu peito, virei a página. Encontrei uma pintura de aquarela que ilustrava uma menina se afogando; a pele negra, os cachos esticados pela água. Acima dela, dois pares de mãos estavam estendidas em sua direção, oferecendo socorro.

Como na mensagem que ela tinha me mandado havia mais de um mês.

Folheei as outras páginas; todas continham desenhos sobre mim, sobre nós dois, sobre nosso grupo de amigos e sua salvação.

Levantei de um pulo e corri para o banheiro para tomar um banho e me arrumar. Eu tinha um tempo ainda até o horário do estágio, mas a apresentação

dela provavelmente não duraria mais de meia hora. Por isso, engoli um sanduíche na cozinha e escovei os dentes antes de sair correndo de casa, em direção ao meu carro.



Cheguei à faculdade pouco mais de vinte minutos depois, mas ainda esperei por ela por quase meia hora no pátio. Estava encostado a uma pilastra, distraído em pensamentos, quando uma silhueta invadiu meu campo de visão de repente.

Tessa saltou à minha frente, e por momento pensei nunca ter visto alguém abrir um sorriso tão grande quanto o que exibia naquele instante.

— Oi! — cumprimentou, empolgada. Ela parecia que ia explodir de felicidade quando ergueu o formulário da monografia, que mostrava uma nota: 10.

Já fazia algumas semanas desde a última vez que nos vimos, e, se aquilo era possível, ela estava mais linda do que nunca. Seus cabelos tinham crescido bastante e estavam mais armados. Usava um vestido florido, alegre, que contrastava bem com sua pele negra, destacando a sua beleza afro. Cada parte dela parecia emanar orgulho de quem era e, principalmente, de quem tinha se tornado, algo que, havia apenas alguns meses, ainda era difícil de enxergar nela.

E eu estava tão orgulhoso quanto todos ao seu redor. Ver a sua transformação desde que tínhamos nos tornado amigos até aquele dia tinha sido uma das coisas mais incríveis que já havia presenciado. Era como se ela tivesse, depois de muito tempo, decidido acender seu brilho interno.

— Eu não tinha nenhuma dúvida disso — afirmei, retribuindo seu sorriso enquanto estendia uma rosa que tinha comprado de um vendedor ambulante na rua da universidade. Num canto mais distante do pátio, encontrei três pares de olhos curiosos nos observando indiscretamente.

Tessa aceitou o presente, tomando cuidado com os espinhos, e fitou a rosa, com uma expressão indecifrável. Seu sorriso foi sumindo aos poucos, conforme o peso daquele momento pairava sobre nós.

TRINTA E NOVE

(TESSÁLIA)

— Desculpa minha ausência — começou ele antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. — Eu só tava precisando de um tempo pra botar meus pensamentos no lugar.

— Tudo bem. — Assenti com a cabeça, respirando fundo. — Foi difícil no começo, mas então eu percebi que também precisava disso. — Ele concordou com um aceno e enfiou as mãos no bolso enquanto desviava o olhar para o chão. — E acho que também tava com medo de te encarar e ver nos seus olhos algo que eu não fosse gostar.

— Eu não devia ter agido daquele jeito, mas é que eu fiquei tão... — Ele parou por um segundo, procurando as palavras. Seus ombros relaxaram quando admitiu: — Eu fiquei com ciúmes. Acho que me senti como uma segunda opção. Usado, porque o que você queria não tinha dado certo.

— Não... — comecei a me explicar, mas ele me interrompeu.

— Sei que isso não é verdade. Mas foi como eu me senti naquela hora. — Lucas deu de ombros e encarou minha expressão apreensiva. — Mais tarde, quando me acalmei o suficiente, vi que não tinha o direito de agir daquele jeito. Desde o começo, sabia que ficar com você não era uma boa ideia, por muitos motivos, mas principalmente porque você não tinha superado o Cauã. Todo mundo sabia disso; claro que eu também. Mas fui me deixando envolver mesmo assim. Me dizendo que não era nada de mais, que não tinha problema. Nem percebi que já tava tão na sua que ficava me dando desculpas pra aceitar você pela metade. E pior, correndo o risco de te fazer mal também, porque não conseguia entender que estar comigo não era o que você precisava naquela hora. Eu fui egoísta com você. E eu fiz isso porque... — Ele fez uma pausa e não conseguiu fitar meus olhos quando admitiu: — Eu fiz isso porque tava me

apaixonando. Mas só percebi isso naquele dia. Foi por isso que me afastei.

Fechei os olhos, surpresa com a declaração. Meu coração se comprimiu como se uma mão invisível o estivesse esmagando. Aquilo era muito mais difícil do que eu tinha imaginado.

Levei alguns segundos para voltar a encará-lo, mas, quando o fiz, foi com a determinação de que precisava ser sincera com ele se queria que nossa relação um dia voltasse a ser como antes.

— Eu gosto de você pra caramba, Lucas. Já te falei antes o quanto sua ajuda foi importante para que eu conseguisse enfrentar as coisas que vinham acontecendo comigo nos últimos tempos. Não tinha forças pra passar por isso tudo sozinha, e você e a Jaque me estenderam a mão quando ninguém mais quis. — Um nó se formou em minha garganta, me fazendo travar por um momento, mas me forcei a continuar. — Eu também fui egoísta, porque sabia que não conseguiria me doar por inteiro a você, mas eu não queria perder o que a gente tinha. Não queria perder aquelas horas sem culpa, sem medo, sem pensar em Cauã. Eu também errei muito, porque quis curar um amor com outro sem pensar no quanto poderia *te* machucar, tentando *me* reerguer. E eu também não fui justa comigo. — As lágrimas se acumularam nos meus olhos, e engoli em seco, tentando contê-las. — Só percebi isso recentemente, mas a verdade é que eu estava usando você, sim; não pra superar o Cauã, mas pra fugir da minha realidade. Pra fugir da necessidade de aprender a conviver comigo mesma, de aprender a me amar, a ser feliz sozinha. Eu tava guardando tudo isso na gaveta, achando que podia seguir em frente sem ter que enfrentá-las. Mas enquanto não resolver essas questões comigo mesma, elas sempre vão voltar pra cobrar seu preço e nunca vão me permitir me sentir completa pra estar com outra pessoa.

Lucas concordou com a cabeça, sua expressão transmitindo tantas emoções ao mesmo tempo que era difícil identificá-las. Havia um sorriso em seu rosto, como se estivesse feliz por me ouvir dizer aquilo, mas seu cenho estava levemente franzido, como se algo dentro dele doesse mais do que ele era capaz de aguentar.

Permanecemos em silêncio, encarando um ao outro e tentando digerir o que aquela conversa representava.

— Mas sabe de uma coisa? — continuei, enfim, quando algumas lágrimas já escorriam pelo meu rosto. — Nunca vou me arrepender de ter seguido aquele

plano ridículo. Você e a Jaque foram os maiores presentes que a vida podia me dar, e é bem provável que eu ainda estivesse completamente dependente do Cauã, ou de qualquer outra pessoa, se continuasse com a mesma mentalidade de alguns meses atrás. Eu sou muito grata a vocês dois por terem me ajudado a enxergar isso. Por *tudo* que fizeram por mim.

Antes que terminasse meu discurso, ele estava me abraçando.

— Eu admiro muito você, Tessa — disse, com a voz abafada, seu rosto pressionado contra meu pescoço. — E tenho muito orgulho da mulher que você é e do quanto cresceu desde que te conheci. Mas *eu* também sou grato a você, porque a sua força foi motivou a amadurecer e enxergar muitas coisas que eu mesmo não enxergava. É muito fácil simplesmente fechar os olhos pra atitude errada dos outros, e era assim que eu vivia, vendado por escolha própria, como se isso não me tornasse tão culpado quanto o Cauã. Foi por *sua* causa que eu consegui sair do meu comodismo e enfrentar alguém que só fazia mal a mim e às pessoas que eu amo.

Apertei-o com força contra mim, emocionada com suas palavras, enquanto o agradecia, várias e várias vezes até que minha voz já estivesse embargada demais para continuar. Quando os segundos viraram minutos e nenhum de nós parecia ter forças para se afastar, ele me segurou pelos ombros e abriu uma distância entre nós dois. Depositou um beijo em minha testa e me abraçou pelo ombro, puxando-me em direção às garotas.

Elas abriram sorrisos sem graça quando perceberam nossa aproximação e fingiram estar prestando atenção em qualquer outra coisa que não a gente.

— Oi! — exclamou Jaque com uma falsa expressão de surpresa no rosto ao virá-lo para nós.

— Já acabou a conversa, rápido assim? — perguntou Flávia, sem um pinga de tato.

— Ainda não, falta uma coisa — respondi, me soltando de Lucas. Em seguida, abri os braços e envolvi os pescoços de Jaque e Flávia, que estavam nas pontas do trio, na tentativa de abraçar todo mundo. As lágrimas voltaram a transbordar quando fiz acenei com a cabeça para que Priscila e Lucas também se aproximem. — Eu amo vocês. Obrigada por tudo — agradei, abrindo um sorriso emocionado para eles.

Eu nunca tinha tido uma amizade tão forte quanto o laço que conectava nós cinco naquele momento — nem mesmo com Flávia, antes de conhecer Cauã. E eu sabia o porquê disso agora: nunca achei que fosse merecedora de ser amada daquele jeito tão puro; por isso, aceitava qualquer atenção que recebia. Tudo o que queria era não ser esquecida, não ficar sozinha, não acabar como a minha mãe. Queria que outras pessoas me fizessem esquecer as inseguranças que existiam dentro de mim — e esqueci que ninguém nunca poderia silenciar as vozes que me destruíam quando deitava na minha cama à noite. A única pessoa que tinha esse poder era eu mesma. Colocar essa responsabilidade na mão dos outros era egoísmo da minha parte: todos nós temos nossos próprios demônios para lidar. E é claro que amigos nos ajudam a carregar esses pesos, mas bons amigos fazem mais do que isso: eles nos ajudam a enxergar a força que existe dentro de nós. Nos incentivam a andar sobre nossas próprias pernas e compreender o nosso valor.

E foi isso que Lucas, Jaque e Flávia — e também minhas irmãs, e até mesmo minha mãe, do seu jeito doido e torto — me mostraram.

É claro que eu ainda tinha um longo caminho a percorrer; mas estava disposta a segui-lo e a aprender, um dia de cada vez, como ser feliz e completa sozinha. A como me bastar — para poder, assim, ser a filha de que minha mãe precisava, a irmã que Priscila e Larissa esperavam, a companheira que meus amigos mereciam. E, talvez um dia, quem sabe, ser uma mulher independente e segura o suficiente para me relacionar com alguém sem correr o risco de cair nas mesmas armadilhas que me vi cair antes, quando estava desesperada por atenção e carinho, por amor e aprovação — a presa fácil para qualquer sanguessuga em busca de alguém a quem possa dominar e demonstrar sua superioridade.

Naquele momento, a tarefa mais importante — e mais difícil — da minha vida era investir na reconstrução da minha autoestima. E, nesse relacionamento, eu estava pronta para me jogar de cabeça.

10 PASSOS PARA RECONQUISTAR UM AMOR PERDIDO

- ☐ **LISTE TUDO AQUILO QUE TE FAZ MAL E ELIMINE DA SUA VIDA**
- ☐ **AFASTA-SE DE PESSOAS TÓXICAS**
- ☐ **CERQUE-SE DE QUEM TE FAZEM BEM**
- ☐ **COLOQUE SUA FELICIDADE EM PRIMEIRO LUGAR**
- ☐ **DESCUBRA TUDO O QUE VOCÊ GOSTA DE FAZER (E FAÇA)**
- ☐ **SEJA SUA MELHOR AMIGA**
- ☐ **APRENDA A DIZER NÃO**
- ☐ **AGRADEÇA AS COISAS BOAS DA SUA VIDA**
- ☐ **TRACE OBJETIVOS PARA O SEU FUTURO**
- ☐ **RECOMECE SUA VIDA AMOROSA (MAS NUNCA DEIXE NINGUÉM ALÉM DE SI MESMA DITAR QUEM VOCÊ DEVE SER)**

EPÍLOGO

(TESSÁLIA)

UM ANO DEPOIS

Torci minhas mãos, ansiosa. Vinha conferindo a porta da cafeteria a cada cinco segundos, sem contar as vezes em que alguém realmente entrava por ela, chamando minha atenção. Quando já estava nesse ritmo há quase dez minutos, a voz da minha psicóloga invadiu minha mente, me lembrando dos exercícios de respiração que trabalhamos tantas vezes para controlar minha ansiedade.

Fechei os olhos e respirei fundo. E expirei.

Senti minha barriga se expandir e se contrair conforme o ar entrava e saía do meu corpo.

Repeti o exercício até meu coração parar de bater tão forte. Até o frio no meu estômago diminuir. Até...

— Tessália?

Meus olhos se abriram bruscamente, e encontrei à minha frente um cara alto, com um tom de pele mais escuro do que o meu, me encarando com uma expressão curiosa. Ele tinha cabelos crespos e curtos, e usava óculos elegantes que combinavam com seu estilo meio despojado, meio formal.

— Tadeu? — Ele confirmou com a cabeça e se adiantou para me cumprimentar com um beijinho em cada bochecha. Em seguida, se sentou na cadeira à minha frente e retirou de sua bolsa-carteiro um bloquinho, uma caneta e um gravador.

Tadeu começou um bate-papo informal, como se tentasse me deixar à vontade. Eu estava mais feliz do que poderia descrever, mas não podia dizer que meu

nervosismo tinha me abandonado. Essa era a primeira vez que eu dava uma entrevista, e isso ainda me parecia surreal demais para encarar com naturalidade. Nunca imaginei que um dia eu faria algo que fosse importante o suficiente para merecer contar ao mundo.

Mas eu fiz.

E agora estava colhendo aqueles frutos.

— Tudo bem se eu gravar a nossa conversa? — perguntou, apontando para o gravador em cima da mesa.

— Claro, sem problemas — concordei com um sorriso simpático e respirei fundo quando ele apertou o botão.

— Então, Tessália, como surgiu a ideia de criar a página?

Essa era fácil, pensei antes de responder.

— Eu gosto de desenhar desde pequena, mas passei por muitas mudanças no ano passado e isso me fez olhar de uma forma diferente para o poder da minha arte.

— Como assim?

— Eu passei cinco anos sem nem tocar no meu caderno de desenhos, por vários motivos, mas principalmente porque eu me sentia desmotivada. De 2012 até 2016 eu estive em um relacionamento que foi péssimo pra mim, com um cara que me diminuía de todas as formas possíveis, inclusive com relação aos meus desenhos, que sempre foi uma das coisas que eu mais amava fazer. Quando saí dessa relação e comecei a enxergar o meu namoro pelo que ele era de fato — eu fiz uma pausa porque ainda difícil admitir isso em voz alta —, um relacionamento abusivo, tive que mudar muita coisa na minha vida. Tive que aprender a viver sem depender emocionalmente de ninguém, tive que aprender a me amar mais e me colocar em primeiro lugar. Foi uma fase muito difícil pra mim... E ainda tem sido — acrescentei, porque estava longe de ter superado completamente todos os meus problemas. A única coisa que podia afirmar era que eu certamente não era mais a Tessália que tinha sido um ano atrás. — E o desenho acabou se tornando minha válvula de escape. Tudo o que eu sentia, eu colocava no papel.

Tadeu ouvia tudo atentamente, acenando a cabeça para mostrar que estava ouvindo, mesmo que seus dedos escrevessem freneticamente no bloquinho de papel.

— Um dia, meus melhores amigos viram os desenhos e começaram a me motivar a criar a página e postar. E foi assim que tudo começou.

Um sorriso de empatia se abriu no rosto dele. Seus olhos desviaram para o bloquinho em que escrevia, por apenas um segundo.

— O que você esperava da página quando começou a postar?

— Eu queria que fosse um lugar em que mulheres que já passaram por situações difíceis, fossem elas quais fossem, se identificassem. E foi. Mas nunca imaginei que as pessoas iam querer me procurar pra compartilhar suas histórias. E, em algum momento, essas histórias serviram de inspiração não só pra novos quadrinhos, mas pra criar um espaço onde mulheres pudessem se sentir bem.

Tadeu continuou a guiar a entrevista, perguntando desde a minha história até meus planos para a página.

— Você disse que viveu um relacionamento abusivo por quatro anos? — perguntou, desviando o assunto quando eu terminei de explicar sobre a página.

— Pois é — concordei, um pouco desconfortável.

— Você pode contar um pouco sobre isso? Como foi passar por uma situação assim e superá-la? Caso se sinta à vontade, é claro — acrescentou, quando percebeu minha insegurança.

Mesmo que já tivesse repetido aquela história tantas e tantas vezes para minha psicóloga, falar sobre isso em uma entrevista, para que todo mundo pudesse ler, não era nada fácil. Mas sabia que podia ser importante para outras mulheres, por isso, contendo o impulso de negar, eu contei. Uma versão resumida e editada, mas contei.

— E seu ex-namorado te deixou em paz depois disso? — questionou, curioso, quando finalizei a narrativa.

— Ele ainda tentou fazer algumas aparições, mas acho que a ameaça de

denunciar surtiu o efeito esperado. — Dei de ombros, deixando de fora os detalhes da primeira vez que vi Cauã depois da nossa última briga, em um bar na Lapa. Estava bebendo com alguns amigos, uma galera nova que tinha conhecido no curso de especialização que fiz após o fim da graduação, quando ele apareceu. Coincidência ou não, o fato era que ele bem tentou se engraçar para o meu lado, ao perceber que eu não estava com o grupo que ele conhecia. Mas a noite terminou com meus novos amigos botando ele para fora do bar. E Cauã tinha se mantido distante desde então.



Quando terminou a entrevista, Tadeu agradeceu pelas informações e se despediu com mais dois beijinhos depois de deixar seu cartão comigo caso tivesse alguma dúvida. Eu o observei sair pela porta do café e fiquei em pé, ainda paralisada, tentando digerir aquele momento.

Desde que tinha decidido criar a página, tudo aconteceu tão rápido que tive pouco tempo para raciocinar como foi que aconteceu. Priscila tinha praticamente me obrigado a postar e, num primeiro momento, eu não liguei muito para frequência e divulgação. Mas é claro que meus amigos não deixariam aquilo morrer. Lucas, Jaque e Flávia se empenharam em compartilhar a página em todos os lugares que podiam até que o número de curtidas começou a crescer, os compartilhamentos aumentaram e, quando menos percebi, a página tinha alcançado cinquenta mil curtidas. E, então, eu estava recebendo mensagens de mulheres agradecendo pelos posts, querendo contar suas histórias.

Aquilo me assustou, mas aqueceu meu coração de tal forma... Foi ali que eu percebi que era aquilo que eu realmente queria fazer da minha vida. Queria não apenas trabalhar e ganhar dinheiro, como vinha fazendo com os trabalhos freelance de design que oferecia para me sustentar, mas que esses trabalhos fizessem alguma diferença.

E estavam fazendo.

E depois de tanto tempo, eu enfim sentia que tinha me encontrado.

Estava tão distraída em pensamentos que quase pulei do meu lugar quando uma mão encostou no meu ombro.

— Tá pensando na morte da bezerra? — A voz de Lucas me atingiu antes que eu tivesse oportunidade de me virar para vê-lo.

Quando o fiz, encontrei seu sorriso aberto de ponta a ponta. Pulei em seu pescoço sem aviso, feliz por encontrá-lo, feliz pela entrevista e por tudo o mais que vinha acontecido na minha vida.

— O que você tá fazendo aqui? — perguntei, quando o deixei respirar. Ele não tinha mudado muita coisa desde que nos vimos, no mês anterior. Minha vida andava uma loucura nos últimos tempos, com a página, meus planos para uma pós-graduação e meus trabalhos freelance. Vinha tendo poucas oportunidades de me reunir com ele e as meninas.

Lucas ainda mantinha o mesmo corte de cabelo raspado nas laterais, mas agora usava um alargador na orelha direita e tinha feito uma nova tatuagem no braço. Ele estava com um crachá pendurado no pescoço e segurava um copo descartável de café em uma das mãos.

— Eu trabalho aqui perto, esqueceu? — Eu balancei a cabeça em concordância, porque sim, tinha me esquecido completamente. — O que você tá fazendo aqui? Tá enrolada pra ver a gente, mas não pra ter um encontro?

Franzi o cenho para ele.

— O cara que tava aqui com você agora... — acrescentou para me lembrar, ao perceber minha expressão confusa, e eu soltei uma gargalhada.

— Não! Ele era o cara da revista. Aquela que me convidou pra uma entrevista!

Lucas ergueu uma sobrancelha.

— Mas não ia ser semana que vem?

— Ia, mas eles perguntaram se podíamos adiantar, porque uma pauta caiu e ele achava que podiam me encaixar na próxima edição.

— Que legal, Tessa! — Lucas me deu outro abraço animado, compartilhando

da minha felicidade. — Por que você não contou pra gente?

— É que foi tudo em cima da hora, e eu já tava tão nervosa. Achei melhor contar depois que terminasse — me apressei em explicar.

Lucas me encarou com um sorriso, uma expressão de orgulho em seus olhos. Eu retribuí o olhar, contente com o encontro surpresa. Nenhuma outra pessoa conseguiria elevar ainda mais meu estado de espírito.

— Eu tenho que voltar pro trabalho — falou, parecendo meio triste por ter que fazê-lo. Concordei com a cabeça, mas ele não se moveu. — Essa semana você ainda tá muito ocupada pra arranjar um tempo pra gente?

— Um pouquinho — admiti com um sorriso sem graça. — Amanhã eu tenho uma reunião com o pessoal da revista que eu colaboro. — Mordi o lábio inferior, em dúvida se devia contar o que andava pensando. As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse considerar mais um pouco. — Acho que eles vão me convidar pra ser funcionária fixa.

— Sério, cara? Isso é ótimo, não é? — perguntou, sorrindo.

— É sim. Eu tô bem feliz — confessei, baixinho, como se anunciar minha felicidade em voz alta fosse capaz de arruiná-la. De uns tempos para cá, eu tinha aprendido muito sobre manter para mim mesma as minhas conquistas mais importantes.

— Liga pra gente depois da reunião — pediu, referindo-se também à Jaque e à Flávia. Ele lançou um olhar ao relógio em seu punho. — Se você tiver tempo e tudo der certo, a gente pode sair pra comemorar depois.

— Na verdade... — comecei, fazendo com que ele me encarasse. — Eu tava pensando em encontrar as meninas no final de semana. — Eu ruborizei, mal acreditando nas palavras que disse em seguida. — Mas ia ficar feliz em sair pra comemorar com você. Ou afogar as mágoas, se não der certo — completei, e Lucas me fitou por um segundo, assimilando minhas palavras. — Se você quiser, claro — acrescentei, quando ele não respondeu.

— Eu quero — disse simplesmente. Seus olhos analisaram minha expressão, como se estivesse tentando encontrar algo que pudesse mudar o significado das minhas palavras. Mas ele não encontrou nada, é claro. — Eu quero — repetiu.

— Que bom — afirmei com sinceridade enquanto seu olhar continuava intenso sobre mim. Um sorriso tímido escapou dos meus lábios, e ele relaxou enquanto sorria de volta. — Eu te ligo.

— Liga mesmo. — Lucas apontou o dedo para mim, em ameaça, mas seu rosto estampava um sorriso. — Vou ficar esperando.

— Vai logo, você vai se atrasar!

Com um último sorriso e um aceno, ele atravessou a porta da cafeteria. Eu voltei a me sentar à mesa e o observei ir embora pela parede de vidro enquanto meu coração se aquecia com a perspectiva de sair com Lucas. É claro que eu já tinha saído com outros caras no último ano, mas ele sempre teve um lugar especial no meu coração, como se eu estivesse esperando o momento em que me sentiria bem o suficiente para retomar nossa relação de onde paramos — se ele ainda quisesse, obviamente.

Sabia que as coisas estavam longe de serem perfeitas na minha vida — e que isso dificilmente ia acontecer um dia; afinal, a vida é imperfeita —, mas eu estava feliz com as todas as escolhas que tinha feito para chegar até onde estava agora. E, apesar de saber que muitos maus momentos ainda estariam por vir, eu também sabia que a felicidade era feita de pequenas conquistas.

Naquele momento, eu me sentia completa.

E isso era tudo de que eu precisava.

AGRADECIMENTOS

Esse livro representa um marco muito importante na minha vida: foi o primeiro que escrevi desde 2009. Foi quando decidi que queria ser escritora e que não ia parar até alcançar todos os meus sonhos. Então queria agradecer a Clara de 2016 por não ter desistido; aos leitores do Wattpad pelas mensagens de carinho e motivação e à equipe do Wattpad pelo Prêmio Wattys 2016. Obrigada por terem acreditado nesse livro!

Um agradecimento mais do que especial a Alba, Guta, Mari, Grazi e Lívia. Vocês me motivaram a ser uma escritora melhor todos os dias, me mostraram que não existem obstáculos para quem tem garra e determinação. Alba, obrigada por toda a força, por sempre me guiar para que eu me torne uma escritora cada vez mais melhor e por aguentar meus medos e inseguranças.

Obrigada a Agatha e Júlia, por serem as melhores amigas e as melhores betas que alguém poderia ter. Amo vocês!

Por último, um agradecimento à minha mãe, ao João e toda minha família por sempre terem me dito que eu era capaz. Vocês são a minha maior motivação!

NOTA DA AUTORA

Quando tive a ideia de *Como reconquistar um amor perdido*, eu estava retomando a amizade com uma amiga. A vida tinha feito com que nos afastássemos e, quando voltamos a nos falar, passamos vários dos nossos encontros conversando sobre o relacionamento dela. Uma após a outra, as histórias que me contava mostravam uma verdade inegável que ela ainda não tinha conseguido enxergar: minha amiga estava vivendo um relacionamento abusivo.

Dei todos os conselhos que pude e tentei fazê-la abrir os olhos, mais de uma vez. Era frustrante que não conseguisse enxergar o que para mim era tão claro. Foi só depois de um tempo, quando realmente me coloquei no lugar dela e entendi o sentido de empatia, que compreendi de verdade o quão difícil era estar em uma relação assim — e, consequentemente, sair dela.

A história da Tessália surgiu depois de uma de nossas conversas. Mas conforme o livro foi ganhando vida eu vi que a Tessália era um pouquinho de todas as mulheres que eu conhecia que já tinham sofrido pequenas e grandes agressões, físicas e psicológicas, em seus relacionamentos. E os amigos dela eram um pouquinho de todo mundo que já ouviu relatos de relacionamento abusivo e disse coisas como “não sei como ela continua com ele”, “o cara só faz mal pra ela, mas se ela continua com ele é porque quer”, “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”, “ele é um cara legal, só não é muito bom com as mulheres”.

Escrevendo esse livro, eu percebi quão difícil é enxergar que se está vivendo um relacionamento abusivo e entender que nada é tão simples quanto parece ser. Mas também compreendi que ninguém conhece o peso que carregamos nas costas tão bem quanto nós mesmos. E que cada um de nós tem o poder de estender a mão, de se colocar no lugar e de ajudar aqueles que estão precisando da nossa ajuda e, muitas vezes, nem sabem disso.

Eu espero que esse livro também tenha despertado esse sentimento em você.

Essa mudança tem o poder de salvar vidas.



Clara Alves é carioca, libriana com orgulho e estudante de jornalismo na UERJ. Escreveu seu primeiro livro aos oito anos, mas foi só aos quatorze – quando conheceu o mundo mágico dos fóruns de escrita do Orkut – que passou a levar o sonho mais a sério. Para ela, ser escritora vai além de uma simples profissão: é uma missão de vida. Venceu o prêmio Wattys 2016 na categoria Novas Vozes com Como reconquistar um amor perdido. É autora de Além da amizade e Romance real.

Onde encontrá-la:

Facebook: /claraescritora

Instagram: @claraalvesg

Twitter: @altaexposicao

Wattpad: @ClaraAlves